

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSÉ LUCAS VILAS-BOAS OLIVEIRA

**AS CARTAS REVELAM O CAMINHO: PRÁTICA DO TARÔ NO BRASIL E NOVOS
DESDOBRAMENTOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2024**

JOSÉ LUCAS VILAS-BOAS OLIVEIRA

**AS CARTAS REVELAM O CAMINHO: PRÁTICA DO TARÔ NO BRASIL E NOVOS
DESDOBRAMENTOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, na Área de Concentração Cultura e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48c Oliveira, José Lucas Vilas-Boas
As cartas revelam o caminho : prática do tarô no Brasil e novos
desdobramentos durante a pandemia de COVID-19 (2020-2023) /
José Lucas Vilas-Boas Oliveira; orientador Mariana Bracks
Fonseca. – São Cristóvão, SE, 2024.
160 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de
Sergipe, 2024.

1. História. 2. Tarô - Brasil. 3. Ciências ocultas. 4. COVID-19,
Pandemia de, 2020-. 5. Arteterapia 6. Serviços da Web. I. Fonseca,
Mariana Bracks, orient. II. Título.

CDU 94:133.52

1 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**
2 **PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**
3 **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS**



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44

**Ata de Defesa da Dissertação de
Mestrado do aluno JOSÉ LUCAS
VILAS-BOAS OLIVEIRA em 30 de
agosto de 2024.**

Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, realizou-se, por meio plataforma virtual Google Meet, nos termos da Portaria no 413 de 27/05/2020, a sessão de defesa de Dissertação: **CARTAS, CRISE E CIBERESPAÇO: A PRÁTICA DO TARÔ NO BRASIL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19** apresentada pelo aluno **JOSÉ LUCAS VILAS-BOAS OLIVEIRA**, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de **MESTRE EM HISTÓRIA**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. A Banca Examinadora foi composta pela Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca (PROHIS/UFS), orientadora do candidato e Presidente da Banca Examinadora, Profa. Dra. Janaína Cardoso de Mello (PROHIS/UFS), Examinadora Interna, Profa. Dra. Fernanda Pinheiro Cavalcanti, Examinadora Externa e Profa. Dra. Fátima Regina Gomes Tavares, Examinadora Externa. Declarada aberta a sessão, a Presidente concedeu a palavra ao candidato para que fizesse a apresentação de sua Dissertação. Ao término da apresentação, a presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora que iniciaram a arguição. Ao término de cada arguição, a Presidente da Banca Examinadora concedeu a palavra ao candidato para que respondesse a arguição feita pelos membros da Banca Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, a Senhora Presidente, juntamente com os membros da Banca Examinadora e na ausência do candidato, deu início à avaliação e redação do parecer final, tendo sido atribuída ao candidato a seguinte menção: (X) APROVADO ou () REPROVADO. Em seguida, a banca emitiu um breve parecer sobre a avaliação geral do trabalho do aluno **JOSÉ LUCAS VILAS-BOAS OLIVEIRA**, a saber: trabalho muito bem escrito, que contribui para o avanço da historiografia sobre o tarô no Brasil e os impactos da pandemia no tempo presente. A banca sugere a alteração do título e do resumo para exprimir mais assertivamente o conteúdo apresentado. Recomenda-se a publicação do trabalho.

A Presidente da banca examinadora proclamou o resultado ao candidato **JOSÉ LUCAS VILAS-BOAS OLIVEIRA, MESTRE EM HISTÓRIA**. Não havendo mais nada, a Presidente encerrou a sessão, cujos trabalhos são objetos desta ata, lavrada por mim, Carlos de Oliveira Malaquias, secretário *ad hoc* do PROHIS, a qual assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 30 de agosto de 2024.

4 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
5 PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
6 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS



45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77

Documento assinado digitalmente
 CARLOS DE OLIVEIRA MALAQUIAS
Data: 31/10/2024 10:33:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

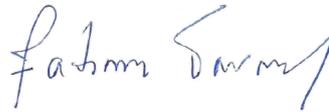
Carlos de Oliveira Malaquias
Secretário *ad hoc* do PROHIS

Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca
Presidente da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 JANAINA CARDOSO DE MELLO
Data: 30/10/2024 18:56:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Janáina Cardoso de Mello
Examinadora Interna

Profa. Dra. Fernanda Pinheiro Cavalcanti
Examinadora Externa



Profa. Dra. Fátima Regina Gomes Tavares
Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente
 JOSE LUCAS VILAS BOAS OLIVEIRA
Data: 30/10/2024 19:46:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

José Lucas Vilas-Boas Oliveira
Mestrando

Aos que acreditam; aos que questionam; aos que
persistem; aos que partiram.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço, igualmente, a todos e todas que fizeram parte desse longo processo de concepção, gestação e nascimento dessa dissertação:

À minha orientadora Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca, que mesmo sendo convidada com o bonde andando, embarcou nessa viagem e adicionou uma visão coerente e segura a esse texto, que ganhou substância e organicidade por meio de suas importantes contribuições;

Ao meu ex-orientador Prof. Dr. Marcos Silva, que confiou em meu potencial como pesquisador, convidando-me a participar do Projeto Misticiência e, posteriormente, incentivou-me a levar adiante o projeto como um objeto de pesquisa de mestrado, dando orientação e incentivo para desenvolver esse trabalho e realizar os primeiros passos de minha vida acadêmica;

Às colegas do Projeto Misticiência: Maria Magna Menezes, Vanessa Andrade, Raiane Santos, Mileny Xavier, Sarah Aline, Leticia Vilanova e Vitória Toscano, que foram e são parte integrante desse processo que resultou nessa dissertação;

Aos meus pais, Solange e Uéilton, pelo suporte, apoio e incentivo, desde os primeiros passos e as primeiras letras, a conquistar meu futuro por meio da educação – e somente por ela;

À minha esposa Cleziane, que deu todo o apoio, suporte, carinho e amor que alguém poderia dar durante essa jornada, especialmente nos momentos mais difíceis, tendo paciência em suportar minhas noites mal dormidas e pegando no pé sempre que era necessário;

Aos amigos Fernanda, Alcides, Philipe, Bianca e Luiz Gustavo, que, mesmo à distância ou sem nunca ter conhecido alguns pessoalmente, mantiveram-se sempre perto, dando forças e ânimo para seguir em frente;

Aos cinéfilos do Quarta Parede, pelas piadas, pelas brigas, pelo apoio e pelos grandes momentos garantidos por esse grupo, que ajudaram muito a espairecer e relaxar a mente nos momentos de maior turbulência;

Aos colegas e à gestão do Colégio Estadual Alberto Valença, que compreenderam as necessidades de afastamento e me ajudaram a ter tempo hábil para conclusão de minha pesquisa, dando todo o apoio e suporte que eu precisava;

E, por fim, a todos e todas que acreditaram na proposta do Misticiência e contribuíram com seu funcionamento, seja cedendo entrevistas, participando do Sineatarô e da Expotarô ou concedendo sugestões, mas sempre dando ao projeto o real sentido dele existir, que é a formação

de uma comunidade focada na aquisição de conhecimento: Julio Soares, Emanuel J. Santos, Kiel Kaelhaz, Liana Keller, Camila Oliveira, Emanuel Velasque, Bruna Chies, Jéssica Trombini, Rubens Hardt, Josenias Nolasco, Maria Clara Garibalde, Jussyanne Emidio, Kendra Stradmann, Lívia Guimarães, Paula Marroni, Ana Monique Moura, Edgar Franco, Carlos Hollanda, Bruna Mazzoti, Catharina Dupont, Érico José, Pepita Afiune, José Loures, Leísa Sasso, Carlos Francisco Moraes, Fabio Purper Machado, Eliane Geralda de Souza, Léo Pimentel Souto, Waldeir Brito, Noah Cidreira Ribeiro e Ana Paula Soares Dias.

O resultado final é uma obra conjunta, em que cada pessoa citada acima teve influência de alguma forma, e sou imensamente grato pelo apoio nessa jornada. Espero que gostem do produto final.

Conquanto tudo pareça discordante, somente por dentro se aglutina em unidade. Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta.

(Carl Gustav Jung)

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise da prática do tarô no Brasil no contexto da pandemia de covid-19, entre março de 2020 e maio de 2023, a fim de demonstrar as mudanças ocorridas nesse hábito em comparação a períodos históricos anteriores. Durante o período pandêmico, a crise sanitária demandou da população um afastamento das práticas presenciais para preservação da saúde, visto que a covid-19 era uma doença nova, com alto grau de mortalidade e sem nenhum tipo de tratamento. Nesse contexto de preocupação e aumento da presença da população na *web* devido ao isolamento social, as práticas espirituais virtualizaram-se, destacando-se, dentre elas, a prática do tarô, oráculo mais popular do mundo ocidental que ganhou um novo impulso nas redes sociais e nas plataformas virtuais. Essa pesquisa foi desenvolvida considerando o tarô como um objeto da História Cultural, passível de mudanças em contextos históricos específicos e novas interpretações ou apropriações por diferentes grupos, além de trazer em si representações (terapêuticas e místicas/divinatórias) que dialogam com as necessidades pessoais do indivíduo que o utiliza. Partindo dessa premissa, este trabalho busca compreender de que maneiras a pandemia de covid-19, no contexto de expansão da presença social na *web*, catalisou mudanças na prática do tarô pela comunidade tarológica brasileira, considerando a importância da espiritualidade durante tempos de crise e as novas perspectivas de uma vivência digitalizada como elementos que auxiliam na compreensão da importância desse oráculo aos seus praticantes durante a crise sanitária. Além disso, busca-se também definir o que é o tarô e de que formas ele pode ser compreendido, observando seu processo de evolução histórica e sua presença dentro do Brasil, trazendo novas fontes históricas que ajudam a entender um pouco melhor a forma com esse oráculo se firmou em território nacional. Para a execução dessa análise, além de referências bibliográficas nacionais e internacionais e fontes jornalísticas sobre a história e a prática do tarô no país, também foram utilizados dados obtidos por meio de questionário online, desenvolvido na plataforma Google Forms pelo Projeto Mistificiência – que surgiu como projeto de extensão do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe e atualmente opera de forma independente, voltado a divulgação científica e estudos sobre tarô e misticismo na *web* –, do qual o autor desse trabalho faz parte, e investigações a plataformas virtuais e redes sociais, principalmente Google e Facebook, para assimilar os modos como a comunidade tarológica modificou suas práticas durante e devido ao período pandêmico, a fim de detectar mudanças e permanências na prática pandêmica do mundo do tarô nacional.

Palavras-chave: Prática do tarô no Brasil. Pandemia de covid-19. Espiritualidade. Terapia. *Web*.

ABSTRACT

This work analyzes the practice of tarot in Brazil during the COVID-19 pandemic, between March 2020 and May 2023, in order to demonstrate the changes that have occurred in this habit compared to previous historical periods. During the pandemic, the health crisis required the population to stay away from in-person practices to preserve their health, since COVID-19 was a new disease, with a high mortality rate and no treatment. In this context of concern and increased presence of the population on the web due to social isolation, spiritual practices have become virtual, with the practice of tarot standing out among them, the most popular oracle in the Western world, which has gained new momentum on social media and virtual platforms. This research was developed considering tarot as an object of Cultural History, subject to changes in specific historical contexts and new interpretations or appropriations by different groups, in addition to bringing with it representations (therapeutic and mystical/divinatory) that dialogue with the personal needs of the individual who uses it. Based on this premise, this work seeks to understand how the COVID-19 pandemic, in the context of the expansion of social presence on the web, catalyzed changes in the practice of tarot by the Brazilian tarot community, considering the importance of spirituality during times of crisis and the new perspectives of a digitalized experience as elements that help in understanding the importance of this oracle to its practitioners during the health crisis. In addition, it also seeks to define what tarot is and in what ways it can be understood, observing its process of historical evolution and its presence within Brazil, bringing new historical sources that help to understand a little better the way in which this oracle established itself in national territory. To carry out this analysis, in addition to national and international bibliographical references and journalistic sources on the history and practice of tarot in the country, data obtained through an online questionnaire developed on the Google Forms platform by the Misticiência Project - which emerged as an extension project of the History Department of the Federal University of Sergipe and currently operates independently, focused on scientific dissemination and studies on tarot and mysticism on the web -, of which the author of this work is a part, and investigations on virtual platforms and social networks, mainly Google and Facebook, were also used to assimilate the ways in which the tarot community modified its practices during and due to the pandemic period, in order to detect changes and continuities in the pandemic practice of the national tarot world.

Keywords: Tarot practice in Brazil. Covid-19 pandemic. Spirituality. Therapy. Web.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartas Mamlûk, ou mamelucas, reconstruídas de um baralho datado do século XV ou início do século XVI. As cartas originais estão em Istambul (Turquia), no Museu Topkapu Sarayi.....	30
Figura 2 - Cartas do Tarô Visconti-Sforza, da edição fac-símile de "I Tarocchi dei Visconti", publicada pela fábrica de cartas italiana Dal Negro em 2007.	31
Figura 3 - Cartas do Tarô Rothschild expostas no Museu do Louvre, em Paris (França).....	31
Figura 4 - Cartas do Tarô Filippo-Marziano-Michelino, recriadas por Robert M. Place em 2015 na obra "The Marziano Tarot: The Oldest Known Tarot Deck".	32
Figura 5 - Cartas do Tarô de Marselha de Jean Noblet produzido em Paris em 1650 e preservado na Biblioteca Nacional da França.	36
Figura 6 - Representações das cartas de tarô no volume oito de "Monde Primitif" (Gébelin, 1781); percebe-se que o baralho que o autor teve acesso foi um tipo de Tarô de Marselha. ...	43
Figura 7 - Tarô de Besançon, por François Audier, lançado entre 1746 e 1760.....	45
Figura 8 - Gravura de 1788 do Tarô de Etteilla ("Le livre de Thot"), preservada na Biblioteca Nacional da França.....	46
Figura 9 - "Le Chariot d'Hermès - Septième clef du Taror" ("A Carruagem de Hermes - Sétima chave do Tarô"), ilustração de Éliphas Lévi, 1861.....	48
Figura 10 - Ilustrações de Maurice Otto Wegener para "Les XXII Lames hermétiques du tarot divinatoire", de Renè Falconnier, 1896.	49
Figura 11 - Cartas do Tarô Cabalístico de Oswald Wirth, lançado em 1889, preservada no Museu Britânico (os arcanos maiores trazem, ao lado de seus nomes, as letras hebraicas correspondentes atribuídas por Éliphas Lévi)	50
Figura 12 - Cartas da 15ª edição brasileira de "O Tarô Adivinatório", de Papus, lançada em 2022.	51
Figura 13 - Esboços do tarô de William Wynn Westcott, 1886.....	55
Figura 14 - Cartas do Tarô de Thoth, de Aleister Crowley e Lady Frieda Harris, edição da A. G. Muller, 1978.	57
Figura 15 - Cartas do Tarô de Rider-Waite-Smith, edição entre 1920 e 1930, pertencente à Biblioteca Frances Mulhall Achilles da Museu Whitney de Arte Americana	59
Figura 16 - Arcanos maiores do Heindl Tarot, criado por Hermann Haindl em 1990.....	80
Figura 17 - Cartas do <i>Motherpeace Tarot</i> , lançado em 1981 e criado por Vicki Noble e Karen Vogel	81
Figura 18 - <i>Aura Soma Tarot</i> , lançado em 1997 e criado por Pamela Matthews.....	82
Figura 19 - Cartas de Egipcios Tarot Kier, lançado pela Editorial Kier na década de 1970...	85
Figura 20 - Cartas de Goddess Tarot, lançado em 1998 e criado por Kris Waldherr.	87
Figura 21 - Cartas de The Word of One Tarot, reedição de 1992 do The New Tarot, lançado originalmente em 1969 e criado por John Cooke e Rosalind Sharpe.....	91
Figura 22 - Gráfico do interesse ao longo do tempo pelo termo "tarot" no mecanismo de busca Google entre 4 janeiro de 2016 e 28 de maio de 2024 no Brasil; gráfico gerado pela ferramenta Google Trends	111
Figura 23 - Gráfico do interesse ao longo do tempo pelo termo "tarô" no mecanismo de busca Google entre 4 janeiro de 2016 e 28 de maio de 2024 no Brasil; gráfico gerado pela ferramenta Google Trends	111
Figura 24 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	114

Figura 25 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"	115
Figura 26 - Captura de tela das respostas à pergunta 3 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"	115
Figura 27 - Captura de tela das respostas à pergunta 4 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"	116
Figura 28 - Captura de tela das respostas à pergunta 5 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"	116
Figura 29 - Captura de tela das respostas à pergunta 6 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"	117
Figura 30 - Captura de tela de gráfico sobre perfil demográfico da audiência da publicidade do Meta no Brasil em janeiro de 2023.....	118
Figura 31 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 2 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	120
Figura 32 - Captura de tela de continuação das respostas à pergunta 1 da seção 2 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"	121
Figura 33 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 2 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	121
Figura 34 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	122
Figura 35 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	123
Figura 36 - Captura de tela das respostas à pergunta 3 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	123
Figura 37 - Captura de tela das respostas à pergunta 4 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	124
Figura 38 - Captura de tela das respostas à pergunta 5 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	125
Figura 39 - Captura de tela das respostas à pergunta 6 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	125
Figura 40 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	127
Figura 41 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	127
Figura 42 - Captura de tela das respostas à pergunta 3 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	128
Figura 43 - Captura de tela das respostas à pergunta 4 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	129
Figura 44 - Captura de tela das respostas à pergunta 5 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia".....	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados da pesquisa do termo "tarot" no mecanismo de busca Google 110

Tabela 2 - Resultados da pesquisa do termo "tarô" no mecanismo de busca Google 110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 O QUE É O TARÔ: SURGIMENTO, DESENVOLVIMENTO E POPULARIZAÇÃO DO TARÔ	25
1.1 ORIGEM E ESTABELECIMENTO DO TARÔ NA EUROPA.....	28
1.2 DESENVOLVIMENTO DIVINATÓRIO E OCULTISTA	37
1.3 O TARÔ NO BRASIL: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DO ORÁCULO NO PAÍS.....	60
1.4 EM TEMPOS DO IMPÉRIO: CHEGADA DO TARÔ NO BRASIL	62
2 AMPLIANDO HORIZONTES: SÉCULO XX, NOVA ERA E ARQUÉTIPOS	76
2.1 NOVAS EXPRESSÕES E NOVOS SENTIDOS: O TARÔ DA NOVA ERA	78
2.2 ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLETIVO: O TARÔ TERAPÊUTICO	90
2.3 SÉCULO XX: POPULARIZAÇÃO DO TARÔ NO BRASIL	93
2.4 TARÔ NO BRASIL NO SÉCULO XXI: PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO	102
3 PRÁTICA DO TARÔ NO BRASIL PANDÊMICO.....	105
3.1 TARÔ NA MÍDIA E NA <i>WEB</i> DURANTE O BRASIL PANDÊMICO	107
3.1.1 Seção 1: Informações para fins de classificação	114
3.1.2 Seção 2: Religião, doutrina ou prática espiritual.....	120
3.1.3 Seção 3: Contato com o tarô	122
3.1.4 Seção 4: Tarô no universo virtual	127
3.2 O TARÔ EM DISCUSSÃO: GRUPOS DE FACEBOOK SOBRE O TEMA.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
FONTES E REFERÊNCIAS.....	140
FONTES	140
REFERÊNCIAS.....	147

INTRODUÇÃO

Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde anunciou o Relatório da 15ª reunião do Comitê de Emergência da Covid-19 do Regulamento Sanitário Internacional, realizada no dia anterior, o qual determinava oficialmente o fim da emergência de saúde pública de interesse internacional em relação ao coronavírus, que passou a ser considerado um problema de saúde estabelecido e contínuo (World Health Organization, 2023). O mundo superou uma doença de proporções mais danosas que outras epidemias do mesmo século, como o SARS de 2002, a gripe aviária de 2003, a H1N1 de 2009 e o ebola de 2013 e 2018, e que pôs em voga a eficácia da ciência, a eficiência dos sistemas públicos de saúde, a responsabilidade dos governos nacionais com o bem-estar físico e econômico de suas populações e o trabalho em conjunto entre diversos setores sociais no combate a uma doença altamente transmissível e mortal. Em dezembro de 2023, o número de mortes por covid-19 comunicadas à OMS desde o início da pandemia ultrapassou o limite de 7 milhões; porém, devido à subnotificação, estima-se que tal quantitativo seja três vezes maior, atingindo ao menos 20 milhões de óbitos em todo o mundo (Número, 2024).

No Brasil, as medidas protetivas relacionadas ao coronavírus, que já sofriam constantes impedimentos por parte de agentes governamentais e uma parcela da população, foram suspensas com a portaria GM/MS nº 913, de 22 de abril de 2022, que declarava o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (Brasil, 2022). Os entraves observados na aplicação adequada das determinações sanitárias foram característicos de um conturbado período político pelo qual o Brasil passou. O crescimento da extrema-direita, observado em todo o mundo desde meados dos anos 2010, encontrou seu ápice em território nacional com a eleição de Jair Bolsonaro para ocupar a presidência no período entre 2019 e 2022, e os resultados da conjunção entre pandemia e governo extremista foram trágicos não só no caso brasileiro, como nos de outros países sob o comando de representantes políticos desse espectro. Foram mais de 700 mil mortes por coronavírus em território nacional, além das sequelas físicas e psicológicas deixadas em uma considerável parcela dos infectados que sobreviveram e das consequências sociopolíticas provocadas pela gestão e posicionamentos irresponsáveis e desumanos do governo bolsonarista.

Somou-se a esse contexto uma nova situação: o isolamento social, posto em prática como medida protetiva, deslocou a interação das pessoas quase exclusivamente ao universo virtual. Em pleno processo de avanço da *web*, que se tornava cada vez mais inteligente e lidava com um número cada vez maior de dados, o mundo ampliou ainda mais sua presença na internet

e nas redes sociais. Enquanto as ruas se esvaziaram e a vida em sociedade parecia em suspenso, os usuários tornaram a internet seu principal espaço de convivência, troca de conhecimentos e criação de memórias sobre o período pandêmico. Nesse sentido, perceberam-se algumas mudanças em âmbitos específicos da vida em sociedade: primeiramente, a explosão da virtualização das práticas sociais, com conseqüente expansão da *web*; em seguida, um maior interesse da sociedade em temas e práticas no campo do sagrado, inclusive no contexto das práticas religiosas não dogmáticas.

Vários estudos realizados após a eclosão do surto de coronavírus versaram sobre seu impacto espiritual nos indivíduos, mas chamaram especial atenção duas publicações: uma pesquisa de 2021, realizada por Jeanet Sinding Bentzen, do Departamento de Economia da Universidade de Copenhague, e baseada em dados obtidos de 107 países, que constatou o maior aumento histórico no número de buscas no mecanismo de busca Google por expressões relacionadas a oração durante a pandemia de covid-19 (Bentzen, 2021); e um estudo de 2020, realizado pelo Pew Research Center durante os primeiros momentos pandêmicos, no qual 24% dos adultos estadunidenses declararam que sua fé se fortaleceu durante aquele período (Gecewicz, 2020).

Dentre uma infinidade de práticas espirituais percebidas na internet, destacou-se a leitura do tarô, baralho que surgiu como uma variação das cartas de jogar tradicionais para presentear as aristocracias italianas do século XV e, no decorrer dos séculos, adquiriu novas funções: método de educação familiar, jogo de azar, ferramenta deontológica e doutrinária, instrumento de ensinamentos místicos, oráculo divinatório, ponte com o mundo espiritual, objeto de cura, autoconhecimento e autotransformação etc. (Farley, 2009; Sosteric, 2014). No Brasil, a datação de seu aparecimento é incerta; porém, a presença da cartomancia, que é a leitura oracular de cartas que não são necessariamente o tarô, já era evidenciada no Rio de Janeiro das crônicas machadianas (Assis, 2018) e nos anúncios veiculados em jornais da capital do Império durante as décadas de 1860 a 1880 (Maia, 2023).

O que se sabe é que, na década de 1860, surgem as primeiras matérias e anúncios em jornais cariocas que citam diretamente o oráculo, e que, em 1920, o primeiro tarô impresso no Brasil, o Tarô Adivinatório, foi publicado pela atual Editora Pensamento (Ramachandra, 2022); entretanto, somente a partir década de 1970, o baralho passou a ter uma maior popularidade no Brasil, chegando a se tornar uma febre carioca na década seguinte (Tavares, 1999). Essa movimentação deveu-se principalmente ao início de veiculação da revista “Planeta” nos anos 1970, que versava sobre temas esotéricos, e à expansão do movimento Nova Era, corrente de pensamento religioso/espiritual que se popularizou por meio das

movimentações contraculturais sessentistas que ocorreram nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Os valores cristãos conservadores, incompatíveis com as profundas transformações ocorridas no mundo desde o início do século XX e questionados desde meados do século anterior, foram confrontados por uma cosmovisão livre, que mesclava sabedorias ancestrais com novas expressões espirituais, em que os dogmas e as padronizações davam espaço a religiosidades particulares. Cada pessoa passava a assumir plena liberdade de locomoção espiritual, construindo sua própria prática mística por meio da fusão de elementos de diferentes religiões, crenças e doutrinas.

O tarô assumiu certo protagonismo dentre os adeptos da Era de Aquário por seu caráter convenientemente autônomo e multiespiritual, num momento em que também surgia um novo mercado voltado à satisfação das necessidades desses indivíduos espiritualizados, conferindo às suas práticas um aspecto comercial e pragmático (Amaral, 1999). A presença do tarô na mídia tradicional impressa, televisiva, radiofônica e digital, por meio das seções de entretenimento e esoterismo encabeçadas por videntes midiáticos, é um reflexo desse caráter mercantil conferido ao misticismo da Nova Era, mas também representam sua importância no cotidiano de vários brasileiros e apontam para o estabelecimento do que Tavares (1993) denominou “mundo do tarô”, um sub-grupo do mundo alternativo, que questiona o desencantamento da realidade e acena a um reencantamento.

Nos últimos anos, observou-se um forte movimento em torno do oráculo, não só nos Estados Unidos – o que seria ressaltado com o lançamento, em junho de 2022, do Tarô do YouTube¹, site interativo criado em comemoração ao crescimento da comunidade do tarô na plataforma, visto que, em 2021, vídeos com "tarot" no título foram vistos mais de 250 milhões de vezes nos EUA (What's, 2022) –, mas também no Brasil, com o crescimento e surgimento de perfis e canais em redes sociais – Instagram, YouTube e TikTok, principalmente – de tarólogos e tarotistas brasileiros, chegando a tornar-se tema de reportagens de jornais de grande porte e elemento de interesse mercadológico, despontando como fonte de renda alternativa ao mercado tradicional (Pastore, 2022; Veríssimo, 2022).

Alguns números de amostra levantados durante o período da pandemia permitem afirmar esse crescimento numérico do tarô na internet. Pesquisando os termos “tarô” e “tarot” (nas formas sem e com aspas, visto que desta última forma há um retorno somente de resultados com a expressão exata) presentes somente nas páginas em língua portuguesa, nos dois mecanismos de pesquisa mais utilizados no Brasil – Google e Microsoft Bing –, identificamos

¹ Disponível em: <https://tarot.withyoutube.com>.

um aumento no período entre os dias 17 de março de 2020 (início do isolamento social no país) e 11 de junho de 2021 (data de realização da primeira pesquisa sobre a presença do tarô no ciberespaço) se comparado ao período equivalente – 452 dias – imediatamente anterior ao pesquisado – entre 21 de dezembro de 2018 e 16 de março de 2020.

Na plataforma Bing, os resultados em português para o período entre 17 de março de 2020 e 11 de junho de 2021 foram os seguintes: tarot - 1.350.000 resultados; “tarot” - 1.030.000 resultados; tarô - 12.800 resultados; “tarô” - 5.810 resultados. Para o período entre 21 de dezembro de 2018 e 16 de março de 2020, os resultados via Bing foram: tarot - 673.000 resultados; “tarot” - 554.000 resultados; tarô - 6.210 resultados; “tarô” - 3.280 resultados. Tais diferenças numéricas entre os espaços de tempo pesquisados também foram percebidas nas pesquisas feitas na plataforma Google. A pesquisa do período entre 17 de março de 2020 e 11 de junho de 2021 retornou o que segue: tarot - 281.000 resultados; “tarot” - 270.000 resultados; tarô - 210.000 resultados; “tarô” - 131.000 resultados. Já no período entre 21 de dezembro de 2018 e 16 de março de 2020, os resultados foram: tarot - 142.000 resultados; “tarot” - 142.000 resultados; tarô - 112.000 resultados; “tarô” - 72.500 resultados. Ainda que não sejam números analisados a fundo e com um grau elevado de exatidão para serem considerados estatísticos, os valores pressupõem um crescimento da importância do oráculo num período de fragilidades emocionais e psicológicas para a sociedade brasileira.

O interesse pelo tarô como objeto de pesquisa surge como resultado de um processo de construção de minha jornada acadêmica, a qual foi afetada pelo contexto pandêmico. Antes do período de pandemia, não desfrutei de experiências extracurriculares que me pusessem em um contato mais constante e direto com a pesquisa historiográfica ou com a prática docente. Porém, o isolamento social e o peso emocional e espiritual que aquele episódio acarretou fez com que algumas perspectivas e interesses se modificassem.

O trajeto de estabelecimento do tema desse mestrado se inicia em junho de 2020. Nesse período, cursei uma disciplina eletiva, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Silva durante um período especial remoto ofertado pela Universidade Federal de Sergipe, na qual tive contato com temas que versavam sobre religiosidade e espiritualidade – mais especificamente, sobre a cabala. Devido ao interesse percebido pelo meu desempenho na matéria, fui convidado pelo ministrante a participar de um projeto de extensão por ele coordenado, nomeado “Tarô & Ciência em tempos de pandemia”. Esse projeto, iniciado em setembro de 2020, era voltado à divulgação científica em meio virtual, mais especificamente via perfil do Instagram, de estudos acadêmicos sobre tarô, misticismo e prática do tarô em tempos de pandemia. Surgiu daí o

Projeto Misticiência², que funcionou como uma importante ferramenta de levantamento de informações sobre a comunidade tarológica no Instagram para essa pesquisa. Atualmente, o perfil tem aproximadamente 700 seguidores, com quase 300 publicações e presença em outras plataformas, como YouTube³ e Spotify⁴, além de um site próprio, o Portal Misticiência⁵, para postagem de textos mais aprofundados relacionados às publicações realizadas no Instagram.

Simultaneamente ao desenvolvimento do Projeto Misticiência, o isolamento social provocado pela pandemia gerou uma fortuita possibilidade de maior dedicação à vida acadêmica. Ainda sem abordar o tarô, desenvolvi o que se tornariam minhas primeiras publicações: um artigo sobre a produção historiográfica do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, publicado na revista “Horizontes Históricos” em 2022, e o trabalho de conclusão de curso em História, publicado como livro digital pela Editora UFS em 2023, intitulado “Revolta em Requadros: Punk Rock Jesus como Fonte Historiográfica da Contracultura Punk”.

Por meio do Projeto Misticiência, foi possível aprender sobre o tarô como um objeto da História e de outras ciências, o que permitiu ter acesso a uma nova gama de interpretações e possibilidades de uso desse dispositivo que, pouco a pouco, foi se tornando mais fascinante para mim. Ademais, a presença na *web* por meio do projeto permitiu não só entender a dinâmica virtual entre os praticantes de tarô no Instagram, como também perceber um aumento no interesse pela temática durante a pandemia e a manutenção de engajamento após a retomada das atividades presenciais. Devido à impossibilidade de trabalhar de forma mais aprofundada sobre o tema da prática do tarô em tempos de pandemia numa rede social em que seus usuários precisavam ter conhecimento das bases metodológicas, epistemológicas e históricas dos objetos estudados, o que ocupou grande parte do tempo de vigência do projeto, decidimos transformá-lo em meu objeto de pesquisa de mestrado, tendo como orientador o Prof. Dr. Marcos Silva, também membro do PROHIS/UFS.

Com o Projeto Misticiência, fui organizador e conferencista do I Simpósio Nacional de Estudos Acadêmicos sobre Tarô, realizado, de forma remota, entre os dias 24 e 27 de janeiro de 2022, com participação de pesquisadores, artistas e tarólogos de várias áreas do conhecimento e regiões do país, consistindo no primeiro evento efetivamente acadêmico sobre essa temática. Já enquanto mestrando do PROHIS/UFS, tornei-me bolsista CAPES, e realizei,

² Disponível em: <https://www.instagram.com/misticiencia/>.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@misticiencia>.

⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2jXAJZtrnAHWpZakMfb3Cy>.

⁵ Disponível em: <https://misticiencia.wordpress.com>.

durante meu período no programa, três comunicações em eventos locais e nacionais, além da submissão de três artigos sobre tarô no Brasil, espiritualidade e ciberespaço, que foram publicados em 2023. Também concluí duas especializações: uma em Teologia e História das Religiões e outra em História Social, que ajudaram no desenvolvimento da pesquisa aqui realizada.

No segundo semestre de 2023, meu primeiro orientador, Prof. Dr. Marcos Silva, aposentou-se do cargo de professor, passando a responsabilidade de minha orientação à Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca, docente do DHI, do ProfHistória e do PROHIS da Universidade Federal de Sergipe. Além disso, no mês de outubro do mesmo ano, eu seria ainda convocado para assumir cargo de professor de História da rede pública estadual baiana, o que trouxe novos desafios em questão de organização e adequação a uma nova rotina e um novo local. Apesar dos obstáculos que esse processo causou em relação à realização da pesquisa, as novas experiências trouxeram novos olhares, que foram produtivos na finalização desse trabalho.

O processo pessoal descrito anteriormente foi extremamente proveitoso para a construção de um trajeto acadêmico e o delineamento de minha linha de pesquisa, voltada à prática do tarô no Brasil durante o período pandêmico. A fim de obter dados para ter uma noção quantitativa da composição e mudança de práticas em ambiente virtual dos praticantes de tarô, elaborei, por meio do Projeto Misticiência, um questionário de 20 questões objetivas, acessível entre outubro de 2022 e outubro de 2023, acerca da prática do tarô em tempos de pandemia, voltado a toda pessoa acima de 18 anos e residente no Brasil que tivesse algum nível de contato com o oráculo, como consulente, estudante ou profissional. Ao final desse questionário, os participantes interessados em colaborar numa entrevista mais aprofundada sobre o tema, realizada na forma de lives e podcasts divulgados nos perfis do Projeto Misticiência, tinham a oportunidade de deixar seus dados para contatos. Das 17 pessoas que declararam interesse, somente três não puderam prosseguir com as entrevistas. Quanto às 14 pessoas que mantiveram disposição, oito participaram de lives no Instagram do Projeto Misticiência, realizadas entre 17 de maio e 26 de julho de 2023, enquanto seis deram preferência a participar de episódios do Podcast Misticiência, que foram lançados entre 12 de maio e 25 de agosto de 2023.

Apesar de, infelizmente, o questionário não ter atingido um número de respostas mínimo para ser considerado uma amostragem, as entrevistas possibilitadas por ele, ainda que não façam partes do *corpus* documental utilizado nesse trabalho – algo que foi impossibilitado por eventos inesperados que ocasionaram impactos logísticos –, apontaram tendências que guiariam a análise das fontes aplicadas nessa pesquisa. Ademais, a observação das redes sociais foi também um elemento essencial. Inicialmente, o foco seria mais centrado na dinâmica observada

no Instagram, tentando chegar à comunidade tarológica por meio das postagens e interações via *stories*. Entretanto, devido às constantes mudanças de algoritmo da plataforma, principalmente com a disputa contra a popularidade do TikTok, o alcance do perfil e das publicações foram sucessivamente prejudicadas, dificultando a divulgação do *link* do questionário desenvolvido no Google Forms e a recepção de publicações de outros usuários, visto que as reclamações quanto à entrega de conteúdo eram frequentes e reverberadas por quase todos que trabalham com o tarô na rede. Como exemplo, numa de suas modificações, com o lançamento da rede social Threads, associada à conta do Instagram dos usuários, um fator foi pontuado por muitos criadores de conteúdo e *influencers* sobre como chegar aos seguidores: pagando pelo selo de verificação ou pela divulgação de postagens e *stories*. Decidiu-se, então, observar também o Facebook, que, apesar da diminuição do fluxo de usuários nos últimos anos, mantém-se ativo e aberto a interação nos grupos temáticos. Por meio deles, é possível encontrar discussões sobre diversos temas, e várias comunidades sobre tarô, com dezenas de milhares de membros, mantém-se ativas na plataforma, o que permite captar os principais tópicos discutidos antes, durante e após a pandemia – afinal, boa parte desses grupos já existia antes do início da crise de covid-19.

Debruçar-se sobre tal tema relaciona-se, também, com um questionamento bastante pessoal. Entender de que forma a prática desse elemento místico, que permite um contato de seus praticantes com uma dimensão extramundana, sofreu mudanças durante um período de incertezas, dialoga com medos e inseguranças pessoais sentidos em meio à pandemia. O medo da morte, da infecção, das sequelas, da perda de entes próximos e do futuro esperado após o término daquele “hiato” tormentoso foi, por muito tempo, sufocante e paralisante. Debruçando-se sobre esse tema, eu poderia, de alguma forma, superar os temores e tentar, se não contribuir com outras pessoas que passaram por esse momento, entender como essa dimensão do espírito, tão relevante para uma parte da sociedade, pôde oferecer um suporte emocional e psicológico a pessoas amedrontadas e desamparadas por um Estado falho e mal gerido. Poderia dizer que, de certa forma, houve um “chamado espiritual” que contribuiu na escolha do objeto de pesquisa.

Outrossim, a vivência majoritariamente por telas durante os tempos de pandemia despertou o ímpeto em observar de que forma essa presença na internet mudou a interação da comunidade tarológica com o oráculo em relação a períodos anteriores; dessa maneira, por mais limitado que seja o possível impacto numa perspectiva social mais ampla, esse estudo contempla um grupo específico que, através do contato com o sagrado, utilizou de uma estratégia própria de resistência aos riscos sanitários dos últimos anos. As interações na internet entre os praticantes de tarô produziram fontes que revelam o contexto específico de uma prática

espiritual secular e a sua importância para um grupo de brasileiros durante um período de crise generalizada, possibilitando uma forma de compreender uma comunidade pouco investigada pela historiografia brasileira e suas especificidades frente a uma realidade digital.

Como fruto dos processos, das indagações e das intenções elencadas posteriormente, surge o seguinte problema de pesquisa: O que mudou na prática do tarô no Brasil, em comparação a períodos históricos anteriores, devido ao contexto de pandemia de covid-19 e expansão da *web*?

Em linhas gerais, o objetivo deste trabalho é compreender de que maneiras a pandemia de covid-19, no contexto de expansão da presença social na *web*, catalisou mudanças na prática de tarô pela comunidade tarológica brasileira. Além disso, busca-se, mais especificamente: definir o que é o tarô e de que formas ele pode ser compreendido, observando seu processo de evolução histórica e sua presença dentro do Brasil; e investigar de que forma a *web* e os momentos de crise influenciam na relação do homem com a espiritualidade.

A abordagem do objeto se dará por meio das lentes da História Cultural, opção escolhida devido ao tratamento dado ao estudo histórico do tarô realizado nas obras de Helen Farley (2009) e Isabelle Naldony (2022), as quais foram basilares para melhor compreender o oráculo como um dispositivo histórico e cultural, passível de reinterpretções, ressignificações e novas finalidades de acordo com o período histórico e o grupo social que o maneja. Partindo de uma concepção ampliada do que é a cultura, que não trata somente do objeto cultural – aquilo que é produzido, material ou imaterialmente, pelo ser humano –, mas também das cosmovisões a ele relacionados, o tarô aqui é observado como um objeto fruto e gerador de práticas – modos de fazer, de agir, de interagir – e de representações – modos de pensar, de compreender, de ler – socioculturais (Chartier, 2002). Por meio do estudo dos diferentes usos e interpretações do tarô por parte das autoras supracitadas, é possível compreender como esse baralho assumiu novos significados culturais em diferentes sociedades, relacionando-se, em um desenvolvimento posterior, com espiritualidade e psicologia. Além disso, o campo da Antropologia Digital (Miller; Horst, 2015) também se mostra como um importante pressuposto metodológico para a análise dos dados obtidos acerca da interação humana mediada pelas tecnologias digitais, de modo que, apesar de não configurar um espaço desassociado do *offline*, o universo *online* possui suas próprias especificidades e dinâmicas, que devem ser levadas em conta ao se fazer uma observação etnográfica de ambientes virtuais como as redes sociais.

A tentativa de detectar as mudanças ocorridas na prática do tarô pelos brasileiros em tempos de pandemia se dá por meio de informações levantadas nas observações e interações no ciberespaço em redes sociais e plataformas de conteúdo. Como pontuado anteriormente, os

dados foram obtidos por meio de questionário realizado via formulário *online* na plataforma Google Forms e da observação de grupos de Facebook voltados à interação de usuários sobre a prática do tarô e perfis do Instagram que tratam sobre o tema. Em relação ao período da pandemia de coronavírus, matérias jornalísticas e artigos científicos realizados durante e após o evento serão centrais no desenvolvimento da abordagem conjuntural; quanto aos dados sobre a história e a prática do tarô no Brasil, além da bibliografia existente sobre o assunto, realizada por tarólogos e acadêmicos, esse trabalho se debruça em dados encontrados em pesquisas à Hemeroteca Digital Brasileira e a acervos digitais de jornais de grande circulação do Brasil, a fim de preencher lacunas e esclarecer pontos dúbios das produções nacionais sobre a história do tarô no país.

Dito isso, este trabalho constitui-se de três partes, das quais duas buscam entender o tarô como um objeto histórico, a fim de traçar de que forma um baralho para jogo tornou-se o principal oráculo do mundo ocidental, além de delinear o percurso de estabelecimento do tarô como um elemento místico popular dentre os brasileiros. No primeiro capítulo, “O que é o tarô: surgimento, desenvolvimento e popularização do tarô”, tomamos como ponto de partida sua origem italiana no século XV, passando pela expansão na Europa da Idade Moderna até a transformação do baralho em um elemento esotérico pelos ocultistas franceses e britânicos e sua chegada ao Brasil na segunda metade do século XIX. Serão utilizadas como fontes e referências os trabalhos realizados por Helen Farley (2009), Isabelle Nadolny (2022), Michael Dummett (1980), Franco Pratesi (1989), Thierry Depaulis (2013a) e outros pesquisadores, assim como as obras pioneiras dos primeiros autores a trabalharem o tarô sob um viés esotérico e ocultista, como Etteilla, Antoine Court de Gébelin (1778; 1781), Éliphas Lévi (1861), Pierre René Falconnier (1896), Papus (1892), entre outros. Já em relação à história do tarô no Brasil, serão utilizadas legislações portuguesas e brasileiras relativas às cartas de jogar, anúncios e matérias de jornais datadas do século XIX presentes na Hemeroteca Digital Brasileira e cartas régias enviadas a Salvador relativas também às cartas de jogar.

O capítulo 2, “Ampliando horizontes: tarô da Nova Era e tarô terapêutico”, traz os novos desdobramentos engendrados pela expansão de sentidos e usos provocada pelo movimento Nova Era, chegando até o tarô terapêutico, baseado na psicanálise junguiana, além de tratar do impacto dessas transformações em âmbito nacional. Para isso, os trabalhos de Helen Farley (2009), Isabelle Nadolny (2022), Stuart R. Kaplan (2002), Nei Naiff (2002), Fatima Regina Gomes Tavares (1993; 1999) e outros pesquisadores, assim como anúncios e matérias de jornais datadas de 1900 a 1989 presentes em jornais selecionados da Hemeroteca Digital Brasileira, servirão como fontes e referências para a construção do capítulo em questão.

Por fim, o capítulo 3, “Prática do tarô no Brasil pandêmico”, analisa o contexto histórico da pandemia de covid-19, por meio de informações presentes em artigos acadêmicos, matérias jornalísticas e estudos realizados durante o período pandêmico, e a prática do tarô no Brasil durante esse recorte temporal, usando como fonte os dados obtidos no questionário realizado pelo Projeto Misticiência via Google Forms e nas observações aos perfis, grupos e interações da comunidade tarológica no Instagram e no Facebook, com a finalidade de entender como o aumento da presença do tarô na *web* mudou ou não a prática oracular.

Nas páginas a seguir, embarcaremos numa viagem em que mitos e fatos se confundem e se entrecruzam, num processo de transformação de um objeto de entretenimento em um dos elementos místicos mais emblemáticos e basilares das religiosidades não tradicionais do mundo ocidental e do Brasil. Veremos que, ainda que as origens milenares do suposto livro de Thoth não passem de uma suposição que ganhou status factual, o tarô não perde sua riqueza simbólica e espiritual, sendo até hoje um dos artefatos mais bem-sucedidos em sintetizar diferentes cosmovisões num todo coerente, significativo e benéfico a quem recorre a ele.

1 O QUE É O TARÔ: SURGIMENTO, DESENVOLVIMENTO E POPULARIZAÇÃO DO TARÔ

O que faz com que o tarô seja um dos oráculos mais utilizados no mundo ocidental e, mais especificamente, no Brasil? Dentre uma infinidade de oráculos possíveis, como o I Ching, os búzios, as runas e outros sistemas oraculares em forma de baralho, a exemplo do baralho cigano ou dos oráculos da Deusa, dos Anjos, Houhou e tantos outros, o tarô assume uma posição de destaque no esoterismo praticado nas Américas e na Europa. No Brasil, junto com a astrologia, é uma das práticas místicas mais difundidas nas diferentes mídias, com lugar cativo em quadros de atrações televisivas, horários em programas de rádio e colunas diárias ou semanais de portais de notícias, jornais e revistas de grande porte. O percurso histórico dessas cartas, cujos vestígios mais antigos de sua existência remontam à Itália da primeira metade do século XV (Dummett, 1980), mostra um jogo de cartas aparentemente comum tornar-se, nos lugares em que foi difundido, um dos mais importantes instrumentos esotéricos de divinação, autoconhecimento, aprendizado mágico, compreensão cármica, diagnóstico espiritual e afins (Farley, 2009).

Materialmente, o tarô consiste num baralho de estrutura definida: 78 cartas, divididas em arcanos menores (56 cartas subdivididas em quatro naipes, cada um com dez cartas numeradas e quatro cartas da corte – pajem, cavaleiro, rainha e rei) e arcanos maiores (22 cartas ilustradas, de alto teor simbólico, que funcionam como trunfos – e que são o aspecto diferencial desse tipo de baralho, visto que tais “coringas” não são comuns a outros tipos de cartas de jogar). A ordem e os nomes dos arcanos maiores são definidos pelo padrão do Tarô de Marselha, mas podem sofrer modificações de acordo com os interesses de cada criador de baralhos de tarô. Tradicionalmente, os 22 arcanos maiores são: 0 (ou 22) – O Louco; 1 – O Mago; 2 – A Suma Sacerdotisa (ou A Papisa); 3 – A Imperatriz; 4 – O Imperador; 5 – O Hierofante (ou O Papa); 6 – Os Enamorados (ou Os Namorados/Os Amantes); 7 – A Carruagem (ou O Carro); 8 – Justiça; 9 – O Eremita (ou O Ermitão); 10 – A Roda da Fortuna; 11 – Força; 12 – O Enforcado (ou o Pendurado); 13 – Morte (ou carta sem nome); 14 – Temperança; 15 – O Diabo; 16 – A Torre (ou A Casa de Deus); 17 – A Estrela; 18 – A Lua; 19 – O Sol; 20 – Julgamento; 21 – O Mundo. O Louco, por surgir como uma carta sem número, pode ser o início ou o fim da jornada, podendo ser tanto o número zero quanto o número 22. Sobre o nome “arcano”, do latim arcanum, além de nomear cada uma das cartas do tarô, pode ser entendido como “[...] aquilo que contém uma causa oculta ou incompreensível” (Arcano, c2023). Estudiosos do oráculo

associam tal definição ao fato de que as cartas escondem conhecimentos profundos, que só aqueles que se dedicarem ao seu entendimento terão acesso.

Os temas, os personagens das cartas da corte, os trunfos e os naipes são ou podem ser distintos para cada baralho de tarô produzido, mas a configuração do número de cartas e de quantos são os arcanos menores e maiores não só diferencia esse oráculo de outros *decks* místicos, como também determina o que é um tarô. Ademais, a composição artística e imagética de cada baralho em particular não afeta o entendimento geral do significado de cada carta; ainda que novos conceitos sejam acrescentados, os sentidos básicos dos arcanos, em quaisquer tarôs, são semelhantes.

Quanto aos usos que podem ser feitos do tarô, há uma vasta gama, que se expande à medida que praticantes de diferentes espiritualidades e doutrinas religiosas conferem ao baralho novas aplicabilidades. Tarotistas⁶ – profissionais que fazem leitura do tarô – seguem linhas distintas de interpretação e utilização do oráculo, destacando-se os vieses de previsão do futuro, autoconhecimento, magia e terapia espiritual. Alguns autores de obras que versam sobre a natureza do tarô aprofundam suas visões particulares em relação ao baralho.

O cineasta e psicomago Alejandro Jodorowsky vê o tarô como um profundo e uno conjunto simbólico de representação da estrutura da alma, entendendo-o não como uma junção de cartas com significados distintos, porém correlacionados, mas sim como uma totalidade que deve ser utilizada para o autoconhecimento (Jodorowsky; Costa, 2016).

O tarólogo e astrólogo Nei Naiff compartilha dessa opinião quanto à utilização do oráculo, elencando-o também enquanto ferramenta de orientação pessoal; as cartas não especulam, respondendo de forma eficaz somente “[...] a tudo o que for tangível, vivenciado e planejado” (Naiff, 2015, p. 26).

Para a estudiosa do mundo esotérico Jana Riley (2000, p. 27), o tarô é “[...] uma compilação do imaginário inexorável que existe há éons, e permanece no inconsciente coletivo de todos os seres humanos [...]”, de forma que, através dele, “[...] as pessoas percebem Um Grande Todo Indivisível [...]” e seu poder repousa “[...] em sua ampla aplicação a esse princípio universal” (Riley, 2000, p. 34).

A astróloga Sarah Bartlett afirma que o tarô, além de ser um dos mais importantes elementos ocidentais para divinação, autoconhecimento e leitura da sina, é “[...] um espelho da

⁶ Além de “tarotista”, também são utilizadas as expressões “tarólogo/a” e “taromante”. Apesar desses termos serem muitas vezes considerados sinônimos, o tarólogo brasileiro Nei Naiff (2015) faz uma distinção: enquanto o tarólogo é aquele que estuda ou ensina a estrutura e a história do tarô, o tarotista é quem joga, abre e lê as cartas, podendo ser chamado também de taromante. Neste trabalho, escolheu-se usar a palavra “tarotista” para se referir às pessoas que jogam tarô profissionalmente e “tarólogo/a” para os estudiosos, professores e autores de obras sobre tarô.

alma humana” (Bartlett, 2007, p. 12), com uma linguagem universal expressada por meio de símbolos arquetípicos.

Já a taróloga e professora Liz Dean (2015, p. 9) elenca alguns benefícios da prática regular do tarô, como o aumento da autoconsciência, o aprimoramento da criatividade, o aguçamento da intuição e da habilidade psíquica, e a capacidade de colaborar com outros no encontro de seus caminhos espirituais.

De modo geral, todos os autores citados anteriormente convergem, primeiramente, quanto ao fato de que há, em algum nível, um conhecimento escondido nas imagens e símbolos de cada arcano do tarô que pode revelar o desconhecido, como acontecimentos vindouros, o destino do consulente ou o íntimo daquele que estuda as cartas. Em segundo plano, vale ressaltar que todos esses tarólogos estão ligados a alguma linha esotérica ou ocultista, sendo adeptos de visões de mundo espiritualizadas que analisam o baralho enquanto uma ponte mística entre os mundos material e espiritual. Apesar de tais visões terem pontos de semelhança, o tarô não é exclusivo de uma doutrina religiosa, tratando-se de um elemento aglutinador de distintas cosmovisões, multiespiritual. Essa característica torna-o objeto de curiosidade, pois esse oráculo acaba assumindo uma posição central em vários sistemas de crença, usado em práticas mágicas, rituais iniciáticos e contato com o mundo místico. Analisar o tarô é observar o esforço no desvendamento dos mistérios cármicos presentes em todas as religiões que o utilizam.

Vale ressaltar que a finalidade do tarô se modificou durante sua existência. Não há indícios históricos que revelem um objetivo místico na origem do baralho, acreditando-se que ele tenha sido criado como uma espécie de jogo de cartas, a exemplo de outros já existentes à época, trazendo imagens e símbolos relacionados às famílias aristocráticas que encomendavam ou recebiam os *decks* de presente (Dummett, 1980). Teoriza-se, igualmente, que “[...] as cartas teriam sido criadas para irem além do simples jogo de azar, servindo também como suporte de reflexão” (Nadolny, 2022, p. 128), entrando num contexto de jogos voltados à edificação e visando a educação principesca e a formação humanista. Dessa forma, o arcabouço simbólico e associado à espiritualidade observado na prática do tarô atualmente foi um atributo posterior, com tratados italianos datados da década de 1560 compreendendo o tarô como uma representação dos degraus a serem galgados para alcançar a divindade (Depaulis, 2013, p. 68-69 *apud* Nadolny, 2022, p. 136) e novas associações místicas do baralho eclodindo após a publicação do oitavo volume de “*Monde Primitif, analysé et compare avec le Monde Moderne*” (“Mundo Primitivo, analisado e comparado com o Mundo Moderno”), publicado em 1781, em

que o ocultista Antoine Court de Gébelin concluiu que o tarô teve origem no Egito Antigo e escondia uma vasta gama de conhecimentos esotéricos.

Se até o final do século XIX houve a expansão da percepção do tarô como uma conexão espiritual, apropriado por diversos círculos ocultistas, uma abordagem mais recente, surgida no início do século XX, distanciou-se das interpretações místicas e aproximou-se de uma abordagem psicológica e social. O tarô como ferramenta terapêutica deriva da psicologia analítica do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), que desenvolve um estudo sobre os arquétipos do inconsciente coletivo em que é possível interpretar oráculos, a exemplo do tarô, numa perspectiva projetiva e simbólica. Sallie Nichols, que foi aluna do intelectual em Zurique, desenvolveu mais a fundo, na obra “Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica” (2007), como o oráculo pode colaborar no processo de autoconhecimento quando lido num viés terapêutico e psicanalítico. Mas é importante ressaltar que não somente o tarô terapêutico desponta no século XX, como também novas formas de utilização do baralho por influência no movimento Nova Era, a exemplo da autotransformação, cura espiritual, expansão da consciência, contato com vidas passadas, entre outros (Farley, 2009).

Nas próximas subseções, discorreremos sobre a história do tarô dividindo em três grandes fases: origem e estabelecimento do tarô na Europa; desenvolvimento divinatório e ocultista; e tarô terapêutico e da Nova Era. A partir dessa esquematização, buscamos estabelecer pontos de partida para compreender a importância que esse oráculo adquiriu através do tempo e de que forma ele se estabeleceria na sociedade brasileira.

1.1 ORIGEM E ESTABELECIMENTO DO TARÔ NA EUROPA

Numa tentativa de compilar em linhas gerais os diferentes e variados mitos de origem do tarô, a escritora e estudiosa do oráculo Rachel Pollack (2002, p. 1 *apud* 2023, p. 21-22) colocou o seguinte:

O tarot retrata os mitos sagrados dos romani (ou ciganos), disfarçados de cartas para os séculos de exílio da pátria Rom da Índia, ou do Egito... ou de qualquer outro lugar. O tarot é um jogo de cartas renascentista inspirado nas festividades carnavalescas anuais, chamadas de triunfos. O tarot é um jogo de cartas derivado de procissões anuais, chamados *thriambos*, em homenagem ao deus Dionísio, o criador do vinho. O tarot esconde/revela os ensinamentos dos números secretos de Pitágoras, um místico grego que viveu na época de Moisés e que influenciou Platão. O tarot retrata a secreta tradição oral de Moisés, que a recebeu diretamente de Deus. O tarot contém os saberes perdidos de Atlântida, um continente perdido no mar e descrito pela primeira vez por Platão. O tarot é um jogo de cartas importado da Palestina e do Egito

durante as Cruzadas. O tarot é um vasto sistema mnemônico que dá acesso à Árvore da Vida, um diagrama cabalístico com as leis da criação. O tarot esconde à vista de todos a sabedoria do deus egípcio Thoth, mestre de todo o conhecimento. O tarot dá acesso a iniciações dos antigos templos egípcios. O tarot mostra as iniciações de templos tântricos. O tarot preserva a sabedoria das bruxas que foram iniciadas pela Grande Deusa durante os longos séculos da religião patriarcal. O tarot mapeia os padrões da lua na astrologia caldeia. O tarot foi criado por guildas de fabricantes de papel que eram os últimos descendentes dos cátaros, hereges cristãos brutalmente reprimidos pela Igreja de Roma. Todos os itens acima, e ainda outros, os tarólogos proclamam como a única, a legítima e a verdadeira origem do tarot.

O trecho acima, ao trazer algumas das inúmeras teorias de surgimento do tarô, ilustra a multiplicidade de crenças associadas à prática deste oráculo, além de colocar em perspectiva a relevância (ou não) de sua historicidade para o entendimento do que é esse baralho e como ele surgiu. Num sentido conceitual, para os praticantes do tarô enquanto um objeto de caráter místico, sua materialidade histórica é menos importante que sua relação com sabedorias antigas, verdades irrelatadas e mistérios não desvendados. Logo, apesar de certos paralelos observados nas imagens que as cartas carregam, grande parte desses mitos em volta do tarô não têm qualquer respaldo histórico.

A história do tarô confunde-se com a história dos jogos de cartas em geral, visto que a distinção entre um baralho comum e um baralho de tarô reside no fato deste último conter 22 trunfos em sua estrutura. Esta distinção trouxe, nos estudos sobre a história do tarô, algumas teorias equivocadas, como a do surgimento das cartas de jogar como uma simplificação do próprio tarô, o que hoje já não é mais cogitado. As primeiras menções aos baralhos surgem entre os séculos VIII e XIX na China, surgindo como uma evolução do dominó, também da mesma região; ambos os jogos teriam se popularizado na Ásia antes do período das cruzadas (Wintle, 1996a). Durante o período em que os muçulmanos dominaram a Península Ibérica, entre os séculos VIII e XV, acredita-se que houve a entrada dos jogos de azar árabes na Europa, dentre eles as cartas de jogar, mas ainda num formato diferente do que se tornaria popular no continente. O baralho de jogar moderno, segundo uma das teorias mais difundidas, deriva das cartas dos mamelucos, povo islâmico que governou parte do Oriente Médio e do Egito entre meados do século XIII e início do século XVI. O baralho deste povo teria entrado na Europa por meio das relações comerciais estabelecidas principalmente com Espanha e Itália durante o século XIV (Dummett, 1980; Farley, 2009; Nadolny, 2022).

Figura 1 - Cartas Mamlûk, ou mamelucas, reconstruídas de um baralho datado do século XV ou início do século XVI. As cartas originais estão em Istambul (Turquia), no Museu Topkapu Sarayi.



Fonte: Wintle, 2001.

Essa teoria é sustentada pela primeira referência documental sobre a presença das cartas de jogar na Europa, datada de 1371: uma correspondência do Rei Pedro IV de Aragão com o catalão Jaume March, na qual encomendava um baralho de cartas (Farley, 2009, p. 8). A partir desse momento, termos relacionados aos jogos de cartas passam a surgir com mais frequência nos documentos europeus, figurando inclusive em tratados e decretos que condenavam os jogos de azar a partir de 1376, indicando que as cartas chegaram ao continente europeu provavelmente na segunda metade do século XIV (Nadolny, 2022; Wintle, 1996a).

Tratando especificamente do tarô, as primeiras referências aos “*naibi* de triunfos”, nome pelo qual o oráculo era conhecido na época, surgem na primeira metade do século XV, em documentos produzidos no norte da Itália (Depaulis, 2013 *apud* Nadolny, 2022). Diferentes artistas foram apontados como possíveis criadores dessas cartas, e três cidades italianas – Ferrara, Milão e Florença – foram citadas como locais de produção desse jogo de triunfos em diários, cartas e inventários, datados de 1440 a 1452, de grandes famílias aristocráticas italianas, que encomendavam esses baralhos. Dentre eles, os triunfos designados às famílias Visconti e Visconti-Sforza, de Milão, foram, até recentemente, considerados os tarôs mais antigos conservados e conhecidos até hoje (Farley, 2009; Nadolny, 2022).

Consistindo em 239 cartas divididas em onze conjuntos incompletos distintos, os triunfos dos Visconti têm, como seus baralhos mais importantes, os tarôs Visconti di Modrone (ou Cary-Yale), com 67 cartas preservadas e datado de 1441; Brambilla (ou Brera-Brambilla), com 48 cartas preservadas e datada entre 1441 e 1447; e Visconti-Sforza (ou Pierpont Morgan-Bergamo), com 72 cartas conservadas – o mais completo dos baralhos antigos conhecidos – e datado por volta do ano 1450 (Nadolny, 2022, p. 99-101).

Figura 2 - Cartas do Tarô Visconti-Sforza, da edição fac-símile de "I Tarocchi dei Visconti", publicada pela fábrica de cartas italiana Dal Negro em 2007.



Fonte: Wintle, 1996c.

Atualmente, parte da comunidade acadêmica que estuda o tema considera que o Tarô Rothschild – conjunto de nove cartas, das quais oito fazem parte da coleção do banqueiro Edmond de Rothschild, doada ao museu do Louvre em 1935, um ano após a morte do proprietário – seja o mais antigo baralho de tarô preservado e conhecido. Estima-se que sua datação seja aproximadamente de 1435/1440, antecedendo os baralhos Visconti, e que foi produzido na região de Florença, segundo a pesquisadora Ada Labriola (Le Tarot, 2022). Outros tarôs conhecidos deste período são o Tarô d’Este, de 1473, composto por 16 cartas; o Tarô Goldschmidt, de meados do século XV, composto por nove cartas; e o Tarô Colleoni, também de meados do século XV, composto por quatro cartas. Todos estes decks são de origem italiana (Nadolny, 2022).

Figura 3 - Cartas do Tarô Rothschild expostas no Museu do Louvre, em Paris (França).



Fonte: Publicação de Ross Gregory Ronald Caldwell no grupo de Facebook “Tarot History”⁷

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157853156815771&set=gm.2948061638740138>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Ao se considerar o Tarô Rothschild como o mais antigo preservado e conhecido, Florença desponta como local de origem do oráculo. Entretanto, alguns pesquisadores do baralho mantêm-se adeptos da origem milanesa, baseando-se no “*Tractatus de deificatione sexdecim heroum*” (“Tratado sobre a deificação dos dezesseis heróis”), trabalho escrito, provavelmente entre 1414 e 1425, por Marziano da Tortona, secretário de Filippo Maria Visconti, duque de Milão entre 1412 e 1447. Esse documento descrevia o primeiro baralho a haver trunfos semelhantes aos do tarô, que teria sido idealizado pelo próprio duque de Milão e produzido por Michelino da Besozzo. No entanto, devido às diferenças estruturais entre o baralho descrito por Marziano e os *decks* de tarô tradicionais, o Tarô Filippo-Marziano-Michelino, como é chamado, seria um precursor e não o primeiro baralho de tarô (Place, 2014; Pratesi, 1989). Além disso, as cartas já não existem mais, restando somente as descrições presentes no tratado. Assim, o Tarô Rothschild permanece sendo o mais antigo baralho de tarô preservado e conhecido, dividindo o posto com os conjuntos Visconti.

Figura 4 - Cartas do Tarô Filippo-Marziano-Michelino, recriadas por Robert M. Place em 2015 na obra "The Marziano Tarot: The Oldest Known Tarot Deck".



Fonte: Place, 2014.

Podemos entender, pelas evidências históricas, que enquanto as cartas de jogar originaram-se no mundo islâmico do século XIV, surgidas como a evolução das cartas inventadas na China do primeiro milênio e levadas ao Oriente Médio pelos persas (Nadolny, 2022), o tarô é uma invenção europeia, visto que “[...] não há nenhum vestígio da existência no Egito, na Pérsia, na Índia ou na China de qualquer coisa que se assemelhe ao baralho de Tarô” (Dummett, 1980, p. 65, tradução nossa)⁸. Soma-se a isso o fato que o simbolismo e os temas

⁸ No original: [...] there is no trace of the existence in Egypt, Persia, India or China of anything in the least resembling the Tarot pack.

presentes nos primeiros baralhos de tarô remontam a iconografias medievais e renascentistas, como é possível atestar nas figuras anteriores e na própria descrição do Tarô Filippo-Marziano-Michelino, que traz caracteres da mitologia greco-romana:

Foi mencionado que o tarô tinha dezesseis príncipes de barões celestiais e quatro reis organizados em uma hierarquia sequencial e em quatro grupos diferentes, parecidos com os naipes: **virtude com as cartas de Júpiter, Mercúrio, Apolo e Hércules; riqueza com Juno, Netuno, Marte e Éolo; virgindade com Palas, Diana, Vesta e Dafne; prazer com Vênus, Baco, Ceres e Cupido.** Para cada grupo havia como símbolo a figura de um pássaro, assim, o grupo da virtude era representado pela águia, a riqueza pela fênix, a virgindade pela rola e o prazer pela pomba⁹ (Vasconcelos, 2019, p. 31, grifo nosso).

Esses primeiros baralhos refletem o contexto da época, sejam os tempos turbulentos de beligerância entre as cidades do norte da Itália e os traumas deixados pelo período sombrio da Peste Negra, seja a efervescência cultural, intelectual e artística do Renascimento italiano, em que a educação humanista torna a relação entre os príncipes mecenas e os artistas/intelectuais renascentistas mais forte (Nadolny, 2022). Vemos nas cartas tanto imagens de teor funesto e relacionadas ao mal cristão, a exemplo das figuras da morte e do diabo, como artes suntuosas que retratam emblemas familiares e o modo de vida luxuoso aristocrático da Idade Média, com paralelos a virtudes católicas e humanistas. Essa iconografia que o tarô traz desperta a curiosidade de seus pesquisadores em relação a um ponto: qual o seu propósito ao ser criado?

Michael Dummett (1980) acredita que, apesar de ser envolvente, o estudo da iconografia do tarô não trará dados relevantes sobre o objetivo do baralho quando da sua concepção. A escolha dos temas dos arcanos seriam tão somente a reprodução de um padrão iconográfico medieval e renascentista encontrado em outros contextos da época, e que, para o jogador médio do século XV, independente da proposta do criador por trás das escolhas estéticas e temáticas, era “[...] simplesmente um conjunto de cartas ilustradas dispostas em uma sequência específica e tendo um papel específico no jogo [...]”, assim como “[...] seria tão improvável que ele tivesse qualquer interesse especial na seleção de assuntos ou no possível significado simbólico em sua ordem quanto um moderno jogador de bridge deve ser capaz de dizer quais valetes têm bigodes”

⁹ A iconografia relacionada às aves é vasta e presente em todos os povos, de forma que, isoladamente, relacioná-las apenas à cultura europeia é equivocado. Apesar de Nadolny (2022, p. 127) afirmar que, “aparentemente, essas aves foram escolhidas por sua simbologia próxima da heráldica dos Visconti”, devido ao arcabouço mitológico presente no baralho e ao contexto histórico-geográfico, com o Renascimento cultural ocorrendo no norte da Itália e retomando as influências greco-romanas, pode-se entender também que os animais remetem a essa mitologia. Seria possível, igualmente, relacioná-los ao simbolismo católico, mas a associação aos conceitos elencados por Marziano di Tortona encontra mais paralelos com os mitos da Roma Antiga. Sobre a presença dessas aves na mitologia greco-romana, o Theoi Project serve como uma robusta enciclopédia do tema, reunindo informações de obras clássicas de literatura grega e romana. O site pode ser acessado em: www.theoi.com.

(Dummett, 1980, p. 165, tradução nossa)¹⁰. Ou seja, o tarô teria, para o autor, um único propósito: jogar.

Helen Farley (2009) afirma que, apesar do tarô ser conhecido como um elemento divinatório, não há evidências que sugiram que essa função era conferida ao baralho antes do final do século XVIII, com exceção de uma obra fictícia: “Il Caso dell Triperuno”, de Merlin Cocai, publicada em Veneza em 1527 e que ligava o tarô à divinação¹¹. Porém, é possível traçar teorias sobre seu objetivo. Uma delas consideraria o baralho como uma forma de arte ou jogo para memorização de histórias clássicas – representadas pelo simbolismo mitológico presente nas cartas – mas esta ideia se torna improvável ao se considerar a variação na descrição, composição e estrutura das cartas entre os diferentes baralhos de cada região.

Isabelle Nadolny (2022) também traz uma teoria sobre o propósito inicial do tarô. Considerando que os primeiros baralhos surgem como encomendas de duques e príncipes italianos, que financiavam o trabalho dos artistas que produziam esses baralhos, e o hábito, por parte dessas elites, de encomendar jogos com objetivos de educação e glorificação a suas famílias e ancestrais, a autora teoriza que “as cartas teriam sido criadas para irem além do simples jogo de azar, servindo também como suporte de reflexão” (Nadolny, 2022, p. 128). É o próprio “Tractatus” de Marziano di Tortona oferece indícios dessa finalidade:

Marziano também expôs ao duque o contexto em que esse jogo poderia satisfazer ao “homem sério e cansado da virtude” para “encontrar recreação na fadiga”: “Considerai esse jogo, ilustríssimo duque, seguindo uma ordem quádrupla, pela qual podereis dedicar vossa atenção a coisas sérias e importantes se o jogardes. Às vezes, é prazeroso distrair-se desse modo, e nele encontrareis deleite. E é mais agradável, uma vez que, levados pelo entusiasmo de vossa própria sagacidade, podereis consagrar-vos entre vós para tornar-vos reconhecidos e celebrados como heróis, modelos renomados da virtude, cuja poderosa grandeza transformou em deuses, igualmente para garantir vossa lembrança na posteridade. Portanto, ao observá-los, estai pronto para ser estimulado, despertado para a virtude”. [...] Quanto às exortações a ser “despertado para a virtude”, elas são ricas em ensinamentos: propõem um uso em que o jogo possa, ao mesmo tempo, servir como divertimento e suporte de identificação ou reflexão. As figuras heroicas existem para que o jogador se identifique com elas e, dessa forma, recupere as virtudes ou condene os vícios (Nadolny, 2022, p. 127-128).

¹⁰ No original: [...] simply a set of picture cards arranged in a particular sequence and having a particular role in the game, he would be as unlikely to take any special interest in the selection of subjects or possible symbolic significance in their order as a modern Bridge player is to be able to tell you which jacks have moustaches.

¹¹ Nessa história, os trunfos de um baralho de tarô são divididos entre quatro pessoas e o personagem Limerno compõe um soneto para cada uma que, referindo-se ao simbolismo das cartas, descreviam o caráter de cada indivíduo (Farley, 2009).

Seja considerando como o primeiro tarô ou um predecessor do oráculo, a descrição do Tarô Filippo-Marziano-Michelino e de sua forma de jogar¹² estabelece alegorias que servem como ensinamentos aos jogadores do baralho. Assim, o objetivo inicial do tarô iria além de ser um simples jogo de azar como tantos que existiam na Europa naquele período, entrando no contexto dos jogos edificantes, encomendados para a educação dos príncipes e repletos de elementos que contribuiriam a uma boa educação humanista (Nadolny, 2022).

A despeito das tentativas de traçar esse paralelo, não há evidências que apontem para um propósito espiritual ou místico dos primeiros tarôs conhecidos. Importa definir qual nossa interpretação sobre espiritualidade e misticismo nos termos desse trabalho. Entendemos espiritualidade como uma conjunção dos conceitos de Leonardo Boff (1996) e André Droogers (1983), compreendendo-a como um processo inter e intrapessoal, pois, ao mesmo tempo em que a experiência do ser humano com o sagrado (Eliade, 1992; Otto, 2007) é subjetiva e individual, a construção do sentido de sua existência despertada por essa vivência é delimitada pelas visões de mundo de diferentes culturas religiosas, cujos significados são interiorizados e influenciam a forma do indivíduo agir, pensar e se relacionar com o mundo ao seu redor e consigo mesmo. Logo, espiritualidade é, ao mesmo tempo, crença e práxis, a primeira nascida das relações interpessoais e a segunda desenvolvida na interação do eu com o mundo.

Já misticismo é entendido como toda e qualquer doutrina que conceba a conexão direta entre o homem e o divino, dialogando com o conhecimento do sagrado de forma íntima. A prática mística consiste “[...] em definir os graus progressivos da ascensão do homem até Deus, em ilustrar com metáforas o estado de êxtase e em procurar promover essa ascensão com discursos edificantes” (Abbagnano, 2007, p. 671-672). Assim, o místico seria aquele que se debruça com afinco no conhecimento do não-racional, do que está além da matéria, do

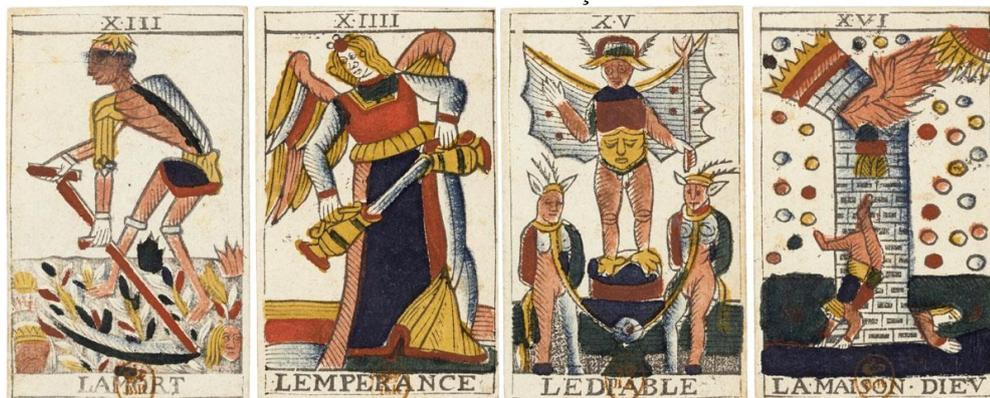
¹² “A descrição evoca inicialmente 16 cartas com a ilustração de heróis. Quatro deles representavam as virtudes: Júpiter, Apolo, Mercúrio e Hércules. A segunda série de heróis representava as riquezas: Juno, Netuno, Marte e Éolo. A terceira série trazia virgens célebres: Palas, Diana, Vesta e Dafne. Quanto à última, ela representava os prazeres: Vênus, Baco, Ceres e Cupido. Subordinados a esses heróis havia quatro naipes, cada um deles simbolizado por uma ave diferente: as águias eram associadas às virtudes; as fênix, às riquezas; as rolas, às virgens; e as pombas, aos prazeres. Aparentemente, essas aves foram escolhidas por sua simbologia próxima da heráldica dos Visconti. Além disso, cada naipe era regido por um rei. Nenhum naipe tinha um valor superior aos outros. Contudo, para as virtudes e as virgens, o valor das cartas aumentava na ordem ascendente (sendo 1 o menor valor), pois se considerava que era conveniente cultivar a virtude e a castidade. Para as riquezas e os prazeres, 1 era o valor mais alto, pois se estimava que ter pouco de ambos era mais benéfico para a vida espiritual. Os heróis tinham um valor mais elevado do que todos os naipes, incluídos os reis: poderíamos dizer que já constituíam uma espécie de trunfo. Júpiter representava o herói de categoria mais elevada, e Cupido, de categoria mais baixa. Marziano descreveu em suas anotações o significado detalhado de cada herói e o que ele fez para ser venerado como um deus, começando com Júpiter e indo até o último, Cupido, que nada tinha de virtuoso, pois era capaz de transformar o coração dos pobres apaixonados em tochas ardentes.” (Nadolny, 2022, p. 127)

puramente sensível e experimentável; ou seja, baseado num entendimento do sagrado como conhecimento autoincrementador e, em alguns casos, reprodutível a outros (Barroso, 2009).

Apesar de o surgimento do tarô não estar associado a esses aspectos, o historiador Thierry Depaulis (2013 *apud* Nadolny, 2022) encontrou dois textos italianos da década de 1560 – “Discurso perchè fosse trovato il Giuoco, et particolarmente quello del Tarocco” (“Discurso para que o Jogo fosse descoberto, e particularmente o do Tarot”), de autor anônimo, e “Discurso sopra l'ordine delle figure dei Tarocchi” (“Discurso sobre a ordem das figuras do Tarô”), de Francesco Piscina – que afirmavam que o simbolismo presente nas cartas eram “[...] representações de etapas a serem superadas rumo a Deus” (Nadolny, 2022, p. 136). Apesar de não dar um sentido à criação do tarô, essas obras são as primeiras conhecidas a tentar dar um sentido espiritual ao baralho.

Ainda no final do século XV, o tarô saiu da Itália e passou a ser produzido também na França. O mais antigo tarô francês conhecido é um baralho anônimo, do qual restaram apenas duas cartas, feito em Lyon entre 1475 e 1500, e é da mesma cidade o tarô de Catelin Geofroy, que conta com 15 cartas preservadas e foi produzido em 1557. Por ser um centro urbano importante à época, é bastante provável que o tarô italiano tenha chegado à França por Lyon, e a partir daí se expandiu a Paris e Rouen. Essas três cidades, até o início do século XVII, eram as principais cidades produtoras de cartas do país, e somente em 1634 aparece citação a Jean Pradines, fabricante de cartas mais antigo de Marselha, cidade que se tornaria a principal referência na produção do tarô¹³ (Depaulis, 2013a; Nadolny, 2022).

Figura 5 - Cartas do Tarô de Marselha de Jean Noblet produzido em Paris em 1650 e preservado na Biblioteca Nacional da França.



Fonte: Wintle, 2022.

¹³ Segundo Thierry Depaulis (2013a), Marselha foi a cidade que mais legou baralhos de tarô, deixando cerca de 40 *decks* produzidos entre o século XVIII e o início do século XIX. Outras cinco cidades francesas – Dijon, Grenoble, Lyon, Avignon e Besançon – deixaram, reunidas, apenas 24 tarôs que foram catalogados pelo historiador. Fora da França, Estrasburgo seria a única cidade capaz de rivalizar com Marselha, deixando 31 baralhos preservados, mas estes são, em sua maioria, variações do Tarô de Besançon – modelo de baralho em que a Papisa e o Papa são substituídos por Juno e Júpiter –, e não de Marselha.

Até o século XVII, os tarôs produzidos na Europa não seguiam um padrão específico, com uma estrutura que variava de acordo com o local de produção, até que, em 1650, o parisiense Jean Noblet editou o primeiro baralho que trazia uma estrutura, baseada em características de *decks* alemães, franceses e italianos, que seria reproduzida por tarôs semelhantes que surgiriam depois (Marteau, 1991). Apesar de não ter surgido em Marselha, foi lá que esse tipo de baralho passou a ser amplamente fabricado e exportado para o resto da Europa. Após o *deck* de Noblet, vieram o Tarô de Jean-Pierre Payen, de 1713, produzido em Avignon; o Tarô de Dodal, criado em Lyon entre 1701 e 1715; o Tarô de Pierre Madenié, fabricado em Dijon no ano de 1709; e o Tarô de Jean-Baptiste Madenié, também de Dijon, datado de 1739¹⁴. Já o Tarô de Marselha mais antigo realmente produzido na cidade e conservado até hoje foi o de François Chosson, datado de 1736, mas provavelmente anterior a essa data (Depaulis, 2013a; Nadolny, 2022). Não foi somente o Tarô de Marselha que surgiu nesse período, mas foi esse padrão que se fixou como uma tradição de modelo canônico para o baralho devido a processos iniciados durante o século XIX (Nadolny, 2022), alguns deles relacionados à associação do tarô com o ocultismo, e é a partir dos ocultistas que o tarô assume em definitivo uma função mística e espiritual.

1.2 DESENVOLVIMENTO DIVINATÓRIO E OCULTISTA

Com a expansão do tarô a partir do século XVI, saindo da Itália e estabelecendo-se na França e na Suíça¹⁵, observou-se, a partir do século XVIII, a presença do oráculo na Alemanha, na Áustria e outros países da Europa (Dummett; McLeod, 2004). O Tarô de Marselha, que se tornou o baralho padrão produzido pelos fabricantes franceses e suíços, era usado exclusivamente para jogar, não havendo evidências de seu uso para divinação até a segunda metade do século XVIII (Farley, 2009). Sobre esse ponto, Isabelle Nadolny (2022) elenca algumas citações que associavam as cartas e as previsões de futuro, além de representações artísticas que sugerem a prática cartomante entre os séculos XVI e XVIII, mas tais vestígios sugerem mais uma cartomancia rudimentar, visto que não há indicações claras de como as

¹⁴ Os tarôs de Jean-Pierre Payen e de Dodal são Tarôs de Marselha tipo I, enquanto os de Pierre e Jean-Baptista Madenié são tipo II, modelo que se tornaria um dos mais influentes para futuros fabricantes de cartas e o mais utilizado por tarólogos e ocultistas. Sobre as diferenças desses tipos de Tarô de Marselha, ver Depaulis, 2013b.

¹⁵ Segundo Dummett e McLeod (2004), as guerras pela cidade de Milão que ocorreram no início do século XVI, que teve como vencedores a França e a Suíça, fez com que o tarô saísse da Itália e fosse levado a esses países, onde se tornou muito popular.

cartas eram utilizadas. É somente a partir da segunda metade do século XVIII que surgem as primeiras evidências do uso do tarô para a divinação.

Apesar da cartomancia ter se impulsionado a partir da França, os vestígios mais antigos preservados indicam que sua prática provavelmente se iniciou na região da Bolonha, com o Tarô Bolonhês (*Tarocchino Bolognese*), de acordo com uma lista de autor desconhecido, encontra na Biblioteca da Universidade de Bolonha e datada de antes de 1754, que dava significados às cartas desse baralho para a previsão do futuro (Pratesi, 1989). Esse tipo de leitura divinatória manteve-se popular até o século seguinte, mas não trazia similaridade com o que viria a ser estabelecido pelos ocultistas da França (Farley, 2009). É somente em 1770 que surge, no país, a primeira evidência da cartomancia: o livro “*Etteilla, ou manière de se récréer avec un jeu de cartes*” (“*Etteilla, ou modo de se entreter com um jogo de cartas*”), escrito por Jean-Baptiste Alliette (1738-1791). Entretanto, essa obra ainda não tratava do tarô, mas da leitura divinatória com o *piquet*, um baralho francês de 32 cartas (Nadolny, 2022).

Para falar sobre as primeiras correlações entre tarô e misticismo, importa compreender porque a França setecentista e oitocentista foi um ambiente propício a essa eclosão. Urge lembrar que, com o domínio católico na Europa durante a Idade Média, o paganismo e a magia passaram a ser condenados como atos de bruxaria ou associados ao demônio. No século XVI, a Reforma Protestante intensificou o distanciamento da compreensão do divino como natural e imanente, tornando a espiritualidade um processo de observância a preceitos morais e éticos que dariam ao fiel uma garantia do amor de um Deus transcendente e da vida eterna em Seu reino divino; apesar disso, superstições, folclore e leituras oraculares mantinham viva, de modo marginal, a relação da sociedade com as práticas mágicas.

Já nos setecentos, ocorre o desenvolvimento do pensamento iluminista e a intensificação da racionalização científica, que fortaleceria um processo de desencantamento do mundo, conceito weberiano que significa a “[...] desmagificação da religiosidade ocidental resultante da racionalização ético-ascética da conduta diária de vida” (Pierucci, 2013, p. 218) e a perda de sentido provocada pelo desenvolvimento da ciência empírica, carente de um senso moral. Para a sociologia weberiana, esse desencantamento do mundo deriva de processos históricos científicos e religiosos: por um lado, a evolução das grandes religiões monoteístas induziu a uma moralização da sociedade e desmagificação do mundo; por outro, o pensamento científico racional, concretizado na ciência moderna herdeira da filosofia grega, estabeleceu que a realidade material era possível de ser lida e compreendida objetivamente através de lógica, técnica, empirismo e matematização (Pierucci, 2013; Schluchter, 2014). Essa ciência, que reduz

o mundo à lógica mecanicista, surge como fruto do Iluminismo e especialmente do positivismo, que deslocou a magia e a religião ao campo do irracional.

Vale pontuar que a ideia de mundo desencantado – a religião hierárquica, dogmática, contra a magia – difere da noção de secularização – a modernidade e o cientificismo contra as expressões religiosas:

Enquanto o desencantamento do mundo fala da ancestral luta da religião contra a magia, sendo uma de suas manifestações mais recorrentes e eficazes a perseguição aos feiticeiros e bruxas levada a cabo por profetas e hierocratas, vale dizer, a repressão político-religiosa da magia [...], a secularização, por sua vez, nos remete à luta da modernidade cultural contra a religião, tendo como manifestação empírica no mundo moderno o declínio da religião como potência in temporalibus, seu disestablishment (vale dizer, sua separação do Estado), a depressão do seu valor cultural e sua demissão/liberação da função de integração social. (Pierucci, 1998, p. 51)

Alguns movimentos históricos, como o Iluminismo, a Revolução Francesa, o protestantismo, a urbanização e a ascensão do capitalismo, acentuaram o processo de racionalização do Ocidente, com ênfase no mundo material, na objetividade e na técnica, através da qual se estabeleceu um novo *ethos* hegemônico que formulou novas representações do mundo. Os esquemas valorativos cristãos já não mais conduziam a ação dos agentes sociais, que passavam a ser regidos pela razão e pela lei. A religião desvencilhou-se do Estado, agora laico, mas manteve influência valorativa e moral sobre seus praticantes, exercendo um poder simbólico subordinado e relacionado a outras formas de poder (Bourdieu, 2007).

No entanto, Nadolny (2022, p. 236-237) pontua que, se o século XVIII, o “Século das Luzes”, por um lado, é a época de surgimento dos enciclopedistas, que “[...] tentam racionalizar o conhecimento” e realizam “[...] um estudo sistemático dos diferentes ramos do saber, das técnicas e das artes reconhecidas na época [...]”, por outro lado, “[...] é apaixonado pelo irracional e pelo ocultismo em todos os seus aspectos”. Foi o período de arrefecimento da Inquisição na França, que havia se tornado um aparato mais político que eclesiástico, e de diminuição de repressão à feitiçaria, já observada durante o reinado de Luís XIV. Houve um aumento na publicação de obras sobre magia, cabala e alquimia, além do surgimento e desenvolvimento de sociedades iniciáticas, como a franco-maçonaria e grupos ocultistas. A secularização da sociedade deu liberdade aos indivíduos de expressarem suas crenças desprendidos dos dogmas católicos, tornando comum a mescla entre tradição, ensinamentos

bíblicos e elementos de religiões distintas, provocando a expansão de correntes esotéricas e nascimento da filosofia da natureza¹⁶ (Farley, 2009; Nadolny, 2022).

O esoterismo pode ser entendido “[...] como a busca do sentido arcano, transcendente e da experiência iniciática, individual e plena, na era do mundo exaurido dos mistérios doutrinários e da caução sagrada do mundo [...]” (Carvalho, 2006, p. 6), e o esoterismo moderno seria uma continuidade de vários movimentos iniciáticos pré-mundo Ocidental. Antoine Faivre (2010) define o esoterismo ocidental moderno como uma forma de pensamento dotada de quatro características fundamentais e duas secundárias: a ideia de correspondências universais, presentes em todos os níveis de realidade do universo; a ideia de natureza viva, com uma história própria, ligada à humana e à divina; o papel das mediações – rituais, símbolos, espíritos intermediários – como ferramentas de conhecimento, devido às possibilidades de ligação entre diferentes níveis da realidade por meio da imaginação ativa ou mágica; a experiência da transmutação, da transformação de si mesmo; a prática da concordância, postulando que podem haver denominadores comuns entre todas ou várias tradições diferentes, o que corrobora a existência de uma verdade superior dominante; e a importância dos canais de transmissão, da iniciação por um já iniciado, que só são genuínos quando o transmissor é autenticamente afiliado à corrente esotérica. Tomando como base essa descrição do esoterismo ocidental moderno, percebem-se correspondências com as práticas das sociedades ocultistas, de forma que o pensamento destes grupos se configura como uma cosmovisão esotérica. Assim, entendemos ocultismo da mesma forma que Guerriero (2016, p. 213): “Se o esoterismo é mais compreendido como uma forma de pensamento, o ocultismo seria mais uma forma de ação ou conjunto de práticas legitimado pelo esoterismo”.

Helen Farley (2009) ressalta que a culminância da era do Iluminismo, a Revolução Francesa, teve como preceitos a rejeição à religião organizada e ao Antigo Regime, colocando a Nação como a nova devoção da população e a Razão como sua divindade. A França pós-Revolução consistiu numa sociedade tumultuada que se viu privada do consolo dado pela Igreja, provocando uma reação ao racionalismo completo daquele período. Os conhecimentos esotéricos que ressurgiram durante o Século das Luzes despertaram em alguns grupos sociais o interesse por histórias de um passado mais simples, misterioso, natural e harmonioso, remontando às civilizações antigas consideradas berço das diversas práticas mágicas ocidentais.

¹⁶ A filosofia da natureza baseia-se em três fundamentos: o entendimento de Espírito e Natureza como frutos de uma raiz comum; a compreensão da natureza como uma rede viva de correspondências a ser decifrada e integrada numa visão de mundo holística; e a percepção da filosofia da natureza como multidisciplinar por definição (Faivre, 2010).

É nesse contexto que, no início do século XIX, com as conquistas napoleônicas na campanha egípcia, as descobertas arqueológicas e o maior contato com a cultura desse local, floresceram sociedades ocultistas francesas adeptas desse fervor egiptomaníaco, mas que expandiram sua curiosidade acerca do mundo para outras culturas e religiões, como o hinduísmo indiano e a cabala judaica. Assim, pensamentos esotéricos resgatados durante o Renascimento, como o neoplatonismo, a cabala, o hermetismo, a teosofia, a magia natural e a alquimia, encontraram-se com novos conhecimentos e movimentos, como o magnetismo animal, a filosofia da natureza, a franco-maçonaria, o rosacrucianismo e o interesse por culturas ancestrais, resultando no advento de diversas sociedades ocultistas modernas.

Em meio a esse caldeirão de elementos esotéricos que constituíam o pensamento esotérico francês, ressurgiu o tarô. Essa “descoberta” do oráculo pelos franceses parece contraditória, visto que, no século anterior, apesar dos principais fabricantes de cartas da Europa estarem na França e de o modelo do Tarô de Marselha ter sido legado por eles, o tarô foi muito pouco utilizado na França de Luís XIV (1643-1715), exceto nas regiões de Provença e Alsácia (Naldony, 2022). O entendimento do tarô como um jogo estrangeiro pelos franceses foi percebido inclusive na Enciclopédia de Diderot e d’Alembert, que propunha reunir todo o conhecimento da época. A obra explica o jogo nos seguintes termos:

TARÔS, termo de fabricante de cartas, são tipos de cartas de jogo, utilizadas na Espanha, na Alemanha e em outros países. Essas cartas são marcadas de maneira diferente das usadas na França e, enquanto as nossas são distintas por corações, losangos, lanças e trevos, essas apresentam copas, denários, espadas e bastões, chamados em espanhol de *copas*, *dineros*, *espadillas* e *bastos*. O verso das cartas chamadas de tarôs costuma ser ornado com diversos compartimentos (Diderot; d’Alembert, 1765 *apud* Nadolny, 2022, p. 166).

Curiosamente, a primeira menção ao baralho como um objeto essencialmente místico apareceria justamente na França anteriormente desinteressada – ou desconhecadora – do tarô, na obra de nove volumes “*Monde Primitif, analysé et compare avec le Monde Moderne*” (“Mundo Primitivo, analisado e comparado com o Mundo Moderno”), publicada entre 1773 e 1784 e escrita pelo pastor protestante, maçom e estudioso do esoterismo Antoine Court de Gébelin (1719-1784). Nela, o autor referia-se a uma era de ouro, um mundo primitivo em que todas as pessoas compartilhavam de uma mesma língua, uma mesma cultura e uma mesma religião, o qual, após se dividir, deu origem a povos menos avançados que traziam vestígios daquela civilização original, percebidos em mitos presentes em várias culturas ao redor que poderiam ser percebidos por aqueles que soubessem como olhar (Dummett; Decker; Depaulis, 2002). O tarô é citado, inicialmente, no volume cinco da obra, publicado em 1778, que conta

com um Dicionário Etimológico da Língua Francesa, no qual é listado o termo “*tarraux*”: “[...] jogo de cartas muito conhecido na Alemanha, Itália e Suíça. É um jogo egípcio, como um dia demonstraremos; seu nome é composto por duas palavras orientais, Tar e Rha, Rho, que significam caminho real” (Gébelin, 1778, p. 1118-1119, tradução nossa)¹⁷. Mas é no volume oito que Gébelin desenvolve sua teoria acerca do baralho.

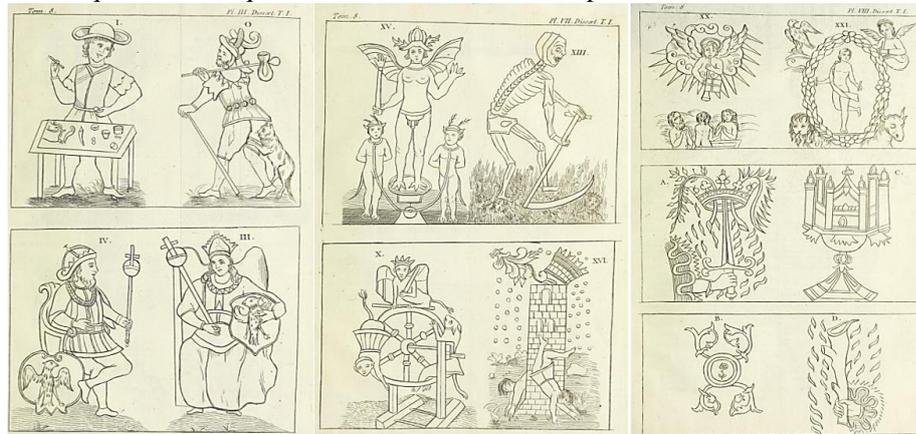
Na publicação de 1781, que trata de “[...] diversos objetos relativos a História, Brasões, Moedas, Jogos, Viagens dos Fenícios ao redor do mundo, línguas americanas, etc.”, Gébelin, no capítulo “*Du jeu des tarots*” (“Do jogo de tarô”), fala sobre quando, por um acaso, teve um contato próximo com um baralho de tarô e pôde reconhecer nele elementos que o fizeram concluir que aquelas cartas eram uma criação egípcia, uma reprodução de livro com sabedorias milenares que sobreviveu à destruição dessa civilização.

[...] Convidado há alguns anos para visitar uma de nossas amigas, Madame la C. d'H., que chegava da Alemanha ou da Suíça, encontramos-la ocupada jogando este jogo com algumas outras pessoas. Estamos jogando um Jogo que você certamente não conhece... Pode ser; o que é isso?... O Jogo do Tarô... Tive a oportunidade de vê-lo quando era muito jovem, mas não faço ideia... É uma rapsódia das figuras mais bizarras, mais extravagantes: aqui está um, por exemplo; tivemos o cuidado de escolher o mais carregado de figuras, e não tendo relação com o seu nome, é o Mundo: lancei os olhos para lá e imediatamente reconheci a alegoria: cada um saia do seu jogo e venha ver esta carta maravilhosa onde vi o que eles nunca tinham visto: cada um para me mostrar o outro: em um quarto de hora o Jogo foi coberto, explicado, declarado egípcio: & como se não fosse o jogo de nossa imaginação, mas o efeito de relações escolhidas e sensíveis desta peça com tudo o que sabemos das ideias egípcias, prometemos um dia partilhá-la com o público; convencido de que uma descoberta e um presente desta natureza podem ser agradáveis, um Livro Egípcio escapou à barbárie, aos estragos do Tempo, aos incêndios acidentais e aos voluntários, e a uma ignorância ainda mais desastrosa. Efeito necessário da forma frívola e leve deste Livro, que lhe permitiu triunfar sobre todos os tempos e nos transmitir com rara fidelidade: a própria ignorância em que estivemos até agora do que ele representava, foi um feliz salvo-conduto o que lhe permitiu atravessar pacificamente todos os séculos sem que ninguém pensasse em fazê-lo desaparecer. Era tempo de encontrar as Alegorias que se pretendia preservar, e de mostrar que entre as pessoas mais sábias, tudo, até os Jogos, se baseava na Alegoria, e que estes Sábios sabiam transformar o conhecimento em diversão. Transformaram-no em um jogo (Gébelin, 1781, p. 367, tradução nossa)¹⁸.

¹⁷ No original: [...] jeu de cartes très-connu en Allemagne, en Italie, & en Suifle. C'eft un jeu Egyptien, comme nous le démontrerons quelque jour; fon nom eft compofe de deux mots Orientaux, Tar, & Rha, Rho, qui fignifient chemin royal.

¹⁸ No original: [...] Invité il y a quelques années à aller voir une Dame de nos Amies, Madame la C. d'H., qui arrivoit d'Allemagne ou de Suisse, nous la trouvâmes occupée à jouer à ce Jeu avec quelques autres Personnes. Nous jouons à un Jeu que vous ne connoissez sûrement pas... Cela se peut; quel est-il?... Le Jeu des Tarots... J'ai eu occasion de le voir étant fort jeune, mais je n'en ai aucune idée... C'est une rapsodie des figures les plus bizarres, les plus extravagantes: en voilà une, par exemple; on eut soin de choisir la plus chargée de figures, & n'ayant aucun rapport à son nom, c'est le Monde: j'y jette les yeux, & aussi-tôt j'en reconnois l'Allégorie: chacun de quitter son Jeu & de venir voir cette Carte merveilleuse où j'appercevois ce qu'ils n'avoient jamais vû: chacun de m'en

Figura 6 - Representações das cartas de tarô no volume oito de "*Monde Primitif*" (Gébelin, 1781); percebe-se que o baralho que o autor teve acesso foi um tipo de Tarô de Marselha.



Fonte: Gébelin, 1781.

A descoberta de Gébelin e aqueles com quem ele estava reunido demonstra não só o impacto da egiptomania nos círculos esotéricos da época – visto que, segundo Nadolny (2022), a “Madame la C. d’H” citada pelo autor é Anne-Catherine de Ligniville, a Madame Helvétius (1722-1800), dona de um salão renomado de Paris, criado em 1771 e frequentado por franco-maçons, o que sugere a presença, na ocasião descrita, de outros membros da irmandade –, como também a ausência do tarô na capital francesa, o que pode ser visto tanto no trecho acima quanto na passagem “[...] este Livro é, em uma palavra, o JOGO DE TARÔ, um jogo desconhecido, é verdade, em Paris, mas muito conhecido na Itália, na Alemanha, até na Provença [...]” (Gébelin, 1781, p. 366, tradução nossa)¹⁹. Ou seja, apesar de o primeiro fabricante do Tarô de Marselha, Jean Noblet, ser um parisiense, o baralho não se manteve nesse local, popularizando-se como um jogo de cartas em outras cidades francesas, como Dijon, Avignon, Lyon, Provença e Marselha, e em alguns países, como Itália, Alemanha, Áustria e Suíça. Ao se estabelecer em Paris, devido à introdução realizada por praticantes de correntes esotéricas, o tarô assume um outro caráter, relacionado a sabedorias ancestrais. Gébelin, por mais que não tenha entrado nos méritos práticos da utilização mística do baralho, inova ao estabelecer uma nova visão das

montrer une autre: en un quart-d'heure le Jeu fut parcouru, expliqué, déclaré Egyptien: & comme ce n'étoit point le jeu de notre imagination, mais l'effet des rapports choisis & sensibles de ce jeu avec tout ce qu'on connoît d'idées Egyptiennes, nous nous promîmes bien d'en faire part quelque jour au Public; persuadés qu'il autoit pour agréable une découverte & un présent de cette nature, un Livre Egyptien échappé à la barbarie, aux ravages du Temps, aux incendies accidentelles & aux volontaires, à l'ignorance plus désastreuse encore. Effet nécessaire de la forme frivole & légère de ce Livre, qui l'a mis à même de triompher de tous les âges & de passer jusques à nous avec une fidélité rare: l'ignorance même dans laquelle on a été jusques ici de ce qu'il representoit, a été un heureux sauf-conduit qui lui a laissé traverser tranquillement tous les Siècles sans qu'on ait pensé à le faire disparaître. Il étoit temps de retrouver les Allégories qu'il étoit destiné à conserver, & de faire voir que chez le Peuple le plus sage, tout jusqu'aux Jeux, étoit fondé sur l'Allégorie, & que ces Sages savoient changer en amusement les connoissances les plus utiles & n'en faire qu'un Jeu.

¹⁹ No original: [...] ce Livre est en un mot le JEU DES TAROTS, jeu inconnu, il est vrai, à Paris, mais très-connu en Italie, en Allemagne, même en Provence [...]”.

cartas como uma reprodução do Livro de Thoth, que continha conhecimentos ocultos, e tal ideia seria desenvolvida por autores subsequentes (Nadolny, 2022). Já o uso do tarô como oráculo também seria trabalhado no oitavo volume de “*Monde Primitif*” por outro autor, Conde de Mellet.

Creditado como M. le C. de M.***, o Conde Louis-Raphael-Lucrèce de Mellet (1727-1804), aristocrata, militar de alta patente e franco-maçom, é reconhecido como o primeiro autor a relacionar diretamente o tarô à adivinhação. No capítulo “*Recherches sur les tarots et sur la divination par les cartes des tarots*” (“Pesquisa sobre os tarôs e adivinhação usando cartas de tarô”), o aristocrata reafirma a origem egípcia do tarô, desenvolvendo melhor a ideia de que o baralho é o Livro de Thot:

O desejo de aprender se desenvolve no coração do homem à medida que sua mente adquire novos conhecimentos: a necessidade de preservá-los e o desejo de transmiti-los levaram à imaginação de personagens dos quais Thoth ou Mercúrio era visto como o inventor. [...] É natural que o inventor destas imagens tenha sido o primeiro Historiador: na verdade, considera-se que Thoth pintou os Deuses, isto é, os atos de Onipotência, ou Criação, aos quais acrescentou Preceitos de Moral. Este livro parece ter sido nomeado A-Rosh; de A, doutrina, ciência; e de Rosch, Mercúrio, que, unido ao artigo T, significa Tábuas da Doutrina de Mercúrio; mas como Rosh também significa Início, esta palavra Ta-Rosh foi particularmente dedicada à sua cosmogonia [...]. Esta antiga cosmogonia, este Livro de Ta-Rosh, com exceção de algumas pequenas alterações, parece ter chegado até nós nos mapas que ainda levam este, se a ganância os preservou para roubar a ociosidade, ou a superstição preservou dos insultos da época, símbolos misteriosos que lhe serviram, como antigamente os magos, para enganar a credulidade. Os árabes comunicaram este livro ou jogo para os espanhóis, e os soldados de Carlos V o levaram para a Alemanha (M***, 1781, p. 395-396, tradução nossa)²⁰.

Ainda que a teoria egípcia seja uma semelhança com os estudos de Gébelin, a explicação da origem do termo pelo autor é diferente, da mesma forma que a estrutura apresentada, que considera como tarô somente os arcanos maiores. Ademais, o baralho que o conde de Mellet utiliza como base não é o Tarô de Marselha, como Gébelin, mas um Tarô de Besançon

²⁰ No original: Le desir d'apprendre se développe dans le coeur de l'homme à mesure que son esprit acquiert de nouvelles connoissances: le besoin de les conserver, & l'envie de les transmettre, fit imaginer des caracteres dont Thot ou Mercure fut regardé comme l'inventeur. [...] Il est naturel que l'Inventeur de ces Images ait été le premier Historien: en effet, Thot est considéré comme ayant peint les Dieux, c'est-à-dire, les actes de la Toute-puissance, ou la Création, à laquelle il joignit des Préceptes de Morale. Ce Livre paroît avoir été nommé A-Rosh; d'A, Doctrine, Science; & de Rosch, Mercure, qui, joint à l'article T, signifie Tableaux de la Doctrine de Mercure; mais comme Rosh veut aussi dire Commencement, ce mot Ta-Rosh fut particulièrement consacré à sa Cosmogonie [...]. Cette antique Cosmogonie, ce Livre des Ta-Rosh, à quelques légères altérations près, paroît être parvenu jusqu'à nous dans les Cartes qui portent encore ce nom, soit que la cupidité les ait conservées pour filouter le désœuvrement, ou que la superstition ait préservé des injures du tems, des symboles mystérieux qui lui servoient, comme jadis aux Magas, à tromper la crédulité. Les Arabes communiquèrent ce ou Jeu aux Espagnols, & les Soldats de Charlequin le porterent en Allemagne.

(Nadolny, 2022). Porém, a interpretação do tarô, segundo o aristocrata, não demanda um tipo específico, podendo ser realizada com qualquer *deck*.

Figura 7 - Tarô de Besançon, por François Audier, lançado entre 1746 e 1760.



Fonte: Publicação de Marco Benedetti Tarot em seu perfil do Facebook²¹

O elemento divinatório é introduzido associando caracteres das cartas – especialmente os arcanos menores – a ferramentas utilizadas pelos egípcios em cerimônias sagradas, como os cálices (copas), os bastões (paus), os talismãs/pedras gravadas (ouros) e as espadas/flechas/machados/armas em geral (espadas), pontuando a existência de quadros favoráveis e desfavoráveis de acordo com a posição e o número de símbolos. Por meio dessa explicação, o autor aplica os métodos da cartomancia tradicional da época, utilizada em baralhos comuns, ao tarô. “Em outras palavras, seu texto demonstra a mais antiga proposta de tiragem de tarô de que se tem conhecimento” (Nadolny, 2022, p. 256).

Se o conde de Mellet introduz o tarô à prática cartomante, tornando-o um oráculo, é outro personagem, já citado nesse trabalho, que irá elevá-lo à centralidade das correntes esotéricas, dando-lhe um formato específico de leitura divinatória: Jean-Baptiste Alliette, conhecido também como Etteilla. Não se sabe muito sobre a vida desse personagem, somente que ele era citado como cabeleireiro e peruqueiro por ocultistas da época, mas na verdade pode ter sido professor de álgebra, vendedor de sementes ou comerciante de pinturas antes de se tornar cartomante e astrólogo. Estudante das ciências ocultas, Etteilla escreveu obras sobre astrologia, medicamentos, cartomancia e tarô, sendo sobre estes últimos temas quatro livros (Farley, 2009; Nadolny, 2022).

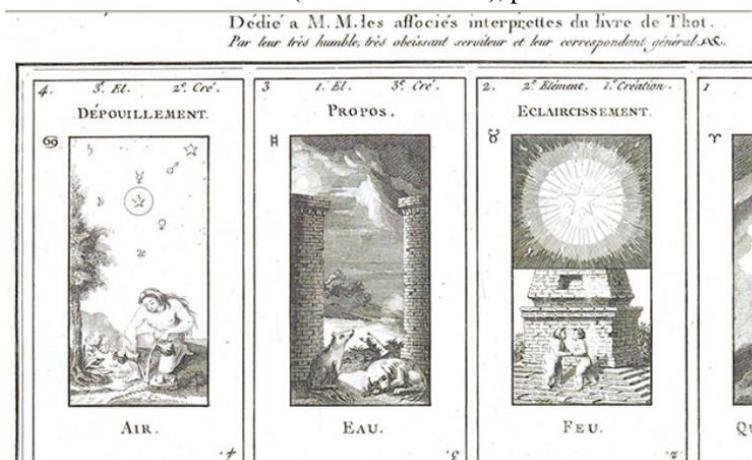
Em “*Manière de se récréer avec le jeu de cartes nommées tarots par Etteilla*” (“Modo de se Entreter com o Jogo de Cartas Nomeadas Tarôs por Etteilla”), publicado entre 1783 e 1785, o autor reafirma a origem egípcia do baralho, adicionando que o tarô foi desenvolvido

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/MarcoBenedettiTarot/posts/645009236044309/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

por um grupo de 17 magos sob o comando de Hermes Trismegisto, 171 anos após o Dilúvio e 3953 anos da publicação de seu estudo (1783), e que sua primeira cópia foi inscrita em folhas de ouro, colocadas sobre um templo do fogo em Mênfis. Hermes Trismegisto, ou Hermes, o Três Vezes Grande, é um personagem mítico constantemente citado e referenciado por alquimistas, neoplatônicos, místicos, esotéricos e neopagãos. Esse mago, a quem são atribuídas obras místicas e esotéricas como a Tábua de Esmeralda, o Caibalion e o Corpus Hermeticum, remonta ao Egito Antigo, à Grécia Antiga e ao Período Helenístico, sendo assimilado ao deus egípcio Thoth, ou Dḥwtj, que inventou os hieróglifos e é relacionado a escrita, ciências, justiça, inteligência e magia, ao deus grego Hermes, mensageiro dos deuses também ligado à magia e à divinação, e à sua contraparte divina romana, Mercúrio (Brandão, 1987; Facusi, 2012). Os ensinamentos creditados a essa figura compõem o hermetismo, sistema religioso e filosófico que sincretiza religião egípcia e filosofia grega, caracterizada por um misticismo comumente ligado ao paganismo e às religiões orientais (Abbagnano, 2007) e baseada em sete princípios: mentalismo; correspondência; vibração; polaridade; ritmo; causa e efeito; e gênero (Atkinson, 2018).

Etteilla reitera que o objetivo das cartas não era jogar, mas ser considerado como “[...] um livro, escrito em símbolos que ele chama de hieróglifos, incorporando uma sabedoria antiga, incluindo um medicamento universal e um relato da criação do mundo e da história da humanidade” (Decker; Depaulis; Dummett, 2002). Além disso, por ser o primeiro cartomante a trabalhar com o tema, foi também o primeiro a dar interpretações às 78 cartas do tarô, tornando-se uma das principais influências da cartomancia francesa no século XIX. Ainda, partindo de suas próprias leituras acerca do tarô, ele criou um sistema e um baralho próprio, intitulado “*Le livre de Thot*” (“O livro de Thot”) (Nadolny, 2022).

Figura 8 - Gravura de 1788 do Tarô de Etteilla ("*Le livre de Thot*"), preservada na Biblioteca Nacional da França.



Fonte: Nadolny, 2022, p. 266.

A importância dos três autores citados reside principalmente nas correntes de uso do tarô que viriam a seguir. Etteilla deu um novo impulso à prática da cartomancia, com o surgimento de várias obras sobre tiragens de cartas – comuns, de tarô ou baseadas no sistema de Alliette – para previsão de futuro e respostas a perguntas realizadas pelo consulente, como também de novos oráculos específicos para a prática cartomante, dos quais o mais famoso foi o baralho de Marie-Anne Adélaïde Lenormand (1772-1843). Já Gébelin dá origem ao interesse ocultista em torno do tarô, da sabedoria presente em suas imagens e da verdade escondida em suas lâminas, tornando-o um objeto iniciático, mágico, que culmina nas obras de proeminentes membros de sociedades ocultistas e esotéricas francesas do século XIX, como Éliphas Lévi (1810-1875), Paul Christian (1811–1877), Oswald Wirth (1860-1943) e Papus (1865-1916). Inicialmente distintas – sendo inclusive a cartomancia muitas vezes desprezada pelos ocultistas –, essas duas abordagens passaram a se reunir com frequência a partir da segunda metade do século XX, quando o tarô se torna, ao mesmo tempo, divinatório e reflexivo. Antes disso, o tarô iniciático foi trabalhado por poucos autores na França entre o século XIX e início do século XX, enquanto a cartomancia e outras práticas divinatórias eram destinadas ao público feminino, mas voltadas principalmente a baralhos mais simples que o tarô, visto que este “[...] era de difícil acesso, caro e, sobretudo, que a prática desse jogo [...] estava reservada às videntes profissionais” (Nadolny, 2022, p. 278).

Dos autores ocultistas franceses do século XIX que fizeram estudos sobre o tarô, destacaram-se principalmente dois: Éliphas Lévi e Papus. Alphonse-Louis Constant, que quando jovem foi seminarista e desistiu do sacerdócio pouco antes de se formar, escreveu tratados sobre religião e política, até se interessar pelas ciências ocultas e adotar a versão hebraica de seu nome, Éliphas Lévi Zahed, tornando-se um importante mago cerimonialista e ocultista – ele é, inclusive, considerado um dos fundadores do movimento ocultista francês e um dos responsáveis pela popularização do termo “ocultismo”. (Decker; Depaulis; Dummett, 2002; Farley, 2009). Sua obra destaca-se menos pela originalidade que pela síntese coerente entre diferentes tradições esotéricas, como cabala, alquimia, hermetismo, astrologia, magnetismo e magia negra. Dois anos após o início de seu interesse pelo oculto, publicou, entre 1854 e 1856, seu primeiro e provavelmente mais importante livro, “*Dogme et rituel de la haute magie*” (“Dogma e Ritual da Alta Magia”), dividido em dois volumes. Essa obra seria a primeira a relacionar o tarô a tradições mágicas, considerando-o central para magia e fonte dos dogmas religiosos antigos (Nadolny, 2022). Destaca-se, além de equivalências astrológicas, a relação com a cabala, principalmente por meio das correspondências dos 22 arcanos maiores às 22 letras do alfabeto hebraico, dos quatro naipes aos quatro elementos e das dez cartas numeradas

às dez sefirot²² da cabala. Foi a partir dos trabalhos de Lévi que o tarô passou a ser considerado plenamente como objeto de estudo (Nadolny, 2022).

Figura 9 - "*Le Chariot d'Hermès - Septième clef du Tarot*" ("A Carruagem de Hermes - Sétima chave do Tarô"), ilustração de Éliphas Lévi, 1861



Fonte: Lévi, 1861.

Após Lévi, outros ocultistas, influenciados por seu trabalho, trouxeram novas adições à mística em torno do tarô. O professor, escritor e linguista Jean-Alexandre Vaillant (1804-1886), publicou, em 1857, a obra "*Les Rômes, histoire vraie des vrais Bohémiens*" ("Os Romenos, história verdadeira dos verdadeiros ciganos"), em que desenvolve a origem cigana do tarô, baseado em sugestões presentes nas obras de Antoine Court de Gébelin²³ e Paul Boiteau d'Ambly (1830-1886)²⁴, teoria que ganharia forças nas décadas seguintes e viraria parte da crença ocultista em relação ao tarô (Decker; Depaulis; Dummett, 2002). Já o escritor, editor e

²² Sefirot, ou sephiroth (no singular, sefira ou sephirah), são emanções de Ein Sof (Ain Soph, ou Ein Soph: a Divindade, o Ser Divino, o Ilimitado) que simbolizam as personalidades e os atributos divinos. São dez sefirot, que juntas representam Adam Qadmon (ou Adam Ilaah: o Ser Primordial, o Homem Celestial). Essas emanções são dispostas num esquema visual chamado Árvore da Vida, formado pelas dez sefirot e 22 caminhos entre elas, significando o trajeto espiritual que o homem deve fazer para alcançar a Divindade.

²³ "[...] e que encontrou neste jogo com sagacidade muito engenhosa os princípios egípcios sobre a arte de adivinhar pelas cartas, princípios que distinguiram as primeiras bandas de egípcios, mal chamados *ciganos*, que se espalharam pela Europa; e dos quais ainda restam alguns vestígios nos nossos jogos de cartas [...]" (Gébelin, 1781, p. 366, tradução e grifo nossos). No original: "[...] & qui a retrouvé dans ce Jeu avec une sagacité très-ingénieuse les principes Egyptiens sur l'art de deviner par les Cartes, principes qui distinguèrent les premières Bandes des Egyptiens mal nommés Bohémiens qui se répandirent dans l'Europe; & dont il subsiste encore quelques vestiges dans nos Jeux de Cartes [...]."

²⁴ "[...] Esses ciganos ou Zinganes ou Zigeuner ou Zingari, esses boêmios, se preferirem, trouxeram consigo as cartas de tarô do Oriente. Não continuaram a ser os videntes, os cartógrafos por excelência? Esta profissão está no sangue deles; as cartas são sua herança. Os boêmios vêm da Índia; eles são párias. Então aqui está o berço das cartas descoberto! Não é nada se as próprias cartas não trazem o caráter da civilização indiana. [...]" (D'Ambly, 1854, p. 6, tradução nossa). No original: "[...] Ces Tsiganes ou Zinganes ou Zigeuner ou Zingari, ces Bohémiens, si vous l'aimez mieux, apportaient avec eux les cartes-tarots de l'Orient. Ne sont-ils pas restés les diseurs de bonne aventure, les tireurs de cartes par excellence? Ce métier est dans leur sang; les cartes sont leur patrimoine. Les Bohémiens viennent de l'Inde; ce sont des parias. Voilà donc le berceau des cartes découvert! Ce n'est rien, si les cartes elles-mêmes ne portent pas le caractère de la civilisation indienne. [...]."

baralho próprio em vida. Tal aspiração só seria cumprida 22 anos após sua morte, em 1889, quando o suíço Oswald Wirth, encorajado e iniciado no ocultismo por Stanislas de Guaita (1861-1897), admirador de Lévi e membro fundador da Ordem Kabbalística da Rosa-Cruz, publicou, em uma edição limitada de 350 cópias, o que seria a primeira tentativa de criação de um tarô ocultista (Depaulis, 1984): “*Les 22 Arcanes du Tarot Kabbalistique restitué à leur pureté hiéroglyphique, ser les indications de Stanislas de Guaita*” (“Os 22 Arcanos do Tarô Kabbalístico restaurado à sua pureza hieroglífica, seguindo as indicações de Stanislas de Guaita”). Essa “pureza hieroglífica” consistia na reprodução das cartas como descritas por Éliphas Lévi. Em 1926, esse mesmo *deck* foi reeditado e ampliado para acompanhar o livro mais famoso de Wirth, “*Le Tarot des imagiers du Moyen Âge*” (“O Tarô dos Pintores e Escultores da Idade Média”), lançado em 1927. Com essa obra, o autor foi um dos primeiros a reconciliar as facetas ocultista e divinatória do tarô, apresentando aí uma das principais tiragens praticadas por tarotistas até hoje: a tiragem em cruz ou Péladan²⁶ (Nadolny, 2022).

Figura 11 - Cartas do Tarô Cabalístico de Oswald Wirth, lançado em 1889, preservada no Museu Britânico (os arcanos maiores trazem, ao lado de seus nomes, as letras hebraicas correspondentes atribuídas por Éliphas Lévi)



Fonte: Coleção online do Museu Britânico²⁷.

Voltando a 1889, as cartas de Oswald Wirth ilustraram o livro “*Le Tarot des Bohémiens*” (“O Tarô dos Boêmios”), primeiro dos dois livros sobre tarô publicados por um dos nomes mais proeminentes da história do tarô: Gérard Encausse, que ficou famoso sob o pseudônimo Papus.

²⁶ Esse método é conhecido assim por ter sido criado por Joséphin Péladan, membro fundador da Ordem Kabbalística da Rosa-Cruz, que a ensinou a Stanislas de Guaita, o qual, por sua vez, indicou a tiragem a Oswald Wirth. Posteriormente, esse método passou por modificações, de forma que hoje a tiragem em cruz e o método Péladan consistem em formas sutilmente distintas entre si de dispor os arcanos para leitura.

²⁷ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1904-0511-48-1-22. Acesso em: 4 jan. 2024.

Autor prolífico sobre todos os aspectos do oculto, assuntos médicos e outros temas, o médico foi membro, liderança e fundador de várias sociedades, revistas e grupos de estudos ocultistas da época. Seu livro lançado em 1889 foi “[...] a primeira interpretação sistemática do Tarô por si só por qualquer seguidor de Lévi” (Decker; Depaulis; Dummett, 2002, p. 245, tradução nossa)²⁸, reunindo, de Etteilla a Falconnier, todas as interpretações possíveis do oráculo. Além das 22 cartas desenhadas por Wirth, Papus utilizou cartas do Tarô de Marselha personalizadas com letras hebraicas para ilustrar os arcanos menores, e foi ele que começou a usar a distinção entre arcanos maiores e menores para diferenciar os trunfos das cartas de naipe. Na obra, ele confirma que “[...] o jogo de cartas chamado Tarô, que os ciganos possuem, é a Bíblia das Bíblias. É o livro de Thoth Hermes Trismegistus, o livro de Adão, o livro da Revelação primitiva das civilizações antigas” (Papus, 1892, p. 9, tradução nossa)²⁹. Ademais, para cada arcano maior, o autor estabeleceu três significados: um superlativo ou divino, um comparativo ou mágico-astral, e um positivo ou físico. Duas décadas depois, em 1909, Papus lançou o primeiro “[...] tratado popular de cartomancia envolvendo o tarô [...]” (Ramachandra, 2022, p. 14): “*Le Tarot Divinatoire*” (“O Tarô Adivinatório”), que trazia, segundo Antônio Olívio Rodrigues (2022, p. 19), “[...] o mais simples e prático processo de adivinhação por meio das cartas, apresentando um sistema que resume os métodos empregados pelos mais célebres cartomantes”. Essa obra vinha acompanhada de um baralho de inspiração egípcia criado e desenhado pelo pintor francês Jean-Gabriel Goulinat (1883-1972).

Figura 12 - Cartas da 15ª edição brasileira de “O Tarô Adivinatório”, de Papus, lançada em 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

²⁸ No original: [...] the first systematic interpretation of the Tarot on its own by any follower of Lévi.

²⁹ No original: [...] the game of cards called the Tarot, which the Gypsies possess, is the Bible of Bibles. It is the book of Thoth Hermes Trismegistus, the book of Adam, the book of the primitive Revelation of ancient civilizations.

Helen Farley (2009, p. 120, tradução nossa)³⁰ afirma que o tarô “[...] provou ser uma lente clara através da qual podemos ver as correntes culturais da França iluminista desde o final do século XVIII até o início do século XX”. As relações entre cristianismo, religiões orientais, classicismo e egiptomania, esta última alimentada pela campanha das tropas de Napoleão Bonaparte (1769-1821) no Egito iniciada em 1798 e que dá um início a um período de presença e dominação europeia na região, uniram-se a correntes esotéricas contra-iluministas, como a maçonaria, a astrologia e o cabalismo, para formarem um mosaico complexo observado nos baralhos de tarô. O tarô, no início dos novecentos, já havia deixado de ser um jogo para se tornar um objeto esotérico, mágico e divinatório. Novos elementos seriam adicionados à amálgama mística do tarô com a chegada dos ensinamentos ocultistas franceses à Inglaterra, que passaria por seu próprio Renascimento Oculto a partir dos últimos anos do século XIX.

O processo de desenvolvimento do ocultismo britânico também estava diretamente relacionado às mudanças culturais e sociais vividas na Europa entre os séculos XVII e XIX. Segundo Eggers (2013), as disciplinas de História, Arqueologia e Egiptologia, que estavam em processo de consolidação enquanto ciência, serviram aos interesses nacionalistas e imperialistas das potências europeias do século XIX, dando-lhes base de legitimação das origens nacionais e ferramentas para expansão territorial e sequestro de artefatos culturais de diferentes sociedades não-europeias consideradas precessoras das civilizações do Velho Continente. A mais fascinante dessas culturas para os europeus, a egípcia, foi alvo de constantes ataques por parte principalmente de franceses e britânicos, a ponto de ser desenvolvida, durante os oitocentos, uma disciplina voltada especificamente ao estudo das sociedades egípcias antigas, a Egiptologia. Vercoutter (1992) afirma que a curiosidade por essa cultura teve origem nos relatos de viajantes europeus, que deixaram suas impressões sobre o Egito antes do século I e durante os séculos XVII e XVIII, e atingiu seu auge entre o final do século XVIII e o início do século XIX, devido à campanha de Napoleão no Egito. Os escritos sobre a região feitos pelo Barão Dominique Vivant Denon (1747-1825) e por membros da Comissão das Ciências e das Artes francesa, que acompanharam as forças expedicionárias napoleônicas, causaram uma enorme efervescência em toda a Europa, dando não somente material para o surgimento da Egiptologia, como também um impulso à egiptomania que tomou conta do continente.

O Egito ficou na moda literalmente da noite para o dia. Entre 1802 e 1830, uma dúzia de viajantes notáveis vieram da França, Inglaterra, Alemanha e Suíça para verem com seus próprios olhos as maravilhas reveladas por *Journey [in Syria and Egypt]*, livro escrito pelo conde de Volney e publicado

³⁰ No original: [...] as proven to be a clear lens through which to view the cultural currents of Enlightenment France from the end of the eighteenth century to the very beginning of the twentieth.

em 1787] e por *Description [of Egypt*, obra de nove volumes realizada pela Comissão das Ciências e das Artes e publicada entre 1809 e 1822], e os relatos e desenhos que trouxeram de suas viagens em dois anos ajudaram a manter o impulso da popularidade crescente do Egito (Vercoutter, 1992, p. 54, tradução nossa)³¹.

Essa nova obsessão europeia atraiu não somente curiosos, como também ladrões e caçadores de tesouros, que pilharam inúmeros documentos e artefatos de diferentes eras egípcias a serviço das elites econômicas, políticas e intelectuais da Europa. Se os museus da Europa, principalmente o Britânico e o do Louvre, e os egiptólogos tiveram acesso a antiguidades egípcias, foi por meio da compra de coleções e itens roubados de escavações a locais históricos da terra dos faraós. Com o desenvolvimento da Egiptologia e o contato com essa intrigante cultura, o Egito forneceu importantes peças á miscelânea que compunha os renascimentos ocultos francês e britânico. Os mesmos fatores que levaram a França ao fascínio pelo universo místico transcorreram na Grã-Bretanha, com algumas especificidades.

O aumento da industrialização, da produtividade agrícola e das reformas de bem-estar social significavam que as pessoas eram cada vez mais capazes de se envolver em atividades mais mundanas, como a aquisição de riqueza, e de promover o interesse no avanço científico. Junto a esse fascínio pelo materialismo, veio a negligência dos aspectos espirituais da existência. Eventualmente, houve uma reação contra esta ganância e a intelectualidade abraçou a crença supersticiosa e o ocultismo (Farley, 2009, p. 121, tradução nossa)³².

Entretanto, se o interesse pelo Egito era algo em comum para ocultistas franceses e britânicos, estes últimos adicionaram um novo elemento, que trouxe novos desdobramentos à história do tarô: o fascínio por culturas não só geograficamente, mas temporalmente distantes. Surge daí o entusiasmo renovado pela herança celta da Grã-Bretanha, dando início a um movimento que abrangeu Irlanda, Escócia, Bretanha, Cornualha, País de Gales e Ilha de Man: o Renascimento Céltico. Apesar de suas intenções políticas, essa mobilização não atingiu os estudiosos do tema, que buscavam, por meio dele, fugir das pressões do século XIX para uma época considerada menos apressada e mais simples (Farley, 2009). Pesquisadores e folcloristas

³¹ No original: Egypt became fashionable literally overnight. Between 1802 and 1830 a dozen travelers of note came from France, England, Germany, and Switzerland to see for themselves the wonders revealed by the *Journey and the Description*, and the accounts and drawings they brought back from their travels in two years helped to maintain the momentum of Egypt's growing popularity.

³² No original: Increased industrialisation, agricultural productivity and social welfare reforms meant that people were increasingly able to engage in more worldly pursuits such as the acquisition of wealth and to foster an interest in scientific advancement. In tandem with this fascination with materialism came a neglect of the spiritual aspects of existence. Eventually, there was a backlash against this cupidity and the intelligentsia embraced superstitious belief and occultism.

da cultura celta associaram-na a bruxaria, seres mágicos, superstições e ocorrências sobrenaturais, o que naturalmente levou à correlação entre o povo celta e o ocultismo local.

A primeira experiência para muitos dos britânicos com o ocultismo se deu em 1883, quando a Sociedade Teosófica (Sigis, 2023), de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e Henry Steel Olcott (1832-1907), fundou uma filial em Londres. Devido à tendência interna voltada a estudos orientais, membros insatisfeitos, que desejavam estudar e praticar cabala, alquimia, hermetismo e cristianismo esotérico, propuseram uma divisão interna, que foi rejeitada pelos superiores e resultou na separação do grupo dissidente, que fundou a Sociedade Hermética, liderada por Anna Kingsford (1846-1888), ex-presidente da filial de Londres da Sociedade Teosófica. Após sua morte em fevereiro de 1888, dois ocultistas relacionados ao grupo, Samuel Liddell MacGregor Mathers (1854-1918) e William Wynn Westcott (1848-1925) fundaram, no mesmo ano, com o também ocultista William Robert Woodman (1828-1891), “[...] um projeto mais prático e muito mais ambicioso – a criação de um corpo que combinasse o ensino ocultista com uma série de rituais interligados baseados nos estágios da *Árvore da Vida cabalística*” (Farley, 2009, p. 125, tradução nossa)³³: a Ordem Hermética da Aurora Dourada (Denisoff, 2013), que trazia influência não só das Sociedades Teosófica e Hermética, como também da organização maçônica *Societas Rosicruciana in Anglia* (Costa, c2024), da qual os três fundadores faziam parte.

Farley (2009) afirma que a Aurora Dourada surgiu, assim como outras sociedades ocultistas da época, como uma reação às deficiências das religiões convencionais e ao racionalismo científico, e mesmo tendo sido relativamente pequena, foi uma influência mais relevante que a maior parte dos grandes grupos ocultistas. Para Gerald Yorke (1984, p. IX, tradução nossa)³⁴, a Ordem Hermética da Aurora Dourada “[...] foi a maior glória do renascimento do ocultismo no século XIX. Sintetizou num todo coerente um vasto corpo de material desconectado e amplamente disperso e soldou-o num sistema prático e eficaz [...]”, que sintetizava cabala, magia enoquiana, alquimia, astrologia, rosacrucianismo e tarô. Este último assumiu posição de destaque na sabedoria esotérica da Ordem Hermética, sendo tanto usado para a prática mágica quanto para a previsão e a influência do futuro.

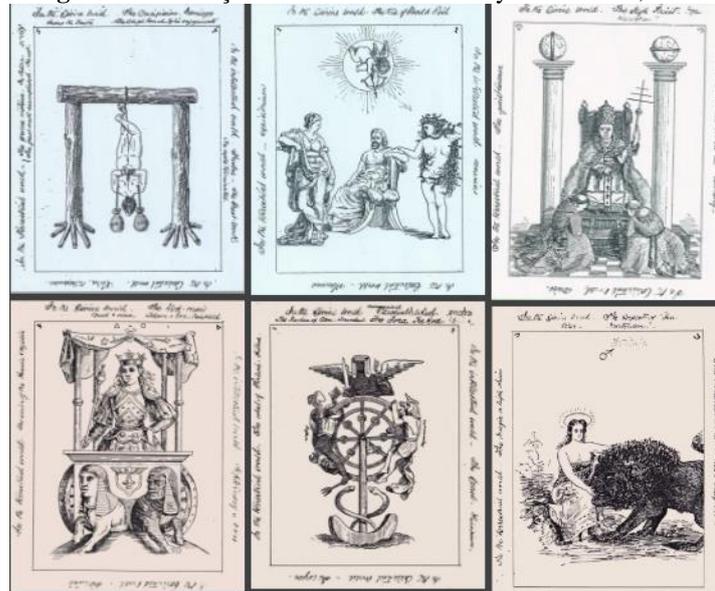
Antes de fundarem a Ordem, Westcott e MacGregor Mathers realizaram estudos envolvendo o tarô. Westcott, em 1886, pintou esboços dos trunfos do tarô inspirado pelas obras

³³ No original: [...] a more practical and far more ambitious project—the creation of a body that combined occult teaching with a series of linked rituals based upon the stages of the kabbalistic Tree of Life.

³⁴ No original: [...] was the crowning glory of the occult revival in the nineteenth century. It synthesised into a coherent whole a vast body of disconnected and widely scattered material and welded it into a practical and effective system [...].

de Etteilla e Éliphas Lévi, especialmente fazendo correlações do oráculo com a cabala semelhantes ao que o mago francês propôs; no ano seguinte, em “*Tabula Bembina, sive Mensa Isiaca*” (“Tábua Bembina, ou a Mesa Isíaca”), o autor baseia-se novamente em Lévi em seu tratado sobre o tarô, mas agora divergindo em alguns pontos. Já MacGregor Mathers lançou, em 1888, a primeira obra sobre ocultismo e cartomancia do Tarô publicada na Grã-Bretanha: “*The Tarot: Its Occult Signification, Use in Fortune-Telling and Method of Play*” (“O Tarô: Seu Significado Oculto, Uso na Divinação e Método de Jogo”). Nesse curto tratado, o autor não sugere nada novo, trazendo somente uma reunião de teorias anteriores sobre o oráculo de autores como Court de Gébelin, Etteilla, Éliphas Lévi, Paul Christian e Vaillant, mas estabelece a nomenclatura ocultista em inglês das cartas do tarô (Decker; Dummett, 2013).

Figura 13 - Esboços do tarô de William Wynn Westcott, 1886



Fonte: Álbum de fotos de Divona (Annick Van Damme) em seu perfil do Facebook³⁵.

Na Ordem Hermética da Aurora Dourada, as interpretações anteriores de seus fundadores sofreram fortes modificações. Para ascender na hierarquia do grupo, os iniciados deviam ter conhecimento do tarô, que trazia correspondências semelhantes às de Etteilla quanto aos naipes, mas diferia em todo o resto das teorias cabalísticas do tarô anteriores. A Aurora Dourada, apesar de não inaugurar a associação dos arcanos maiores às letras do alfabeto hebraico, foi a primeira a traçar equivalências entre os caminhos da Árvore da Vida e os trunfos. O sistema de magia da Ordem baseou-se inicialmente nos escritos de Éliphas Lévi e numa mescla entre cabala e hermetismo, mas novas informações, escritas principalmente por

³⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1519568924737387.1073741836.393675850660039>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MacGregor Mathers, aumentou o conjunto de conhecimentos místicos, que foi se diferenciando cada vez mais das tradições anteriores sobre o tarô. Este, que assume lugar de destaque como objeto de divinação e prática mágica, passou a ser compreendido como um instrumento capaz também de influenciar o futuro, o que tornava imprescindível a instrução adequada dos membros da Aurora Dourada quanto ao uso do oráculo. Além disso, o sincretismo em constante expansão do sistema mágica da Ordem foi refletido no simbolismo advindo de diversas fontes que figurava nas cartas do tarô. “Não havia mais nenhuma lembrança de que o baralho de tarô já havia sido usado para jogar. Na Aurora Dourada, era usado exclusivamente para adivinhação, magia ritual e meditação” (Farley, 2009, p. 136, tradução nossa)³⁶.

Com o crescimento e sucesso da Ordem Hermética da Aurora Dourada, novos membros juntaram-se ao grupo e futuramente causariam importantes influências nos rumos do tarô. Dentre eles, destacaram-se quatro nomes: Aleister Crowley (1875-1947), William Butler Yeats (1865-1939), Arthur Edward Waite (1857-1942) e Pamela Colman Smith (1878-1951). Aleister Crowley, mago talentoso e controverso que faz parte da Aurora Dourada entre 1898 e 1900, quando foi expulso da Ordem por sua conduta. Em 1909, Crowley publicou o “*Liber 777*” (“Livro 777”) e a primeira edição do jornal “*The Equinox*”, que revelaram ao público segredos da Ordem Hermética da Aurora Dourada, como os rituais, as instruções mágicas e as correspondências do tarô com as letras hebraicas (Farley, 2009). Dois anos antes, em 1907, fundou com o alquimista George Cecil Jones (1873-1960) a *Argentum Astrum*, ordem que se dedicava à evolução espiritual por meio da lei de Thelema (Crowley, 2018), uma filosofia espiritual cuja obra basilar é “O Livro da Lei”, escrito por Crowley – e ditado, segundo ele, por uma entidade chamada Aiwass – e publicado também em 1909. Esse livro, além de estabelecer os alicerces da doutrina fundada pelo mago, trazia menções a alguns arcanos maiores do tarô.

Porém, é somente em 1944 que Aleister Crowley publica um livro sobre o oráculo, “O Livro de Thoth”, no qual ele usa do sistema simbólico da Aurora Dourada para apresentar um tarô próprio reformulado, que continha uma síntese de astrologia, mitologias grega, romana e egípcio, cabala, gnosticismo, paganismo arturiano e celta, rosacrucianismo e hermetismo (Farley, 2009). Para as ilustrações, Crowley convidou Lady Frieda Harris (1877-1962), que, entre 1938 e 1942, incentivou o autor a refinar seus conceitos do tarô. Em julho de 1942, em Londres, as pinturas das cartas do Tarô de Thoth foram reveladas ao público em exposição na Berkeley Galleries (Decker; Dummett, 2013). Entretanto, nenhum dos criadores chegou a ver em vida o baralho publicado, o que só aconteceria em 1969, por intermédio de Grady Louis

³⁶ No original: There was no longer any remembrance that tarot the deck had once been used to play a game. In the Golden Dawn, it was used exclusively for divination, ritual magic and meditation.

McMurtry (1918-1985), thelemita e estudante da obra de Crowley. A tentativa de Harris de expressar o caráter abstrato dos simbolismos místicos por meio de ilustrações influenciadas de proposta surrealista soma-se à complexidade dos temas simbólicos e mágicos unificados por Crowley e torna esse um dos *decks* mais audaciosos e atraentes dos que surgiram como influência da Ordem Hermética da Aurora Dourada.

Figura 14 - Cartas do Tarô de Thoth, de Aleister Crowley e Lady Frieda Harris, edição da A. G. Muller, 1978.



Fonte: Acervo de Vladimir Strannikov publicado no site Trionfi³⁷.

Já o poeta irlandês William Butler Yeats (1865-1939), estudioso da literatura irlandesa e do folclore celta, não criou um baralho de tarô, mas foi um dos pioneiros na vinculação do oráculo ao simbolismo celta em suas obras literárias, algo que se tornaria popular nas décadas seguintes e que se expandiria ainda mais com os estudos de Arthur Edward Waite (1857-1942) (Farley, 2009). O tradutor e escritor de obras ocultistas entrou em 1891 na Ordem Hermética da Aurora Dourada, mas, após sair da associação e voltar novamente, sempre mantendo uma relação problemática com Westcott e Mathers, organizou uma conspiração com outros dois membros da Aurora Dourada em 1903, que resultou na divisão do grupo entre os que davam preferência às operações mágicas, que formaram a ordem Stella Matutina, da qual Yeats fez parte, e aqueles que focavam no estudo do misticismo e ocultismo, abandonando o trabalho mágico, formaram o Rito Independente e Retificado da Aurora Dourada, liderado por Waite (Decker; Dummett, 2013). Após dez anos conturbados, o Rito foi dissolvido em 1914.

O fato de não ser mais parte da antiga sociedade secreta e a publicação de segredos da Aurora Dourada por Aleister Crowley em 1909 fez com que Waite se sentisse seguro para

³⁷ Disponível em: <http://a.trionfi.eu/WWPCM/decks05/d02420/d02420.htm>. Acesso em: 20 jan. 2024.

publicar seu próprio tarô sem violar os segredos da Ordem. Para ilustrá-lo, o ocultista escolheu um membro do Rito Independente que faz parte da Ordem Hermética da Aurora Dourada desde 1901: Pamela Colman Smith, que tinha estudado arte no Instituto Pratt, no Brooklyn, EUA. Ela recebeu um valor fixo para realizar o trabalho, que foi lançado ao final de 1909 e ficou popularmente conhecido como Tarô de Rider-Waite, Rider-Waite-Smith ou Waite-Smith³⁸. Ainda que o baralho tenha sido metodicamente descrito por Waite em relação aos arcanos maiores, a seção dos arcanos menores careceu do mesmo rigor, dando a Smith uma maior maleabilidade para desenvolvê-los. Para isso, a artista “[...] precisou preencher lacunas por não possuir acesso completo aos textos que elucidariam o caráter interpretativo do tarô: alguns dos símbolos trazidos por ela estão presentes no conteúdo do Liber T³⁹, mas muito do que é ilustrado por ela evade este escopo” (Xavier, 2021, p. 19-20).

Para divulgar a publicação do baralho, Waite publicou um pequeno ensaio na revista “*Occult Review*” chamado “*The Tarot: a Wheel of Fortune*” (“O Tarô: uma Roda da Fortuna”), no qual informava que o *deck* desenhado pela hábil artista Pamela Colman Smith buscava retificar o simbolismo e que a doutrina secreta do tarô é de todos os povos e eras (Decker; Dummett, 2013). Para acompanhar o baralho, Waite escreveu um pequeno livro, “*The Key to the Tarot*” (“A Chave para o Tarô”), em que ele refutava as teorias de origem anteriores do tarô, sendo o primeiro a defender que o baralho não surgiu antes do século XIV e que não havia evidências anteriores a Gébelin que atribuísem qualquer significado divinatório ou esotérico às cartas. Porém, ele reitera que o tarô é um objeto místico que não deve ser usado para adivinhação, pois seu propósito é a transmissão de algo muito mais profundo. Essa obra seria publicada em 1910 e reeditada em 1911 em edição expandida como “*The Pictorial Key to the Tarot*” (“A Chave Pictórica para o Tarô”), que trazia todos os desenhos de Smith em preto e branco. Essa obra foi reimpressa ao menos até 1972 e o baralho Waite-Smith, além de ser o primeiro tarô comercialmente disponível na Inglaterra, tornou-se o mais popular do mundo.

No Tarô de Waite-Smith, os arcanos menores ganharam destaque, deixando de trazer somente repetições das imagens do naipe equivalente para conter representações pictóricas semelhantes aos seus significados divinatórios, o que facilitava o uso do tarô para a adivinhação

³⁸ O Rider refere-se ao editor da primeira publicação, William Rider & Son, e a junção dos nomes Rider-Waite foi por muito tempo a mais utilizada para se referir ao baralho. Foi principalmente a partir da década de 2010 que o sobrenome de Pamela Colman Smith passou a ser usado para nomear o *deck*, num esforço de combater o apagamento de uma personagem feminina relevante para a história do tarô. Assim, hoje em dia, as nomenclaturas Rider-Waite-Smith ou Waite-Smith são as mais adequadas a serem utilizadas.

³⁹ O Liber T, ou Livro T, era um documento que continha o conhecimento que aqueles que estivessem prontos para ingressar no segundo nível da Ordem Hermética da Aurora Dourada deveriam adquirir, com vários conteúdos voltados às cartas da corte e numeradas do tarô (Farley, 2009).

e conseqüentemente o elevou à posição de baralho mais indicado aos iniciantes na leitura do oráculo. Seu simbolismo mesclava caracteres da Ordem Hermética da Aurora Dourada, da Maçonaria (da qual Waite fazia parte), do Rosacrucianismo, do hinduísmo, da cabala, da astrologia, do misticismo cristão, da cultura celta, além de conter influências das ideias de Éliphas Lévi, Paul Christin e Papus. Waite acreditava que o simbolismo do tarô era um reflexo da iniciação mística, funcionando como uma metáfora para o renascimento espiritual. Em 1926, no artigo “*The Great Symbols of the Tarot*” (“Os Grandes Símbolos do Tarô”), ele afirmaria que não havia verdades ocultas, e sim místicas, no tarô, além de declarar que não acreditava na correspondência entre o alfabeto hebraico e os símbolos dos arcanos maiores; na verdade, os paralelos podiam ser feitos entre os naipes do tarô e as relíquias do Graal e os Talismãs do misticismo celta (Farley, 2009). Por fim, o autor também formulou um dos mais populares métodos de tiragem das cartas de tarô para adivinhação usada até hoje, a Cruz Celta.

Figura 15 - Cartas do Tarô de Rider-Waite-Smith, edição entre 1920 e 1930, pertencente à Biblioteca Frances Mulhall Achilles da Museu Whitney de Arte Americana



Fonte: Palumbo, 2022

O tarô também foi objeto de estudo de círculos ocultistas e sociedades esotéricas de outros países, como Alemanha, Rússia e Estados Unidos, porém nenhum desenvolvimento teve a mesma relevância que os Renascimentos Ocultos francês e britânico (Farley, 2009). Se a tradição francesa deu início ao tarô esotérico e ao seu uso para a divinação, os círculos britânicos foram palco do surgimento e da estruturação de novas interpretações do tarô, adicionando outros elementos a um já rico sistema místico herdado dos ocultistas da França. Por meio do legado deixado pela Ordem Hermética da Aurora Dourada e suas ramificações, desdobramentos inesperados foram observados em relação ao tarô, que assumirá papéis dos mais variados no decorrer do estrondoso e surpreendente século XX. Porém, antes do despertar dos novecentos,

o tarô chegaria a um novo local do outro lado do Oceano Atlântico, onde assumiria um papel cultural cada vez mais importante.

1.3 O TARÔ NO BRASIL: ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DO ORÁCULO NO PAÍS

Apesar de ser um dos oráculos mais populares do Brasil, há poucos estudos sobre o tarô no campo da História relativos à presença do baralho em território nacional. Em pesquisa bibliográfica sobre produções brasileiras acerca do tarô indexadas no mecanismo de busca Google Acadêmico, que reúne e faz uma listagem de conteúdos de diversos tipos utilizados academicamente como fonte de pesquisa ou referência bibliográfica e disponíveis em inúmeros repositórios científicos digitais do mundo todo, pesquisamos, utilizamos as ferramentas avançadas de pesquisa da plataforma para delimitar somente resultados publicados em língua portuguesa, que tenham sido lançados entre os anos de 2012 e 2022 e nos quais os termos “tarô” ou “tarot” aparecessem no título da produção (Vilas-Boas Oliveira, 2023). Observou-se, nessa análise, que, dentre 74 resultados, apenas três partiam de uma perspectiva histórica, sendo estes exclusivamente no campo da História da Arte. Já em pesquisa posterior realizada com os mesmos parâmetros, mas uma nova delimitação temporal – de 2023 em diante –, foram constatadas 12 produções, sendo destas uma sobre História da Arte e o trabalho de revisão bibliográfica citado anteriormente, consistindo nas duas únicas produções historiográficas sobre o oráculo. Vale ressaltar que as quatro publicações de História da Arte não abordam a história do tarô no Brasil, de forma que esta é uma grande lacuna em relação ao estudo do baralho.

Num esforço de tentar traçar, em linhas gerais, o percurso histórico do tarô em território nacional, ainda que não haja produções acadêmicas e literárias voltadas a esse tópico, utilizamos abordagens realizadas em artigos, dissertações e livros sobre tarô que trouxeram um apanhado da presença do tarô no Brasil, a exemplo dos trabalhos de Cavalcanti (2022), Naiff (2002) e Souza (2016), além de textos da nova edição de “O Tarô Adivinhatório” (Ramachandra, 2022; Riemma; Chioda, 2022), que contam sobre as primeiras edições desta obra que trouxe o primeiro baralho de tarô editado no Brasil. Também recorreremos a artigos e matérias de alguns jornais brasileiros de grande circulação, publicados entre meados do século XIX e a década de 1980, os quais ajudam a delinear o início da abordagem do tarô enquanto tema da mídia brasileira e seu processo de popularização em território nacional.

Para o estudo de um campo pouco investigado no país, os jornais figuram como importantes fontes, pois, por meio deles, pode-se compreender e identificar processos sociais que são raramente encontrados de forma detalhada em fontes de outra natureza (Leite, 2015). Entretanto, o uso de periódicos sem uma crítica adequada aponta para uma instrumentalização do objeto, que passa a ser compreendido como um simples repositório de informações, e não um produto cultural com seu próprio discurso; afinal,

[...] os jornais não transmitem apenas informações. Eles também comunicam ideias e valores, e através destas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses – não necessariamente um único setor de interesses, mas sim um campo de interesses no interior do qual diversos fatores interagem. [...] A informação transmitida pelos jornais mescla-se com a elaboração de um discurso, com a comunicação de valores e ideias, com os projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos (Barros, 2021, p. 425).

A seleção dos jornais a serem pesquisados teve como base as informações presentes na obra “História da Imprensa no Brasil” (Martins; Luca, 2012), atendo-se àqueles disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira ou outros arquivos digitais de acesso público e que fossem publicados no período estipulado. A ideia era selecionar um periódico que atendesse tais requisitos de cada um dos quatro principais centros urbanos brasileiros desses momentos históricos (Recife - PE, Rio de Janeiro - RJ, Salvador - BA e São Paulo - SP), mas os jornais baianos não atenderam aos parâmetros estabelecidos, de forma que foram escolhidas apenas três publicações: “Diário de Pernambuco” (Recife – PE), “Jornal do Commercio” (Rio de Janeiro – RJ) e “O Estado de S. Paulo” (São Paulo – SP). Além disso, também foi realizada uma busca por período, abarcando o final do século XVII e meados do século XVIII, em todos os jornais de acervo da Hemeroteca Digital Brasileira para detectar as primeiras menções ao tarô nos periódicos presentes na plataforma.

Em relação ao tratamento dado aos jornais e matérias pesquisados, buscamos não instrumentalizar as informações encontradas, atentando-se a contextos específicos dos dados encontrados em jornais com posicionamentos mais perceptíveis em relação ao baralho - ou seja, em casos que a menção ao tarô não estivesse limitada a anúncios, mas presente em artigos de opinião, notícias, colunas; em suma, textos jornalísticos em que há um posicionamento perceptível de seu autor em relação ao objeto aqui estudado. Além disso, dividimos a obtenção dos dados em dois grupos: o primeiro, relativo às primeiras informações encontradas sobre o tarô na imprensa brasileira do século XIX, contou com uma seleção ampliada dos periódicos pesquisados, limitando-se somente àqueles disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital

Brasileira. Já o segundo grupo foi formado pelos jornais selecionados de acordo com os parâmetros estabelecidos no parágrafo anterior, buscando perceber mais atentamente o discurso presente nesses meios de comunicação sobre o tarô, a fim de entender como este influenciou ou representou os grupos sociais para os quais tais publicações eram direcionadas, buscar um entendimento um pouco mais verossímil do modo como o oráculo se inseriu e se capilarizou na sociedade brasileira, e correlacionar as informações e os discursos com os dados obtidos nos livros, artigos e dissertações que abordam tangencialmente o tema.

A investigação desses jornais foi realizada por meio da busca de palavras-chave exatas (“tarot”, “tarô”, “tarote”, “tarologia”, “taromancia”, “tarólogo”, “taróloga”, “tarotista”, “taronista”), possibilitada pela tecnologia OCR (*Optical Character Recognition*, ou, traduzindo ao português, Reconhecimento Ótico de Caracteres), que incrementa a pesquisa textual em periódicos digitalizados. Há algumas limitações dessa tecnologia, que muitas vezes faz um reconhecimento equivocado de termos visualmente semelhantes (exemplo de “tarot” e “tarde”) e em algumas situações deixa de listar alguns resultados que correspondem às palavras-chave buscadas, porém é uma ferramenta extremamente útil e que traz uma funcionalidade essencial para a realização dessa pesquisa exploratória.

Tendo em vista que o foco desse trabalho não é a construção de uma História do tarô no Brasil, haverá algumas lacunas quanto ao aprofundamento dessa temática; porém, esperamos que a reunião de informações que será feita a seguir funcione como um incentivo e um ponto de partida ao desenvolvimento de estudos voltados ao tema, a fim de que, num futuro próximo, tenhamos as primeiras produções acadêmicas voltadas à presença histórica desse oráculo em nosso país.

1.4 EM TEMPOS DO IMPÉRIO: CHEGADA DO TARÔ NO BRASIL

As informações acerca da entrada do tarô no Brasil são, além de escassas, fontes de especulações. Primeiramente, as menções mais antigas ao baralho encontradas nos periódicos digitalizados pela Hemeroteca Digital Brasileira datam de meados do século XIX, sendo citações em anúncios de sibilas e cartomantes especializadas no uso do tarô para a previsão do futuro. Podem ser feitas apenas especulações da entrada do tarô no Brasil anteriormente ao período imperial brasileiro, visto que não foram descobertos vestígios que apontem para essa possibilidade de existência de cartas do oráculo na colônia portuguesa, além do fato que a relação da metrópole com esse baralho difere do que foi visto com outros países da Europa.

Como foi dito anteriormente nesse trabalho, a história do tarô e das cartas de jogar se confundem, visto que o primeiro é uma espécie de desenvolvimento a partir desses jogos que se popularizaram em toda a Europa durante os séculos XIV e XV. Em Portugal, cuja história como metrópole colonial do território brasileiro se estende desde o século XVI até o início do século XIX, as primeiras menções encontradas sobre as cartas para jogo surgem no final do século XV, sendo uma de 23 de dezembro de 1481, presente nas “Vereações da Câmara Municipal de Funchal: século XV”, em que consta que Martim Leme, membro de uma abastada família portuguesa, foi surpreendido jogando cartas, prática legalmente proibida (Leme, 2008; Frazão, 2014), e outra de 1490:

Garcia de Rezende relata a severidade com que D. João II, em 1490, mandou queimar as casas do cavaleiro Diogo Pires e de outros moradores na Praça da Palha em Lisboa, porque nelas “se jogavam dados, cartas e outros jogos, com que Deus era desservido e seu santo nome renegado, e de nossa Senhora, e dos Santos blasfemados” (Campos, 2008, p. 520-521).

Ainda segundo Campos (2008, p. 527), sabe-se que “[...] os jogos de cartas eram conhecidos em Portugal no século XIV [...]”, sendo possível que estes já fossem praticados antes, “[...] considerando-se que provavelmente tais jogos tenham sido introduzidos na Península Ibérica com a conquista islâmica”. Nesse período, na Península Ibérica, eram produzidas as “cartas do dragão” ou “cartas portuguesas”, que tinham origem provavelmente italiana e constavam com um padrão diferente do encontrado nos baralhos atuais; esse tipo de carta popularizou-se no mundo por meio das navegações portuguesas, fazendo-se presentes e influentes a partir do século XVI em regiões como Japão, Java, Indonésia e Brasil (Wintle, 1996b; Dummett, 1980).

Esse “baralho do dragão” zarpou para o Oriente e para o Brasil, nos bolsos dos marinheiros das armadas de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral e, no século XVI, era manufaturado no Japão, onde ainda nos nossos dias se joga com os seus “sucessores”. O rasto do “baralho do dragão” e dos jogos que com ele se praticavam pode vislumbrar-se também na língua de vários grupos étnicos, do Índico ao Pacífico, para não falar, evidentemente, do óbvio Brasil. A designação das cartas, dos jogos e dos passes de jogo pode seguir-se, em português, desde a costa oriental da África, passando pela Índia, Malaca, Celebes, Sri Lanka, Camboja, até chegarmos ao Japão (Frazão, 2014, p. 142).

Associado a blasfêmia, pecado e comportamentos reprováveis pela Igreja Católica e pelas esferas jurídicas e administrativas do reino português (Campos, 2008), os jogos de azar, dentre eles as cartas de jogar, eram constantemente proibidos por lei durante a Idade Média e a primeira metade da Idade Moderna. Apesar disso, textos e documentos relatam que as cartas continuaram sendo fabricadas e jogadas por reis, nobres e plebeus. Com a manutenção dessa

proibição, a partir de 1603, o rei Filipe II instituiu o contrato das cartas de jogar e solimão⁴⁰, estabelecendo assim o estanco, que era o monopólio de produção e venda para fabricantes particulares (Barcelos, 2013). Tal tipo de relação contratual findou em 16 de dezembro de 1769, quando o secretário de Estado de D. José I, Marquês de Pombal, extinguiu-o e deixou o Estanco das Cartas de Jogar a cargo da Impressão Régia (Portugal, 1829d), que foi criada por alvará real de 24 de dezembro de 1768 (Portugal, 1829a). Sob a Impressão Régia, estava a Real Fábrica de Cartas de Jogar, criada pelo regime pombalino em 31 de julho de 1769 (Portugal, 1829b) e responsável pela exclusividade de produção de baralhos no império português. Os funcionários da Real Fábrica teriam a permissão real de fabrico e venda das cartas de jogar, as quais seriam permitidas para o jogo somente se de origem dessa instituição; além disso, seria-lhes permitido tais privilégios em todo o império português, incluídas aí as colônias, como o Brasil. Assim, é possível concluir que com essas regras, estabelecidas em alvará do dia 6 de agosto de 1770 (Portugal, 1829c), aprovou-se a impressão de cartas de jogar em território brasileiro.

Apesar da tiragem de baralhos ser permitida por lei somente em 1770, eles já estavam presentes no Brasil, trazidas por portugueses e estrangeiros ou impressas ilegalmente por fabricantes locais (Wintle, 2010). Um novo e importante episódio nessa relação acontece em 13 de maio de 1808, quando um decreto do príncipe regente D. João, que havia se estabelecido no Rio de Janeiro com a família real portuguesa ainda naquele ano devido às ameaças de Napoleão Bonaparte, regulamenta a Impressão Régia no Brasil (Portugal, 1826). Em 1811, a Real Fábrica das Cartas de Jogar foi anexada à Impressão Régia, incorporando também, por decreto de 31 de outubro de 1811, uma oficina de cartas de jogar pertencente a Jayme Mendes de Vasconcellos e deixando a tiragem de baralhos sob responsabilidade da instituição real (Glass, 2017; Freitas, 1878). A venda de cartas era um negócio lucrativo, sendo um produto que gerava uma importante receita aos cofres reais. Nesse sentido, os balanços da receita do Tesouro Público do Rio de Janeiro trazem alguns dados interessantes, relativos ao ano de 1821, sobre esse comércio: em abril, 2:500\$000 réis da receita equivalente ao período entre 1º e 26 de abril, do item “Dito das Cartas de Jogar”, corresponderam a 0,7% da receita total de 327:594\$666 réis arrecadada no mesmo período (Gomes, 1821c); em julho, o item “Dizimos, Cartas de jogar e outros” equivalia a 18:334\$855 réis, que representava 4,1% da receita de 443:704\$178 réis (Gomes, 1821b); em outubro de 1821, 16,7% da receita do mês era relativa ao item “Dizimos, Contracto das Cartas de jogar e outros”, que correspondeu a 57:861\$290 réis dos 346:701\$011 arrecadados (Gomes, 1821a); já o correspondente a novembro trazia

⁴⁰ Cloreto de mercúrio II ou sublimado corrosivo. Insumo utilizado para a fundição de ouro cuja fabricação era controlada e fiscalizada pela Coroa Portuguesa.

13:425\$600 réis no item “Dizimos, e Contracto das cartas de jogar” dos 272:716\$801 réis obtidos como receita naquele mês, o que era o equivalente a 4,9% do montante (Gomes, 1822). Apesar da variação de participação desse negócio nos lucros da receita governamental, pode-se observar sua importância econômica, sendo um mercado com um bom quantitativo de consumidores. Inclusive, para o ano de 1822, a estimativa imperial era de uma receita de 60:000\$000 réis das cartas de jogar para Portugal, que corresponderia a 0,8% dos 7.232:000\$000 réis totais de receita (Costa, 1822, p. 142).

Devido à movimentação financeira em torno da produção de cartas de jogar, o contrabando de baralhos estrangeiros e a fabricação ilegal tornaram-se um problema para o império durante a década de 1810. Um episódio é exposto em carta régia de 2 de abril de 1811, por ordem do príncipe regente, do conde de Linhares ao conde dos Arcos, governante da capitania da Bahia, na qual se tem ciência de um requerimento feito por Manoel Antônio da Silva Serva, administrador da Real Fábrica das Cartas de Jogar na Capitania da Bahia, sobre contrabando de cartas realizado por Jozé Libório de Souza e Jozé Ferreira da Silva Feio, que tinham uma fábrica clandestina em Salvador, causadora de grave prejuízo à Real Fazenda, segundo informado pelo administrador do Real Erário de Lisboa, conde do Redondo (Bahia, 1811). Os utensílios apreendidos dessa fábrica seriam utilizados anos depois, na Régia Oficina Tipográfica e na Real Fábrica das Cartas de Jogar, por ordem do príncipe regente presente em carta do marquês de Aguiar ao conde dos Arcos, de 22 de julho de 1815 (Bahia, 1815). Além disso, em 1813, Serva já agia contra a fabricação de cartas falsas:

Manoel Antonio da Silva Serva, Administrador Geral das Cartas de jogar desta Capitania, suspeita haver quem faça cartas falsas; e como pretende cumprir com os seus deveres de bom vassallo de S. A. R., visto estar incumbido deste ramo da Real Fazenda, por isso declara, que qualquer pessoa que mostrar aonde se fazem as ditas cartas, se obriga a dar de premio a quantia de 100\$ réis em dinheiro, e qualquer pessoa que mostrar aonde se vendão as cartas, sejam falsas, ou verdadeiras, sem legitima authoridade offerece 50\$ réis com as mesmas condições acima ditas, &c (Serva, 1813a, p. 10).

Em 25 de junho do mesmo ano, devido à falta de denúncias, Serva duplicou o valor das recompensas: “[...] todo [...] denunciante, que lhe designar o lugar [...] aonde se fabriquem Cartas falsas, receberá [...] 200\$ reis de premio, e 100\$ reis a quem lhe noticiar quem as recebe de fora por contrabando, e vende sem legitima authoridade: isto no caso de apreensão” (Serva, 1813b, p. 4). Também se sabe da preocupação com a existência de baralhos estrangeiros no Rio de Janeiro por aviso na Gazeta do Rio de Janeiro, no dia 25 de novembro de 1815:

O Administrador da venda das cartas de jogar da Real Fabrica do Rio de Janeiro, faz saber que constando-lhe haver nesta Provincia cartas de jogar vindas de fora do paiz por contrabando; elle convida seus donos a apresentarem-se a elle dentro de oito dias contados de hoje, para as fazerem embarcar para fora dos Dominios de S. A. R. o Príncipe Regente Nosso Senhor: e offerece de premio cem mil réis a quem lhe denunciar onde parão semelhantes cartas, findo o dito prazo: na certeza de que seus nomes ficarão em segredo (Aviso, 1815, p. 4).

Em 11 de junho de 1817, um aviso régio presente na “Gazeta do Rio de Janeiro”, por parte da Junta Directória da Régia Oficina Tipográfica e Real Fábrica das Cartas de Jogar, informa sobre a existência de estanqueiros – que adquiriam a permissão para a venda de cartas de jogar – que estavam comercializando baralhos com preços maiores ou menores do que os taxados pelo governo, o que prejudicava o império, o público e os próprios estanqueiros, que foram ameaçados de perder seu privilégio se continuassem praticando tal ilegalidade (Junta Directoria da Regia Officina Typographica e Real Fabrica das cartas de jogar, 1817). Nesse mesmo ano, ainda haveria mais denúncias de contrabando de cartas na Bahia (Wintle, 2010).

Os riscos de perda financeira devido ao contrabando, à produção clandestina e à ação ilegal de alguns estanqueiros fez com que o império português tomasse novas medidas. Em decreto de 7 de março de 1818, a pena “[...] a todos aquelles que Contractarem, venderem, tiverem em casa, ou jogarem público, e ainda particular, com Cartas [...]” que não fossem produzidas e vendidas pelo Real Contrato das Cartas de Jogar, seriam punidas com “[...] encurso na pena de cem mil réis, e 5 annos de degredo para o Reino de Angola [...]” (Costa, 1819, p. 5), buscando assim dirimir as práticas ilegais em torno das cartas de jogar. Em 1818, a Real Fábrica de Cartas de Jogar foi arrendada para Jayme Mendes de Vasconcellos por nove anos, mas, devido ao não pagamento do contrato, este foi encerrado em 1823 (Glass, 2017; Wintle, 2010). Agora independente de Portugal e comandando pelo imperador D. Pedro I, o governo brasileiro, após o não cumprimento do acordo por Vasconcellos, decide dar fim ao monopólio.

Havendo-se effectuado a encampação de Contracto das Cartas de jogar pelos ponderosos motivos allegados pelos ultimos Contractadores, e como, em razão das actuaes circumstancias, e emquanto se não ceusegue a tranquillidade, e descanso tão necessario para o progresso de todos os ramos de industria, seja difficil o fixar-se qual seja mais vantajoso, se a administração, ou Contracto desta renda Publica: Manda S. M. o Imperador pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, que o Desembargador do Paço Juiz da Alfandega admitta a despacho as Cartas Estrangeiras, sendo carimbados os baralhos em uma Carta determinada, e reputadas de contrabando, e como taes aprehendidas, as que nao tiverem o carimbo, pagando-se os competentes direitos de entrada, que seram lançados em conta separada, para que unido o seo producto annual ao das outras Províncias do Imperio, as quaes se expedem Circulares a este respeito, se possa computar o seo rendimento, e regular-se o que melhor convier sobre este objeto (Brasil, 1823, p. 291).

No ano seguinte, seria autorizado o estabelecimento da primeira fábrica de cartas particular, comandada por Angelo Bissum, Manoel Luiz de Castro e Antonio José Policarpo (Brasil, 1824). O Brasil independente continuaria vivendo uma empolgação pelas cartas de jogar, o que pode ser percebido pelos carregamentos que chegavam de outros países e pelos anúncios de venda e leilão de baralhos e utensílios para sua produção no “Diário do Rio de Janeiro” durante as décadas de 1820 e 1830 (Diário do Rio de Janeiro, 1821-1839). Aliás, em fevereiro de 1829, as cartas de jogar constavam na lista dos gêneros de maior consumo no Rio de Janeiro, porém a preferência era pelas cartas estrangeiras, e não as produzidas em território nacional (Biffes, 1829). Mas chama atenção um anúncio de livros à venda veiculado no “Diário do Rio de Janeiro” no dia 24 de novembro de 1826: encontrava-se disponível para compra no sobrado número 130 da rua Direita a obra em francês “Arte de adivinhar o futuro por meio das cartas de jogar” (Livros, 1826). Seria o título traduzido de uma das obras de Etteilla ou um livro de algum outro cartomante? Não é possível afirmar. O que se pode confirmar é que, se as cartas de jogar despertavam grande interesse no Brasil, a cartomancia começava a surgir e tendia a se tornar igualmente popular.

A obra lançada por Etteilla na França em 1770 ilustrava uma tendência do período de interesse não só pela cartomancia, mas pelo sobrenatural em geral. Mary Del Priore (2014) ressalta como a sociedade francesa do século XVIII foi marcada pela ascensão e redescoberta de movimentos e práticas como o espiritismo, o sonambulismo, o mesmerismo, a previsão do futuro, a magia, entre outros. A autora acredita que muitas dessas práticas, como a própria cartomancia, chegaram ao Brasil por meio dos franceses, que, apesar de já terem uma relação com o país desde o século XVI, emigraram efetivamente ao território brasileiro a partir do início do século XIX.

As primeiras levas do movimento emigratório francês datam do final das guerras napoleônicas, quando este lado do Atlântico foi percebido como território para novas possibilidades de trabalho. Rio de Janeiro, Salvador e Recife receberam engenheiros, artesãos, artistas e comerciantes, que imprimiram marcas na cultura e no cotidiano daquelas capitais. Particularmente São Paulo [...] passou a receber franceses de procedência vária, que implantaram novos hábitos e práticas no espaço urbano que se socializava e demandava mudança. [...] Não vieram em número expressivo, e, sim, qualitativo, cultivando novos hábitos e imprimindo marcas de civilidade na cidade que progressivamente se aparelhava como capital dos negócios do café (Martins, 2009, p. 29-30).

Apesar do trecho anterior ter um maior foco na mudança provocada pelos franceses em São Paulo, é importante lembrar que, dentre os primeiros franceses que chegaram ao Brasil no

século XIX, estava o grupo que formou a chamada Missão Artística Francesa de 1816. Sua influência não se deu somente na arte e na estética, como também na cultura brasileira, abrindo espaço para uma maior entrada da literatura francesa no Brasil. Com o aumento do consumo das principais produções literárias que faziam sucesso do outro lado do Atlântico, não demoraria muito tempo para que obras sobre cartomancia, que faziam grande sucesso nos círculos parisienses, fossem chegar também ao território brasileiro.

A partir da década de 1840, a cartomancia volta a figurar como interesse daqueles fascinados pelos mistérios da adivinhação e da sorte. Em crônica presente na edição do dia 24 de junho de 1894 do jornal “Gazeta de Notícias”, publicado no Rio de Janeiro, Machado de Assis (2018, p. 163-164) rememora o ano de 1841:

Remontemos ao dito ano de 1841. Aqui está uma folha do dia 23 de junho. Como é que veio parar aqui à minha mesa? [...] Esta desfaz-se de velha; não tanto, porém, que se não leiam nela os anúncios de livros de sortes. É o *Fado*, que a casa Laemmert publicava, quando estava na rua da Quitanda, um livro repleto de promessas, que mostrava tudo o que se quisesse saber a respeito de riquezas, heranças, amizades, contendias, gostos. Aqui vem outro, o *Novíssimo jogo de sortes*, “por meio do qual as senhoras podem vir ao conhecimento do que mais lhes interessa saber, como seja o estado que terão na vida, se encontrarão um consorte que as estime e respeite, se terão abundância de bens de fortuna, se serão felizes com amores”. Cá está *A mulher de Simplício*, que dava uma edição extraordinária “com mais de mil sortes”. Eis agora o Oráculo das senhoras, conselheiro oculto, diz o subtítulo, e acrescenta: “respondendo de um modo infalível a todas as questões sobre as épocas e acontecimentos mais importantes da vida, confirmado pela opinião de filósofos e fisiologistas mais célebres, Descartes, Buffon, Lavater, Gall e Spurzheim”.

Nesse texto, o autor relembra de sua infância, quando as noites de São João eram caracterizadas pelos jogos de sortes, leituras de oráculos e práticas relativas ao sobrenatural. Isso pode ser constatado nas publicidades de venda de livros de artes ocultas. Dentre os anúncios do Jornal do Commercio, por exemplo, divulga-se a nova edição de “O Fado, ou jogo de sortes engraçadas”, uma das obras citadas por Machado de Assis em sua crônica, sendo um livro “composto por uma sociedade” autodescrito como “um gostoso entretenimento às companhias sociaes e divertidas; dedicado a todas as pessoas, que em bela sociedade quiserem rir-se com os disparates d’uma fortuita sorte” (O Fado, 1845, p. 1). Enquanto as primeiras edições, publicadas pelo menos desde 1841 pela casa Laemmert (Assis, 2018), traziam um conjunto de respostas a determinadas perguntas que de homens e mulheres feitas a um jogo de sorte com três dados, a quarta edição brasileira trazia como suplemento “A cartomancia ou Arte de ler o futuro nas cartas” – talvez a tradução do título francês que estava à venda no anúncio de 1826 citado anteriormente. É interessante notar que os anúncios de venda dessas edições de

“O Fado”, estando acompanhados ou não de divulgação de livros de sortes como os citados por Machado de Assis e outros – “Livro do Destino”, “O Nigromante”, “Oraculo das Senhoras”, “Revelações do Cigano”, “Pacotilha poética”, “Oraculo de Napoleão” –, são quase sempre encontrados em edições jornalísticas publicadas no mês de junho, relacionando essas práticas às festas de Santo Antônio, São João, São Pedro e Santa Ana⁴¹ (Anuncios, 1845a; Anuncios, 1845b; Anuncios, 1845c; Anuncios, 1845d; Jornal do Commercio, 1845-1859; Vendas, 1848; Vendas, 1849). Outras produções surgiram a partir da década de 1850 trazendo a cartomancia como tema ou como suplemento, a exemplo do “Livro dos Sonhos”, vendido pela Livraria Garnier, que também trazia “A cartomancia ou Arte de ler o futuro nas cartas” como anexo, e as folhinhas sobre cartomancia vendidas pela casa Laemmert (Anuncios Diversos, 1859a; Anuncios Diversos, 1859b; Anuncios, 1859; Correio da Tarde, 1857- 1858; Correio Mercantil, 1853-1861; Diario do Rio de Janeiro, 1854-1858; Jornal do Commercio, 1845-1859).

Em maio de 1856, um anúncio no Jornal do Commercio prenuncia a entrada de um novo baralho em território brasileiro:

E. e H. Laemmert têm a honra de anunciar que se acha no prélo e sahirá brevemente à luz, para servir de divertimento e passatempo interessante nas NOITES DE S. JOÃO E SANTO ANTONIO, um lindo jogo novo e variado, intitulado: A PYTHONISSA DE PARIS: Cartas da celebre cartomante Mlle. Lenormand de que ella se servia para predizer os acontecimentos os mais importantes do futuro. Foi ella quem vaticinou a Napoleão a sua exaltação e gloria, e quem annunciou a Frederico Guilherme III da Prussia + 1840 + como o anno de sua morte. Consta este jogo de um baralho de 36 cartas coloridas com a explicação em portuguez (Anuncios, 1856, p. 3).

A partir do mês seguinte, anúncios da disponibilidade do baralho Lenormand para venda torna-se comum em outros jornais do Rio de Janeiro, como o “Diario do Rio de Janeiro”, o “Correio da Tarde” e o próprio “Jornal do Commercio”. É bastante provável que esse seja o primeiro baralho distinto das cartas de jogar a ser impresso no Brasil. Além disso, a popularidade da cartomancia é observada de outras formas: como resposta de uma charada do

⁴¹ Segundo Cascudo (1998, p. 478), na região da Península Ibérica, “[...] o culto a São João é um dos mais antigos e populares; Portugal possuiu no espírito de sua população todas as superstições, adivinhações, crendices e agouros amalgamados na noite de 23 de junho, convergência de vários cultos desaparecidos e de práticas inumeráveis, confundidos e mantidos sob a égide de um santo católico”. Desse modo, a festa foi trazida ao Brasil pelos portugueses, sendo ao mesmo tempo um festejo para a colheita, além de que, “[...] no campo das superstições, São João é simbolizado como um “santo do amor”, além de “amante da festa”; destacam-se, ainda, seus dotes para “adivinhação” e, nesse sentido, as “práticas oraculares” preenchem a tônica da festa e seu aspecto lúdico” (Lima, 2013, p. 13). Assim como São João, outros santos festejados entre junho e julho – Santo Antônio, São Pedro e Santa Ana – também são associados a superstições, de forma que esse período do ano se tornou por excelência a época das práticas mágicas e divinatórias.

jornal “O Beija-Flor” (D.**, 1849, p. 8); como parte de espetáculos focados em práticas ocultas de adivinhação (Espectaculos, 1856a; Espectaculos, 1856b; Espectaculos, 1856c; Espectaculos, 1856d); como uma das várias ciências ocultas que faziam parte das crenças populares e deviam ser combatidas pelos defensores da moral cristão (Castro, 1859); ou como “[...] uma nova e inocente industria na cidade do Rio de Janeiro” (Folhetim, 1861, p. 1).

Em relação à prática da cartomancia como uma atividade profissional, Mary Del Priore (2014, p. 88) pontua que a primeira cartomante do Rio de Janeiro começou seus trabalhos na corte brasileira entre o final da década de 1850 e o início da década seguinte:

Em novembro de 1860, madame Potier, ou Magdalena Victória Puisseaux Potier, a “mais antiga cartomante do Rio de Janeiro”, acabara de regressar de Paris, anunciava o Diário do Rio de Janeiro. Sim, pois sua instalação na corte se dera em 1859. E avisava: colocava cartas como “fazia antigamente”. Desde então, sucessivamente, tivera salas na rua do Cotovelo, na rua da Misericórdia e na rua São José. E a clientela não parava de crescer. Até 1874, sua propaganda era publicada em meio a anúncios de remédios para “cura radical de calos”, venda de ceroulas, pianos ou charutos. Para impressionar, por vezes se apresentava como “chiromante” ou vidente capaz de ler nas linhas da mão. Outras cartomantes também colocavam avisos nas páginas dos jornais, ao lado de informações sobre as atividades da família imperial, concertos populares, reuniões de sociedades beneficentes e anúncios de crimes. “Madame Mery, perita nesta arte” oferecia serviços na rua Sete de Setembro, 45, primeiro andar. “Rosália” o fazia na rua do Hospício. Cartomantes estavam em toda a parte e eram abismos de silêncio e discrição.

Katheleen de Oliveira Maia (2023, p. 7) também confirma essa informação.

Em 21 de novembro de 1860, Mme. Potier publicava seu primeiro anúncio nas páginas do Jornal do Commercio. Uma das primeiras a utilizar a imprensa diária do Rio de Janeiro como forma de publicizar seus serviços de cartomancia, Potier comunicava no pequeno texto que havia retornado recentemente de uma viagem à Paris e que continuava dando consultas. Além da cartomancia, oferecia a possibilidade do usufruto de uma “machina elétrica” que curava moléstias através de seus choques (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.322, p. 4). Diferentemente de outras leitoras de cartas que anunciavam no período, ela oferecia aos consulentes inclusive a comodidade de serem atendidos em suas residências (JORNAL DO COMMERCIO, 1869, Ed.21, p. 3.). Antigamente moradora à Rua do Cotovelo, n.9, a cartomante fez questão de ressaltar que mudou de endereço após a visita ao continente europeu, passando a atender no sobrado da rua da Misericórdia, n.98 (JORNAL DO COMMERCIO, 1860, Ed.302, p.4). Depois de poucos meses, no entanto, as publicidades da madame desapareceram da imprensa. O hiato foi rompido somente no ano de 1867, quando Potier anuncia que, por motivos de viagem, havia se ausentado da Corte, mas que dali em diante a clientela poderia se dirigir à rua da Assembleia, n.62 caso desejassem se consultar com ela (JORNAL DO COMMERCIO, 1867, Ed.326, p. 4). Nesse segundo período de atuação, ressaltava em suas publicidades que era a “primeira cartomante do Rio de Janeiro” (JORNAL DO COMMERCIO, 1868, Ed.219, p. 2).

Maia (2023) realizou um rico estudo, no qual organizou, de forma sistemática, a quantidade de anúncios de cartomantes por jornal e por década no período entre 1860 e 1890 no Rio de Janeiro imperial, listando também os nomes e endereços dos profissionais que ofertavam esse tipo de serviço. A pesquisa da historiadora retornou 6.918 anúncios, textos e artigos sobre cartomancia e cartomantes nos quatro principais jornais do período: “Correio Mercantil”, “Diário do Rio de Janeiro”, “Gazeta de Notícias” e “Jornal do Commercio”, sendo este último responsável por quase 90% do quantitativo reportado. Além disso, foi identificado que a distribuição desses anúncios por década revelou uma tendência de crescimento exponencial, com 562 resultados na década de 1860, 840 nos anos 1870 e 5.516 no decênio de 1880. Quanto a quem ofertava esses serviços, a autora identificou 125 cartomantes, sendo 58 mulheres, 13 homens e 52 sem gênero identificado, sendo Mme. Potier a mais antiga conhecida por meio dos jornais cariocas.

Em outros estados, nossa pesquisa encontrou anúncios sobre cartomantes mais tardios que os cariocas, como os de A. V., cartomante do Rio de Janeiro que passou a atender na cidade de São Paulo, divulgado no dia 9 de maio de 1868 no “Diario de S. Paulo” (Annuncios, 1868a, p. 3) – a mesma profissional também fazia uma passagem em Juiz de Fora, que foi anunciada no “Pharol” em 15 de novembro de 1877 (Annuncios, 1877b, p. 3) – e o de Mr. Saviour Boonex, professor mágico, magnetizador e cartomante, veiculado em 9 de dezembro de 1877 no jornal “A Regeneração”, da cidade do Desterro, atual Florianópolis (Annuncios, 1877a, p. 4). Além disso, foram recuperados textos e notícias com exortações acerca dos riscos de dissimulação e golpe por parte de cartomantes e adivinhos, como os veiculados no “O Apostolo”⁴², do Rio de Janeiro, no dia 11 de março de 1866 (As sibyllas, 1886, p. 2); no “O Cearense”⁴³, de Fortaleza, no dia 2 de junho de 1872 (Mello, 1872, p. 2); e no “Correio Mercantil”⁴⁴, de Pelotas, no dia 3

⁴² Principal periódico católico brasileiro do século XIX, foi publicado pela Igreja Católica entre 1866 e 1893 e vendido em todas as províncias do Brasil, no qual poderiam “[...] ser encontradas cartas pastorais e outros documentos do episcopado brasileiro ou originários da Santa Sé, artigos e trechos de livros de padres e leigos em defesa das posições da Igreja contra os considerados “inimigos” da instituição (espíritas, protestantes, maçons, positivistas, liberais), discursos de parlamentares católicos, notícias sobre as atividades clericais e laicas” (Limeira, 2011, p. 14). Dentre as práticas que atentavam à moralidade católica, estava a divinação por meio da cartomancia.

⁴³ Surgido da união entre os jornais liberais 23 de Julho e A Fidelidade, o jornal O Cearense foi publicado entre 1846 e 1894, destinando-se a divulgar as ideias do partido liberal do Segundo Reinado. De acordo com Moraes, Silva e Lima (2002, p. 38), o jornal julgava necessária a “[...] união do ensino moral, religioso e da instrução “profissional” como principais meios para a correção e modificação de hábitos e costumes”. Ou seja, a posição política liberal fazia jus somente à economia; o posicionamento em relação à moral religiosa e aos costumes permanecia assemelhado ao conservador, baseado em preceitos cristãos.

⁴⁴ Fundado em 1875 e em funcionamento pelo menos até a primeira metade do século XX, o periódico Correio Mercantil, de Pelotas – RS, “[...] se dizia laico, independente e apartidário, ou seja, não era um jornal que representava oficialmente um partido, um governo, uma religião ou uma determinada classe” (Gonçalves; Peres, 2007). Ainda que não tivesse um posicionamento político e religioso definido, era um jornal que reverberava o

de julho de 1877 (São, 1877, p. 3). Tais excertos constataam não só a forte presença da cartomancia na sociedade brasileira oitocentista como reflexo de uma cultura popular fortemente influenciada pelas correntes ocultistas e esotéricas vinda da França no início do século XIX, como também a reação de grupos sociais adeptos da moralidade católica que observavam nessas práticas um risco à sociedade brasileira.

É importante ressaltar que cartomancia não é necessariamente relacionada ao tarô, podendo ser realizada como cartas de jogar tradicionais, baralhos ciganos, baralhos Lenormand e outros oráculos. As fontes citadas anteriormente não possibilitam afirmar que a leitura divinatória das cartas era realizada por meio do tarô. Entretanto, é justamente nesse período que surge a provável primeira menção ao tarô em jornais brasileiros, em uma série de textos sobre espiritualismo publicados no “Correio Mercantil” e no “Jornal do Commercio”, da cidade do Rio de Janeiro, escritos pela autointitulada sibila americana Hilda (1865). Na segunda parte da série de publicações, a autora, seguindo a linha esotérica francesa de Gébelin, defende a ideia que o tarô seja o Livro de Thoth codificado em imagens, contendo, em si, a “[...] chave universal das artes magicas [,] a chave de todos os dogmas antes religiosos, a chave da cabala e da Biblia, a clavícula de Salomão” (Hilda, 1865, p. 1). Ao mesmo tempo em que exalta os esforços de Gébelin na decodificação hieroglífica e numérica do Livro de Thoth, Hilda (1865, p. 2) condena a “[...] duvidosa perspicacia de Etteila”, que se apropriou do livro mágico para transformá-lo em seu “[...] jogo de Tarote fantastico e baseado sobre calculos completamente falsos e erroneos [...]”, colocando-o “[...] no dominio da magia vulgar e do absurdo [...]”. Infelizmente, para Hilda, essa forma falsa e ordinária de adivinhação do futuro foi largamente adotada pelo público, originando sistemas de adivinhação “[...] ainda mais absurdos, por exemplo: o *Pequeno Etteila*, e *Grande e Pequeno Oraculo*, o *Pequeno Feiticeiro*, a *Pythonisa de Pariz*, etc., etc., etc [...]” (Hilda, 1865, p. 2).

Para Maia (2023), a sibila americana, que representava uma tendência comum às cartomantes da Corte Imperial em oferecer uma gama ampla de serviços esotéricos, mas se diferenciava das outras profissionais por se declarar abertamente uma “adepta do espiritismo”, era provavelmente uma praticante do *modern spiritualism* estadunidense, iniciado na década de 1840 e inspirado no espiritismo kardecista; apesar de pender a demonstrações públicas de adivinhações com cobrança de ingressos, “[...] o espiritismo moderno americano aproximava-se da vertente francesa pela a crença na vida após a morte e na comunicação com o mundo dos espíritos entre as suas práticas” (Portela; Costa, 2019 *apud* Maia, 2023, p. 25).

pensamento das elites pelotenses da época, principalmente as conservadoras, que consideravam a cartomancia uma espécie de charlatanismo.

Percebe-se, então, que, apesar de ser a capital de um império oficialmente católico, as práticas religiosas e esotéricas que chegavam da Europa e dos Estados Unidos, como o espiritismo, o mesmerismo e o sonambulismo, juntamente a outras técnicas mágicas e divinatórias anteriores à influência euro-americana, como a cartomancia, a quiromancia e a cura por meio de amuletos, chamavam cada vez mais a atenção da população do Rio de Janeiro.

Ainda na década de 1860, duas menções são encontradas em anúncios veiculados no “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro: um de 1868, quanto a aulas de adivinhação por meio do tarô “[...] conforme a theoria dos antigos cabalistas hebraicos” (Anuncios, 1868b, p. 7), e outro de 1869, que dizia: “Miss Diana, sibylla e cartomante Irlandeza, achando-se de passagem nesta corte, participa a este respeitavel publico que dá consultas por meio das verdadeiras cartas de Tarot, assim como por meio das linhas da mão” (Anuncios, 1869, p. 7). Assim como Hilda, Diana é uma sibila estrangeira que oferece serviços mágicos como leitura divinatório do tarô e das linhas das mãos, vindo de um país, assim como os Estados Unidos, que teve contato com o baralho em questão somente como um elemento mágico e esotérico. Assim, vê-se nos primeiros indícios sobre o tarô encontrados na mídia carioca uma tendência de associação das cartas à divinação, o que nos permite inferir que a entrada do baralho no Brasil já se dá enquanto oráculo, sem ser entendido como um jogo de cartas.

Além disso, o anúncio de Miss Diana informa que ela se acha de passagem pela corte do Rio de Janeiro. Logo, seria possível conjecturar que o Brasil, mais especificamente a sua capital, estaria inserida num circuito místico-esotérico mundial do século XIX que era lucrativo aos ofertantes desse tipo de prática? Afinal, ao mesmo tempo em que há uma cartomante ofertando seus serviços enquanto se encontra temporariamente na cidade, existem também sibilas franceses, estadunidenses e espanholas, como afirma Maia (2023) fixadas em pontos distintos do Rio de Janeiro. Ainda que não haja fontes que abalizem essa suposição, nota-se a forte presença imigrante feminina no mercado esotérico, visto que, para várias dessas mulheres que vinham para o Brasil, a divinação era um dos poucos caminhos para adquirir seu sustento, tendo em vista o interesse pelo oculto alimentado por membros da sociedade carioca. Não à toa, até hoje, as práticas divinatórias são mais associadas ao feminino que ao masculino.

No final da década de 1880, anúncios sobre a venda de artigos antigos da extinta Casa Thereza foram publicados nos jornais cariocas “Gazeta de Noticias” (Anuncios, 1888a; Anuncios, 1889) e Jornal do Commercio (Anuncios, 1888b). Dentre os itens à venda, estão cartas do “grand Tarot egypcien”, que provavelmente se refere ao *Grand Etteilla*, ou *Tarot Egyptien*, criado por Jean Baptiste Alliette entre o final do século XVIII e o início do século XIX e reimpresso com certa frequência durante o século XIX. Sendo o primeiro tarô criado

para propósitos ocultistas e carregado de um simbolismo egípcio, é muito provável que ele tenha se popularizado na época devido ao sucesso dos escritos de Etteilla. Assim, apesar de Maia (2023) ponderar a utilização do Tarô de Marselha na Corte Brasileira, o mais plausível é que o baralho preferido das cartomantes do Rio de Janeiro fosse justamente o *Grand Etteilla*, ainda que este fosse rechaçado pelos espiritualistas e ocultistas mais diligentes.

Após a Proclamação da República no final de 1889, o país passou por mudanças políticas e sociais que buscavam estabelecer uma ordem republicana, distinta da estruturação monarquista vigente até aquele momento. Algumas dessas transformações afetam as práticas esotéricas, pois, apesar do Estado tornar-se laico, a liberdade de crença não foi plenamente respeitada devido aos acenos que o novo sistema de governo fazia às elites conservadoras e à inadequação de algumas práticas espirituais à filosofia positivista defendida pelos republicanos. Desse modo, ao mesmo tempo em que o patriarcalismo monarquista já não regia mais a nação e que a Igreja Católica perdia sua posição de instituição moralizante devido ao seu afastamento do Estado, o próprio sistema político estabelecia leis e tomava posições nas quais assumia um papel de defensor da moral e dos bons costumes. O Estado poderia ser laico, mas a moralidade permaneceria pautada nos preceitos cristãos.

Anteriormente à eclosão de novos eventos que impactariam a prática esotérica no Brasil, o interesse no oculto e no tarô não parecia estar perto de declinar. Até o final da década de 1880, segundo Maia (2023), há uma recorrência de anúncios sobre cartomancia, com algumas citações diretas ao tarô, algumas delas trazidas anteriormente. No ano de 1890, o “Diário de Pernambuco”⁴⁵ trouxe uma coluna que abordava o interesse pela ciência oculta no fim do século, citando os estudos cabalísticos, congressos espíritas, magia, alquimia e uma revista de ciências ocultas publicado em Londres e Paris, “*L’initiation*”, que havia trazido, em um de suas últimas edições, artigos sobre adivinhação com o tarô dos boêmios por Papus e sobre astrologia. Nesse texto, diz-se, inclusive que esse apetite pelo sobrenatural encontrou especial repercussão “[...] entre os que teem cultura e dirigem a chamada vida mundana”; o tom presente no escrito é menos informativo que opinativo, já que há passagens como “O sentimento da ignorancia humana sobre os mysterios da vida e da morte impede os mais fanaticos a admitirem todas as hypotheses, a não regeitarem nenhuma dellas, por mais chimerica que pareça”; ou “A excitação

⁴⁵ Mais antigo periódico em circulação na América Latina, publicado desde 1925, o Diário de Pernambuco surge como uma publicação comercial e politicamente moderada. Apesar de criado por um importante membro do movimento republicano da Confederação do Equador, Antonio José de Miranda Falcão, o jornal manteve-se ameno em seus posicionamentos políticos, buscando ler a situação vigente para pender mais a liberais ou conservadores (Brasil, 2022). Em suma, o Diário de Pernambuco movimentava-se de acordo com os ventos soprados pela estrutura dominante, adequando seu discurso aos interesses das elites econômicas moderadas.

cerebral não se contenta mais com as cousas simples e as religiosas se destroem pelo espiritismo e pela astrologia” (Um pouco, 1890, p. 2). Percebe-se, então, que, ao mesmo tempo em que se reconhece que há uma “febre contagiosa” do misticismo apesar dos estudos positivistas, há um teor quase anedótico na forma como alguns setores sociais veem aqueles que creem nessas práticas esotéricas e doutrinas espiritualistas.

Alguns meses depois, ocorreria o episódio que acarretou, muito provavelmente, na diminuição de anúncios de práticas esotéricas entre o final do século XIX e o início do século XX: a promulgação do Código Penal de 1890 pelo nascente governo republicano brasileiro. Nesse decreto, determinava-se, como crimes contra a saúde pública:

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica: Penas - de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$00 (Brasil, 1890).

Maia (2023) afirma que essa repressão à cartomancia – que ia além da diminuição de risco à saúde pública, consistindo igualmente na criminalização de práticas que atentavam aos bons costumes e à moral da época – finda com a tolerância das forças policiais a esse setor e provoca uma queda na frequência e uma mudança no teor de conteúdos publicados na imprensa sobre a prática cartomântica. Ao mesmo tempo em que os anúncios das profissionais sumiam, críticas ao ofício das sibilas tornaram-se mais presentes. Associando a leitura das cartas a charlatanismo, vagabundagem e pseudomedicina, a mobilização dos setores sociais conservadores levou à tipificação penal da cartomancia e à sua consequente reclusão ao ostracismo e à ilegalidade.

A despeito desse revés em território brasileiro, o século vindouro reservaria novos percursos que modificariam profundamente as formas de se entender e utilizar o tarô. No Brasil, apesar da popularização ocorrer a partir do final da década de 1970, o baralho permaneceu ativo em alguns locais e grupos sociais, traçando percursos interessantes e pouco conhecidos. Já nos Estados Unidos e na Europa, os desdobramentos dos ocultismos francês e britânico deram novos sentidos ao tarô, que vira um objeto fulcral do movimento Nova Era e alcança ainda mais lugares em todo o mundo. De um jogo de cartas medieval – com objetivos educativos ou não –, o tarô tornou-se, entre o final da Idade Moderna e o início da Idade Contemporânea, um adequado objeto para a cartomancia e, no início dos noventa, um receptáculo da sabedoria mística utilizada para magia, meditação e divinação. Quais os novos caminhos que as décadas seguintes reservariam a esse baralho?

2 AMPLIANDO HORIZONTES: SÉCULO XX, NOVA ERA E ARQUÉTIPOS

Se o Iluminismo, a Revolução Francesa, a Era Napoleônica e a Segunda Revolução Industrial causaram impactos incontornáveis à Europa dos séculos XVIII e XIX, a centúria subsequente reservava reviravoltas ainda maiores. Para além do desencantamento do mundo provocado pelo racionalismo científico e pela falência das religiões convencionais que marcou a eclosão dos Renascimentos Ocultos, emerge uma série de novos desafios: mundialização da sociedade industrial, ascensão de regimes totalitários, guerras de proporções assombrosas, genocídios étnicos, crises econômicas mundiais, macro-embates político-ideológicos, nascimento da sociedade do consumo, revoluções culturais, processos de libertação da dominação imperialista, ameaça de holocausto nuclear, neoliberalismo globalizado etc. As nações autodenominadas civilizadas, cujo progresso econômico e científico trazia promessas de uma transformação social sem precedentes, viram protagonistas das maiores barbáries praticadas pela humanidade; a tecnologia, que tornava o mundo cada vez menor e mais acelerado, fica a serviço das máquinas de guerra e de opressão estatais. O anseio por tempos mais simples e um mundo mais natural e harmonioso torna-se cada vez mais utópico. Principalmente a partir de 1914, quando se tem o início da Primeira Guerra Mundial, o século XX deixa de ser um futuro promissor para se tornar a era do fim das esperanças.

Num contexto cultural, o período dos novecentos traz não só mudanças epistemológicas e metodológicas à compreensão do que é cultura e como ela pode ser objeto dos estudos das ciências humanas, mas também é marcado por transformações culturais mais rápidas e talvez intensas que em outros momentos da História. Nesse sentido, se as práticas religiosas e sociais provocaram mudanças significativas à forma como o tarô era compreendido, do século XX isso é alçado a níveis surpreendentes. Para a História Cultural, a relação com o espiritual, sendo um elemento constitutivo da cultura, possui uma natureza simbólica e social, permitindo observar religiões, religiosidades e práticas espirituais como sistemas culturais. Afinal, de acordo com o antropólogo Clifford Geertz (2008, p. 10), a cultura – semiótica, interpretativa, uma teia de significados tecida pelo homem – é um conjunto de “[...] sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...]”, o qual manifesta “[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 2008, p. 66). De tal modo, para o autor, é possível entender a religião como sistema cultural, pois ela é:

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (Geertz, 2008, p. 67)

Dessa forma, a importância da religião reside em servir, individual e coletivamente, “[...] como fonte de concepções gerais [...] do mundo, das relações entre elas [...] e [...] das disposições ‘mentais’ enraizadas” (Geertz, 2008, p. 90), fornecendo não só uma estrutura conceitual cósmica que gera significados às experiências sociais e psicológicas dos seus praticantes, como também modelos de ação para tais vivências. Ainda que a prática do tarô esteja mais associada a religiosidades e práticas espirituais que não apresentam a mesma configuração rígida das religiões, ela também pode ser lida como sistema cultural, tendo seus próprios *ethos*⁴⁶ e visões de mundo.

Pensando ainda sobre a História Cultural, Roger Chartier (2002, p. 16-17) afirma que seu principal objeto é “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, entendendo classificações, delimitações, categorias, símbolos e discursos como geradores de sentido e inteligibilidade ao presente, ao espaço e ao outro. Logo, a cultura se estabelece numa relação complementar entre práticas e representações: enquanto as práticas consistem em “[...] ações e interferências no campo da Cultura realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que, em última instância, inclui tanto as ‘práticas discursivas’ como as ‘práticas não-discursivas’” (Barros, 2011, p. 15) – incluindo desde técnicas de produção e ensino até formas de falar, andar e se portar em determinados âmbitos e situações sociais –, as representações abarcam os modos de ver, pensar, sentir, conceber, entender e interpretar o mundo por meio de imagens, esquemas mentais e classificações. Em suma, a cultura é produzida na constante interação entre os modos de agir e de pensar de membros de uma dada coletividade. As relações de poder, as cargas simbólicas, os conflitos sociais, os padrões estéticos, as técnicas de produção, as leituras da realidade; todos os aspectos da vida em sociedade e as culturas se constroem entre si. E é a partir dessa mútua influência que se entende as práticas religiosas e espirituais na qualidade de sistemas culturais.

⁴⁶ Segundo Geertz (2008, p. 93), na antropologia, “[...] os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘*ethos*’, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade”.

2.1 NOVAS EXPRESSÕES E NOVOS SENTIDOS: O TARÔ DA NOVA ERA

Pensar o tarô no conturbado contexto do século XX é compreender suas interações com as diferentes correntes místico-esotéricas surgidas nesse período, no qual que se iniciaria, para os ocultistas, a Nova Era. A expressão, cunhada pelo poeta inglês William Blake (1757-1827), apareceu no prefácio de seu poema “*Milton*”, publicado em 1804.

Os Escritos Roubados e Pervertidos de Homero e Ovídio, de Platão e Cícero, que todos os Homens deveriam desprezar, são criados por artifício contra o Sublime da Bíblia: mas quando a **Nova Era** estiver à vontade para Pronunciar, tudo será corrigido & aquelas Grandes Obras dos homens mais antigos & conscientemente & professamente inspirados manterão sua posição apropriada & as Filhas da Memória se tornarão as Filhas da Inspiração. [...] Despertem Ó Jovens da **Nova Era**! Coloque suas testas contra os Mercenários ignorantes! (Blake, 1907, p. 2, tradução e grifos nossos)⁴⁷.

O termo foi popularizado somente a partir de 1920, quando a teosofista Alice Bailey (1880-1949) usou-o relacionando à noção astrológica de Era de Aquário, período de reencantamento do mundo e redescoberta da sabedoria antiga durante o qual a humanidade viverá em paz e harmonia, que suplantará a Era de Peixes, época dominada pelo racionalismo e pelos valores cristãos conservadores (Farley, 2009). Porém, apesar de sabermos a origem do termo e seu significado inicial, ele ganhou uma vasta gama de significados, marcados por definições conceituais controversas e em constante disputa.

D’Andrea (2000, p. 8) define a Nova Era como “[...] uma espiritualidade, principalmente como uma “forma” de se perceber e de se relacionar com o transcendente e com a realidade, em conjunto mas independente de qualquer sistema de crenças e práticas”, caracterizada por quatro aspectos recorrentes e principais: ecletismo, individualismo, alternativismo e “pós-modernidade”. De forma semelhante, Cordovil (2015, p. 128) afirma que a Nova Era é uma religiosidade caracterizada “[...] pelo trânsito do sujeito religioso por vários espaços sagrados e pela centralidade na busca individual em detrimento de instituições e lideranças religiosas”. Já para Amaral (1999, p. 47-48), a Nova Era se estabelece como

[...] a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos, metáforas que expressem performaticamente uma determinada visão em destaque em um

⁴⁷ No original: The Stolen and Perverted Writings of Homer & Ovid, of Plato & Cicero, which all Men ought to condemn, are set up by artifice against the Sublime of the Bible: but when the New Age is at leisure to Pronounce, all will be set right & those Grand Works of the more ancient & consciously & professedly Inspired Men will hold their proper rank & the Daughters of Memory shall become the Daughters of Inspiration. [...] Rouze up O Young Men of the New Age! Set your foreheads against lo the ignorant Hirelings!

determinado momento, e segundo determinado momento [...] Mais que um substantivo que possa definir identidades religiosas bem demarcadas, Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas, independente das definições ou intenções religiosas de seus praticantes.

Nesse trabalho, as concepções de Tavares, Duarte e Cognalato (2011) servem como principais norteadores. Para os autores, a Nova Era, surgida e popularizada a partir da década de 1960 concomitantemente à contracultura, é um movimento contrário à ortodoxia, ultrapassando os limites do que se entende por “experiência do sagrado”; sagrado, profano, religião, ciência, consumo e terapêutica se hibridizam na construção de vivências espirituais e terapêuticas não institucionalizadas, desafiando a religião, a psicologia e a medicina tradicional. Essa expressão da Nova Era desponta como um desdobramento do esoterismo posterior ao enfraquecimento do domínio do pensamento cristão e da ciência moderna, dando espaço às experiências subjetivas e rejeitando “ortodoxias totalitaristas”.

Essa nova espiritualidade, que amalgama diversos sistemas religiosos e espirituais de várias épocas e locais distintos, toma como base o esoterismo das sociedades ocultistas do século XIX, como a Sociedade Teosófica e a Ordem Hermética da Aurora Dourada, mas abarca outros elementos: xamanismo, budismo, cura com cristais, regressão a vidas passadas, leituras de aura, anjos, meditação, ecoespiritualidade, adoração a deusas e muitos outros. O tarô continua central nessa complexa cosmovisão e, apesar de sua releitura pelos membros da Aurora Dourada continuar extremamente influente, passa por uma vasta expansão de seu simbolismo, visto que os criadores de tarô da Nova Era sentem-se capazes de reimaginar o baralho e fazer experimentações com este, estabelecendo ligações com outras culturas e gerando *decks* que cumpriam outras funções que não a divinatória (Farley, 2009).

Compreendendo a Nova Era como essa prática espiritual multifacetada, contrária às religiões institucionalizadas e detentora do legado das sociedades secretas do século XIX, novos elementos adicionados a essa caldeirão místico-esotérico geraram funções e simbolismos renovados à vindoura série de *decks* de tarô criados pelos praticantes da Nova Era. Helen Farley (2009) pontua as principais correntes que geraram novos baralhos ou tiveram o tarô como elemento constitutivo. Uma delas foi a canalização.

O termo canalização refere-se à convicção dos médiuns psíquicos de que são capazes, sob certas circunstâncias, de atuar como canal de informações de fontes diferentes do seu eu normal. Mais tipicamente, estas fontes são identificadas como “entidades” distintas que vivem em níveis mais elevados de ser, mas a gama completa de fontes canalizadas mencionadas na literatura

contém quase tudo a que algum tipo de inteligência possa ser atribuído (Hanegraaff, 1996, p. 23, tradução nossa)⁴⁸.

As origens da canalização remontam à Sociedade Teosófica, às obras de Edgar Cayce (1877-1945), às experiências mediúnicas de Eva Pierrakos (1915-1979), à obra fictícia de Jane Robert (1929-1984) e a “*A Course in Miracles*” (“Um Curso em Milagres”), livro de autoestudo de Helen Schucman (1909-1981) escrito entre 1965 e 1972 e lançado em 1975, que influenciou toda a Nova Era (Hanegraaff, 1996). Em relação ao tarô, o *Haindl Tarot*, publicado em 1990 pelo pintor alemão Herman Haindl (1927-2013), teve seu simbolismo, de acordo com o autor, canalizado, num processo em que ele pintou os símbolos que vinham a ele sem pensar ou planejar (Farley, 2009).

Figura 16 - Arcanos maiores do Haindl Tarot, criado por Hermann Haindl em 1990.



Fonte: Wen, 2015.

O Movimento do Novo Pensamento de Phineas Pankhurst Quimby (1802-1866) também teve impacto significativo na Nova Era.

O movimento do Novo Pensamento (*New Thought movement*) abarca uma corrente muito ampla da cultura e da religiosidade norte-americana, especialmente importante entre a segunda metade do século XIX e os dois primeiros decênios do século XX. Trata-se de um movimento de forte acento religioso em que se verificavam influências diversas, oriundas do cristianismo, do mesmerismo, da filosofia idealista, das religiões orientais, da teosofia, entre outras. Essas influências variavam entre os diversos promotores do movimento, mas a crença no “poder da mente”, em capacidades extranaturais da mente humana, era comum entre eles (Marques, 2015, p. 10-11).

⁴⁸ No original: The term channeling refers to the conviction of psychic mediums that they are able, under certain circumstances, to act as a channel for information from sources other than their normal selves. Most typically, these sources are identified as discarnate "entities" living on higher levels of being, but the complete range of channeled sources mentioned in the literature contains almost everything to which some, kind of intelligence might be attributed.

A noção de mesmerismo de Quimby, que consistia na ideia de que a saúde (ou sua falta) de um indivíduo é um produto da sua imaginação, foi uma ideia que prevaleceu para praticantes da Nova Era. Curandeiros *new agers* desenvolveram terapias cujo foco era a cura não só da doença, mas da pessoa por inteiro, e nesse processo costumava ser empregado o tarô, visto que seu simbolismo é entendido como representações dos diferentes estados emocionais e espirituais pelos praticantes desse tipo de cura (Farley, 2009). Um exemplo dessa forma de utilização foi feito pela curandeira xamânica norte-americana Vicki Noble, que, inspirada pelo movimento de Espiritualidade Feminina iniciado na década de 1970 na Europa e nos Estados Unidos, desenvolveu, com Karen Vogel, o *Motherpeace Round Tarot*, que foi publicado pela primeira vez em 1981. Esse foi o primeiro baralho voltado a uma abordagem feminina da espiritualidade e dos conhecimentos esotéricos, sendo utilizado para a cura emocional e espiritual de mulheres e para conectá-las ao sagrado feminino (Noble, 2003).

Figura 17 - Cartas do *Motherpeace Tarot*, lançado em 1981 e criado por Vicki Noble e Karen Vogel



Fonte: Publicação de O Arcanista em seu perfil no Facebook⁴⁹.

Em “*Tarot for the Healing Heart*” (“Tarô para curar o coração”), publicado em 2001 e escrito por Christine Jette, são descritas formas de utilizadas o tarô para liberar o curandeiro interior (Jette, 2001). Por fim, o *Aura Soma Tarot*, lançado em 1997 e criado pela artista neozelandesa Pamela Matthews, é uma junção do tarô com a cromoterapia da Aura-Soma, um “[...] sistema de autocura e autoconhecimento que reúne os princípios energéticos da aromaterapia, fitoterapia, cromoterapia, cristais e bioenergética”, utilizando “[...] óleos balanceados que se apresentam dentro de delicados frascos de cristal em duas fases bem diferenciadas” (O Que, 2000). Esse baralho traz uma estrutura diferente da tradicional,

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/oarcanista/photos/pb.100063763892322.-2207520000/319010848746542>. Acesso em: 20 fev. 2024.

consistindo em 98 cartas numeradas de 0 a 97 com os versos diferenciados, contendo cada uma a imagem de uma garrafa de aura-soma; a leitura e escolha das cartas se assemelha na forma como os frascos de aura-soma são selecionados para diagnosticar e tratar doenças (Farley, 2009).

Figura 18 - *Aura Soma Tarot*, lançado em 1997 e criado por Pamela Matthews



Fonte: Ethony, 2010.

Além disso, apesar de seu caráter espiritualmente sincrético, a Nova Era também trazia em si a intenção de criar uma grande teoria unificada entre o conhecimento científico e a espiritualidade, como uma versão moderna da filosofia da natureza do século XVIII (Farley, 2009). Essa ideia também se relaciona com uma mudança paradigmática na ciência que passou a ocorrer com maior frequência a partir de década de 1960, quando pesquisadores de diversas áreas, como o historiador Morris Berman (1987), o químico Ilya Prigogine (1996), a filósofa Isabelle Stengers (2017) e o sociólogo Edgar Morin (2006) apresentaram propostas de novas epistemologias científicas que buscavam a compreensão de um mundo que não podia ser plenamente lido sob as lentes materialistas e racionalistas; era necessário trazer o reencantamento do mundo e a reativação do animismo para as ciências. Intentava-se, dessa forma, dar início a uma desalienação do ser humano, que se vê alheio à realidade material com a qual interage, o que afeta a forma como este percebe sua própria consciência (Berman, 1987). O conceito de idealismo monista ressurgiu nesse contexto.

A antítese do realismo materialista é o idealismo monista. Segundo esta filosofia, a consciência, e não a matéria, é fundamental. Tanto o mundo da matéria quanto o dos fenômenos mentais, como, por exemplo, o pensamento, são criados pela consciência. Além das esferas material e mental (que, juntas, formam a realidade imanente, o mundo da manifestação), o idealismo postula um reino transcendente, arquetípico, de idéias, como origem dos fenômenos materiais e mentais. Importa reconhecer que o idealismo monista é, como o nome implica, uma filosofia unitária. Quaisquer subdivisões, como o

imane e o transcendente, situam-se na consciência. A consciência, portanto, é a realidade única e final (Goswami, 2003, p. 72).

A ideia de um pensamento holístico também ganha forças nesse período. Um dos principais intelectuais na proposição de paradigmas que seguissem tal tendência foi o físico teórico Fritjof Capra, que em suas obras ressalta a questão ecológica e busca uma integração entre biologia, espiritualidade, política e ética, a fim de chegar a uma convivência do ser humano com o planeta – e consigo mesmo – realmente holística e harmoniosa. Uma de suas principais referências é a escola filosófica da ecologia profunda, fundada no início da década de 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess.

A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos) [...] A ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental, ou de "uso", à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (Capra, 2010, p. 16-17).

Alguns tarôs surgem representando essas linhas de pensamento da Nova Era. O *Voyager Tarot*, de Ken Knutson e James Wanless, lançado em 1984, é focado num simbolismo científico incorporado aos símbolos do tarô tradicional. Já a ética da ecologia profunda é observada no *The Healing Earth Tarot*, de 1994, desenhado por David e Jyoti McKie, que trazia imagens de uma vasta gama de culturas para representar que as características e o destino em comum da humanidade estavam intimamente ligados ao planeta (Farley, 2009). Unindo ecologia profunda a protesto contra a desenfreada destruição ambiental, surge em 1980 o *Anti-Nuclear Wendländisches Tarot*, criado pelo alemão Waltraud Kremser em oposição à proposta de construção de uma usina nuclear na região de Wendland.

Uma série de outros tarôs e combinações surgiram com a influência da Nova Era. Baseados no sincretismo e na incorporação de múltiplas técnicas divinatórias, surgiram o *Astrological Tarot* (1982), de Stefania Trebuchchi, o *Mandala Astrological Tarot* (1987), de A. T. Mann, e o *Astrotaro* (1985), de Carol Herzer Abrams, que uniam astrologia e tarô; o *Feng Shui Tarot* (2001), de Eileen e Peter Paul Connolly, que trazia a união entre o oráculo e o feng shui chinês; e o *Numerological Tarot* (1986), de Richard Bennett, baseado na numerologia de Georges Muchery (1892-1981), astrólogo, quiromante e numerólogo francês. Esse mesmo

sincretismo também gerou *decks* baseados na influência simbólica de diversas culturas e religiões, desde as tradicionais às mais descentralizadas. Nesse âmbito, tem-se o *Christian Bible Tarot* (1995), de Leslie Lewis, e o *Bible Tarot* (1983), de Kathleen Binger, ambos trazendo simbolismos e ilustrações das histórias e ensinamentos bíblicos; o *Kashmir Tarot* (1984), de Nicolaas van de Beek, o *Osho Zen Tarot* (1994), de Ma Deva Padma, e o *Buddhistic Fantasy Tarot* (1983), de Shigeki Gomi, trouxeram uma conjugação do budismo e zen budismo aos simbolismos ocidentais do tarô; já o *Native American Tarot Deck* (1982), de Magda Weck Gonzalez e J. A. Gonzalez, o *Tarot of the Southwest Sacred Tribes: Tribes of Earth* (1996), de Viola Monreal, o *Xúltum Tarot* (1976), de Peter Balin, o *Santa Fe Tarot* (1993), de Holly Huber e Tracy LeCocq, o *Medicine Woman Tarot* (1987), de Carol Bridges, e o *Aztec Tarot* (1986), de autor desconhecido e publicado pela J. M. Simon em Paris e pela Piatnik & Söhne em Viena, traziam representações de culturas e religiões ameríndias, como dos indígenas norte-americanos, dos maias dos astecas. As religiões e culturas africanas, afrocaribenhas e afro-brasileiras, como o vodu, o candomblé, a umbanda, a Santeria e o povo Shaangan, foram representadas nos baralhos *New Orleans Voodoo Tarot* (1992), de Louis Martinié e Sallie Ann Glassman, *Legba Tarot of Voodoo* (1984), de Autumn Terzian, o Tarô Sagrado dos Orixás (1994), de Zolrak e Dürkön, e o *African Tarot* (1997), de Marina Romito e Denese Palm. Por fim, a cultura aborígine australiana foi abordada no *Australian Contemporary Dreamtime Tarot* (1991), de Keith Courtenay-Peto (Farley, 2009; Kaplan, 2002; Kaplan; Huets, 2005).

Outros tarôs mantiveram, apesar do avanço nos estudos da história do tarô, simbolismos relacionados às lendas de origem estabelecidas pelos ocultistas franceses e britânicos dos séculos anteriores. Isso é percebido pela abordagem egípcia de tarôs como o *Egipcios Kier Tarot* (década de 1970), de autor desconhecido e publicado originalmente na Argentina pelo Editorial Kier, o *Tarot of Transition* (1983), de autor desconhecido e publicado originalmente na Bélgica pela editora Carta Mundi, o *Barath Egyptian Serigraphs* (1980), de Victorino del Pozo e Suarez, o *Scarab Tarot* (1981), de Kathleen Binger, e o *Egyptian Tarot 22* (1987), de Yoshio Karashima. A origem cigana também é contemplada com o *Zigeuner Tarot* (1982), de Walter Wegmuller, e o *Tarot Tzigane* (1984), de Tchalai Unger (Farley, 2009; Kaplan, 2002; Kaplan; Huets, 2005). Em meio à profusão de *decks* e obras voltados a ressignificar ou desvendar os segredos do tarô, as origens históricas, que no início do século XX já haviam sido pontuadas por Arthur Edward Waite e continuaram a ser investigadas por diversos historiadores, principalmente do continente europeu, ficaram esquecidas e soterradas pela dissonância provocada pela multiplicidade de opções disponíveis sobre o assunto. Ainda hoje,

o discurso das origens ciganas, egípcias, atlantes e afins é bastante comum dentre praticantes do tarô.

Figura 19 - Cartas de Egipcios Tarot Kier, lançado pela Editorial Kier na década de 1970



Fonte: Publicação de Gnostic Tarot & Kabbalah em seu perfil no Facebook⁵⁰.

Fora do bojo da Nova Era, outros movimentos religiosos se expandiram e posteriormente foram inseridos no mosaico *New Age*. O mais relevante deles foi provavelmente o neopaganismo, que, apesar das semelhanças com a Nova Era, desenvolveu-se de forma distinta, com seu florescimento ocorrendo no Reino Unido durante a década de 1950 (Farley, 2009). Muitos baralhos de tarô trariam os simbolismos dessas crenças neopagãs para suas cartas. O *Sacred Rose Tarot* (1982), de Johanna Gargiulo-Sherman, trazia uma mistura de medievalismo, imagética bizantina e religiões pré-cristãs; já o *Merlin Tarot* (1992), de Robert Stewart e Miranda Gray, o *Legend: the Arturian Tarot* (1995), de Anne-Marie Ferguson, o *King Arthur Tarot* (1984), de Maud Reinertsen, e o *Avalon Tarot* (2000), de Joseph Voglioglia, investiam nas lendas arturianas, comumente relacionadas – de modo equivocado – com a tradição esotérica celta. Já dentre os tarôs inspirados pela cultura celta, debruçando-se sobre a bruxaria, as lendas e os seres mágicos, estão o *Faery Wicca Tarot* (1999), de Kisma K. Stepanich e Renée Christine Yates, o *Tarot of Wicca* (1983), de H. Kitagawa e A. Mokuseioh, o *Celtic Tarot* (1988), de Ti Birchrose, e o *Robin Wood Tarot* (1991), de autora homônima (Farley, 2009). Da mitologia escandinava, houve o *Norse Tarot* (1989), de Clive Barrett, e o *Tarot of the Northern Shadows* (1997), de Sylvia Gainsford; remontando às mitologias greco-romanas, surgiram o *Mythic Tarot* (1986), de Juliet Sharman-Burke e Liz Greene, o *Minotarot* (1982), de Eric Provoost, e o *Olympus Tarot* (2002), de Manfredi Toraldo e Luca Raimondo. Também houve a criação de baralhos cabalistas, como o *Tree of Life Tarot* (1983), de Rufus

⁵⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/GnosticTarotKabbalah/photos/pb.100063643333259.-2207520000/1865639343567491>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Camphausen e Apolonia van Leeuwen, e o *Tarot of the Sephiroth* (2000), de Josephine Mori, Jill Stockwell e Dan Staroff. A Ordem Hermética de Aurora Dourada, sendo precursora tanto do movimento Nova Era quanto do neopaganismo devido à sua participação no Renascimento Celta, também foi representada nos *decks Golden Dawn Tarot* (1978), de Robert Wang, e *Hermetic Tarot* (1979), de Godfrey Dowson (Farley, 2009).

Na França, berço do tarô esotérico, o Tarô de Marselha teve maior protagonismo, com uma produção editorial de baralhos e livros sobre o tema. Paul Marteau (1885-1966), diretor da Editora Grimaud, especializada em baralhos de tarô, lançou em 1930 o Antigo Tarô de Marselha, um dos mais vendidos do século passado, e, em 1949, o livro “O Tarô de Marselha” para acompanhá-lo. No final do século, o cineasta e psicomago Alejandro Jodorowsky, convidado por Philippe Camoin, herdeiro da linhagem de mestres em cartas Conver-Camoin, realizou uma restauração do Tarô de Marselha, publicada em 1997 e que abriu caminho para uma nova abordagem de Jodorowsky, mais psicológica e menos ocultista e divinatória. O resultado dessa nova concepção foi publicado em 2004, no livro “O Caminho do Tarot”, realizado em parceria com Marianne Costa. Como Isabelle Nadolny (2022, p. 326) afirma, inaugurou-se na França “[...] uma época em que a prática do tarô se libertou por completo. Hoje, qualquer pessoa pode criar seu jogo, seu método e abrir sua própria escola”. Não obstante, a autora ressalta que a inspiração ocultista e esotérica do tarô não se esvaneceu, com obras publicadas relacionando o tarô ao gnosticismo cristão, à divinação e à iniciação mágica.

Saindo do contexto da tradição, da cultura e da espiritualidade, dois movimentos se destacaram durante o século XX em relação à forma como o tarô passou a ser abordado. O primeiro deles foi o movimento feminista, contrário a hierarquias patriarcalistas, dentre as quais figuram as religiões tradicionais. No âmbito espiritual, o feminismo direciona a uma espiritualidade auto-orientada e libertadora, e a sua interação com o neopaganismo desperta os cultos às deusas, ou à Deusa, à Grande Mãe, energia feminina que foi sobrepujada pelo patriarcado e suas representações centradas na dominação do masculino. O ressurgimento das divindades femininas objetiva, por meio de uma ressacralização dos cosmos, uma transformação social, institucional e de consciência (Farley, 2009). Concordando com essas narrativas, surgem vários tarôs feministas durante o século XX. O *New Amazon Tarot* (1984), projeto realizado por 23 artistas, retoma a imagem das amazonas e lhes confere uma representação positiva, sem conter imagens de homens nem os demonizar; o *Barbara Walker Tarot* (1985), da autora homônima, tinha o objetivo de dar conhecimento sobre a religião da Deusa e às divindades femininas, mesma intenção do *Goddess Tarot* (1998), de Kris Waldherr. Outros baralhos citados anteriormente, como o *Motherpeace Tarot* e o *Haindl Tarot*, além de

tarôs como o *Shining Woman Tarot* (1992), de Rachel Pollack, o *Daughters of the Moon* (1983), de Ffiona Morgan, e o *Transparent Tarot* (1985), de Susan Weed, também são marcados pelo viés feminista.

Figura 20 - Cartas de Goddess Tarot, lançado em 1998 e criado por Kris Waldherr.



Fonte: Wen, 2021.

A explanação anterior demonstra a explosão do tarô dentro dos sistemas espirituais coletivos e individuais, observado com ênfase na Europa e nos Estados Unidos. Duas características chamam atenção: a ampliação de público interessado e a evolução do significado do tarô. Se, quando surgiu, o tarô era um jogo relacionado às aristocracias europeias, relegado a círculos principescos italianos, para a partir do século XVI se popularizar e se expandir para regiões da França, Alemanha e Suíça, onde mantinha sua finalidade inicial, a redescoberta do baralho pelos estudantes das ciências ocultas parisienses torna-o novamente um objeto típico das elites intelectuais e sociais francesas, o que se mantém quando o tarô chega à Grã-Bretanha com esses novos sentidos esotéricos. É a partir de França e Grã-Bretanha que o tarô se espalha para outras regiões do mundo, e agora não mais como um jogo, e sim como um instrumento mágico, esotérico e divinatório. Quando ela chega a esses novos territórios, juntamente com a expansão dos ensinamentos das sociedades ocultistas, ele já se estabelece como um objeto espiritual, mas que revela uma flexibilidade de utilização muito bem-vinda. Assim, com a eclosão no movimento Nova Era e a redescoberta ou surgimento de inúmeras correntes místico-esotéricas caracterizadas pelo ecletismo e pelo sincretismo, o tarô, pelo seu rico simbolismo e pela capacidade de síntese de ensinamentos ocultos, é apropriado por vários desses grupos e assume novas funções além da divinatória, da ritualística e da didática-esotérica: cura espiritual,

regressão a vidas passadas, diagnóstico da alma, compreensão cármica, elaboração de mapa astral, contato com seres metafísicos, entre outras.

Se a Nova Era permite essa expansão de religiosidades e possibilidades de práticas e crenças espirituais, esse processo não ocorre de forma generalizada em todo o mundo. O século XX viu, ao mesmo tempo, lutas de libertação anti-imperialistas e implementação de ditaduras militares simultâneas a revoluções culturais e sociais que nasciam no seio das grandes potências. Enquanto os países do “Terceiro Mundo” da época da Guerra Fria enfrentavam graves conflitos políticos e sociais em relação à influência das grandes potências mundiais em seus territórios, essas nações do “Primeiro Mundo” viviam um estágio do capitalismo que, ao mesmo tempo que via eclodir movimentos de oposição à estrutura exploratória e excludente do sistema econômico, pouco a pouco ia absorvendo essas dissidências, principalmente por meio do consumo. Um exemplo disso foi o que ocorreu com a contracultura dos anos 1960, que, para o contemporâneo Theodor Roszak (1972b, p. 54), era “[...] uma cultura tão radicalmente dissociada dos pressupostos básicos de nossa sociedade que muitas pessoas não a consideram uma cultura, e sim uma invasão bárbara de aspecto alarmante”, que tinha como principal característica a oposição à tecnocracia (Roszak, 1972a) vigente da época.

Porém, a força da contracultura foi também o seu ponto fraco. O posicionamento entre a idolatria, a ruptura com a tradição, o coletivismo e o individualismo, levou à deterioração interna destes movimentos na década de 1960. Mesmo os grupos mais politizados, como os *yuppies* (*hippies* politicamente conscientes) e a Nova Esquerda universitária, acabaram por se ver apanhados num conflito entre teoria e experiência, com a ideologia política derrotada em favor da transformação cultural da sociedade. Os jovens da década de 1960 não estavam apenas comprometidos com a utopia, mas viam-se como uma geração de mudança, como bravos guerreiros na guerra para destruir a cultura tecnocrática. Mas o poder da sociedade industrial reside precisamente na sua capacidade de absorver a oposição.

Ao mesmo tempo em que representantes dos movimentos dos direitos civis, que foram abraçados pela contracultura, foram vítimas de assassinato durante a década de 1960, uma seita messiânica comandada por Charles Manson, relacionada aos *hippies*, principais representantes contraculturais, pela mídia norte-americana, realizou duas chacinas em 1969 que inflamaram os ânimos da sociedade estadunidense contra os jovens revolucionários. As drogas mataram os ídolos da geração e viraram questão de saúde pública; a liberdade sexual foi levada ao cinema e à TV, sendo consumida por todo tipo de espectador; a música, antes de protesto, tornou-se comercial, glamorosa, topo das paradas de sucesso; a estética naturalista ou existencialista

passou a figurar na indumentária cotidiana da sociedade. Boa parte dos elementos constitutivos da contracultura acabaram sendo absorvidos e naturalizados pela sociedade do consumo.

O movimento da Nova Era, devido às oposições semelhantes que tinha com a contracultura, encontra aí um novo lar e passa pelo mesmo processo de absorção. D’Andrea (2000) pontua que, além das experiências específicas espirituais, a Nova Era se manifestava por outros meios: TV, música, cinema, propaganda. O interesse por essa “espiritualidade *a la carte*” provocou uma difusão notável de serviços e alimentos, produtos que cumpriam essa agenda anticonservadora, antissistêmica, anti-hierárquica. Experiências espirituais foram mercantilizadas, e o consumo também se tornou uma forma de vivência e expressão da espiritualidade (Tavares; Duarte; Cognalato, 2011). Entretanto, a grande economia passou a se apropriar comercialmente de elementos da Nova Era, transformando o naturalismo e a busca de evolução individual característica do movimento em um segmento próprio do capitalismo, criando um mercado do bem-estar ou *wellness*. A busca por sentido proposta pelo movimento Nova Era foi cooptada pelo mercado, mas isso não eliminou a Nova Era – ou a própria contracultura – das relações sociais.

Inserido nesse contexto, o tarô também se tornou um produto, um bem de consumo. Se a profusão de *decks* inicialmente servia à intenção de representar simbolicamente as especificidades de determinado sistema de crenças, com o passar do tempo transformou-se em um produto personalizado, colecionável, que trazia estéticas e simbolismos dos mais variados, com temáticas incansavelmente revisitadas, redesenhadas e repetidas, para chegar a possíveis novos consumidores. De algumas dezenas de baralhos de tarô existentes e comercializados no início do século XX, hoje em dia estima-se que existam alguns milhares de *decks* disponíveis no mercado. Essa é uma estimativa difícil de precisar, mas, levando em conta os quatro volumes da obra “*The Encyclopedia of Tarot*”, de Stuart R. Kaplan, que até 2005 havia descrito 1900 baralhos distintos – ainda que muitos deles não estivessem disponíveis no mercado – e o fato de existirem coleções particulares que ultrapassam o número de 2000 itens não repetidos, não é exagerado supor, baseando-se também nas dezenas de lançamentos anuais de diferentes tarôs, que possa haver de 3000 a 6000 *decks* de tarô, entre disponíveis e indisponíveis no mercado. Isabelle Nadolny (2022, p. 327) também ressalta como isso ocorreu na França, afirmando o seguinte: “Cada vez mais autores ou editores publicam tarôs, edições que se tornaram possíveis graças ao fim do monopólio dos fabricantes de cartas em 1945. Desde essa data, qualquer pessoa é livre para editar cartas”. Com essa profusão de diferentes *decks* e relançamentos, a função do tarô, num contexto mercadológico, se perde, e ele por si só é o fim, atendendo aos interesses do setor do *wellness*.

Porém, isso não determina um encerramento do sentido do oráculo. A problemática com o capitalismo persiste e ganha novos contornos com o progresso tecnológico e a expansão da *web*, mas o tarô permanece espiritualmente relevante e mais popularizado nos dias atuais que em qualquer momento anterior da história da humanidade, o que se observa pela presença do tarô como tema central de páginas, perfis e contas de redes sociais e plataformas da *web*. Isso é observado no caso do Tarô do YouTube, site criado em comemoração ao crescimento da comunidade do tarô na rede social, devido às mais de 250 milhões de visualizações, somente nos Estados Unidos, de vídeos com “tarot” no título (What’s, 2022), e também no Brasil, com o número cada vez maior de perfis e canais de tarólogos e tarotistas brasileiros nas redes sociais, assim como de notícias e matérias sobre o oráculo.

Não só no contexto virtual, mas o próprio mercado editorial dá sinais da relevância do tarô durante esse século.

[...] a produção editorial em torno do tarô tornou-se considerável. Há nada menos do que 566 livros catalogados pela Biblioteca Nacional da França sob as palavras-chave “tarô adivinhação” e publicados na França entre 1970 e 2015. A cada ano, surgem entre dez e 15 novos títulos consagrados ao tarô – e, mais uma vez, estamos falando apenas da França e da produção impressa. Quando pesquisamos as mesmas palavras-chave no catálogo da BnF [Biblioteca Nacional da França], incluindo as publicações estrangeiras, encontramos 629 títulos, e o recorte por datas se torna muito significativo: para 1700-1799, dois títulos; 1800-1899, 14 títulos; 1900-1999, trezentos títulos (dos quais apenas 17 antes de 1980); 2000-2099, 314 títulos. Ou seja, no início dos anos 2000 publicou-se quase a mesma quantidade de livros que nos séculos XIX e XX – e nem estamos falando dos conteúdos de outras grandes bibliotecas, como as anglo-saxãs (Nadolny, 2022, p. 327).

Além dos usos espirituais elencados anteriormente, o tarô apresentou um outro desenvolvimento, que se sobrepôs ao seu caráter divinatório e tornou-se um dos mais praticados nos dias atuais: a sua utilização como elemento terapêutico.

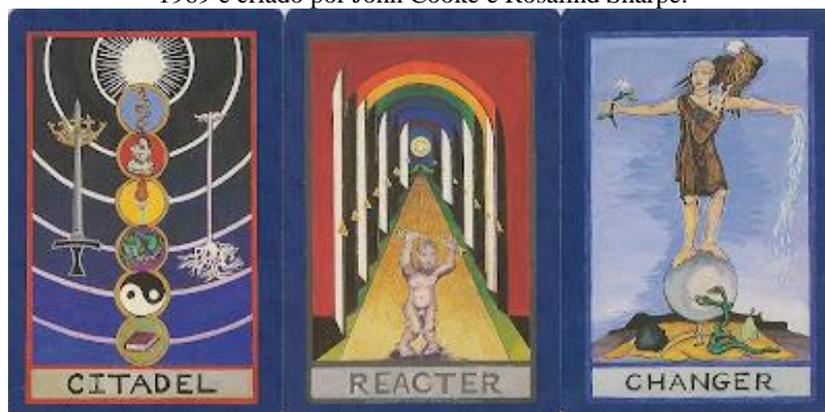
2.2 ARQUÉTIPOS DO INCONSCIENTE COLETIVO: O TARÔ TERAPÊUTICO

Durante o século XX, a psicanálise de Carl Gustav Jung, que se desenvolveu de forma distinta das proposições psicoanalíticas do mentor de Jung e pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), ganhou enorme popularidade fora dos círculos acadêmicos. Dentre os adeptos da Nova Era, as teorias de arquétipos do inconsciente coletivo (Jung, 2002) e sincronicidade (Jung, 2005) tiveram especial estima, especialmente entre praticantes do tarô, visto que esses conceitos são usados constantemente para validação de correspondências simbólicas tarológicas e

mitológicas, artísticas, esotéricas ou culturais. Apesar do próprio psicanalista não ter desenvolvido estudos aprofundados utilizando o tarô, a correlação entre a teoria junguiana e o oráculo foi trabalhada em “Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica” (Nichols, 2007), lançado originalmente em 1988 pela psicanalista Sallie Nichols, que foi aluna do próprio Jung. Nessa obra, a autora ressalta que o arcabouço simbólico presente nas cartas de tarô funcionam como representações de arquétipos do inconsciente coletivo, experimentadas imageticamente em pensamentos, sonhos e visões. Por meio dos arcanos maiores, o tarô projeta estímulos imaginativos inconscientemente, fazendo com que o consultante veja, externalizados em objetos, fatos e outras pessoas, aspectos pessoais. Dessa forma, tais projeções atuam simbolicamente e positivamente em seus praticantes, auxiliando no processo de autoconhecimento.

Os estudos de Nichols dão ao tarô uma função que não é mais intrinsecamente relacionada a um contexto místico, esotérico ou espiritual, mas psicológico e emocional. O oráculo agora serve a uma jornada de autoconhecimento, autocompreensão e desenvolvimento pessoal pautado numa prática terapêutica abalizada por conceitos psicanalíticos. Alguns baralhos de tarô surgiram trazendo essa imagética junguiana. Antes mesmo da obra de Nichols, em 1968, John Cooke e Rosalind Sharpe lançaram o livreto “*The New Tarot: the Tarot for the Aquarian Age*” (“O Novo Tarô: o Tarô da Era de Aquário”), acompanhado de um baralho com os 22 arcanos maiores, que nos dois anos seguintes foi expandido com os arcanos menores e relançado com dois novos livreto: “*G – the Royal Maze: Guide to the Game of Destiny*” (“G - O Labirinto Real: Guia para o Jogo do Destino”) e “*I – Instructions: a Synopsis of the Book of G*” (“I - Instruções: uma Sinopse do Livro de G”). Esse *deck* estabeleceu um sistema de correspondências para os quatro naipes e os trunfos, diretamente relacionados a conceitos da psicologia de Jung (Farley, 2009).

Figura 21 - Cartas de The Word of One Tarot, reedição de 1992 do The New Tarot, lançado originalmente em 1969 e criado por John Cooke e Rosalind Sharpe.



Fonte: Eno, 2013.

Em 1998, Robert Wang lançaria o *Jungian Tarot*, “[...] projetado especificamente para facilitar o uso do que Jung descreveu como “imaginação ativa”, o processo no qual o consulente se envolve ativamente com figuras e símbolos que aparecem em sonhos ou fantasias” (Farley, 2009, p. 156, tradução nossa⁵¹), trazendo a proposta de que cada carta deveria ser alvo de meditação para reintegração dos nossos opostos. Já o *Voyager Tarot*, citado anteriormente, foi criado com o objetivo de ser uma ferramenta psicológica de autotransformação. O uso do tarô para as correntes voltadas à cura espiritual e à espiritualidade feminina também se relaciona frequentemente com o viés terapêutico. Farley (2009) pontua que o tarô se modificou para um dispositivo terapêutico, mais barato e acessível que uma consulta a um terapeuta, o que ajuda a explicar a popularização desse método. Além disso, profissionais da área da psicologia começariam a fazer uso do tarô em seus estudos e práticas. O parapsicólogo Carl Sargent (1952-2018) fez uso do baralho para explicar teorias da personalidade, como as psicanálises de Freud e Jung, a psicologia humanística de Abraham Maslow e Carl Rogers e a psicologia da construção pessoal de George Kelly. Já o psicoterapeuta Sheldon Kopp (1929-1999) defendeu a utilização do tarô em *workshops* e sessões de terapia, incorporando o arcabouço imagético à mitologia pessoal do paciente.

A influência dos conceitos psicanalíticos também modificou o foco divinatório, acompanhando uma tendência já perceptível na Nova Era. Não se tratava mais de saber o futuro por curiosidade ou para evita-lo, mas de conhecê-lo para um autodesenvolvimento. “O tarô tornou-se uma ferramenta para facilitar a transformação interior, com o simbolismo das cartas interpretado para discernir estados psicológicos interiores e “bloqueios” inconscientes que poderiam impedir um indivíduo de atingir o seu potencial” (Farley, 2009, p. 157, tradução nossa)⁵². Conjugando o tarô terapêutico com o tarô divinatório, alguns tarólogos desenvolveram sistemas para objetivos específicos, como a previsão de problemas psicológicos futuros que poderiam atrapalhar um relacionamento por Gail Farfield e o uso do tarô para descobrir a natureza do carma individual a fim de resolver possíveis pendências de William C. Lamme. Outro tarô citado anteriormente também trouxe essa junção: o *Tarot of Transition*, cujas cartas eram usadas para prever como a alma do consulente seria julgada após a morte e para criar proteções para trazer resultados positivos.

⁵¹ No original: [...] specifically designed to facilitate the use of what Jung described as ‘active imagination’, the process in which the querent actively engaged with figures and symbols that appeared in dreams or fantasies.

⁵² No original: Tarot became a tool to facilitate inner transformation, the symbolism of the cards interpreted to discern inner psychological states and unconscious ‘blockages’ that could prevent an individual from reaching his or her potential.

Entre feitiços, rituais, adivinhações, meditações e autodesenvolvimentos, o tarô surgiu e permaneceu presente em diferentes sociedades do mundo, assumindo características e funções adaptadas às novas realidades em que se inseriu. Ainda que criado na Europa e sem qualquer pretensão psicológica ou espiritual, esse instrumento estabeleceu-se como o oráculo mais utilizado do mundo ocidental, com forte adesão nas Américas. No Brasil, a influência do tarô, quando se olha mais atentamente, é considerável; porém, apesar de sua presença não só na *web*, como também, já há algumas décadas, na mídia tradicional, pouco foi investigado em relação a seu surgimento e popularização no país.

2.3 SÉCULO XX: POPULARIZAÇÃO DO TARÔ NO BRASIL

A promulgação do Código Penal de 1890 trouxe um impacto negativo aos profissionais e praticantes do esoterismo no Brasil. Em relação ao tarô, na década de 1890, foram escassas as informações acerca do baralho encontradas nos periódicos nacionais. Vale salientar que, quanto às informações encontradas sobre o século XX, foram selecionados três jornais, seguindo parâmetros estabelecidos na seção 1.3 desse trabalho: “Jornal do Commercio” (1900-1989), do Rio de Janeiro; “O Estado de S. Paulo” (1900-1989), de São Paulo; e o “Diario de Pernambuco” (1900-1989), em Recife. Apesar do recorte não tornar possível estabelecer um panorama mais amplo da presença do tarô em território nacional, as localidades apontam para tendências de popularização partindo da observação de alguns dos principais centros urbanos brasileiros daquele período. Ademais, as informações obtidas por meio da investigação desses periódicos permitiram a resolução de dúvidas e incongruências relativas à história do tarô no Brasil.

Autores como Souza (2016) e Naiff (2002) foram alguns dos poucos no país a tratarem brevemente da história do tarô em território nacional. Enquanto Souza (2016) situa a chegada do oráculo ao país aproximadamente em 1920, Naiff (2002) considera que é em 1949, com o lançamento do livro “O Tarô Adivinatório”, da Editora Pensamento, que o baralho finalmente surge e passa a ser conhecido no Brasil. Pelas pesquisas que realizamos e informações já trazidas no capítulo anterior, as afirmações de ambos os autores estão equivocadas, visto que o tarô já era usado por cartomantes no Brasil desde a década de 1860, além do fato de que a primeira edição do livro “O Tarô Adivinatório” foi publicada em 1920, sendo efetivamente a primeira publicação a trazer um baralho de tarô produzido no Brasil, consistindo numa adaptação do tarô desenvolvido por Papus (Ramachandra, 2022).

Antes disso, na década de 1910, anúncios de obras à venda em livrarias cariocas (Livros, 1915a; Livros, 1915b; Livros, 1917) e da lista de livros em leilão do espólio do Dr. Augusto Daniel de Araujo Lima (Espolio, 1919) trazem os nomes de duas obras de Papus: “*The Tarot of the Bohemians*” (também disponível como “*Le Tarot des Bohemiens*”) e “*Le Tarot divinatoire*”. Percebe-se, então, que o interesse pelo tarô relacionado ao ocultismo coaduna com as informações da coluna “Um pouco de tudo” (1890), citada na subseção 1.4, dado que as obras sobre tarô encontradas em livrarias e coleções individuais eram ambas de Papus, representante do Renascimento Oculto Francês. A influência da imigração europeia para o Brasil durante a segunda metade do século XIX pode ser um elemento que justifique a entrada dos estudos tarológicos de Papus no Brasil, não somente por meio de cartomantes, como também através de sociedades secretas que se estabeleceram no país.

Durante a primeira metade do século XIX, as primeiras sociedades secretas brasileiras eram maçônicas. Fixada no Brasil desde 1796, quando foi instituída a primeira loja maçônica do país em Pernambuco, esses grupos estiveram envolvidos na divulgação dos ideais que guiavam os movimentos revolucionários e separatistas dos anos finais do Brasil Colônia. A influência dessas lojas maçônicas culminou com a proibição das sociedades secretas em território nacional após publicação de Alvará Real em 1818 por D. João VI (3 de maio, 2021). Após o retorno do monarca português a Lisboa em 1821, as sociedades maçônicas voltaram a funcionar e tiveram forte participação no processo de emancipação política do Brasil; alguns membros faziam parte da cúpula governamental, a exemplo do “Patriarca da Independência” José Bonifácio. Ao contrário de seu pai, D. Pedro simpatizava com os maçons, a ponto de, durante seu período como príncipe-regente, ocorrer a fundação do Grande Oriente do Brasil, primeira associação de lojas maçônicas nacionais que as homogeneizava como um grupo, e o próprio D. Pedro I, já como imperador, se tornar grão-mestre do Grande Oriente; entretanto, essa relação pacífica duraria pouco, já que, alguns dias após sua ascensão ao cargo maçônico, D. Pedro fecharia a associação, a qual seria reaberta somente em 1931 (Carvalho, 2010). A maçonaria, apesar dos percalços, manteve-se sempre ativa, influenciando inclusive o surgimento de sociedades secretas no Brasil até meados do século XIX (Silva; Marques, 2018).

A partir da segunda metade dos oitocentos, chegariam no Brasil as mesas volantes, o espiritismo, o espiritualismo, o magnetismo, o sonambulismo e outras práticas esotéricas vindas da Europa, que se tornaram objeto de interesse dos maçons brasileiros e outros membros das elites políticas, econômicas e intelectuais (Del Priore, 2014). Nesse primeiro momento, além da maçonaria, o espiritismo conseguiu se firmar no Brasil, principalmente por meio da criação de instituições espíritas a partir da década de 1870, além do mesmerismo, com a fundação da

Sociedade de Propaganda do Magnetismo em 1861. Já no início do século posterior, surgem algumas sociedades esotéricas, as quais seriam importantes na difusão do tarô como um elemento esotérico e divinatório.

Nesse sentido, um exemplo que se torna emblemático é o da sociedade esotérica do astrólogo português Antonio Olívio Rodrigues, que chega ao Brasil em 1890 aos 11 anos de idade e aprende, aos 21 anos, sobre espiritismo, teosofismo, ocultismo e esoterismo, associando-se posteriormente ao martinismo, ao rosacrucianismo e à Sociedade Alquímica da França. Em 1907, Rodrigues funda a Empresa Editora O Pensamento, na qual publicaria obras de teor místico-esotérico, e nos anos seguintes cria o jornal “O Astro” e a revista mensal de estudos ocultistas “O Pensamento”. O crescente número de assinantes alimenta a ideia do astrólogo “[...] de criar um grupo para estudos psíquicos, que desenvolveria uma “comunhão do pensamento”, uma espécie de corrente de vibrações de “paz e harmonia entre os homens”” (González, 2012); nasce dessa intenção, em 1908, o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, que se constitui como a primeira ordem esotérica do Brasil, voltada ao desenvolvimento do autoconhecimento e das forças mentais do indivíduo. Anos depois, em 1912, Antonio Olívio lançaria ainda o primeiro almanaque de temática astrológica do Brasil, o “Almanach d’O Pensamento Científico, Astrológico, Filosófico e Literário”.

É o próprio Antonio Olívio Rodrigues e sua editora que recolocam o tarô em voga no cenário brasileiro quando, em 29 de abril de 1920, realizam a publicação do primeiro tarô em território nacional, com o lançamento da primeira edição de “O Tarô Adivinhatório”, que vinha acompanhado de 78 cartas litografadas em cores (Ramachandra, 2022). Não se tratando somente de uma tradução do “*Le Tarot divinatoire*” de Papus, lançado em 1909, Rodrigues reúne as obras de Papus, Etteilla, Lévi e Bourgeat numa adaptação à realidade brasileira da época, mantendo ainda

[...] a análise de fontes de alguns desses autores (feitas pelo próprio Papus na primeira edição de 1909), acrescida de textos criados por Antonio Olívio Rodrigues por meio do estudo comparativo das obras de Jean Gaston Bourgeat, Camille Flammarion e P. D. Ouspensky, entre outros (Ramachandra, 2022, p. 15)

Apesar do que foi afirmado por Naiff (2002), que dizia que, após o lançamento de “O Tarô Adivinhatório”, o tarô despertou pouco interesse na população brasileira, Ramachandra (2022, p. 14-15) atesta:

A obra acumulou, em mais de 100 anos de publicação ininterrupta, pelo menos 15 edições, somando dezenas de reimpressões, totalizando mais de 700 mil exemplares vendidos, sucesso absoluto em um país majoritariamente católico

e com população composta de mais de 80% de analfabetos na época em que o livro/conjunto de cartas foi lançado. Apenas para termos uma ideia, até 1939, o livro já havia tido quatro edições, cada uma delas com várias reimpressões.

Todavia, as investigações nos jornais selecionados resultaram poucos resultados acerca do tarô entre as décadas de 1920 e 1960. Em relação à divulgação de leituras de tarô – não foram pesquisados, nessa análise, anúncios de cartomantes –, encontramos uma ocorrência no jornal “O Estado de S. Paulo” datada de 1921, em que a ocultista Mme. Nadir anuncia seu serviço de predição do passado, presente e futuro com o Tarô Egípcio (Mme. Nadir, 1921).

Chamaram atenção também duas matérias em específico de 1936, que se complementam sobre o mesmo tema: em 8 de novembro, no “Jornal do Commercio”, uma coluna ressaltava uma revista recém lançada pelo jornalista Demetrio de Toledo, chamada “Sombra e Luz” e dedicada às ciências ocultas, trazendo previsões e horóscopos (Radio, 1936). Em seu quarto número, alguns brasileiros de renome na época foram alvo de leituras divinatórias, como o general Flores da Cunha, a ativista Bertha Lutz, o locutor Cesar Ladeira, a artista Gilda de Abreu e o político integralista Plínio Salgado. No “Diario de Pernambuco” do dia 12 do mesmo mês, as previsões sobre Flores da Cunha e Cesar Ladeira realizadas nessa edição da revista, numa leitura divinatória que unia astrologia, numerologia e tarô (Flores, 1936). Se anos antes houve o lançamento da revista e do almanaque da Editora Pensamento, que tratavam de astrologia e outros assuntos esotéricos, “Sombra e Luz” vinha com uma proposta semelhante, trazendo também o tarô como um dos elementos centrais de sua abordagem ocultista. Logo, é possível inferir que o interesse pelas ciências ocultas se manteve vivo dentre setores da sociedade brasileira, tendo em vista que esses temas figuravam como temas de periódicos, matérias e obras literárias importadas.

Além das informações citadas anteriormente, outros anúncios do “Jornal do Commercio” (1900-1989) divulgavam leilões e vendas de livros com obras sobre o tarô. Afora as obras de Papus que já estavam presentes e conhecidas no Brasil, outras são citadas. Na década de 1920, aparece “*Le Tarot*”, lançado em 1906 por Jean Gaston Bourgeat; na de 1940, temos a obra “*Manuel Synthetique & Pratique du Tarot*”, lançada em 1909 e de autoria de Eudes Picard; já na década de 1950, surgem “*Le Tarot des Imagiers du Moyen Age*”, lançado em 1927 por Oswald Wirth, “*Le Tarot*”, lançado em 1933 por Joseph Maxwell, “*Les secrets du Tarot*”, lançado em 1952 por Elizabeth Laszloe, e “*Le Tarot Egyptien*”, lançado em 1922 por Elie Alta. Já no final da década de 1960 e início da década de 1970, o destaque fica por conta do título de uma atração da programação da TV Rádio Clube, intitulada “Taro Kid” (O Estado de S. Paulo, 1900-1989; Diario de Pernambuco, 1900-1989). Esse desenho animado, produzido em 1967

pela TCJ Eiken, do Japão, chamava-se originalmente “*Skyers 5*”, com uma trama de espionagem em que os personagens principais eram chamados referencialmente a cartas de baralho e o protagonista utilizava um *deck* como arma (Taro, c2010-2012). Ou seja, o programa não trata sobre tarô, mas sobre baralhos comuns de jogar, com quatro naipes e 52 (ou 54, caso tenha coringas) cartas. A tradução do nome original para “Taro Kid” dá mais alguns indícios de como esse oráculo já fazia parte do imaginário brasileiro, a ponto de ser mais atrativo ao grande público um desenho animado com o título fazendo referência direta ao tarô, ainda que esse objeto não estivesse realmente associado à trama.

Em relação às informações sobre a história do tarô no Brasil, ainda que haja incongruências nos escritos de Naiff (2002) e Souza (2016), ambos ao reiterar que o tarô se torna popular no país a partir da década de 1970. Se, nos primeiros anos dessa década, as menções ao tarô ficavam resumidas às previsões de início de ano ou a artigos sobre obras artísticas com inspiração ou referência ao baralho, a partir de setembro de 1972, com o lançamento da revista “Planeta”, há uma mudança na forma como o oráculo passa a ser abordado na mídia brasileira. Esse periódico, publicado pela Editora Três, trazia uma abordagem de temas esotéricos e ocultistas, e, ainda mais do que os jornais e revistas anteriores a ele, acabou capilarizando esse tipo de conteúdo, geralmente restrito a sociedades secretas e estudiosos das ciências ocultas, em boa parte da população brasileira. Para várias pessoas, o primeiro contato com o tarô e temas esotéricos ocorreu por meio dessa revista, que talvez a principal responsável por introduzir ao grande público o Tarô de Marselha, o qual vinha como brinde da primeira edição da “Biblioteca Planeta”, publicada desde o início de 1974 (Tarô, 1974).

O impacto da revista “Planeta” reverberou especialmente dentre a juventude de classe média dos grandes centros urbanos, visto que esse evento de expansão do esoterismo na mídia relacionava-se com a amplificação do movimento Nova Era no Brasil principalmente a partir de década de 1970, o qual impulsionou o sucesso atingido pela publicação da Editora Três. Esse processo de popularização da Nova Era se deu por meio da contracultura, que se iniciou no Brasil no final da década de 1960, em tempos ditatoriais, e assumiu um aspecto contestatório particular do caso brasileiro, pois, no país, “[...] as manifestações alternativas ocorriam em reação ao padrão oficial de cultura que o binômio Estado-indústria quis determinar como mais adequado” (Tavares; Duarte; Cognalato, 2010, p. 182). Grupos musicais, como os Novos Baianos e Os Mutantes, despontaram como importantes representantes contraculturais, sendo influenciados pelo movimento *underground* – despojado, alternativo, assumidamente marginal. Pouco depois, surgiram os jornais alternativos, como “O Pasquim”, de 1969, que fez sucesso

entre a juventude contracultural principalmente devido à coluna “*Underground*”, escrita por Luiz Carlos Maciel.

Assim, esta coluna divulgava assuntos como: parcelas da juventude norte-americana e internacional vivenciando nos anos 1960 e 1970 a perspectiva “real” da *Era de Aquarius*; o desejo dos jovens de mudar o mundo pacificamente e criar uma sociedade alternativa; o amor livre; o fim da neurose; o *rock’n roll* e as drogas como forma de ampliação da consciência (Tavares; Duarte; Cognalato, 2011, p. 184).

Essa coluna seria a responsável por difundir ideais relacionados a uma mudança de paradigma, ressaltando a inclusão e o hibridismo. Nesse bojo, a Nova Era ganharia espaço dentre os membros da contracultura, trazendo o fortalecimento de várias práticas místico-esotéricas e abrindo espaço a uma nova espiritualidade ou consciência religiosa (Bellah, 1986 *apud* Tavares; Duarte; Cognalato, 2011). Foi em meio a essa efervescência que o tarô encontrou ambiente propício para se firmar como elemento espiritual dessas novas formas de pensar a relação do indivíduo com o sagrado.

Sobre a popularização do tarô na década de 1970, Naiff (2002) ressalta, além da revista “Planeta”, uma edição especial da revista “Nova” lançada em abril de 1976, intitulada “Guia da Sorte”. Essa publicação, que tratava sobre vários tipos de oráculos, vinha acompanhada de uma cópia do Tarô Adivinhatório da Editora Pensamento. Esses dois primeiros baralhos vendidos com revistas tinham como referência somente um livro em português: o “Tarô Adivinhatório”, da Pensamento. O autor cita ainda que o terceiro tarô introduzido – ou melhor, impresso e comercializado – no Brasil foi o Tarô Rider-Waite-Smith, distribuído também pela revista “Planeta” como brinde da edição 58, de julho de 1977. Desse modo, Naiff (2002, p. 324) considera que “[...] todos devem ter voltado a atenção para o tarô e deixado um pouco a cartomancia de lado, pois em 1978 houve, realmente, um passo importante para a propagação do tarô no Brasil”. Esse passo seria a chegada dos livros “*Cartas e Destino*”, vindo de Portugal e lançado em 1976 por Hadés, e “*El Tarot de los Bohemios*”, de Papus, e “*El Tarot*”, de Mouni Sadhu, ambos vindos da Argentina e lançados pela editora Kier, sendo o primeiro de 1974 e o segundo de 1971. O livro de Sadhu traria mais um tarô que se tornaria muito popular naquele período: o tarô egípcio da Kier, ou *Egipcios Tarot Kier*.

Outras obras lançadas no Brasil durante 1978 foram “*O Tarô e a Máquina de Imaginar*”, traduzido do espanhol e escrito por Alberto Cousté; três livros traduzidos do inglês: “*Um Novo Modelo do Universo*”, de P. D. Ouspensky, “*O significado sexual do tarô*”, de Theodor Laurence, e “*Conheça seu Destino*”, de Muriel Husbrouck; e a obra que, segundo Naiff (2002, p. 325), foi “[...] o passo mais importante para a sedimentação do tarô em nosso país”: “Os

arcanos menores do Tarô de G. O. Mebes”, editado pela Pensamento e realizado por Marta Pécher, russa radica na cidade de São Paulo que reuniu nessa obra as anotações dos discípulos da Escola Iniciática do Esoterismo Ocidental, fundada no início do século XX em São Petesburgo e dissolvida em 1917 pela Revolução Russa. Essa sociedade lançou, em 1912, a “Enciclopédia do Ocultismo”, que se tornou um dos livros mais importantes para os estudos das ciências ocultas e trazia explicações aprofundadas sobre os arcanos maiores do tarô. Para Naiff (2002), além de um marco na história da edição de livros no Brasil, a obra de Marta Précher consistiu no primeiro livro escrito e editado em solo nacional sobre o tarô.

Uma curiosidade ainda de 1978 foi o lançamento de um conjunto de 80 cartas denominado O primeiro Tarot Moderno, criado por um autor brasileiro desconhecido e distribuído pelo Instituto Brasileiro de Artes Divinatórias. Esse baralho trazia “[...] uma simbiose bem elaborada da linguagem do tarô e de imagens da astrologia e da cabala [...]” (Naiff, 2002, p. 325), mas despertou pouco interesse e saiu do mercado em menos de um ano. Também houve o lançamento no mesmo ano, pela Pensamento, de “A Chave dos grandes mistérios”, tradução da obra de Éliphas Lévi que estudava os arcanos maiores do tarô (Painel, 1978). Dessa forma, Naiff (2002) estabelece 1978 como o ano em que o oráculo se propagou – ou “nasceu” – no Brasil. Nos anos seguintes, algumas obras importantes seriam lançadas e consolidariam a popularidade do tarô: “*Arcanos Maiores do Tarô – Enciclopédia do Ocultismo*”, segundo livro de Marta Précher lançado em 1980; a tradução de “*Tarô Clássico*”, de Stuart R. Kaplan, lançada em 1983 pela Editora Pensamento; e uma edição especial da revista “Planeta”, denominada “Tarô”, tratando exclusivamente sobre o oráculo e lançada em abril de 1983, na edição 127-B.

Do final da década de 1970 em diante, o tarô firmou sua posição na mídia e nos mercados editorial e místico-esotérico brasileiros, com publicações e baralhos realizados por autores e tarólogos brasileiros e uma expansão da presença da leitura do oráculo – que fazia parte de um mosaico esotérico que juntava astrologia, quiromancia, tarô e outros métodos divinatórios – em quadros, colunas e programas de rádio, televisão e jornal (Naiff, 2002; Jornal do Commercio, 1900-1989; O Estado de S. Paulo, 1900-1989; Diário de Pernambuco, 1900-1989), algo que é observado até hoje nessas mídias, mas que se expandiu também para o universo digital. Naiff (2002) ainda lista as principais obras e livros de tarô lançados entre as décadas de 1980 e 1990, e pode-se perceber o potencial de lucro do mercado voltado ao tarô. Se, nos anos 1980, havia cinco importantes publicações relativas ao baralho, a década seguinte traz mais de seis vezes esse número, com 32 obras em destaque.

Além disso, a realização de *workshops*, palestras, cursos, encontros e eventos místicos com o tarô como parte integrante ou foco principal tornou-se cada vez mais comum a partir da década de 1980 (Tavares, 1999; Jornal do Commercio, 1900-1989; O Estado de S. Paulo, 1900-1989; Diário de Pernambuco, 1900-1989), adentrando o século XXI com uma manutenção dessa popularidade (Cavalcanti, 2022). Não nos aprofundaremos nas décadas de 1980 e 1990 nesse trabalho, visto que a obra de Naiff (2002) traz uma visão panorâmica desse período bastante acurada – dado que, como tarólogo que vivenciou a agitação esotérica dessas décadas, ele apresenta detalhes e informações essenciais para a compreensão do impacto do tarô no Brasil naquele momento –, além do trabalho de Tavares (1999) abordar com propriedade como se constituía o “mundo do tarô” no Rio de Janeiro durante a década de 1980, num contexto de popularidade de elementos fomentados pela Nova Era e que ganharam também espaço na grande imprensa. Ademais, o foco desse trabalho, em relação à história desse oráculo no país, é o preenchimento de algumas lacunas e a elucidação de algumas incongruências sobre o tema.

No entanto, vale ressaltar o desenvolvimento terapêutico que o tarô assumiu em território nacional. Até meados dos anos 1980, o baralho assumia somente as funções esotérica e oracular, sendo esta última a mais popular dentre os praticantes de tarô que surgiam na época. Uma nova perspectiva seria trazida em 1987 pelo marroquino filho de espanhóis e radicado brasileiro Enrique Amorós Azpeitia, que assumiu o nome de Veet Pramad do mestre indiano Osho. Ligado a ideais revolucionários e contraculturais desde sua adolescência, Pramad é um verdadeiro adepto da Nova Era: morou na selva amazônica, numa tribo mexicana Huichol, num templo budista, no pantanal; viajou por várias partes do mundo, onde viveu diversas experiências culturais e espirituais, tendo contato com budismo tibetano, monges peregrinos shivaístas, ritual de peioite; estudou astrologia, esoterismo, análise bioenergética, biodança, etc. Em meio a essas vivências, uma leitura de tarô feita por uma jovem italiana na Suíça despertou em Pramad um interesse profundo pelo baralho, fazendo passar a estudá-lo com afinco a fim de elaborar uma primeira síntese do tarô (Pramad, [202-]).

Após retornar ao Brasil em 1984 e se envolver com terapias alternativas, desenvolveu, em 1987, o Tarot Terapêutico, “[...] uma ferramenta de autoconhecimento que sintoniza a pessoa com a sua essência e ajuda a identificar e desativar os padrões de comportamento que dificultam sua realização integral” (Pramad, [202-]). Posteriormente, em 1999, o autor publicaria “Curso de Tarô e seu uso terapêutico” em espanhol pela editora mexicana Yug, traduzindo ao português no ano seguinte, em publicação pela editora Madras. Seu livro seguinte, “Tarô e Numerologia”, traria os conceitos de Desafio e Lição de Vida, “[...] dando uma nova ferramenta de autoconhecimento para calcular, compreender e aproveitar os ciclos

numerológicos da pessoa” (Pramad, [202-]). Veet Pramad figura, desse modo, como o responsável por trazer o tarô terapêutico, baseado na teoria junguiana, para o Brasil, por meio do intitulado Método Pramad.

Araújo (2008, p. 22) define o Tarot Terapêutico e o Método Pramad da seguinte forma:

O Tarô Terapêutico tem por objetivo sintonizar o indivíduo com a sua essência, identificar e ajudar a resolver bloqueios, medos e padrões de comportamento que o dificultam na difícil saga da sua realização plena. Para o Tarô Terapêutico, o referencial não está nos fatos e circunstâncias, mas no indivíduo que os experiencia.

O Método Pramad utiliza-se de cinco premissas:

1. o ser humano é responsável pela sua vida e pelas suas decisões. Atribuição não delegável;
2. as decisões são tomadas a partir das crenças e padrões de comportamento;
3. o principal obstáculo para a realização plena é o próprio indivíduo, por meio da resistência em alterar as crenças e os padrões de comportamento que não servem ao propósito evolutivo;
4. o ser humano atrai o que precisa para crescer; e
5. cada ser carrega em seu íntimo todos os potenciais necessários para realizar-se em todos os aspectos e ser feliz.

Segundo essas premissas, o Tarot Terapêutico se distingue do tarô esotérico e divinatório em três aspectos centrais: a noção de destino e futuro como consequência das escolhas individuais; a ideia de que a pessoa é responsável pela sua vida e decisões, sendo sua obrigação parar de projetar a responsabilidade pelo que acontece a terceiros; e a exclusão das ideias de bem e mal como verdades absolutas, visto que posicionamento doutrinários não são úteis ao tarotista que quer realmente colaborar com a cura da alma de seu consulente (Araújo, 2008). A previsão do futuro, proposta construída em solo brasileiro desde a chegada do tarô, passa, assim, a dividir espaço com um viés de autoconhecimento e autotransformação, abrindo mão da objetividade mística para abraçar a subjetividade psicológica de cada indivíduo.

Essa abordagem aplicada ao tarô é também observada na construção das redes terapêuticas alternativas surgidas no bojo do movimento Nova Era. A psicologia e a medicina passam a ter a “concorrência” das terapias alternativas, que trabalham agora com uma noção holística e espiritual de cura, dando origem a uma cultura médica alternativa. Tavares (2012) vê esse movimento como resultado de uma oposição ao racionalismo da medicina científica e da insuficiência espiritual das grandes religiões modernizadas; assim, quando, durante o século XX, surgem novos movimentos espirituais e religiosos e diferentes terapias alternativas, os conhecimentos médicos fitoterápicos e homeopáticos e as seitas espirituais marginalizadas da Modernidade passam a ser reapropriados e reaquecidos. Num contexto relacionado ao tarô, isso leva a um processo individual de reencantamento, partindo da racionalidade para acessar um

nível de consciência intuitivo, necessário para exercer a função de tarotista; nesse aspecto, o tarô figura não só como elemento esotérico, mas autotransformador (Tavares, 1999).

Para Cavalcanti (2022, p. 109), o tarô, usado enquanto elemento terapêutico, surge como uma prática terapêutica holística, pois, “Por meio da imaginação simbólica e mítica do passado e do presente é possível reorganizarmos aspectos do inconsciente, que trazem com isso um equilíbrio à nossa consciência”. Ao assumir tal funcionalidade, o baralho poderia ser reconhecido como uma Prática Integrativa e Complementar em Saúde - PICS. As PICS são sistemas médicos completos e recursos terapêuticos “[...] que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde/doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado” (Brasil, 2006). Assim, o tarô assumiria uma função complementar a tratamentos de saúde realizados pelo Sistema Único da Saúde, auxiliando na “[...] elaboração de diagnóstico do Ser Integral⁵³, do que aquele indivíduo no momento necessita, para o seu bem estar, ou seja, para ter saúde” (Cavalcanti, 2022, p. 109).

O entendimento do tarô enquanto objeto terapêutico iniciado na década de 1980 no Brasil amplia ainda mais as possibilidades, as aplicabilidades e a capilarização desse baralho na sociedade brasileiro, o que faz com que ele se torne um dos oráculos mais utilizados e conhecidos do país. Seja para ver o futuro ou compreender o seu eu interior, o tarô desponta, a partir do último quartel do século XX, como um elemento místico-terapêutico de grande interesse. Isso seria percebido no século seguinte, principalmente com a expansão da *web* a partir do início dos anos 2000.

2.4 TARÔ NO BRASIL NO SÉCULO XXI: PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO

No início deste século, iniciou-se a difusão e popularização do acesso à internet no Brasil, principalmente devido à evolução da *web* 1.0 – exclusivamente passiva, servindo

⁵³ O Ser Integral é “[...] o ser que caminha em busca do equilíbrio entre todas as suas dimensões: física, sensorial, emocional, mental e espiritual” (Rohr, 2011 *apud* Cavalcanti, 2022, p. 132). Logo, o ser humano é visto de maneira holística, totalizante, sendo parte de um todo e tendo todas as suas dimensões entendidas como igualmente essenciais para o bem-estar do indivíduo; desse modo, a espiritualidade pode ser entendida como uma dimensão do Ser Integral, devendo ser zelada do mesmo modo que as outras dimensões humanas.

somente para transmitir informações e limitando a interação do leitor com o transmissor do conteúdo –, vigente durante a década de 1990, para a *web 2.0*, efetivamente estabelecida a partir de 2004, que traz uma revolução para a indústria informática, já que, a partir desse momento, os usuários não podem somente ler, mas também escrever e publicar conteúdos (Aghaei; Nematbakhsh; Farsani, 2012). Nascia aí a *web* da sabedoria, marcada pela criação de conteúdo por meio de blogs e *wikis* – sites que permitem alteração de conteúdo por qualquer usuário, caracterizados pela utilização de imagens, textos e *hiperlinks* –, pelo armazenamento em nuvem e pelo acesso móvel à internet.

Nesse processo, conhecimentos humanos foram sendo digitalizados, tornando-se conteúdo de blogs e sites distintos, e sendo uma expressão cultural, a religião e as práticas espirituais também assumiram espaço na *web*. Surgem desde práticas religiosas nascentes e existentes primariamente no ciberespaço, até o transporte das religiões *off-line* para o mundo *online*; assim, essas práticas passam a ser desterritorializadas, unindo indivíduos de todas as partes do mundo por intermédio da internet (Aguilar, 2010). O tarô se insere nesse processo, ao mesmo tempo em que sua popularidade é impulsionada pela expansão das revistas e jornais da grande mídia em portais de notícias e revistas virtuais. O conteúdo focado nas publicações físicas sofre um incremento, mas não é essencialmente modificado; assim, colunas de tarotistas fazendo leitura da “carta do dia” ou perguntando ao tarô sobre eventos de grande proporção e futuro das celebridades mantêm-se presentes no espaço midiático virtual, principalmente associadas ao setor de entretenimento, nas seções específicas sobre astrologia e previsão do futuro.

No entanto, é a partir da década de 2010, com a popularização da *web 3.0* – *web* semântica ou inteligente, com maior capacidade de integração e análise de dados, criação de novos fluxos de informação, otimização e personalização de pesquisas e publicidades, expansão da mobilidade digital e, mais importante, explosão das redes sociais (Aghaei; Nematbakhsh; Farsani, 2012) –, que leituras passaram a ser realizadas de forma remota, cursos e palestras começaram a ser ofertados e ministrados via *web*, e o próprio tarô assumiu formatos digitais, com baralhos acessíveis pelos usuários da internet que podiam realizar, eles mesmos, suas leituras (Paixão, 2011; Esotérico, 2014). Aliás, já em 2013, um fórum de tarô realizado em Belo Horizonte, voltado à discussão do futuro de leitura das cartas, levantou um debate sobre a adaptação do oráculo à internet. As consultas *online* começavam a despontar com uma nova tendência do século XXI, e Nei Naiff, entrevistado sobre o tema em questão, respondeu: “O futuro do tarô pode estar na plataforma digital. São muitas as pessoas que passaram a usar o

meio para ajudar outras com relação ao autoconhecimento e orientação espiritual. Tem dado certo e é muito positivo” (Evans, 2013).

A fala de Naiff não é nada premonitória, visto que acompanha somente uma lógica contemporânea de projeção futura; afinal, é na primeira metade da década de 2010 que se inicia um processo mais intenso de digitalização das práticas sociais, com boa parte das relações sociais e comerciais sendo construídas no ciberespaço. A facilidade de comunicação e divulgação de conteúdos, principalmente por meio de plataformas como o Facebook, o Instagram, o YouTube e o WhatsApp, facilitaram o contato entre profissional e cliente, e a *web* deixou de ser um meio de negociação para se firmar também como o próprio espaço de concretização das relações comerciais. Dessa forma, a leitura de tarô começou, nesse período, a prescindir do espaço físico, com alguns tarotistas oferecendo seus serviços remotamente.

Apesar disso, a oferta de consultas de tarô à distância não é algo que surge somente no século XXI. Já na década de 1970, tarotistas recebiam cartas com questionamentos dos consulentes e respondiam por meio de uma gravação em fita cassete (Naiff, 2010 *apud* Ribeiro, 2015). A internet revoluciona esse tipo de interação à distância, potencializando práticas já existentes.

O que a internet produziu foram novas estratégias ou modalidades de legitimação profissional - mas que convivem com as “antigas”: workshops, vivências, cursos, propaganda boca a boca - e transformações em suas práticas de atendimento, que são vistas, tanto pelos tarólogos como pelos consulentes, como diferenciadas do atendimento presencial. Não são melhores nem piores: atendem a demandas específicas (Ribeiro, 2015, p. 58).

A intensificação da prática remota do tarô deu-se paralelamente à expansão da presença da *web* na sociedade – ou da sociedade na *web* –, um movimento que se torna cada vez maior com o passar do tempo. Entretanto, o episódio da pandemia de covid-19, ocorrido entre 2020 e 2023, trouxe uma aceleração inesperada a essa marcha, principalmente devido à necessidade de isolamento social e consequente transferência das relações *off-line* para o ambiente *online*.

3 PRÁTICA DO TARÔ NO BRASIL PANDÊMICO

A pandemia de covid-19, reconhecida pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020, teve um impacto profundo e inesperado na convivência social e trouxe novos desafios para a ciência contemporânea. Desde meados do século XX, a ciência havia se estabelecido como a principal força na gestão da vida humana, eclipsando a influência do sagrado. No entanto, a pandemia revelou uma fragilidade inesperada em relação a segmentos da população mundial, que se viu repentinamente ameaçada por um vírus altamente contagioso e perigoso para a saúde e a vida dos infectados. Até 2018, os surtos epidêmicos que ocorreram desde o início do século XXI tiveram efeitos relativamente controlados, afetando algumas regiões do mundo de maneira mais alarmante. Contudo, o surto de coronavírus se destacou por ameaçar o colapso dos sistemas de saúde em todo o planeta, o que se confirmou durante esse período desafiador.

Em paralelo, o quadriênio 2019-2022 foi marcado pelo domínio da política nacional sob a extrema-direita, concretizada na figura do presidente Jair Bolsonaro. Eleito nas conturbadas eleições presidenciais de 2018, Bolsonaro assumiu como representante brasileiro do movimento global de ascensão extremista, com representantes avocando cargos de chefes de Estado em vários países do mundo, como Donald Trump nos Estados Unidos, Boris Johnson no Reino Unido, Narendra Modi na Índia, Viktor Orbán na Hungria, entre outros. Já em seu segundo ano de mandato, eclodiu a pandemia de coronavírus, que foi constantemente negligenciada e diminuída pelo governo, por meio de uma estratégia institucional de propagação do coronavírus, segundo relatório de Ventura e Reis (2021). Tal estratégia baseava-se em três eixos:

1. atos normativos da União, incluindo a edição de normas por autoridades e órgãos federais e vetos presidenciais;
2. atos de obstrução às respostas dos governos estaduais e municipais à pandemia; e
3. propaganda contra a saúde pública, aqui definida como o discurso político que mobiliza argumentos econômicos, ideológicos e morais, além de notícias falsas e informações técnicas sem comprovação científica, com o propósito de desacreditar as autoridades sanitárias, enfraquecer a adesão popular às recomendações de saúde baseadas em evidências científicas, e promover o ativismo político contra as medidas de saúde pública necessárias para conter o avanço da Covid-19 (Ventura; Reis, 2021, p. 6).

Com um saldo final de mais de 700 mil mortes durante o período pandêmico, estima-se, segundo o epidemiologista Pedro Hallal, que “[...] quatro em cada cinco mortes pela doença no país eram evitáveis caso o governo federal tivesse adotado outra postura — apoiando o uso

de máscaras, medidas de distanciamento social, campanhas de orientação e ao mesmo tempo acelerando a aquisição de vacinas” (Agência Senado, 2021). À época, na qual o Brasil computava 500 mil óbitos, as estimativas são de que 400 mil destas poderiam ter sido evitadas. Com o aumento posterior desse número de perdas, mantendo-se o mesmo parâmetro, chegamos a um número total de 560 mil vidas que poderiam ter sido salvas.

Se o governo de Bolsonaro consistia numa necropolítica – projeto de poder, baseado em segregação, conspiracionismo, ressentimento e Estado de terror, em que um grupo hegemônico determina, por meio das políticas e da ação do Estado, quais indivíduos devem viver ou morrer (Mbembe, 2016) –, necessitava-se também de uma base moral para apoiar esse posicionamento, o que seria função da necrorreligião. Nesse caso, a religião – que, na situação bolsonarista, seriam principalmente as seitas evangélicas fundamentalistas – torna-se ponta de lança ideológica do Estado necropolítico, criando narrativas que justificam a violência e ajudam a perpetuar o necropoder, e fornecendo estruturas para auxiliar na constituição da ação necropolítica (Pieper; Mendes, 2020). Em tal conjuntura, a ameaça não é apenas sanitária e política, mas também moral e religiosa. O desamparo parece vir de todos os lados para aqueles que não coadunam com o pensamento ultraconservador.

Sob tal cenário, muitas pessoas espiritualizadas buscaram suas crenças com maior intensidade como um modo de lidar com esse período de instabilidade. O vínculo com o sagrado, diante da ineficiência e do descaso dos setores governamentais responsáveis por garantir a segurança da população em um momento tão crítico, emergiu como uma força de resistência contra as várias ameaças enfrentadas durante essa conjuntura, algo facilmente perceptível no Brasil. Ribeiro e Abijaudi (2020) observaram quatro formas de relação entre a pandemia e a espiritualidade: a negação do perigo pandêmico, associando a doença à ira divina e a uma punição aos pecadores; a atribuição do surgimento da pandemia a grupos inimigos da fé cristã, como os comunistas e esquerdistas; a abordagem intimista da espiritualidade, dando foco à devoção, às orações e à meditação como forma de atingir equilíbrio interior; e as práticas espirituais conectadas aos aspectos sociopolíticos críticos desvelados pela pandemia, pautadas nos princípios de comunhão, solidariedade e responsabilidade com os destinos do mundo e do próximo, valorizando a vida humana em sua totalidade. Nesse último caso, é preciso assumir uma espiritualidade que não se dissocie da alteridade, buscando sempre um encontro com o outro, com a natureza, com o sagrado e com o eu interior.

Em vista disso, a prática do tarô pode figurar tanto no campo da espiritualidade autocentrada, focada somente na busca do bem-estar pessoal, quanto no campo da espiritualidade atenta à alteridade, em que o tarotista e o consultante buscam a si mesmos para

se aproximarem do outro, do sagrado e da natureza. Sob essa perspectiva, o tarô figuraria como uma prática espiritual e terapêutica válida na procura por uma paz em meio à crise pandêmica, tanto por meio de respostas a inquietações pessoais, quanto pelo processo de autoconhecimento e autodesenvolvimento possibilitado pela interpretação dos arcanos.

3.1 TARÔ NA MÍDIA E NA WEB DURANTE O BRASIL PANDÊMICO

Com a digitalização das experiências sociais e a transição para o ciberespaço, as práticas religiosas encontraram novas oportunidades no ambiente virtual, notadamente com o aumento da comunidade de tarô. Este oráculo não está vinculado a uma religião ou doutrina específica, o que permite que seus adeptos constituam um grupo heterogêneo, com diversas crenças e variados modos de usar as cartas. Assim, o tarô se destaca como uma ferramenta mística e terapêutica versátil que, durante a pandemia, ganhou uma notável presença no meio digital. Durante o período de pandemia, surgiram e se expandiram perfis, canais e comunidades dedicadas ao oráculo, evidenciando o crescimento da prática profissional do tarô realizada *online*, a qual foi amplamente aceita pelos brasileiros.

Ao mesmo tempo, várias pesquisas e artigos jornalísticos realizados em tempos de pandemia trataram do aumento do mercado do bem-estar, que funciona como uma continuidade do campo mercadológico surgido durante a expansão do movimento Nova Era, o qual, pela sua característica porosidade e capacidade de adequação às individualidades de crença de cada adepto, torna o campo do espiritual um novo vetor de mercado. Entretanto, o *wellness* desponta como uma apropriação das redes terapêuticas alternativas pelos detentores do capital, transformando-as em uma nova forma de consumismo. Há, certamente, um aspecto que visa majoritariamente o lucro na explosão do ramo do bem-estar; porém, esse viés não se relaciona diretamente com o sentido surgido no contexto da Nova Era. A espiritualidade desse movimento expressa-se e resolve-se, em partes, pelo consumo (Tavares; 2012), mas não se resume a ele, nem se resolve unicamente por meio das relações do capital.

O discurso mercadológico de adesão a práticas de cura e orientação para o autocuidado ganha mais forças em tempos de crescimento da ansiedade, e isso foi observado durante a crise de covid-19 devido ao cenário extremamente agitado e aflitivo nos âmbitos sanitário, social e político. Sobre o impacto do *lockdown* e do isolamento social no psicológico das pessoas durante a pandemia, um estudo realizado pela OMS revelou que, no primeiro ano da crise, houve um aumento de 25% em casos de depressão e ansiedade ao redor do mundo, atingindo

principalmente jovens e mulheres (Organização Mundial da Saúde, 2022). Em paralelo, uma pesquisa da Spate, uma plataforma de comportamento do consumidor, evidenciou que, em comparação ao ano de 2019, as buscas na *web* por “cartas de tarô” aumentaram 31,9%, e por “como ler cartas de tarô” tiveram um crescimento de 78,4%, demonstrando uma tendência de aumento da recorrência ao tarô em períodos complicados, sendo menos para previsão do futuro que para orientação espiritual e ajuda psicoterapêutica (Cartwright, 2020).

A mídia brasileira percebeu essa tendência. Entre 17 de março de 2020, quando foi registrada a primeira morte por covid-19 no Brasil, e 22 de abril de 2022, dia em que o Ministério da Saúde declarou o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela covid-19, além das colunas já costumeiras com leituras da carta da semana ou previsões sobre celebridades, acontecimentos esperados ou programas de televisão, tornaram-se mais constantes matérias e entrevistas sobre o tarô com abordagens diversas: explicações sobre que é o baralho e como se tornou “a nova obsessão” do momento (Chioda, 2021; Molinero, 2020; Ribeiro, 2021); artigos respondendo qual a utilidade do tarô e como ele pode ajudar na autocompreensão e na orientação espiritual (Boere, 2021; Costa, 2021; Ferraz; Silva, 2020); matérias sobre tarotistas fazendo sucesso na *web* ou artistas que aderiram à prática (Bonini, 2020; Quem Online, 2020; Santos, 2020); divulgação de eventos e locais que trazem o tarô como parte de sua temática (Malta, 2022; Orsolon, 2021; Santos, 2022); entrevistas com tarólogas que se tornaram populares e se destacaram pela forma de utilização do tarô em sua prática profissional ou por terem trocado o ramo de trabalho anterior (Buchalla, 2020; Cavalcanti, 2021; Redação Glamour, 2020; Serafim, 2021); textos sobre o lançamento de novos tipos de tarô, com diferentes finalidades (Bia, 2022; Marqueti, 2021; Soares, 2021; Souza, 2021); e escritos sobre a influência do tarô na moda durante a pandemia, com o exemplo da grife Dior (Diniz, 2021; Doliveira, 2021).

Além dessas matérias, chamaram atenção três notícias sobre crimes relacionados à prática do tarô – duas relativas a golpes realizados por falsos cartomantes (G1 Santos, 2021; Leão, 2021) e uma sobre uma agressão feita a um profissional do tarô (Ribeiro, 2022) – e uma matéria da Igreja Universal do Reino de Deus sobre o *Villains Tarot Deck*, baralho em que os arcanos são vilões da Disney (Redação Universal.org, 2021). Nessa postagem, o tarô é associado à previsão de futuro, o que é condenado veementemente pela Bíblia; ademais, há um discurso de tentativa de doutrinação ideológica por meio de produtos aparentemente inocentes, citando a inserção de um personagem LGBTQIA+ em uma nova versão cinematográfica de Cinderela como um sinal para que os pais se atentem ao que seus filhos consomem na internet. Esse tipo de discurso reitera o que já foi citado sobre a visão segregacionista, conspiratória e

preconceituosa compartilhada por fundamentalistas cristãos e adeptos da extrema-direita, estando o tarô dentre os alvos destes ataques. Porém, na pesquisa realizada sobre as notícias acerca do baralho durante o período de pandemia, isso foi pouco constante, sendo mais comum a difusão de interpretações positivas ao oráculo e suas funcionalidades para o bem-estar de cada indivíduo.

A título de comparação, buscamos fazer quatro análises de dados diferentes sobre a quantidade de conteúdos, notícias e buscas realizadas com os termos “tarot” ou “tarô” no mecanismo de busca Google. Três foram realizadas com as ferramentas de busca na própria plataforma, utilizando delimitação temporal e idioma da página para pesquisas a quantidade de resultados de três tipos de dados, caracterizados nas abas de pesquisa do Google da seguinte forma: “Todas” (conteúdo de todo tipo – vídeo, página, notícia, rede social, anúncio de venda etc. – indexado pela pesquisa Google), “Vídeos” e “Notícias”⁵⁴. A outra análise foi feita por meio do Google Trends, ferramenta criada pela empresa proprietária do mecanismo de busca mais popular do mundo que revela as tendências de pesquisa dos usuários em tempo real; ou seja, por meio do Trends, é possível fazer uma avaliação do interesse de busca por um assunto ou tema específico em um período e local determinados, por meio de gráficos de progressão, estatísticas e listas de assuntos e pesquisas relacionadas, tanto principais quanto em ascensão. Essa ferramenta é bastante utilizada em *Search Engine Optimization* (SEO, ou Otimização para motores de busca), conjunto de estratégias utilizadas em *marketing* digital para potencialização e melhoria da posição de sites nos diferentes mecanismos de busca, a fim de gerar mais acessos orgânicos, sem a necessidade de pagamento de divulgação de *links*. Por gerar dados quantitativos e comparativos, o Google Trends também é operacional em pesquisa acadêmica, principalmente em relação a dados presentes na *web*.

A delimitação temporal foi baseada num ciclo de 767 dias, por ser o tempo decorrido entre o início da *lockdown* no Brasil – 17 de março de 2020 – e o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19 – 22 de abril de 2022. Além desse período base, delimitaram-se mais três recortes: um imediatamente posterior – de 23 de abril de 2022 a 28 de maio de 2024 –, um imediatamente anterior – de 9 de fevereiro de 2018 a 16 de março de 2020 – e, por fim, um imediatamente anterior a esse último recorte – de 4 de janeiro de 2016 a 8 de fevereiro de 2018 –, que foi adicionado para observar se o aumento de procura pelo tarô na *web* é um sintoma que ganha impulso na pandemia ou é um movimento anterior a isso. Para a análise

⁵⁴ Para as notícias, considerou-se somente o número de resultados que aparecem a partir da segunda página de pesquisa, que enumera os artigos efetivamente indexados na busca e acessíveis pela pesquisa na plataforma.

no Google Trends, considerou a delimitação que abrange todos esses recortes, de 4 de janeiro de 2016 a 28 de maio de 2024.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Tabela 1 - Resultados da pesquisa do termo "tarot" no mecanismo de busca Google

	04/01/2016 a 08/02/2018	09/02/2018 a 16/03/2020	17/03/2020 a 22/04/2022	23/04/2022 a 28/05/2024
Seção "Todas"	137.000	276.000	669.000	4.800.000
Seção "Vídeos"	66.000	137.000	365.000	1.270.000
Seção "Notícias"	23	68	206	300

Fonte: Elaborada pelo autor.

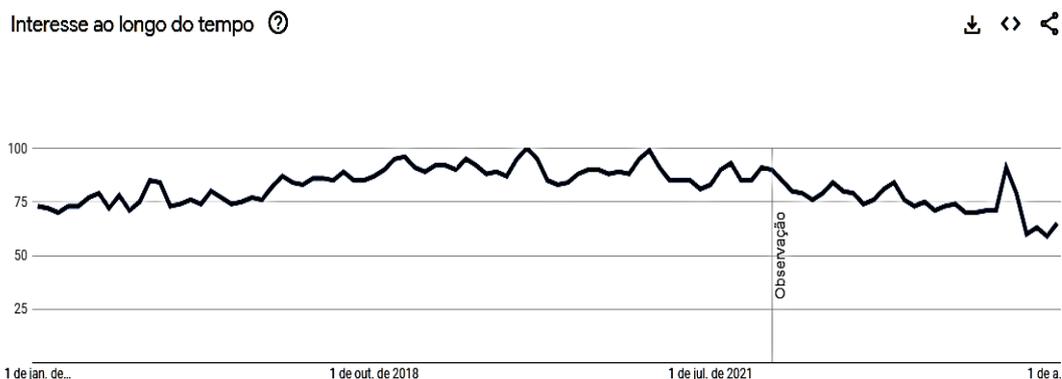
Tabela 2 - Resultados da pesquisa do termo "tarô" no mecanismo de busca Google

	04/01/2016 a 08/02/2018	09/02/2018 a 16/03/2020	17/03/2020 a 22/04/2022	23/04/2022 a 28/05/2024
Seção "Todas"	55.400	84.700	173.000	481.000
Seção "Vídeos"	15.100	29.300	79.900	296.000
Seção "Notícias"	51	74	135	300

Fonte: Elaborada pelo autor.

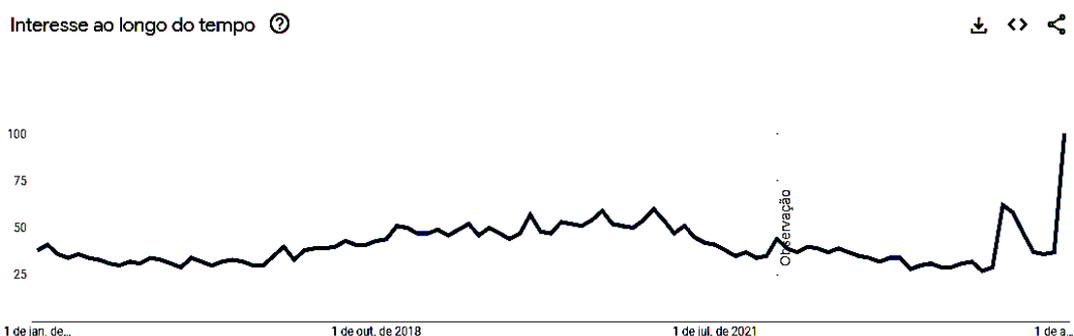
Nota-se, pelos resultados captados tanto no termo em inglês (tarot) quanto em sua versão adaptada ao português (tarô), uma tendência de aumento de busca a cada período mais recente. Porém, o crescimento observado entre o período pandêmico e o imediatamente posterior apresenta um índice de variação bem acima do observado com os períodos anteriores à pandemia. Se nesses últimos casos, principalmente com as seções "Todas" e "Vídeos", há um aumento de busca que se multiplicam entre duas e três vezes mais que os resultados do período anterior, a variação entre a pandemia e a pós-pandemia chega a aumentar em sete vezes, o que representa um grande crescimento de interesse no tarô após a crise do coronavírus. O gráfico gerado pelo Google Trends ajuda a entender esse movimento.

Figura 22 - Gráfico do interesse ao longo do tempo pelo termo "tarot" no mecanismo de busca Google entre 4 janeiro de 2016 e 28 de maio de 2024 no Brasil; gráfico gerado pela ferramenta Google Trends



Fonte: Google Trends.

Figura 23 - Gráfico do interesse ao longo do tempo pelo termo "tarô" no mecanismo de busca Google entre 4 janeiro de 2016 e 28 de maio de 2024 no Brasil; gráfico gerado pela ferramenta Google Trends



Fonte: Google Trends.

O gráfico de interesse ao longo do tempo, segundo a própria ferramenta, funciona da seguinte forma: os números no gráfico (visíveis quando se coloca o ponteiro do mouse em cima da linha variável) representam o nível de interesse pelo tema na pesquisa Google relativo ao ponto mais alto no gráfico; assim, o valor 100 significa que, nesse momento, o termo atingiu seu ápice de popularidade, de forma que um 50 significaria metade dessa popularidade, enquanto o número 0 representa momentos em que não havia dados suficientes sobre o termo para serem adicionados à contagem do gráfico.

Há uma diferença, perceptível nos números listados nas tabelas dos números aproximados dos resultados de pesquisa do Google, entre os termos “tarot” e “tarô”. Mesmo no Brasil, o termo em inglês é usado de forma mais constante, mas pesquisar a versão aportuguesada ajuda na solidificação dos resultados obtidos. No caso do termo “tarot”, os picos de popularidade foram em janeiro de 2020 (100), janeiro de 2021 (99) e janeiro de 2019 (96). Outros ápices foram detectados em meses de dezembro e janeiro, com números no gráfico acima de 90, o que pode se justificar pela procura por leituras de passagem de ano, para entender o que ocorrerá no ano seguinte. Apesar do maior pico não ter sido ainda na pandemia, ele

aconteceu dois meses antes, o que mostra que o processo de popularização do tarô na *web* brasileira foi um processo que já estava em curso e se expandiu durante a pandemia. O segundo maior pico se deu já durante o período do surto de coronavírus, mas ele se justifica menos pelo contexto sanitário do que pela tendência de aumento de buscas no início do ano e pelo movimento de crescimento observado anteriormente.

Já com o termo “tarô”, esse aumento torna-se mais perceptível também em janeiro de 2020 do que com a busca anterior. O pico dessa pesquisa se dá em maio de 2024, e em nenhum momento houve um índice de popularidade que chegou perto desse nível. Os números mais altos foram em novembro de 2023 (61), janeiro de 2021 (58), agosto de 2020 (57) e janeiro de 2020 (57). Com exceção do último pico, todos os outros ocorreram durante ou após a pandemia, o que consolida a ideia de expansão do tarô no decorrer do – mas não devido a – surto de covid-19. Pode-se criar uma hipótese de que o crescimento da busca em agosto de 2020 tenha relação com a piora do quadro nacional de infectados nesse mês, porém não é possível confirmar tal teoria.

Por essas observações, podemos deduzir que houve realmente um aumento da busca pelo tarô na internet brasileira. Entretanto, a pandemia e seus riscos não foram os principais focos abordados pelas pessoas que buscavam ajuda nas cartas. Uma matéria do Sögun-Hous (2021) traz as questões mais comuns feitas não somente ao tarô, mas a astrólogos, durante o período pandêmico, e os resultados foram relativos a problemas amorosos, como separações, conquistas, impotência sexual, amores não correspondidos, e financeiros, como dívidas, aposentadoria, desemprego, busca de emprego, mudança de carreira e autonomia financeira feminina. Se o medo da pandemia não se configurou como uma preocupação por si, os efeitos dela, como o convívio mais constante com cônjuges e parceiros, a distância forçada das pessoas queridas, a perda do emprego e a possibilidade de pôr em perspectiva, devido à disponibilidade de tempo, o futuro profissional e a segurança financeira, foram os maiores focos nas consultas aos tarotistas. Essas questões já eram comuns antes do momento pandêmico, mas elas ganharam novos contornos nesse período, assim como a busca por autoconhecimento, autocompreensão e orientação terapêutica por meio do baralho.

A prática do tarô após a pandemia reservaria aspectos mais ligados aos financeiros; agora, não só o número de consulentes aumentou, como também o número de profissionais da área, já que a leitura – e o ensino da leitura – das cartas surgiu como uma possibilidade lucrativa de deixar o mercado tradicional e trabalhar em um setor que observou um fortíssimo crescimento em tempos de pandemia (Veríssimo, 2022). Com a necessidade cada vez maior do *wellness*, o mercado místico se fortaleceu, expandindo-se e conquistando espaço na *web* para

se tornar parte desse ciclo mercadológico voltado ao bem-estar pessoal e à evolução espiritual (Pastore, 2022). De tarotistas a bruxas, as redes sociais se viram cada vez mais habitadas por perfis voltados à prática mística de forma profissional, e hoje se pode dizer que há um forte ramo de negócios, bem estabelecido na *web*, que, por meio de neo-esoterismos e terapias não-convencionais, firma-se como um importante espaço de fortalecimento e segurança para um considerável número de brasileiros.

Outros dados ajudam a montar um panorama acerca da prática do tarô em tempos de pandemia, alguns deles levantados por meio do Projeto Misticiência. O Projeto Misticiência nasceu em setembro de 2020 como um projeto de extensão do Departamento de História de Universidade Federal de Sergipe, voltado à divulgação científica de estudos acadêmicos sobre tarô, misticismo e prática do tarô durante o período pandêmico por meio da rede social Instagram. O projeto, inicialmente coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Silva, hoje não está mais vinculado a uma instituição acadêmica, operando de forma independente com o autor desse trabalho, José Lucas Vilas-Boas Oliveira, à frente da empreitada. O perfil do Instagram, atualmente com aproximadamente 300 publicações e 700 seguidores, expandiu-se também a outras plataformas, como o YouTube e o Spotify, além de contar com seu próprio site, o Portal Misticiência, no qual alguns temas abordados nas postagens do Instagram são desenvolvidos em textos mais extensos e detalhados.

Foi por meio do perfil do Instagram do Projeto Misticiência que divulgamos, entre outubro de 2022 e setembro de 2023, um questionário de 20 questões, desenvolvido no Google Forms, direcionado a praticantes, estudantes, profissionais e curiosos pelo tarô acerca da prática do oráculo em tempos pandêmicos. O objetivo dessa pesquisa era compreender o perfil da comunidade tarológica brasileira presente na *web* por meio de uma amostragem; entretanto, os resultados obtidos na pesquisa não configuraram uma amostra para finalidades estatísticas, visto que o quantitativo total de respondentes (60 participantes) não atingiu o número mínimo para validá-lo como amostragem (a partir de 99 participantes). Essa baixa participação explica-se principalmente porque a divulgação realizada via redes sociais teve alcance limitado, já que as ferramentas pagas de anúncio do Meta – empresa proprietária das redes sociais Instagram, Facebook e WhatsApp – não foram contratadas; afinal, tratava-se de uma pesquisa sem fins lucrativos fomentada por uma equipe que não dispunha de verba direcionada a *marketing*.

As perguntas foram divididas em quatro seções: Informações para fins de classificação (6 perguntas); Religião, doutrina ou prática espiritual (2 perguntas); Contato com o tarô (6 perguntas); e Tarô no universo virtual (5 perguntas). A última pergunta, que não entrou no cômputo final, era acerca do interesse do participante da pesquisa em participar de uma

entrevista, em formato de *live* ou podcast, que seriam veiculadas nas redes do Projeto Misticiência. 17 pessoas declararam interesse, porém três não puderam participar das entrevistas; ao todo, foram realizadas 14 sessões de perguntas, contando somente com tarotistas, divididas em oito *lives*, exibidas no Instagram do Projeto Misticiência entre 17 de maio e 26 de julho de 2023, e seis episódios de podcast, lançados no Podcast Misticiência entre 12 de maio e 25 de agosto de 2023. Todas as entrevistas estão acessíveis nas redes sociais do projeto, cujos *links* estão disponíveis na introdução desse trabalho.

Os resultados demonstrados a seguir estão disponíveis no Portal Misticiência (Vilas-Boas, 2024), e, apesar de não consistirem em dados estatísticos, indicam tendência de composição do público consumidor e praticante do tarô na *web* brasileira, mais especificamente no âmbito do Instagram. Para apresentar os dados, serão anexadas capturas de tela com o número absoluto e relativo das respostas dadas.

3.1.1 Seção 1: Informações para fins de classificação

A seguir, iremos listar as perguntas e respostas da primeira seção, para ao fim tecer comentários sobre os resultados obtidos.

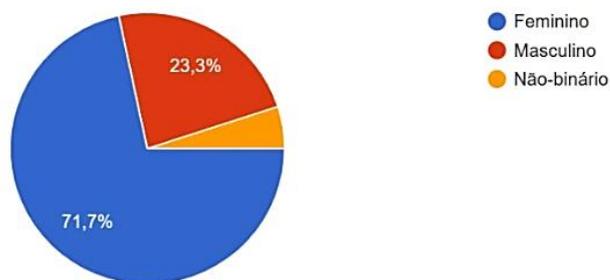
Primeira pergunta: Qual é o seu gênero? Respostas:

Figura 24 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 1: Qual é o seu gênero?

Qual é o seu gênero?

60 respostas



- **Feminino:** 71,7% (43 respostas)
- **Masculino:** 23,3% (14 respostas)
- **Não-binário:** 5% (3 respostas)

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

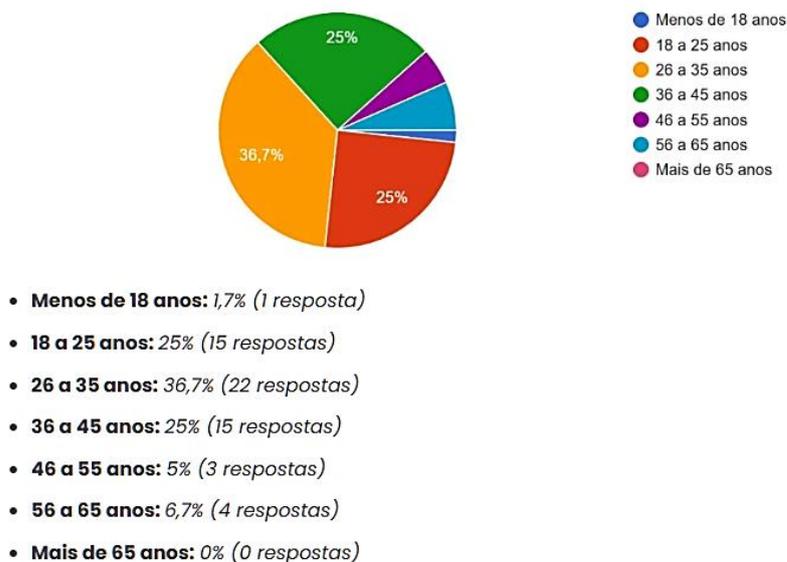
Segunda pergunta: Qual é a sua faixa etária? Respostas:

Figura 25 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 2: Qual é a sua faixa etária?

Qual é a sua faixa etária?

60 respostas



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

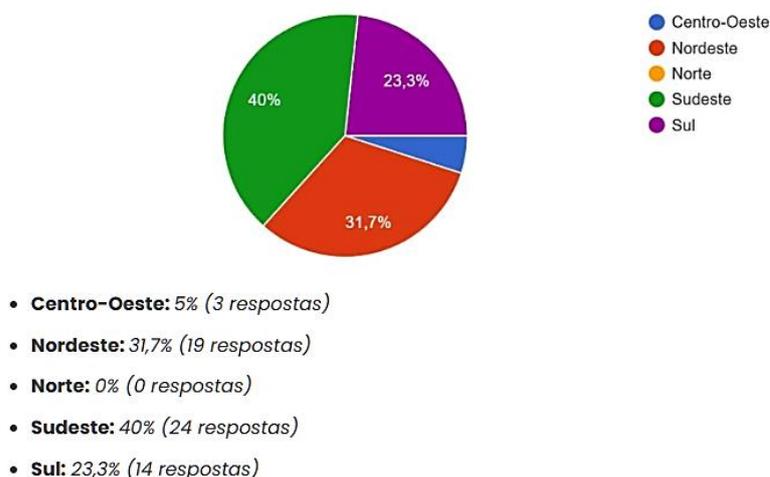
Terceira pergunta: Em que região do país você mora? Respostas:

Figura 26 - Captura de tela das respostas à pergunta 3 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 3: Em que região do país você mora?

Em que região do país você mora?

60 respostas



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

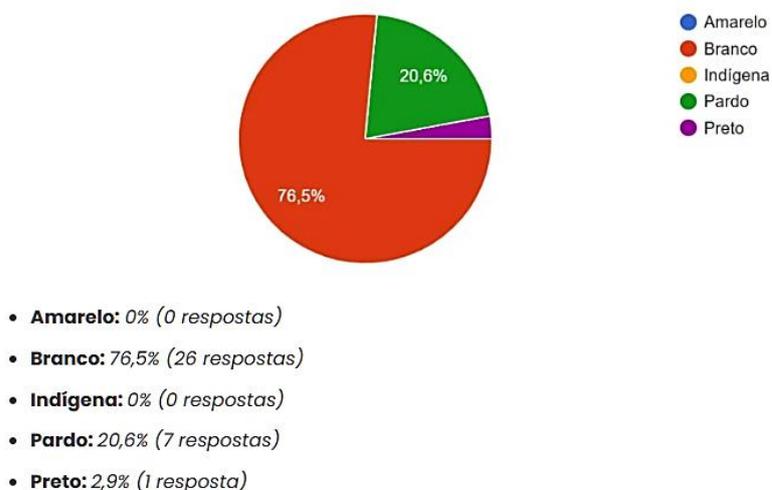
Quarta pergunta: Como você se autodeclara étnico-racialmente? Respostas:

Figura 27 - Captura de tela das respostas à pergunta 4 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 4: Como você se autodeclara étnico-racialmente?

Como você se autodeclara étnico-racialmente?

34 respostas



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

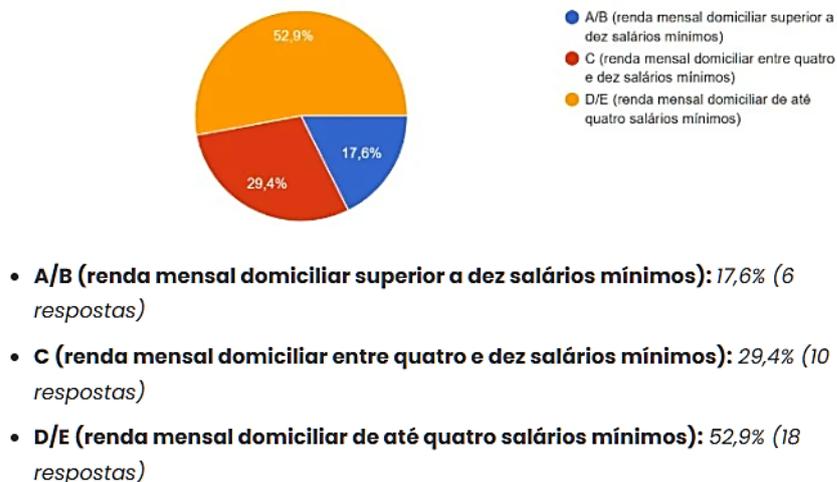
Quinta pergunta: Qual é a sua classe social? Respostas:

Figura 28 - Captura de tela das respostas à pergunta 5 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 5: Qual é a sua classe social?

Qual é a sua classe social?

34 respostas



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Sexta pergunta: Você faz parte de alguma religião, doutrina ou prática espiritual?

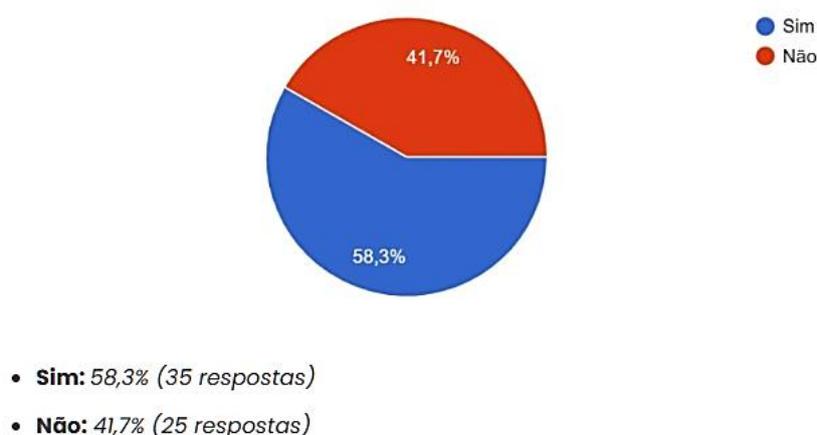
Respostas:

Figura 29 - Captura de tela das respostas à pergunta 6 da seção 1 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 6: Você faz parte de alguma religião, doutrina ou prática espiritual?

Você faz parte de alguma religião, doutrina ou prática espiritual?

60 respostas



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

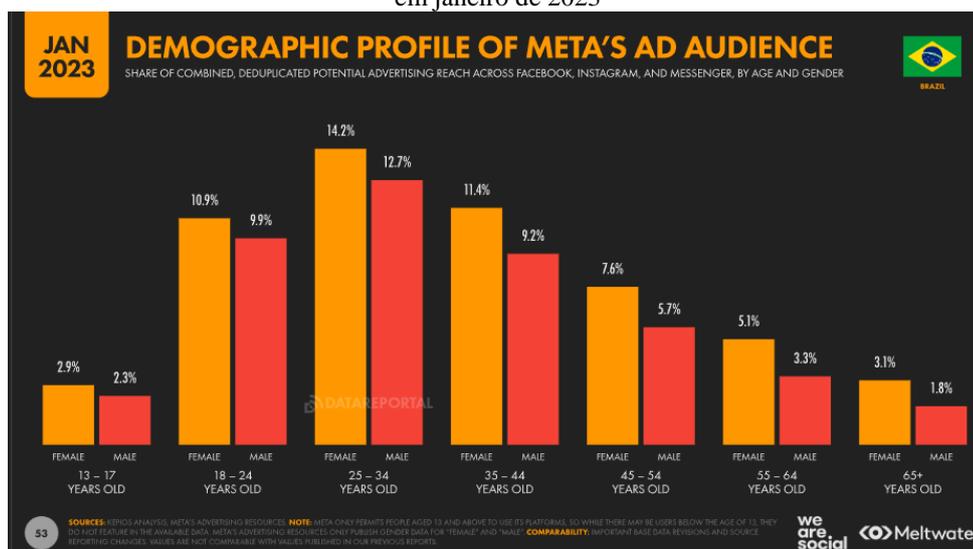
Nessa primeira seção, o objetivo era traçar um perfil geral de quem são os praticantes de tarô na *web* brasileira. As questões 4 e 5, diferente das outras perguntas, que tiveram 60 respondentes, computou somente 34 participações. Isso se deve à adição posterior dessas questões à pesquisa, em decorrência de uma deliberação dos pesquisadores envolvidos, os quais consideraram que a captação de tais dados melhoraria a compreensão do perfil da comunidade tarológica brasileira presente na *web* (Vilas-Boas, 2024). Não consistindo numa confirmação estatística, esse indivíduo foi definido como alguém do sexo feminino, de faixa etária entre 28 e 35 anos, habitante da região Sudeste, autodeclarado branco, de classe social D/E e adepto de alguma religião, doutrina ou prática espiritual.

Existem elementos que permitem considerar tal perfil próximo à realidade, devido a alguns fatores. Primeiramente, o sexo feminino é historicamente relacionado à cartomancia e às práticas esotéricas, numa tendência que nasceu na França do século XIX e foi reproduzida em países que tiveram contato com tarô e baralhos divinatórios por meio de imigrantes desse país – apesar de que, no caso da França do Renascimento Oculto, o tarô estava mais ligado aos estudos esotéricos, de domínio masculino, enquanto outros baralhos, como o Lenormand e o

cigano, ou o próprio *Grand Etteilla*, eram direcionadas à diversão feminina, já que a leitura divinatória era mal vista pelos adeptos do ocultismo; no Brasil, o fato do tarô ter sido introduzido em território nacional por meio de mulheres cartomantes e com teor essencialmente divinatório fez com que tal associação da divinação ao feminino se mantivesse arraigada no imaginário social brasileiro. Até hoje, a palavra “cartomante” remete mais à imagem de uma mulher – geralmente cigana, ou trajada como tal – que a uma figura masculina. O mesmo não acontece com o termo “tarólogo/taróloga”, já que essa função assumiu um outro *status* em comparação à cartomancia, vista como menos confiável que a prática do tarô. Ainda assim, até os dias atuais, os domínios da leitura oracular, seja cartomântica ou tarológica, estão mais relacionados ao feminino.

Em relação à faixa etária, explica-se essa tendência de adesão por jovens adultos devido a uma renovada popularização do tarô ocorrida desde a segunda metade da década de 2010, que chamou a atenção de jovens ativos na *web*. Hoje, esses jovens adultos permanecem bastante ativos nas redes; além disso, se formos expandir o recorte etário às outras duas faixas mais escolhidas na pesquisa – 18 a 25 anos e 36 a 45 anos, computando 25% dos votos cada –, teremos 86,7% dos respondentes com idade entre 18 e 45 anos, que se assemelha ao perfil etário do público mais ativo na *web* e nas redes sociais, como as estatísticas da Kepios, empresa especializada em análise de dados sobre o uso da *web*, demonstram:

Figura 30 - Captura de tela de gráfico sobre perfil demográfico da audiência da publicidade do Meta no Brasil em janeiro de 2023



Quanto à região do Brasil, tendo em vista que a entrada do tarô no país aconteceu no Rio de Janeiro e os principais lançamentos editoriais, grupos esotéricos e redes terapêuticas alternativas ocorreram e se estabeleceram principalmente nas duas principais metrópoles do

país, São Paulo e Rio de Janeiro, é coerente que a região Sudeste, onde estão as duas localidades, apresente os maiores índices de praticantes do tarô presentes na *web* brasileira – somando-se ainda ao fato de que essa é a região mais populosa do país. Já quanto à autodeclaração racial, talvez a maioria branca se dê devido às distintas expressões religiosas culturalmente relacionadas a grupos étnico-raciais específicos: a população negra é historicamente ligada às religiões de matriz africana, a qual possui contato com o tarô, mas de forma menos central que em outras expressões religiosas não-dogmáticas; já os grupos étnicos indígena e amarelo não foram representados na pesquisa, o que se deve, muito possivelmente, ao baixíssimo alcance do questionário e ao fato dessas serem as etnias com menor porcentagem no país. O curioso é que, mesmo juntando pardos e pretos, não se chega à metade do quantitativo de autodeclarados brancos, o que demonstra uma tendência de adesão racial do tarô. Os motivos por trás disso merecem uma investigação mais aprofundada.

Em relação à classe social, a maioria dos respondentes declararam receber até quatro salários mínimos por mês em sua domicílio, estando posicionados nas classes D/E. Como a popularização do tarô ocorreu, durante o período de expansão da Nova Era, dentre jovens da classe média urbana, o resultado é coerente, visto que, no Brasil, pode se considerar classe média famílias com renda média entre 2 e 10 salários mínimos. Como as respostas basearam-se nos parâmetros da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua –, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, há uma diferença em relação à noção de classe média mais comum dentre a população, na qual famílias que ganham a partir de dois salários mínimos podem ser consideradas como parte do grupo. Esse dado da pesquisa também merece um aprofundamento e um cruzamento de dados com as informações acerca da autodeclaração étnico-racial e da região de moradia dos praticantes, que podem trazer interessantes desdobramentos acerca da composição social historicamente construída dos adeptos do tarô.

Por fim, apesar da porcentagem de respondentes ser maior por parte daqueles adeptos de alguma religião, doutrina ou prática espiritual, o que era esperado, surpreende o alto número de respostas em contrário, totalizando 41,7% do total. Mesmo sabendo que o tarô não está relacionado intrinsecamente a um tipo específico de espiritualidade, o seu processo de popularização no Brasil se deu por meio de grupos e abordagens relacionadas ao sagrado. Talvez essa maior adesão de “não-religiosos” se dê graças à disseminação do tarô terapêutico, que prescinde de qualquer relação com o sagrado. Já em relação ao perfil dos adeptos a algum tipo de espiritualidade, veremos melhor na próxima subseção.

3.1.2 Seção 2: Religião, doutrina ou prática espiritual

Novamente, listaremos as perguntas e respostas da segunda seção – que é uma subseção destinada somente aos que responderam “sim” à sexta pergunta da seção 1 –, e ao fim desenvolveremos alguns comentários sobre os resultados obtidos.

Primeira pergunta: Informe a religião, doutrina ou prática esotérica da qual você faz parte. Respostas:

Figura 31 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 2 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 1: Informe a religião, doutrina ou prática esotérica da qual você faz parte:

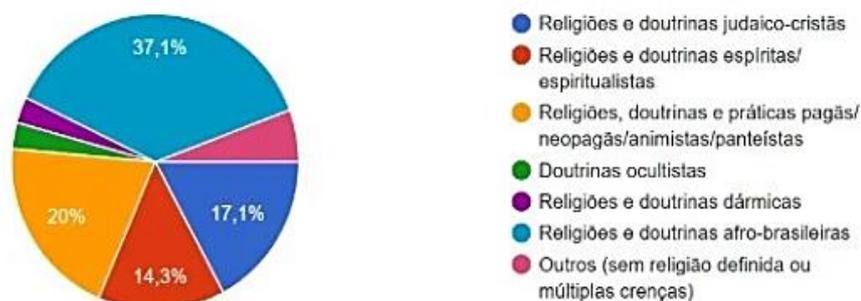
Informe a religião, doutrina ou prática esotérica da qual você faz parte:

35 respostas



Informe a religião, doutrina ou prática esotérica da qual você faz parte:

35 respostas



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Figura 32 - Captura de tela de continuação das respostas à pergunta 1 da seção 2 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

- **Religiões e doutrinas judaico-cristãs:** 17,1% (6 respostas) – Cabala [1 resposta]; Catolicismo [4 respostas]; Judaísmo [1 resposta]
- **Religiões e doutrinas espíritas/espiritualistas:** 14,3% (5 respostas) – Espiritismo [1 resposta]; Espiritualismo [3 respostas]; Vale do Amanhecer [1 resposta]
- **Religiões, doutrinas e práticas pagãs/neopagãs/animistas/panteístas:** 20% (7 respostas) – Ásatrú [1 resposta]; Ayahuasca – Santo Daime – Xamanismo [1 resposta]; Bruxaria/bruxaria natural [2 respostas]; Paganismo e bruxaria natural [1 resposta]; Helenismo [1 resposta]; Devota de Hekate e iniciada no coven da Specula, de magia do caos [1 resposta]
- **Doutrinas ocultistas:** 2,9% (1 resposta) – Thelema e algumas outras [1 resposta]
- **Religiões e doutrinas dárnicas:** 2,9% (1 resposta) – Hinduísmo [1 resposta]
- **Religiões e doutrinas afro-brasileiras:** 37,1% (13 respostas) – Candomblé [3 respostas]; Quimbanda [1 resposta]; Umbanda [6 respostas]; Bruxaria e umbanda [1 resposta]; Meditação e umbanda [1 resposta]; Religião afro-brasileira [1 resposta]
- **Outros (sem religião definida ou múltiplas crenças):** 5,7% (2 respostas) – Umbanda e taoísmo [1 resposta]; Vou só rezar [1 resposta]

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

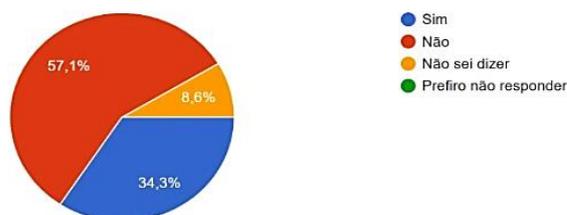
Segunda pergunta: Seu contato com o tarô está relacionado diretamente à sua religião, doutrina ou prática esotérica? Respostas:

Figura 33 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 2 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 2: Seu contato com o tarô está relacionado diretamente à sua religião, doutrina ou prática esotérica?

Seu contato com o tarô está relacionado diretamente à sua religião, doutrina ou prática esotérica?

35 respostas



- **Sim:** 34,3% (12 respostas)
- **Não:** 57,1% (20 respostas)
- **Não sei dizer:** 8,6% (3 respostas)
- **Prefiro não responder:** 0% (0 respostas)

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Como a pergunta 1 da segunda seção foi aberta, na qual o participante deveria digitar sua resposta, houve uma necessidade de agrupamento dos dados obtidos para classificá-los em grupos de práticas espirituais e religiosas assemelhadas umas com as outras. Nota-se que a maior parte dos respondentes declararam ser de religiões e doutrinas afro-brasileiras, o que vai

de encontro à constituição étnica do contingente analisado; entretanto, principalmente com a possibilidade de trânsito espiritual propiciado pelo movimento Nova Era, as correlações étnico-espirituais foram sendo superadas, fazendo com que grupos étnicos não estejam mais reclusos a um tipo específico de expressão espiritual. Em sequência, as religiões, doutrinas e práticas pagãs/neopagãs/animistas/panteístas; as religiões e doutrinas judaico-cristãs; e as religiões e doutrinas espíritas/espiritualistas figuram com mais adeptos. Chama atenção a parcela judaico-cristã, visto que não se trata majoritariamente de adeptos da cabala, que desde o século XIX é sistematicamente relacionada ao esoterismo, mas de católicos, tradicionalmente e dogmaticamente contrários a práticas mágicas e oraculares. Porém, isso representa a pluralidade religiosa e o intercâmbio espiritual existente na sociedade brasileira, que, ainda mais do que em épocas passadas, não é afeito a determinações rígidas e impenetráveis.

Quanto à pergunta 2, o resultado põe em perspectiva ideias equivocadas da relação do tarô com doutrinas e religiões específicas, já que seus praticantes afirmam, em maioria, que o contato com o tarô é alheio às suas crenças espirituais. Dessa forma, vê-se um caráter versátil e amplo do baralho, que devido à sua multiplicidade de representações, pode fazer-se presente no sistema de crenças de qualquer indivíduo, creia ele ou não na existência do sagrado.

3.1.3 Seção 3: Contato com o tarô

Como nas seções anteriores, perguntas e respostas da terceira seção serão listadas, e ao fim os resultados serão discutidos.

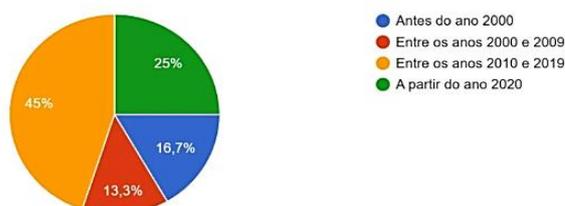
Primeira pergunta: Seu contato com o tarô iniciou quando? Respostas:

Figura 34 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 1: Seu contato com o tarô iniciou quando?

Seu contato com o tarô iniciou quando?

60 respostas



- **Antes do ano 2000:** 16,7% (10 respostas)
- **Entre os anos 2000 e 2009:** 13,3% (8 respostas)
- **Entre os anos 2010 e 2019:** 45% (27 respostas)
- **A partir do ano 2020:** 25% (15 respostas)

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Segunda pergunta: Qual sua relação com o tarô? Respostas:

Figura 35 - Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 2: Qual sua relação com o tarô?

Qual sua relação com o tarô?

60 respostas



- **Tenho interesse no tarô, mas nunca realizei uma leitura (feita por mim ou outra pessoa): 0% (0 respostas)**
- **Outras pessoas leem as cartas para mim: 6,7% (4 respostas)**
- **Faço leituras somente para mim: 8,3% (5 pessoas)**
- **Faço leituras para mim e/ou para outras pessoas gratuitamente: 21,7% (13 pessoas)**
- **Atuo profissionalmente e realizo leituras mediante pagamento: 63,3% (38 pessoas)**

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

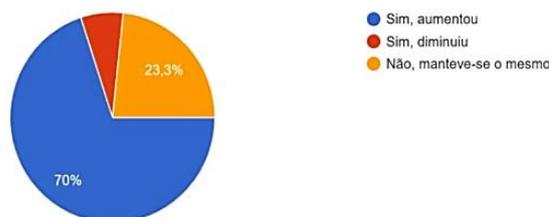
Terceira pergunta: Após a eclosão da pandemia de Covid-19 em março de 2020, houve alguma mudança no seu contato com o tarô? Respostas:

Figura 36 - Captura de tela das respostas à pergunta 3 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 3: Após a eclosão da pandemia de Covid-19 em março de 2020, houve alguma mudança no seu contato com o tarô?

Após a eclosão da pandemia de Covid-19 em março de 2020, houve alguma mudança no seu contato com o tarô?

60 respostas



- **Sim, aumentou: 70% (42 respostas)**
- **Sim, diminuiu: 6,7% (4 respostas)**
- **Não, manteve-se o mesmo: 23,3% (14 respostas)**

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

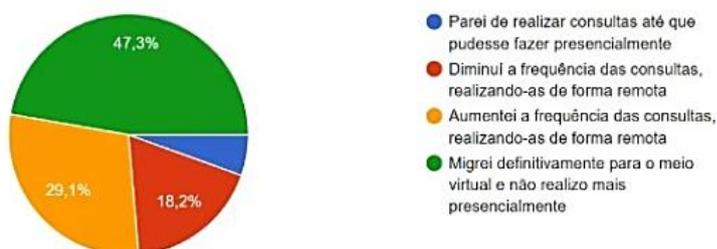
Quarta pergunta: Como você lidou com o distanciamento social em relação às consultas profissionais? Respostas:

Figura 37- Captura de tela das respostas à pergunta 4 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 4: Como você lidou com o distanciamento social em relação às consultas profissionais?

Como você lidou com o distanciamento social em relação às consultas profissionais?

55 respostas



- **Parei de realizar consultas até que pudesse fazer presencialmente: 5,5% (3 respostas)**
- **Diminuí a frequência das consultas, realizando-as de forma remota: 18,2% (10 respostas)**
- **Aumentei a frequência das consultas, realizando-as de forma remota: 29,1% (16 respostas)**
- **Migrei definitivamente para o meio virtual e não realizo mais presencialmente: 47,3% (26 respostas)**

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

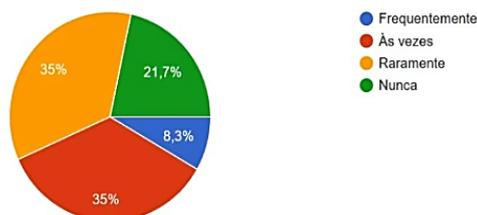
Quinta pergunta: Os riscos enfrentados durante a pandemia foram temas frequentes em suas consultas ao tarô (para si ou para outra pessoa) durante o período pandêmico (especialmente entre março de 2020 e outubro de 2021)? Respostas:

Figura 38 - Captura de tela das respostas à pergunta 5 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 5: Os riscos enfrentados durante a pandemia foram temas frequentes em suas consultas ao tarô (para si ou para outra pessoa) durante o período pandêmico (especialmente entre março de 2020 e outubro de 2021)?

Os riscos enfrentados durante a pandemia foram temas frequentes em suas consultas ao tarô (para si ou para outra pessoa) durante o período pandêmico (especialmente entre março de 2020 e outubro de 2021)?

60 respostas



- **Frequentemente:** 8,3% (5 respostas)
- **Às vezes:** 35% (21 respostas)
- **Raramente:** 35% (21 respostas)
- **Nunca:** 21,7% (13 respostas)

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

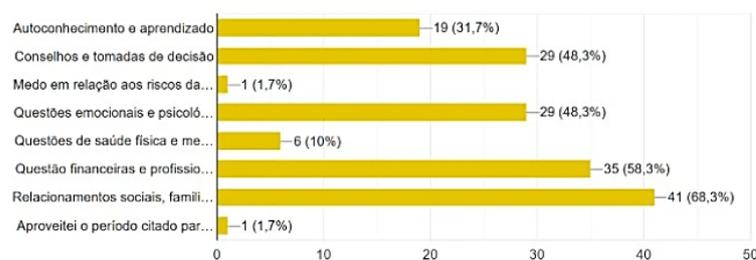
Sexta pergunta: Quais foram os principais temas abordados nas consultas que você realizou durante o período de pandemia? Respostas:

Figura 39 - Captura de tela das respostas à pergunta 6 da seção 3 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 6: Quais foram os principais temas abordados nas consultas que você realizou durante o período de pandemia? Selecione no máximo três.

Quais foram os principais temas abordados nas consultas que você realizou durante o período de pandemia? Selecione no máximo três.

60 respostas



- **Autoconhecimento e aprendizado:** 31,7% (19 respostas)
- **Conselhos e tomadas de decisão:** 48,3% (29 respostas)
- **Medo em relação aos riscos da pandemia:** 1,7% (1 resposta)
- **Questões emocionais e psicológicas:** 48,3% (29 respostas)
- **Questões de saúde física e mental:** 10% (6 respostas)
- **Questão financeiras e profissionais:** 58,3% (35 respostas)
- **Relacionamentos sociais, familiares e amorosos:** 1,7% (1 resposta)

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

A seção 3 define, em partes, o perfil dos seguidores do Projeto Misticiência mais do que representa um contexto mais amplo dos praticantes do tarô na *web* brasileira. Na pergunta 1, vemos que há uma maior porcentagem de pessoas que começaram a ter contato com o tarô entre 2010 e 2019, período que pode ser considerado uma fase de retomada da popularização do oráculo entre a população brasileira. Ao mesmo tempo, 25% dos respondentes iniciaram sua relação com o tarô a partir de 2020, provavelmente buscando suporte espiritual ou terapêutico nas cartas durante a crise pandêmica. Já a pergunta 2 demonstra a composição dos seguidores do Projeto Misticiência: por ser uma proposta voltada a estudos mais aprofundados do tarô, o Misticiência atraiu usuários já iniciados e conhecedores do baralho, principalmente aqueles que lidam profissionalmente com ele. Assim, a maioria dos perfis que acompanham as publicações do Misticiência é de tarotistas que atuam realizando leituras remotas, principalmente durante o período de pandemia.

Na pergunta 3, uma hipótese da pesquisa é reiterada, que seria o aumento do contato com o tarô após a eclosão do surto de covid-19; uma porcentagem baixa passou por um processo de diminuição, ao passo que a grande maioria se tornou mais próxima do oráculo e, como demonstrado pela pergunta 4, migrou para o meio virtual parcialmente ou em definitivo, utilizando a *web* e as redes sociais como ambiente de trabalho e de consulta. O processo de virtualização da prática do tarô, já em vigência na década anterior, consolida-se durante o período de *lockdown*.

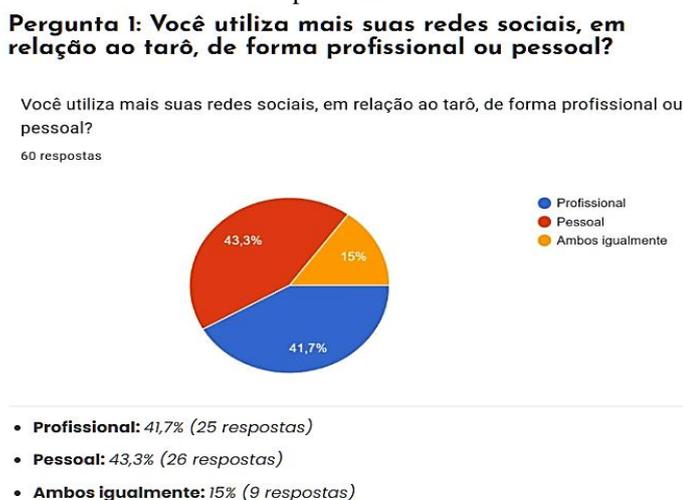
Entretanto, diferente do que se acreditava no início de construção do tema dessa pesquisa, a covid-19, mesmo provocando o aumento do contato com o tarô, não foi uma preocupação frequente das consultas realizadas por tarotistas e consulentes; na verdade, segundo as respostas da pergunta 6, os relacionamentos sociais, familiares e amorosos e as questões financeiras e profissionais foram os principais temas das consultas, semelhante às informações presentes na matéria de Sögur-Hous (2021) citada anteriormente. Esse aumento se deve, possivelmente, a uma intensificação da convivência com o outro, já que o isolamento social mantinha familiares e companheiros forçadamente unidos por um período maior do que o habitual, ao mesmo tempo em que a situação ensejava a possibilidade de perda de emprego e de aproveitar do momento para realizar uma mudança de carreira. A covid-19 pode não ter sido uma preocupação central, mas foi um vetor que impulsionou as questões mais levadas às consultas tarológicas.

3.1.4 Seção 4: Tarô no universo virtual

Concluindo o questionário, listaremos perguntas e respostas da quarta e última seção, para ao fim analisar os resultados exibidos.

Primeira pergunta: Você utiliza mais suas redes sociais, em relação ao tarô, de forma profissional ou pessoal? Respostas:

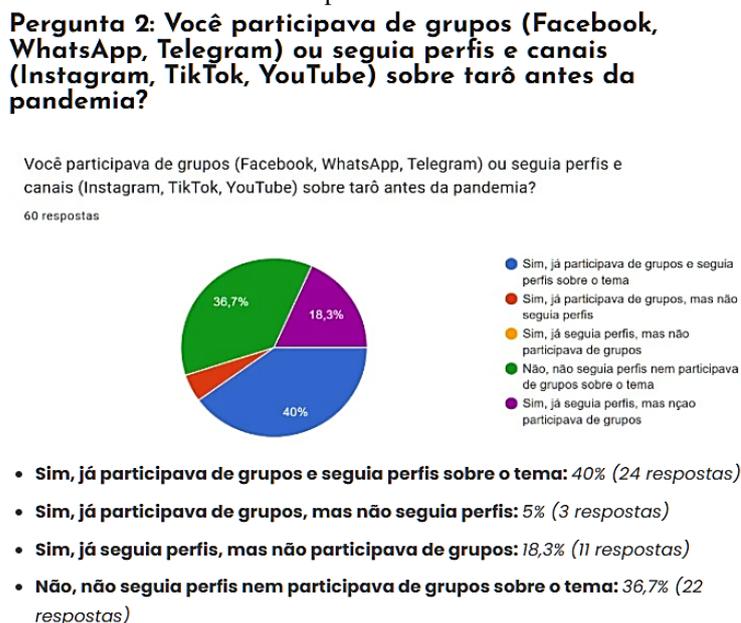
Figura 40 - Captura de tela das respostas à pergunta 1 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Segunda pergunta: Você participava de grupos (Facebook, WhatsApp, Telegram) ou seguia perfis e canais (Instagram, TikTok, YouTube) sobre tarô antes da pandemia? Respostas:

Figura 41- Captura de tela das respostas à pergunta 2 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"



Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Terceira pergunta: Durante a pandemia, você passou a participar de grupos ou seguir perfis e canais sobre tarô? Respostas:

Figura 42 - Captura de tela das respostas à pergunta 3 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 3: Durante a pandemia, você passou a participar de grupos ou seguir perfis e canais sobre tarô?

Durante a pandemia, você passou a participar de grupos ou seguir perfis e canais sobre tarô?

60 respostas



- **Sim, entrei em grupos no Facebook, WhatsApp e/ou Instagram: 16,7% (10 respostas)**
- **Sim, comecei a seguir perfis e canais no Instagram, TikTok e/ou YouTube: 31,7% (19 respostas)**
- **Sim, entrei em grupos e comecei a seguir perfis nas redes sociais: 21,7% (13 respostas)**
- **Não, me mantive nos mesmos grupos e/ou seguindo os mesmos perfis, sem novas adições: 21,7% (13 respostas)**
- **Não, continuei sem interesse em participar de grupos ou de seguir perfis sobre o tema: 8,3% (5 respostas)**

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

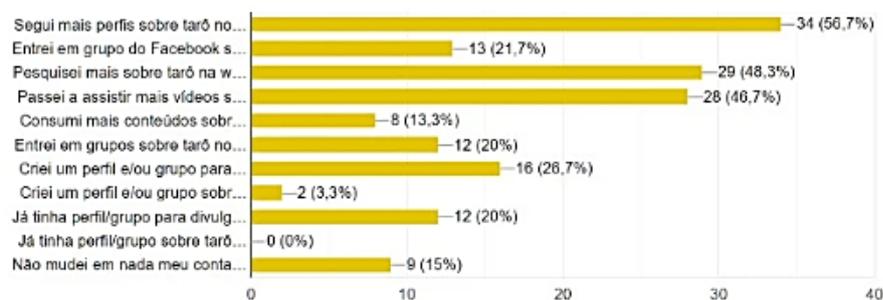
Quarta pergunta: Como você mudou sua forma de consumir conteúdos sobre tarô ou interagir sobre o assunto online? Respostas:

Figura 43 - Captura de tela das respostas à pergunta 4 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 4: Como você mudou sua forma de consumir conteúdos sobre tarô ou interagir sobre o assunto online?

Como você mudou sua forma de consumir conteúdos sobre tarô ou interagir sobre o assunto online?

60 respostas



- **Segui mais perfis sobre tarô no Instagram: 56,7% (34 respostas)**
- **Entrei em grupo do Facebook sobre o tema: 21,7% (13 respostas)**
- **Pesquisei mais sobre tarô na web, como no Google: 48,3% (29 respostas)**
- **Passei a assistir mais vídeos sobre o tema no YouTube: 46,7% (28 respostas)**
- **Consumi mais conteúdos sobre tarô no TikTok: 13,3% (8 respostas)**
- **Entrei em grupos sobre tarô no Telegram e/ou WhatsApp: 20% (12 respostas)**
- **Criei um perfil e/ou grupo para divulgação profissional de leitura de tarô: 26,7% (16 respostas)**
- **Criei um perfil e/ou grupo sobre tarô sem fins lucrativos, para interação e/ou diversão: 3,3% (2 respostas)**
- **Já tinha perfil/grupo para divulgação profissional e ampliei minha presença virtual: 20% (12 respostas)**
- **Já tinha perfil/grupo sobre tarô sem fins lucrativos e ampliei minha presença virtual: 0% (0 respostas)**
- **Não mudei em nada meu contato online com o tarô: 15% (9 respostas)**

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

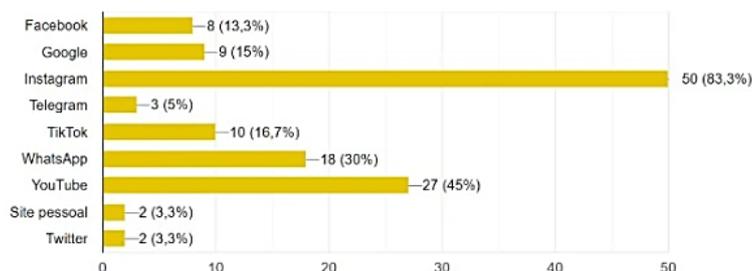
Quinta pergunta: Quais plataformas você mais utiliza para consumir/divulgar conteúdos sobre tarô? Respostas:

Figura 44 - Captura de tela das respostas à pergunta 5 da seção 4 do questionário "Prática do tarô em tempos de pandemia"

Pergunta 5: Quais plataformas você mais utiliza para consumir/divulgar conteúdos sobre tarô?

Quais plataformas você mais utiliza para consumir/divulgar conteúdos sobre tarô?

60 respostas



- **Facebook:** 13,3% (8 respostas)
- **Google:** 15% (9 respostas)
- **Instagram:** 83,3% (50 respostas)
- **Telegram:** 5% (3 respostas)
- **TikTok:** 16,7% (10 respostas)
- **WhatsApp:** 30% (18 respostas)
- **YouTube:** 45% (27 respostas)
- **Site pessoal:** 3,3% (2 respostas)
- **Twitter:** 3,3% (2 respostas)

Fonte: Vilas-Boas, 2024.

Na quarta e última seção do questionário, o consumo de conteúdo sobre tarô foi enfocado, e os resultados apresentaram uma tendência de que houve um aumento considerável na criação e no acesso a conteúdos sobre o baralho na *web* nacional (Vilas-Boas, 2024). Enquanto a pergunta 1 mostra que, apesar da maioria dos participantes da pesquisa serem profissionais do tarô, eles fazem uso das redes sociais para consumo de conteúdo na mesma proporção que utilizam para divulgação e realização de seu trabalho, a pergunta 2 mostra como se deu uma parcial mudança de postura em relação ao acesso a informações sobre o oráculo na *web* durante a pandemia. Apesar de muitos já estarem ativos nas redes sociais antes do surto de coronavírus, uma porcentagem semelhante só passou a ter contato com a temática virtualmente após esse evento.

As perguntas 3 e 4 exemplificam de que modo esse consumo de conteúdo sobre tarô se constituiu, principalmente com o aumento do acompanhamento de perfis sobre o oráculo no Instagram e do consumo de conteúdos acerca desse mesmo tema presentes no YouTube e indexados no Google. Já a resposta da pergunta 5 também acaba sendo tendenciosa, já que o principal meio de divulgação do questionário se deu pelo Instagram, então seria muito provável

que quase todos os participantes da pesquisa assinalassem o Instagram como uma das plataformas mais utilizadas para ter acesso a conteúdos sobre tarô. O segundo mais votado foi o YouTube, o que representa uma propensão previsível, enquanto o terceiro foi o WhatsApp, o que acaba por ser um tanto singular, já que essa plataforma é voltada a trocas de mensagens diretas e não à exposição de conteúdos num perfil público ou privado. Entretanto, com o alastramento dos grupos de WhatsApp, estabeleceu-se uma outra forma de compartilhar informações, em que o aplicativo de mensagens instantâneas assume uma funcionalidade semelhante às de um fórum virtual ou uma comunidade *online*, semelhante aos grupos presente no Facebook.

As informações aqui listadas e discutidas mostram que, apesar de inexatidão matemática dos dados obtidos, é possível notar inclinações já atestadas em outras fontes e pesquisas, oferecendo uma base relativamente consistente para se afirmar que o período pandêmico, ainda que não provocador de novas maneiras de se praticar o tarô *online* ou *off-line*, catalisou e acelerou mudanças que já eram percebidas anos antes e estavam em um gradual processo de consolidação. A significância da época de pandemia está na imposição de uma ausência do “mundo material”, que levou grande parte da sociedade brasileira a uma “cibervivência”; desse modo, práticas sociais de todos os tipos foram virtualizadas, e o tarô, como tal, garantiu de vez seu espaço nesse ambiente já conhecido, mas relativamente novo.

3.2 O TARÔ EM DISCUSSÃO: GRUPOS DE FACEBOOK SOBRE O TEMA

Inicialmente, a intenção dessa pesquisa era utilizar-se de informações levantadas por meio da observação do Instagram, aproveitando-se da presença na plataforma com o Projeto Misticiência, acerca da comunidade tarológica brasileira presente nessa rede social. No entanto, as constantes modificações do algoritmo do Instagram prejudicaram gradualmente o acesso a esses dados, pois as publicidades e os perfis de grande porte passaram a ser mais privilegiados pelo algoritmo, dificultando o consumo orgânico de informações de usuários comuns ou iniciantes. Com a prevalência do engajamento, que passou a se basear num crescimento pago, e não natural, a rede perdeu muito do seu caráter social, passando a funcionar mais como uma vitrine virtual.

Dessarte, o foco da observação foi redirecionado a uma rede social que perdeu popularidade nos últimos anos, mas se manteve ativa por meio de recursos específicos da plataforma: o Facebook, que, através dos Grupos, reúne, ainda hoje, inúmeros contingentes de

usuários, pouco ou muito numerosos, em comunidades virtuais da rede social voltadas à discussão de um tema em específico. No Brasil, há centenas de grupos do Facebook sobre o tarô, muitos deles com dezenas de milhares de membros. Para essa pesquisa, selecionamos dois a serem observados, colocando como parâmetro de seleção o foco do grupo – mais voltado a discussões acerca do tarô, e não a divulgação de serviços –, a quantidade de membros – acima de 10 mil participantes – e o ano de criação – anterior a 2020.

A análise das informações encontradas nesses grupos será abalizada pelos princípios da Antropologia Digital (Miller; Horst, 2015). As tecnologias digitais não são somente ferramentas, mas fenômenos culturais que moldam as experiências dos indivíduos; logo, é importante pensar de que forma o digital afeta a cultura e as práticas sociais. Nessa abordagem, a investigação foca na influência social e cultural do uso cotidiano da tecnologia, atentando-se para o fato de que o digital não substitui o analógico, mas cria novos modos de conexão, isolamento e expressão por meio da interação entre eles. Além disso, a Antropologia Digital parte de uma visão holística, concentrando-se nas estruturas sociais, culturais e econômicas em que o digital está inserido, e de uma multiculturalidade, pois as experiências no mundo digital são heterogêneas e adaptadas a contextos específicos. Deve-se levar em conta que é uma via de mão dupla: o digital e o analógico se influenciam e se modificam entre si, dado que a materialidade das tecnologias digitais impacta a experiência humana. Partindo desses pressupostos, espera-se a realização de uma análise coerente e realista em relação às práticas culturais e sociais desenvolvidas no contexto das redes sociais digitais.

Nessa observação, os dois grupos escolhidos são privados, de modo que seus nomes reais não serão usados nesse texto. Chamaremos então de Grupo Tarô 1 e Grupo Tarô 2. O Grupo Tarô 1 conta com mais de 60 mil membros, enquanto o Grupo Tarô 2 possui pouco mais de 20 mil participantes; ambos foram criados no ano de 2017 e mantêm um espaço propício a debates sobre variados assuntos acerca da prática do tarô, compartilhando questionamentos sobre significados dos arcanos, dúvidas sobre a prática profissional e leituras de tiragens realizadas pelos participantes do grupo. A forma de obtenção dos dados aqui utilizados se deu por meio da pesquisa de postagens realizadas entre 2020 e 2023 com a presença do termo “pandemia”, a fim de detectar possíveis discussões acerca das mudanças da prática do tarô nesse período e de formas de utilização do baralho voltadas à superação desse momento de crise. Não serão consideradas publicações em que a pandemia ou a prática do tarô durante a pandemia não sejam o foco, a exemplo de leituras sobre relacionamentos ou dificuldades financeiras provocadas pela pandemia. Temas relacionados a política, vacinação e quarentena, quando ligados diretamente ao surto de coronavírus, serão considerados na análise.

No Grupo Tarô 1, no primeiro ano de pandemia, foram encontradas algumas publicações acerca do futuro da pandemia, mas o destaque foram duas postagens sobre a prática do tarô nesse novo contexto. A primeira levantou uma dúvida quanto à passagem de um livro sobre tarô, que afirmava que, para realizar uma leitura, seria necessária a presença física do consulente, nunca devendo utilizar o telefone, informação conflitante com aquele momento, em que o isolamento social impossibilitava encontros presenciais; a postagem obteve 187 respostas, com a grande maioria tranquilizando o autor da postagem e alertando para sempre filtrar informações e tomar cuidado com as credices presentes em obras de autores sem reconhecimento na área. Essa interação demonstra um senso de comunidade e compartilhamento de conhecimento entre os membros do grupo, que defendem uma visão mais subjetiva da prática do tarô, ainda mais levando em consideração o período em questão.

A segunda postagem trazia justamente uma foto de uma manchete do programa Mais Você, da Rede Globo, transmitido em dezembro de 2020, que tratava sobre o aumento da procura pelo tarô na pandemia. Dentre os 89 comentários nessa postagem – o autor, que é também administrador do grupo, perguntou a opinião dos outros membros sobre o tema –, houve uma divisão sobre esse fato ser positivo ou negativo. Para uma parcela, o aumento da procura pelo tarô representava uma maior aproximação com a espiritualidade e o eu interior, além de que, devido à disponibilidade de tempo, finalmente muitos interessados no oráculo poderiam estudá-lo, e o tratamento desse tema pela grande mídia poderia ampliar o número de consulentes. Já outra parte dos debatedores via com ressalvas essa popularização, principalmente devido à profusão de novos tarólogos surgidos “do nada” e cobrando para realizar tiragens sem o conhecimento necessário, apenas porque o mercado do tarô, naquele momento, era uma possibilidade de sustento financeiro de forma remota; outros ainda afirmaram que muitos desses tarólogos não se firmariam, pois seriam apenas pessoas seguindo tendências, mas sem a dedicação necessária. Essa discussão desvela anseios e preocupações dos tarotistas e praticantes do tarô: mais do que uma profissão, a leitura de tarô, para eles, é “uma arte”, “um dom”, “uma habilidade”, que demanda elementos como intuição, dedicação, paciência, empatia, entre outros. O receio surge ao deslumbrar um cenário de banalização do tarô e, conseqüentemente, de outras práticas místico-esotéricas, que perderiam seus sentidos para virarem “passatempos juvenis”. A expansão do tarô, notada pela grande mídia, traz benefícios, mas também preocupações honestas quanto à manutenção da austeridade em torno da prática do oráculo.

Em 2021, o número de publicações tratando sobre a prática do tarô durante a pandemia explode, com dezenas de postagens questionando sobre precificação de consultas, adaptação

das leituras para o contexto digital, consultas presenciais vs. consultas remotas, barateamento de tiragens de tarô, tarólogos novos ofertando leituras sem o preparo necessário, possibilidade de se sustentar apenas com a tarologia, segredos para conseguir alcance nas redes sociais, entre outras discussões acerca da prática profissional do tarô. Percebe-se em 2021 o surgimento de membros que planejam iniciar como tarotistas e em processo de aprendizado, ao mesmo tempo em que o desafio do trabalho com o tarô é conseguir clientela no disputado espaço cibernético, tomado por centenas ou talvez milhares de tarotistas, com mais surgindo a cada dia que passa. Se em 2020 as discussões eram sobre a possibilidade da consulta *online* e o aumento de procura do tarô, 2021 já tem um cenário de popularidade do tarô bem estabelecido, refletido na quantidade de novos tarotistas que veem no oráculo uma forma de adquirir renda. No ano seguinte, apesar do aumento pontual de casos de covid-19, houve um arrefecimento da pandemia, principalmente devido ao avanço da vacinação. Os riscos da pandemia ainda foram alvo de questionamentos do Grupo Tarô 1, mas as principais questões giravam em torno da leitura de tarô *online*, tanto à sua confiabilidade quanto à forma como deveria ser feita. As leituras de tarô presenciais seguem parâmetros definidos pela formação do tarotista, por sua linha espiritual e pelo entendimento pessoal de como o ambiente deve ser preparado para a realização de uma consulta sem entraves. A transferência para o virtual demanda, então, um remanejamento dessas diretrizes, que serão adaptadas a um não-ambiente, ao mesmo tempo que, para quem lê as cartas, continua sendo uma ação física, pois a leitura se dá em seu ambiente pessoal. Como adaptar a ausência do consulente? Esse é um questionamento que também irrompe entre os praticantes do tarô.

Em 2023, com a pandemia controlada, cessaram os questionamentos sobre os riscos da covid-19 ao tarô. As leituras remotas já se encontravam bem estabelecidas, e o desafio continuava sendo a atração de clientes nas redes sociais, numa tentativa de gerar engajamento e se beneficiar das lógicas algorítmicas. Foi nesse período que o autor dessa dissertação levantou duas questões aos membros do grupo: primeiramente, as mudanças que foram percebidas entre o antes e o depois da pandemia, tanto no sentido prático quanto no intuitivo, interpretativo, da leitura das cartas; por fim, se o período, ou as consequências do período pandêmico, trouxeram mudanças significativas na forma de ler tarô, tanto profissional quanto pessoal. Foram obtidas duas respostas, que geraram réplicas de outros membros; os comentários serão reproduzidos abaixo sob o nome de GT1 Membro 1, GT1 Membro 2 e GT1 Membro 3. Primeiro, a resposta e a réplica do GT1 Membro 1.

Eu acho que não só no tarô, mas de uma forma muito geral, a pandemia trouxe uma questão de mudança muito forte na forma dos atendimentos. Embora já existissem pessoas que liam carta online, na minha percepção pelo menos, houve um boom nos tarólogos virtuais e por consequência uma maior necessidade de utilização da internet como um meio de buscar se colocar profissionalmente. Mas isso não aconteceu só com o tarô, é com todas as profissões. Parece que nos tornamos ainda mais dependentes dos meios virtuais para sermos percebidos, fora o boom de novos tarólogos. Muita gente começou a aprender tarô e a trabalhar com isso no meio da pandemia. É muito doido porque a necessidade financeira trouxe muita gente pras profissões autônomas, a quantidade de gente que hoje trabalha fazendo bolo, doce, por exemplo, eu nunca vi tanto na minha vida. Assim como nunca vi tantos novos tarólogos surgindo. Eu lembro que antes, as pessoas de quem eu ouvia falar, com quem jogavam, eram pessoas que fulano tinha jogado e gostado, foi lá no local de atendimento etc. Eram muito específicos, atendimentos presenciais, oq hj quase não se vê mais (GT1 Membro 1)

Além que percebi que a faixa etária mudou muito junto dos interesses trazidos a mesa de consulta. Lembro que cinco anos atrás, ou menos, a maioria das minhas consulentes estavam na casa dos trinta, com interesses sobre finanças e família, hoje, as consulentes estão cada vez mais novas, algumas até adolescentes de quinze anos, além de temas mais “fast food do tarot” como exes voltando, o amor sempre foi pauta no tarot mas o Tiktok transformou isso como algo quase “obrigatório”. (GT1 Membro 3)

Abaixo, a resposta e a réplica do GT1 Membro 2:

No meu ponto particular, vi uma maior popularização do tarô e de outras artes místicas. Não sei contextualizar se isso é bom ou ruim, vai muito do que cada novo tarólogo vai fazer com isso, se usar como autoconhecimento ou ler um manual rápido de tarô e achar que pode sair profissionalmente consultando. Acho que infelizmente a pandemia ajudou a saturar o "mercado". (GT1 Membro 2)

Concordo, saturou, e o pior, muita gente despreparada que comprou o baralho ontem e já tá atendendo "profissionalmente". As pessoas esquecem que cartomancia lida com a vida dos outros e que a gente tem uma responsabilidade com o nosso trabalho. (GT1 Membro 1)

As respostas dos membros do Grupo Tarô 1 trazem uma percepção de que não há intrinsecamente um ponto positivo ou negativo na expansão do tarô, pois depende da forma como o praticante irá se apropriar do objeto. Além disso, a dependência dos meios virtuais para obtenção de renda também é percebida de forma negativa, e o processo acelerado de transposição das relações comerciais do *off-line* para o *online* provocam, em última instância, um inchaço mercadológico, com um número cada vez maior de profissionais ofertando o mesmo serviço, muitas vezes sem estar plenamente preparado.

O panorama do Grupo Tarô 1 é igualmente visto no Grupo Tarô 2: em 2020, algumas leituras acerca do futuro da pandemia e publicações sobre atendimentos remotos, a persistência do preconceito contra tarólogos e a diferença entre um tarólogo e um charlatão. Além disso, numa postagem da moderação do grupo de agosto de 2020, confirma-se que, nos meses anteriores, ocorreu um aumento expressivo de membros no grupo, o que reitera a expansão do tarô durante a pandemia. No ano seguinte, a preocupação com a pandemia diminuiu, enquanto os questionamentos acerca da forma e da confiabilidade em se fazer consultas remotas continuam a serem feitos. O surgimento de novos tarólogos também é criticado, porém, diferentemente do Grupo Tarô 1, os membros do Grupo Tarô 2 são mais simpáticos à difusão do tarô e ao aparecimento de novos tarotistas. Também aparecem discussões acerca do tarô em *lives* do TikTok, debate que seria novamente levantado em 2022, associando a prática de tarotistas da plataforma a algo superficial e sem conhecimento; entretanto, o posicionamento dos membros do grupo nos comentários era indiferente ou favorável a esse tipo de leitura remota, pois cada tarotista um modo de se expressar, além de que uma *live* de uma tarotista ruim não determina que todos os profissionais do tarô no TikTok são ineptos. Em 2023, as perguntas giram em torno de formas de conseguir ganhar dinheiro e sobreviver somente com as leituras de tarô.

Diferente do perfil mais crítico dos membros do Grupo Tarô 1, os participantes do Grupo Tarô 2 parecem ser mais afeitos à expansão do tarô e dos tarotistas no Brasil, defendendo a liberdade destes profissionais de começarem a trabalhar com as cartas no momento que acharem mais adequado, seja após dois meses ou dois anos de estudos. Porém, as dúvidas e as necessidades são as mesmas: Como sobreviver do tarô? Como ter alcance nas redes sociais? Vale a pena fazer leituras em sites? Tarô *online* é confiável? A popularização do tarô é positiva ou negativa? De que forma devo realizar minhas leituras remotas? Alinhados ao contexto sanitário, econômico, político e social do período, os membros da comunidade tarológica brasileira unem-se para tentar compreender o que virá pela frente não só para o país, mas para a própria classe profissional dos tarotistas. O baralho prevê, aconselha, ensina e dá uma possibilidade de sustento, algo que não configura como novidade. Porém, a velocidade do processo de digitalização da prática do tarô impacta em outros fatores. São os mesmos símbolos, os mesmos questionamentos, as mesmas necessidades, mas num ambiente e num formato renovado e que, aparentemente, veio para ficar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, nesse trabalho, compreender como o tarô mudou e de que formas tais modificações aconteceram a partir da pandemia de covid-19. Primeiramente, vale ressaltar o tarô enquanto objeto histórico e cultural: apesar de surgir como um jogo de cartas na Itália medieval e manter-se como tal durante alguns séculos, sua apropriação por ocultistas franceses conferiu-lhe novos sentidos, que conferiram ao baralho um status de oráculo e de instrumento mágico e esotérico. Mais ainda, o processo iniciado por esses ocultistas franceses e, posteriormente, britânicos, ganha novos contornos ao atravessar o Atlântico e chegar aos Estados Unidos, onde, durante a explosão do movimento Nova Era, assume uma infinidade de possibilidades de uso e interpretação. Novas culturas passam a influenciar o entendimento do que e para que serve o tarô, o que será ainda mais ampliado com o impacto dos conceitos psicanalíticos junguianos, que dão ao oráculo um novo sentido: o de instrumento terapêutico.

No caso do Brasil, as evidências históricas permitem afirmar que o tarô chega a partir da segunda metade do século XIX, numa Rio de Janeiro imperial consumidora de todo tipo de práticas esotéricas, espirituais e pseudocientíficas vindas do continente europeu. Junto com o espiritismo, o magnetismo animal, o sonambulismo e a quiromancia, a cartomancia se torna uma das práticas divinatórias mais populares da capital do Império Brasileiro, praticada principalmente por mulheres vindas do Velho Continente, de países como França, Espanha e Irlanda. Porém, as primeiras citações ao tarô no Brasil encontradas em jornais cariocas vêm de uma sibila norte-americana, que introduz o oráculo como o verdadeiro Livro de Thoth, tal qual os ocultistas franceses. Mesmo com perseguições no início da República, a prática do tarô sobrevive e vê um novo capítulo ocorrer em 1920, quando “O Tarô Adivinhatório” é lançado pela primeira vez pela Editora Pensamento, consistindo assim no primeiro baralho de tarô impresso em território nacional.

Décadas depois, uma outra publicação, associada a um novo movimento, leva o oráculo a um maior número de pessoas. É a vez da revista “Planeta”, voltada a temas esotéricos, popularizar os conhecimentos da Nova Era, dentre eles o tarô, que se torna um dos “queridinhos” da mídia e do mercado editorial, culminando, nas décadas seguintes, no lançamento de diferentes livros e baralhos feitos por tarólogos brasileiros, assim como programas de rádio, quadros de televisão e colunas de jornal voltados à prática oracular com místicos “de plantão”, que trazem o tarô junto com a astrologia, a quiromancia e os cristais para o grande público. No século XXI, isso ganha novos impulsos com a expansão da *web*, e a partir

da década de 2010, a prática do tarô passa por processos de virtualização que seriam apressados pela eclosão da pandemia de covid-19 em 2020.

Num misto de crise sanitária sem precedentes, medo da morte e da infecção e sensação de desamparo devido à ação dos agentes públicos, que compartilhavam de uma postura e um discurso negacionista e antivida, a espiritualidade desponta como um meio de dar sentido ao caos e encontrar forças para enfrentar as adversidades. As religiões tradicionais veem seus fiéis tornarem-se ainda mais praticantes de suas crenças, assim como os adeptos de religiosidades não-hierárquicas. As práticas mágicas e divinatórias assumem um papel relevante não só no sentido de conexão e orientação espiritual, mas como ações terapêuticas úteis na busca do bem-estar. O tarô se insere nesse grupo, sendo lido, praticado e aprendido por crente e não crentes, espiritualistas e ateus, adeptos da divinação e profissionais terapêuticos. O baralho ganha espaço nas redes sociais, vira tema de matérias da grande mídia, assume o foco de *lives* em várias plataformas e passa a representar, para alguns setores sociais, uma solução a dúvidas, angústias e receios, funcionando como conselheiro, médico ou vidente.

Dados de plataformas de pesquisa, ferramentas *online* e redes sociais demonstram, juntamente com artigos, estudos e matérias realizados durante o período pandêmico, como o tarô se expandiu no Brasil e no mundo durante a pandemia de coronavírus, a ponto de despertar o interesse de um novo – ou renovado – mercado voltado ao bem-estar físico, mental e espiritual. Os focos das buscas ao tarô, apesar de permanecerem basicamente os mesmos, assumem novos contornos com as novas perspectivas provocadas pelo isolamento social e pela reclusão numa vida a sós, a dois ou no seio familiar, o que pode acirrar conflitos ou trazer indagações que o tarô ajuda a resolver. Mais do que nunca, as pessoas precisam de apoio, e os tarotistas despontam como mediadores nesse processo de descobrimento e autodescobrimento.

O mundo pós-pandêmico parece querer se manter nesse ritmo. O aumento vertiginoso nas buscas pelo tarô no Google pelos brasileiros após a pandemia é um indício de que a prática do oráculo durante o período de crise não ocorreu como um ato desesperado e pautada num ceticismo quanto aos resultados. Pelo contrário, o interesse pelo tarô expande-se no universo virtual e fora dele: livros traduzidos para a língua portuguesa, obras escritas por autores brasileiros, novos baralhos que surgem, participação de tarólogos em bienais e eventos literários, realização de palestras e cursos voltadas ao tema, maior presença do tarô nos estudos acadêmicos. Tudo isso parece apontar para um novo direcionamento, do qual não somente faz parte o tarô, como também outras práticas neo-esotéricas divinatórias e terapêuticas: a yoga, a meditação, o baralho cigano, as runas, a astrologia, a magia natural, o xamanismo, todos esses procedimentos que fogem do domínio da ciência e trazem um novo modo de ver o mundo,

comunicando-se com o âmbito do espiritual, tanto em relação a uma conexão com um ser superior quanto a uma integração ao todo, a uma concepção holística da vivência no mundo.

Esse novo episódio da história do tarô pode representar um avanço espiritual, uma adesão dos indivíduos a essa prática mística ou terapêutica; ao mesmo tempo, pode significar um dano, resultando numa banalização do baralho e no esvaziamento do seu sentido, perdendo seus sentidos profundos para servir majoritariamente de entretenimento. Nesse momento, somente o que se pode tecer são hipóteses de um horizonte imaginável, mas ainda não mensurável. Entretanto, sendo um objeto que atravessou tantos lugares e tantos séculos, é difícil imaginar que o futuro legue uma posição de esquecimento ou banalidade ao tarô; afinal, mantendo-se sempre um fruto de seu tempo, constantemente reapropriado, ressignificado, reinterpretado, esse oráculo sempre despertará fascínio pelas suas vastas possibilidades e sua linguagem pictórica universal, que se conecta até a aqueles que não acreditam haver qualquer funcionalidade prática do tarô.

O mundo pós-pandêmico não é um outro mundo, mas um velho ambiente visto, por alguns, sob novos olhares e novas perspectivas. Aos praticantes do tarô, essa nova cosmovisão, entre inseguranças e sonhos, delineia, de modo geral, um futuro mais espiritualizado e seguro para aqueles que escolherem se permitir a abraçar seu lado espiritual. Provavelmente, o grande encanto por trás do tarô e sua história está no fato de que, mesmo que não haja nenhum objetivo extraordinário em seu surgimento, a forma como ele se desenvolve e se integra a novas realidades o torna único e instigante, a ponto de sua flexibilidade representar, para muitos, o melhor meio de obter direções que guiem ao melhor caminho.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES

Periódicos

ANNUNCIOS DIVERSOS. **Jornal do Commercio**, São Luís, ano 2, n. 143, p. 3-4, 12 out. 1859a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/030066/per030066_1859_00143.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS DIVERSOS. **Jornal do Commercio**, São Luís, ano 2, n. 144, p. 4, 15 out. 1859b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/030066/per030066_1859_00144.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **A Regeneração**: Jornal da provincia da Santa Catharina, Cidade do Desterro, ano 10, n. 922, p. 3-4, 9 dez. 1877a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/709603/per709603_1877_00922.pdf. Acesso em 6 jun. 2024.

ANNUNCIOS. **Diario de S. Paulo**, São Paulo, ano 3, n. 816, p. 3-4, 9 maio. 1868a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/709557/per709557_1868_00816.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

ANNUNCIOS. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 313, p. 3-4, 9 nov. 1888a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/103730/per103730_1888_00313.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 180, p. 4-6, 29 jun. 1889. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/103730/per103730_1889_00180.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 144, p. 3, 25 maio 1856. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=cartomante&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9916. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 47, n. 327, p. 6-8, 24 nov. 1868b. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_05&pasta=ano%20186&pesq=%22tarot%22&pagfis=14647. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 48, n. 110, p. 6-8, 21 abr. 1869. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_05&pasta=ano%20186&pesq=%22tarot%22&pagfis=15369. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 66, n. 335, p. 6-8, 1 dez. 1888b. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_07&pasta=ano%20188&pesq=%22tarot%22&pagfis=21735. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **O Globo**, São Luís, ano 5, n. 29, p. 4, 8 out. 1858. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749974/per749974_1858_00029.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **O Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 164, p. 3-4, 13 jun. 1845a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1845_00164.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **O Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 166, p. 4, 15 jun. 1845b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1845_00166.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **O Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 168, p. 3-4, 17 jun. 1845c. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1845_00168.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **O Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 174, p. 2-3, 23 jun. 1845d. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1845_00174.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ANNUNCIOS. **Pharol**, Juiz de Fora, ano 11, n. 89, p. 2-4, 15 nov. 1877b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/258822/per258822_1877_00089.pdf. Acesso em 6 jun. 2024.

AS SIBYLLAS e as sonambulas. **O Apostolo**: periodico religioso, moral e doutrinario, consagrado aos interesses da religião e da sociedade, Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, p. 2, 11 mar. 1866. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/343951/per343951_1866_00010.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

AVISO do Administrador da venda das cartas de jogar da Real Fabrica do Rio de Janeiro. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 94, p. 4, 25 nov 1815. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749664/per749664_1815_00094.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

BIFFES, J. Preços correntes dos gêneros de maior consumo no Rio de Janeiro. **Astréa**, Rio de Janeiro, n. 390, p. 4, 12 fev. 1829. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749700/per749700_1829_00390.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

CASTRO, Luiz de. Crenças Populares. **Revista Popular**: Jornal ilustrado, Niterói, ano 1, t. 3, p. 65-83, 1859. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/181773/per181773_1859_00003.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

CORREIO DA TARDE. Rio de Janeiro: Typographia do Correio da Tarde, 1855-1862. 1857-1858. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/correio/090000>. Acesso em: 30 maio 2024.

CORREIO MERCANTIL. Rio de Janeiro: Typographia do Correio Mercantil, 1848-1868. 1853-1861. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/correio/217280>. Acesso em: 30 maio 2024.

COSTA, Guilherme Joaquim da. Aviso do Administrador Geral do Real Contracto das Cartas de Jogar na Capitania da Bahia. **Idade d'Ouro do Brazil**, Salvador, n. 15, p. 5, 19 fev. 1819. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749940/per749940_1819_00015.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

COSTA, Joze Ignacio da. Estimativa ou Orçamento da receita efectiva, e despeza do Thesouro Publico Nacional, para o ano de 1822. **Correio Braziliense** ou Armazem Literario, Londres, v. 28, p. 142-147, 1822. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700142/per700142_1822_00028.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

D.**. Charadas. **O Beija-Flor**: Jornal de instrucção e recreio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 8, 7 abr. 1849. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=897469&Pesq=cartomancia&pagfis=8>. Acesso em: 30 maio 2024.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife: Tipografia do Diario, 1825- . 1900-1989. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033>. Acesso em: 20 abr. 2023.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1821-1878. 1821-1839. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/diario/094170>. Acesso em: 30 maio 2024.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1821-1878. 1854-1858. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/diario/094170>. Acesso em: 30 maio 2024.

ESPECTACULOS. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 230, p. 3, 21 ago. 1856a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/217280/per217280_1856_00230.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ESPECTACULOS. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 243, p. 4, 5 set. 1856b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/217280/per217280_1856_00243.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ESPECTACULOS. **Correio Mercantil**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 244, p. 4, 6 set. 1856c. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/217280/per217280_1856_00244.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

ESPECTACULOS. **Diario do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 231, p. 4, 20 ago. 1856d. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/094170/per094170_1856_00231.pdf. Acesso em: 30 maio de 2024.

ESPOLIO do Dr. Augusto Daniel de Araujo Lima. **Jornal do Commercio**, ano 93, n. 206, p. 15, 27 jul. 1919. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&Pesq=%22tarot%22&pagfis=47093. Acesso em: 30 maio 2024.

FLORES da Cunha, nos momentos mais difíceis da vida, quando todos o acreditem vencido, surgirá com redobrado brilho! **Diario de Pernambuco**, Recife, ano 112, n. 4B, p. 5, 12 nov. 1965. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_11&pasta=ano%20193&pesq=%22tarot%22&pagfis=21885. Acesso em: 30 jul. 2024.

FOLHETIM do Jornal do Commercio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 277, p. 1, 7 out. 1861. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_05&pagfis=2734. Acesso em: 30 maio 2024.

FREITAS, Antonio de Paula. Descrição de novo edifício para a Typographia Nacional do Brazil. **Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 2-61, 1878. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/334774/per334774_1878_00012.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

GOMES, José Caetano. Balanço da Receita e Despesa do Thesouro Publico do Rio de Janeiro, em todo o mez de Outubro de 1821. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 121, p. 4-6, 8 dez. 1821a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749664/per749664_1821_00121.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

GOMES, José Caetano. Balanço da Receita e Despesa do Thesouro Publico do Rio de Janeiro, em todo o mez de Novembro de 1821. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 2-4, 17 jan. 1822. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749664/per749664_1822_00008.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

GOMES, José Caetano. Balanço da Receita e Despesa effectiva do Erario do Rio de Janeiro, em todo o mez de Julho de 1821, combinado com o orçamento feito para o dito tempo. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 82, p. 3-6, 8 set. 1821b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749664/per749664_1821_00082.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

GOMES, José Caetano. Balanço da Receita e Despesa effectiva do Real Erario do Rio de Janeiro, desde 26 de Fevereiro até 26 de Abril de 1821. **Gazeta Extraordinaria do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 1-2, 7 maio 1821c. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749664/per749664_1821_00036.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

HILDA. Espiritualismo. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 43, n. 171, p. 1-2, 21 jun. 1865. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_05&Pesq=%22sybilla%22&pagfis=8769. Acesso em: 6 jun. 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: [s.n.], 1827-2016. 1900-1989. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568>. Acesso em: 20 abr. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: Typographia Imperial, 1827-2016. 1845-1859. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568>. Acesso em: 30 maio 2024.

JUNTA DIRECTORIA DA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA E REAL FABRICA DAS CARTAS DE JOGAR. Aviso. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 4, 11 jun. 1817. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749664/per749664_1817_00047.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

LIVROS a' Venda. **Diario do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 1, 24 nov. 1826. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/094170/per094170_1826_1100020.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

LIVROS curiosos. **Jornal do Commercio**, ano 91, n. 317, p. 17, 14 nov. 1917. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&Pesq=%22tarot%22&pagfis=37412. Acesso em: 30 maio 2024.

LIVROS. **Jornal do Commercio**, ano 89, n. 143, p. 13, 24 maio 1915a. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&Pesq=%22tarot%22&pagfis=29876. Acesso em: 30 maio 2024.

LIVROS. **Jornal do Commercio**, ano 89, n. 255, p. 8, 13 set. 1915a. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&Pesq=%22tarot%22&pagfis=31767. Acesso em: 30 maio 2024.

MELLO, A. J. de. O Charlatanismo no Ceará. **Cearense**, Fortaleza, ano 25, n. 45, p. 2, 2 jun. 1872. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/709506/per709506_1872_00045.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

MME. NADIR. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 47, n. 15.634, p. 7, 3 nov. 1921. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19211103-15634-nac-0007-999-7-not>. Acesso em: 30 jul. 2024.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo: [s.n.], 1875- . 1900-1989. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/acervo/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PAINEL. **Diario de Pernambuco**, Recife, ano 153, n. 135, seção D, p. 3, 21 maio 1978. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pesq=eliphas&pagfis=117742. Acesso em: 30 jul. 2024.

RADIO. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 110, n. 34, p. 12, 8 nov. 1936. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_12&pasta=ano%20193&pesq=%22tarot%22&pagfis=45252. Acesso em: 30 jul. 2024.

SÃO todas assim. **Publicador Maranhense**: **Jornal do commercio**, administração, lavoura e industria, São Luís, ano 36, n. 168, p. 3, 25 jul. 1877, Noticiario. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/720089/per720089_1877_00168.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

SERVA, Manoel Antonio da Silva. Aviso do Administrador Geral da Real Fabrica das Cartas de Jogar. **Idade d'Ouro do Brazil**, Salvador, n. 11, p. 10, Suplemento Extraordinario, 5 fev. 1813a. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749940/per749940_1813_00011.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

SERVA, Manoel Antonio da Silva. Aviso do Administrador Geral da Real Fabrica das Cartas de Jogar. **Idade d'Ouro do Brazil**, Salvador, n. 51, p. 4, 15 jun. 1813b. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/749940/per749940_1813_00051.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

TARÔ: o jogo milenar de adivinhação e profecia, que apaixona toda a Europa. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 95, n. 30.338, p. 19, 21 fev. 1974. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19740221-30338-nac-0019-999-19-not/busca/PLANETA+BIBLIOTECA>. Acesso em: 30 jul. 2024.

UM POUCO de tudo. **Diario de Pernambuco**, Recife, ano 66, n. 91, p. 2, 28 abr. 1890. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_07&pasta=ano%20189&pesq=%22tarot%22&pagfis=722. Acesso em: 30 maio 2024.

VENDAS. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 25, n. 132, p. 3-4, 14 jun. 1848. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_02&Pesq=cartomancia&pagfis=10464. Acesso em: 30 maio 2024.

VENDAS. **Publicador Maranhense**, São Luís, ano 7, n. 817, p. 4, 9 jun. 1849. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/720089/per720089_1849_00817.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

Leis e correspondências régias

BAHIA. Carta do conde de Linhares ao conde dos Arcos, de ordem do príncipe regente. **Arquivo Público do Estado da Bahia**: Casa Civil, Cartas Régias, v. 112, doc. 175, Rio de Janeiro, 2 abr. 1811. Disponível em: <http://www.atom.fpc.ba.gov.br/index.php/cartas-regias-3608>. Acesso em: 30 maio 2024.

BAHIA. Carta do marquês de Aguiar, para o conde dos Arcos. **Arquivo Público do Estado da Bahia**: Casa Civil, Cartas Régias, v. 117, doc. 233A, Rio de Janeiro, 22 jul. 1815. Disponível em: <http://www.atom.fpc.ba.gov.br/index.php/cartas-regias-2422>. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Conselho da Fazenda. Decreto n. 26, de 21 de janeiro de 1824. Manda admitir a despacho nas Alfandegas as cartas de jogar estrangeiras, sendo carimbados os baralhos em uma carta determinada. **Imperio do Brasil**: Diário do Governo, Rio de Janeiro, v. 3, n. 42, p. 291, 23 fev. 1824, Artigos d'Officio. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/706752/per706752_1824_00003.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Conselho da Fazenda. Decreto n. 34, de 5 de março de 1823. Manda admitir a despacho nas Alfandegas as cartas de jogar estrangeiras, sendo carimbados os baralhos em uma carta determinada. **Imperio do Brasil**: Diário do Governo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 68, p. 291, 26 mar. 1823, Artigos d'Officio. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/706752/per706752_1823_00001.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro: Sala das sessões do Governo Provisório, 1890. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 30 maio 2024.

PORTUGAL. Alvará, de 24 de dezembro de 1768, criando a Impressão Régia. In: SILVA, Antonio Delgado da (Red.). **Colecção da Legislação Portuguesa** - desde a última compilação das ordenações: Legislação de 1763 a 1774. Lisboa: Typografia Maignense, 1829a. p. 374- 377. Disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/10/73/p397>. Acesso em: 28 maio 2024.

PORTUGAL. Alvará, de 31 de julho de 1769, com as condições do Contrato das Cartas de jogar. In: SILVA, Antonio Delgado da (Red.). **Colecção da Legislação Portuguesa** - desde a última compilação das ordenações: Legislação de 1763 a 1774. Lisboa: Typografia Maignense, 1829b. p. 105-407. Disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/10/73/p428>. Acesso em: 28 maio 2024.

PORTUGAL. Alvará, de 6 de agosto de 1770, de privilégios aos Oficiais empregados em a Fábrica das Cartas de jogar. *In*: SILVA, Antonio Delgado da (Red.). **Colecção da Legislação Portuguesa** - desde a última compilação das ordenações: Legislação de 1763 a 1774. Lisboa: Typografia Maigrense, 1829c. p. 483-485. Disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/10/73/p506>. Acesso em: 28 maio 2024.

PORTUGAL. Decreto, de 13 de maio de 1808, regulando a Impressão Régia no Brasil. *In*: SILVA, Antonio Delgado da (Red.). **Colecção da Legislação Portuguesa** - desde a última compilação das ordenações: Legislação de 1802 a 1810. Lisboa: Typografia Maigrense, 1826. p. 509-510. Disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/11/24/p539>. Acesso em: 28 maio 2024.

PORTUGAL. Decreto, de 16 de dezembro de 1769, dando por extinto o Contrato das Cartas de jogar, e Solimão, que manda passar para a Impressão Régia. *In*: SILVA, Antonio Delgado da (Red.). **Colecção da Legislação Portuguesa** - desde a última compilação das ordenações: Legislação de 1763 a 1774. Lisboa: Typografia Maigrense, 1829d. p. 449-450. Disponível em: <https://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/10/73/p472>. Acesso em: 28 maio 2024.

Livros e obras literárias publicadas

ASSIS, Machado de. A Semana – 108 (24 de junho de 1894). **Machadiana Eletrônica**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 161-165, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/21134>. Acesso em: 30 maio 2024.

BLAKE, William. Preface. *In*: MACLAGAN, Eric Robert Dalrymple; RUSSEL, Archibald George Blomfield (Eds.); BLAKE, William. **The prophetic books of William Blake**: Milton. Londres: A. H. Bullen, 1907. p. 2. Disponível em: <https://archive.org/details/propheticbooksof00blak/page/n21/mode/2up>. Acesso em: 30 maio 2022.

D'AMBLY, P. Boiteau. **Les cartes a jouer et la cartomancie**. Paris: Librairie de L. Hachett et Cio, 1854. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3056696s>. Acesso em: 12 jan. 2024.

FALCONNIER, Robert. **Les XXII lames hermétiques du Tarot Divinatoire**. Paris: Librairie de l'Art Indépendant, 1896. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5525090q?rk=21459;2>. Acesso em: 12 jan 2024.

GÉBELIN, Antoine Court de. Du Jeu des Tarots. *In*: GÉBELIN, Antoine Court de. **Monde Primitif, analysé et compare avec le Monde Moderne**, considéré dans divers objets concernant l'Histoire, le Blafon, les Monnoies, les Jeux, les Voyages des Phéniciens autuour du Monde, les Langues Américaines, etc. ou Dissertations Mêlées. Paris: Valleyre l'aîné, 1781. Disponível em: <https://archive.org/details/mondeprimitifana08cour/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 20 jun. 2023. p. 365-394. t. 8, v. 1

GÉBELIN, Antoine Court de. **Monde Primitif, analysé et compare avec le Monde Moderne**, considéré dans les origines françoises; ou Dictionnaire Étymologique de la Langue Françoise. Paris: Boudet; Valleyre l'aîné, 1778. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1087199/>. Acesso em: 23 out. 2023. t. 5.

LÉVI, Éliphas. **Dogme et rituel de la haute magie**. 2. ed. amp. Paris: Germer Bailliére, 1861. t. 2, Rituel. Disponível em: https://ia601302.us.archive.org/19/items/b24884340_0002/b24884340_0002.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

M.***, M. le C. de. Recherches sur les tarots, et sur la divination par les cartes des tarots. *In*: GÉBELIN, Antoine Court de. **Monde Primitif, analysé et compare avec le Monde Moderne**, considéré dans divers objets concenant l'Histoire, le Blafon, les Monnoies, les Jeux, les Voyages des Phéniciens autuour du Monde, les Langues Américaines, etc. ou Dissertations Mêlées. Paris: Valleyre l'aîné, 1781. Disponível em: <https://archive.org/details/mondeprimitifana08cour/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 20 jun. 2023. p. 395-410. t. 8, v. 1.

O FADO, ou jogo de sortes engraçadas, offerecendo um gostoso entretenimento ás companhias sociaes e divertidas; dedicado a todas as pessoas, que em bela sociedade quiserem rir-se com os disparates d'uma fortuita sorte. Porto: Typographia de Faria Guimarães, 1845. Disponível em: https://www.forgottenbooks.com/en/download/OFadoOuJogodeSortesEngracasOfferecendoumGostosoEntretenimentoAsCompanhiasSociaes_10733264.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

PAPUS. **Absolute Key to Occult Science: The Tarot of the Bohemians**. London: Chapman and Hall Ltd., 1892.

REFERÊNCIAS

3 DE MAIO de 1818. D. João proíbe, sob pena de morte, a maçonaria e sociedades secretas no Brasil. **BNDigital**, 18 maio 2021, Memória. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/memoria-3-de-maio-de-1818-d-joao-proibe-sob-pena-de-morte-a-maconaria-e-sociedades-secretas-no-brasil/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGÊNCIA SENADO. Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitadas; governistas questionam. **Senado Notícias**, Brasília, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>. Acesso em: 13 jun. 2022.

AGHAEI, Sareh; NEMATBAKSHI, Mohammad Ali; FARSANI, Hadi Khosravi. Evolution of the World Wide Web: from Web 1.0 to Web 4.0. **International Journal of Web & Semantic Technology**, [S.l.], v. 3, n. 1, jan. 2012. Disponível em: <http://airccse.org/journal/ijwest/papers/3112ijwest01.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. **A sacralidade digital: a mística tecnológica e a presença do sagrado na rede**. 2010. 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AMARAL, Leila. Sincretismo em movimento: O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. *In*: CAROZZI, Maria Julia (Org.); MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. p. 47-79.

ARAÚJO, Geraldo Antônio Balbuena de. **Aproximações e Distanciamentos entre a Carta Testemunha do Tarô Terapêutico** – Método Pramad – e as Funções Psicológicas. 2008. 65 f. Monografia (Especialização em Psicologia Junguiana) – Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, Instituto Centro Oeste de Educação e Pesquisa, Brasília, 2008.

ARCANO. **Dicionário Online Priberam de Português**, c2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/arcano>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ATKINSON, William Walker. **O Caibalion**: edição definitiva e comentada - Um estudo da filosofia hermética por William Walker Atkinson escrevendo como Os Três Iniciados. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 2018.

BARCELOS, Reginaldo. Casas de fundição e da moeda no Brasil e em Portugal: purificar o ouro, apurar as técnicas. **População e Sociedade**, Porto, n. 21, p. 143-163, 2013. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/populacao-e-sociedade/edicoes/populacao-e-sociedade-no-21>. Acesso em: 27 maio 2024.

BARROS, José D'Assunção. Representações e práticas sociais: rediscutindo o diálogo das duas noções no âmbito da História Cultural Francesa. *In*: SANTOS, Regma Maria dos; BORGES, Valdeci Rezende. **Imaginário e representações: entre fios, meadas e alinhavos**. Uberlândia, MG: Aspectus, 2011. p. 11-28.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, v. 52, p. 421-443, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691>. Acesso em: 27 maio 2024.

BARROSO, Marco Antonio. Misticismo como forma dinâmica de religião. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 103-117, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26473/18255>. Acesso em: 23 maio 2023.

BARTLETT, Sarah. **A Bíblia do tarô**: guia completo de cartas e lançamentos. Lisboa: Dinalivro, 2007.

BENTZEN, Jeanet Sinding. In crisis, we pray: Religiosity and the COVID-19 pandemic. **Journal of Economic Behavior and Organization**, [online], v. 192, p. 541-583, dez. 2021. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0167268121004443>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BERMAN, Morris. **El Reencantamiento del Mundo**. Santiago: Editorial Cuatro Vientos, 1987.

BIA. LoL: Artista cria lindo baralho de Tarot com personagens de Arcane. **Millenium**, 10 abr. 2022. Disponível em: <https://br.millenium.gg/noticias/9592.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BOERE, Natália. Tarô terapêutico, cura através do som, cristaloterapia: conheça práticas que ajudam no equilíbrio de corpo e mente. **O Globo**, 17 jul. 2021, Rio, Bairros, Zona Sul. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/taro-terapeutico-cura-atraves-do-som-cristaloterapia-conheca-praticas-que-ajudam-no-equilibrio-de-corpo-mente-1-25113200>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996. (Série Religião e Cidadania).

BONINI, Marina. Cristiana Pompeo, de 'Zorra', diz que previu no tarô separação de atriz famosa. **Quem**, 27 set. 2020, Entrevista. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2020/09/cristiana-pompeo-de-zorra-diz-que-previu-no-tarot-separacao-de-atriz-famosa.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed., 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos, 20).

BRANDÃO, Junito de Souza. Hermes Trismegisto. *In*: BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 191-207. v. 2.

BRASIL, Bruno. De “abelhas” e seus caçadores: a imprensa pernambucana ao fim do Primeiro Reinado. **BNDigital**, 19 jan. 2022, Artigos. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/de-abelhas-e-seus-cacadores-a-imprensa-pernambucana-ao-fim-do-primeiro-reinado/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**: seção 1: Poder Executivo, Brasília, p. 20-25, 4 mai. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM nº 913, de 22 de abril de 2022. Declara o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV) e revoga a Portaria GM/MS nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. **Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde**, 2022. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2022/prt0913_22_04_2022.html. Acesso em: 12 set. 2024.

BUCHALLA, Anna Paula. Mulheres que inspiram: Mirella Floren democratiza a leitura das cartas. **Harér's Bazaar Brasil**, 7 dez. 2020, How Bazaar! Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/estilo-de-vida/mulheres-que-inspiram-mirella-floren-democratiza-a-leitura-das-cartas/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CAMPOS, Flavio de. Jogos e a temática lúdica em Portugal ao final da Idade Média. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre**, n. 2, p. 515-528, 2008. Edição especial. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cem/3912>. Acesso em: 27 maio 2024.

CAPRA, Fritjof. Ecologia Profunda – Um Novo Paradigma. *In*: CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010. p. 13-21. E-book.

CARTWRIGHT, Rhea. A leitura de cartas de tarô é a nova febre de wellness – entenda como. **Vogue**, 24 set. 2020, Wellness. Disponível em: <https://vogue.globo.com/Wellness/noticia/2020/09/leitura-de-cartas-de-taro-e-nova-febre-de-wellness-entenda-como.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CARVALHO, José Jorge de. **Uma visão antropológica do esoterismo e uma visão esotérica da antropologia**. Brasília: UnB, 2006. (Série Antropologia, 406). Disponível em: <https://www.dan2.unb.br/images/doc/Serie406empdf.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2023.

CARVALHO, William Almeida de. Pequena História da Maçonaria no Brasil. **Revista de Estudos Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña**, [S.l.], v. 2, n. 1, maio/nov. 2010. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/6609>. Acesso em: 25 ago. 2024.

CASCUDO, Câmara. João. *In*: CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 477-481. (Coleção Terra Brasilis).

CAVALCANTI, Barbara. Regina estende tapete em praça e abre as cartas para falar sobre amor. **Campo Grande News**, Campo Grande, 3 nov. 2021, Comportamento. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/regina-estende-tapete-em-praca-e-abre-as-cartas-para-falar-sobre-amor>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CAVALCANTI, Fernanda Pinheiro. **O tarô como prática integrativa e a extrassensorialidade no jogo: analisando discursos de tarólogos e consulentes**. 2022. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24166?locale=pt_BR. Acesso em: 20 dez. 2022.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002. (Memória e Sociedade).

CHIODA, Leo. Saiba como funciona o tarô, uma enciclopédia de experiências humanas. **F5**, 12 jul. 2021, Viva Bem. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/viva-bem/2021/07/saiba-como-funciona-o-taro-uma-enciclopedia-de-experiencias-humanas.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CORDOVIL, Daniela. Religiões de Nova Era em Belém, Pará: entre o cosmopolitismo e a identidade local; **REVER**, v. 15, n. 1, p. 126-143, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/23591>. Acesso em: 16 fev. 2024.

COSTA, Vinicius. Tarô ainda é visto com preconceito, mas entusiastas buscam orientações para tomar decisões. **Portal TOP Mídia News**, Campo Grande, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/campo-grande/taro-ainda-e-visto-com-preconceito-mas-pessoas-buscam-orientacoes/142368/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

COSTA, Wagner Veneziani. Societas Rosacruziana in Anglia. **Madras Editora**, c2024. Disponível em: <https://madras.com.br/blog/wagner/societas-rosacruziana-in-anglia/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DEAN, Liz. **The ultimate guide to tarot: a begginer's guide to the cards, spreads, and revealing the mystery of the tarot**. Beverly: Fair Wind Press, 2015. E-book.

DECKER, Ronald; DEPAULIS, Thierry; DUMMETT, Michael. **A wicked pack of cards: the origins of the occult tarot**. London: Duckworth, 2002.

DECKER, Ronald; DUMMETT, Michael. **A History of the Occult Tarot: 1870-1970**. London; New York: Duckworth Overlook, 20013. E-book.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo**. São Paulo: Planeta, 2014. E-book.

DENISOFF, Dennis. The Hermetic Order of the Golden Dawn, 1888-1901. **BRANCH**, jan. 2013. Disponível em: https://branchcollective.org/?ps_articles=dennis-denisoff-the-hermeticorder-of-the-golden-dawn-1888-1901. Acesso em: 14 jan. 2024.

DEPAULIS, Thierry. **Tarot, jeu et magie**. Paris: Bibliothèque Nationale, 1984.

DEPAULIS, Thierry. The Tarot de Marseille – Facts and Fallacies, Part I. **The Playing-Card**, Londres, v. 42, n. 1, p. 21-41, jul./set. 2013a. Disponível em: https://www.academia.edu/8119804/Thierry_Depaulis_The_Tarot_de_Marseille_Facts_and_Fallacies_Part_I. Acesso em: 4 jan. 2024.

DEPAULIS, Thierry. The Tarot de Marseille – Facts and Fallacies, Part II. **The PlayingCard**, Londres, v. 42, n. 2, p. 101-120, out./dez. 2013b. Disponível em: https://www.academia.edu/8119803/Thierry_Depaulis_The_Tarot_de_Marseille_Facts_and_Fallacies_Part_II. Acesso em: 4 jan. 2024.

DINIZ, Pedro. Moda na pandemia vive onda esotérica liderada pela Dior, com looks inspirados no tarô. **Folha de São Paulo**, 22 fev. 2021. Moda. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/02/moda-na-pandemia-vive-onda-esotericaliderada-pela-dior-com-looks-inspirados-no-taro.shtml>. Acesso em: 12 jul. 2022.

DOLIVEIRA, Matheus. Dior lança coleção inspirada no tarô para combater a incerteza. **Exame**, 26 jan. 2021, Casual. Disponível em: <https://exame.com/casual/dior-lanca-colecao-inspirada-no-taro-para-combater-a-incerteza/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 111-128, 1983. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1292. Acesso em: 10 dez. 2022.

DUMMETT, Michael. **The game of tarot: from Ferrara to Salt Lake City**. London: Duckworth, 1980.

DUMMETT, Michael; MCLEOD, John. **A history of games played with the tarot pack: the game of triumphs**. Lewiston, Queenston, Lampeter: The Edwin Mellen Press, 2004. v. 1.

EGGERS, Natascha de Andrade. **Egito Antigo e o imperialismo britânico no século XIX: as descobertas do antiquarista Giovanni Belzoni**. 2013. 77 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60160>. Acesso em: 7 jan. 2024.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENO. The Word of One Tarot. **Eno's Tarots**, 14 ago. 2013. Disponível em: <https://enotarot.blogspot.com/2013/08/the-word-of-one-tarot.html>. Acesso em: 3 mar. 2024.

ESOTÉRICO joga tarô e faz numerologia ao vivo no Terra. **Terra**, 16 out. 2014, Numerologia. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/numerologia/esoterico-joga-taro-e-faz-numerologia-ao-vivo-no-terra,794dac0bfaa19410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 7 set. 2024.

ETHONY. Tarot Deck Exploration – Aura-Soma Tarot. **Ethony**, 4 jul. 2010. Disponível em: <https://ethony.com/tarot-deck-exploration-aura-soma-tarot/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

EVANS, Luciane. Fórum de Tarô acontece em BH e vai discutir o futuro da interpretação de cartas. **Uai**, Belo Horizonte, 2 ago. 2013, Saúde. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/08/02/noticias-saude,194156/forum-de-taro-acontece-em-bh-e-vai-discutir-o-futuro-da-interpretacao.shtml>. Acesso em: 7 set. 2024.

FACUSI, Cintia Prates. De Thot a Hermes Trismegisto: o Egito Antigo e o hermetismo árabe. **Nearco**: Revista Eletrônica de Antiguidade, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 28-47, 2012. Disponível em: <http://neauerj.com/Nearco/arquivos/numero10/revistacompleta.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2024.

FAIVRE, Antoine. **Western esotericism**: a concise History. New York: SUNY Press, 2010.

FARLEY, Helen. **A cultural History of tarot**: from entertainment to esotericism. New York: I.B.Tauris, 2009.

FERRAZ, Manuela; SILVA, Tayanne. Autoconhecimento pelas cartas: entenda o uso terapêutico do tarô. **Correio Braziliense**, 4 out. 2020, Revista do Correio. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/revista-do-correio/2020/10/4879590-autoconhecimento-pelas-cartas-entenda-o-uso-terapeutico-do-taro.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FRAZÃO, Fernanda. As cartas de jogar e os expostos da Misericórdia de Lisboa. **Cidade Solidária**, Lisboa, n. 32, p. 140-149, 2014. Disponível em: <https://scml.pt/wpcontent/uploads/2023/04/cartas-jogar-expostos-n32-2014.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.

G1 SANTOS. Jovem perde mais de R\$ 7 mil em golpe durante falsa consulta de tarô para tirar 'maldições'. **G1**, Santos, 28 out. 2021, Santos e região. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2021/10/28/jovem-perde-mais-de-r-7-mil-em-golpe-durante-falsa-consulta-de-taro-para-tirar-maldicoes.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GECEWICZ, Claire. Few Americans say their house of worship is open, but a quarter say their faith has grown amid pandemic. **Pew Research Center**, 30 abr. 2020. Research Topics. Coronavirus Disease (COVID-19). Disponível em: <https://www.pewresearch.org/facttank/2020/04/30/few-americans-say-their-house-of-worship-is-open-but-a-quarter-say-theirreligious-faith-has-grown-amid-pandemic/>. Acesso em: 28 out. 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLASS, Leonardo. A história das cartas de jogos no Brasil. **Água & Azeite**, 21 ago. 2017, História. Disponível em: <https://aguaeazeite.wordpress.com/2017/08/21/a-historia-das-cartasde-jogos-no-brasil/>. Acesso em: 28 maio 2024.

GONÇALVES, Renata Braz; PERES, Eliane Teresinha. Textos destinados ao público leitor feminino, divulgados no jornal diário “Correio Mercantil” de Pelotas/RS (1875-1900). In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss06_05.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

GONZÁLEZ, Ana Maria. Antônio Olívio Rodrigues, a história de um precursor. **Constelar**, n. 171, set. 2012. Disponível em: https://www.constelar.com.br/constelar/171_setembro12/antonio-olivio-pensamento.php. Acesso em: 3 set. 2024.

- GUERRIERO, Silas. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. **Reflexão**, Campinas, v. 41, n. 2, p. 211-224, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3650>. Acesso em: 4 jan. 2024.
- HANEGRAFF, Wouter J. **New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought**. Leiden; New York; Köln: Brill, 1996.
- JETTE, Christine. **Tarot for the Healing Heart: Using Inner Wisdom to Heal Body and Mind**. St. Paul, Minnesota: Llewellyn Publications, 2001.
- JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. **O caminho do tarot**. São Paulo: Editora Campos, 2016. (Selo Chave).
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.
- KAPLAN, Stuart R. **The Encyclopedia of Tarot**. 2. imp. Stamford, Connecticut: U.S. Games Systems, Inc., 2002. v. 3.
- KAPLAN, Stuart R; HUETS, Jean. **The Encyclopedia of Tarot**. Stamford, Connecticut: U.S. Games Systems, Inc., 2005. v. 4.
- KEMP, Simon. Digital 2023: Brazil. **DataReportal**, 12 fev. 2023, Reports. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 10 set. 2024.
- LE TAROT à Florence par Ada Labriola**. 13 out. 2022. 1 vídeo (32 min). Publicado por ISSY TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rYtQnELKMjk>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- LEÃO, Pedro. Ciganos que usavam perfil de falsa vidente nas redes sociais são presos. **Notícias R7**, São Paulo, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/ciganos-que-usavam-perfil-de-falsa-vidente-nas-redes-sociais-sao-presos-24082021/>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- LEME, Margarida Ortigão Ramos Paes. Os Lemes – um percurso familiar de Bruges a Malaca. **Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia**, n. 0, p. 51-83, dez. 2008. Disponível em: <https://capitaodomingos.com/wp-content/uploads/2008/02/8351fd01.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.
- LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A festa de São João e a invenção da cultura popular. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S.l.], v. 11, n. 23, p. 13-29, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18889>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- LIMEIRA, Aline de Moraes. **Jornal O Apóstolo (1866 – 1893): ações católicas na imprensa e na educação**. 2011. 29 p. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/pesquisa-e-editoracao/programa-nacional-de-apoio-a-pesquisa/pnap-2011/jornal-o-apostolo-1866-2013-1893-acoes-catolicas-na-imprensa-e-na-educacao>. Acesso em: 27 jul. 2024,
- MAIA, Kathleen de Oliveira. **A Sacerdotisa, O Mundo e a Roda da Fortuna: Uma análise sobre mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890)**. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências

Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15803>. Acesso em: 30 maio. 2024.

MALTA, Jairo. Tarô, cervejas e jovens místicos se misturam em novo bar no centro de São Paulo. **Guia Folha**, São Paulo, 20 abr. 2022, Bares e noite. Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/bares-e-noite/2022/04/taro-cervejas-e-jovens-misticos-se-misturam-em-novo-bar-no-centro-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MARQUES, Monica Bernardo Schettini. Literatura de autoajuda e religião: conexões e rejeições. **Revista Nures**, São Paulo, ano 11, n. 20, p. 11-16, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/27442>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MARQUETI, Gabriela. Curioso sobre seu futuro? Deftones oferece leitura de tarô em seu site oficial. **Wikimetal**, 26 abr. 2021, Notícias. Disponível em: <https://www.wikimetal.com.br/deftones-oferece-leitura-de-taro-em-seu-site-oficial/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MARTEAU, Paul. **O Tarô de Marselha**: Tradição e simbolismo. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1991.

MARTINS, Ana Luiza. Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercados de trabalho. In: VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **Franceses no Brasil**: séculos XIX-XX. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 27-41.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 3, n. 2, p. 91-111, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334>. Acesso em: 4 set. 2024.

MOLINERO, Bruno. Como funciona o Tarô. **Folha de S. Paulo**, 12 nov. 2020, Webstories, Cultura. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/11/como-funciona-o-taro/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MORAIS, Cleidiane; SILVA, Manuelle Araújo da; LIMA, Rafael Gomes. Entre o altar e o trono: a instrução religiosa e o ensino laico no Ceará do último quartel do século XIX. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 39, p. 33-47, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/26963>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

NADOLNY, Isabelle. **História do tarô**: um estudo completo sobre suas origens, iconografia e simbolismo. São Paulo: Editora Pensamento, 2022.

NAIFF, Nei. **Curso completo de tarô**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2015. E-book.

NAIFF, Nei. **Tarô, ocultismo & modernidade**. 3. ed. São Paulo: Elevação, 2002. (Estudos Completos do Tarô, v. 1).

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 2007.

NOBLE, Vicki. **Rituals and Practices with the Motherpeace Tarot**. Rochester, Vermont: Bear & Company, 2003.

NÚMERO de mortes por Covid no mundo supera 7 milhões, diz OMS. **Terra**, 11 jan. 2024, Mundo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/numero-de-mortes-por-covid-no-mundo-supera-7-milhoes-diz-oms,0f8543ea0ead8a1235e3677ab6add089313ze8pn.html>. Acesso em: 27 jul. 2024.

O QUE é o Aura-Soma. **Somos Todos Um**, 17 nov. 2000, Corpo e Mente. Disponível em: <https://www.somostodosum.com.br/artigos/corpo-e-mente/o-que-e-o-aura-soma-1005.html>. Acesso em: 16 fev. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. **OPAS/OMS** – Organização Pan-Americana da Saúde, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ORSOLON, Luis. São Paulo Expo recebe a Mystic Fair 2021 neste final de semana. **Portal Radar**, São Paulo, 9 dez. 2021, Eventos Sociais, Esportivos e Corporativos. Disponível em: <https://portalradar.com.br/sao-paulo-expo-recebe-a-mystic-fair-2021-neste-final-de-semana/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo-RS: Sinodal/EST; Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

PAIXÃO, Sara. O médium João Rosa coleciona clientes famosos. **Extra**, 12 jul. 2011, TV e Lazer. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/o-medium-joao-rosa-coleciona-clientes-famosos-2221731.html>. Acesso em: 7 set. 2024.

PALUMBO, Jacqui. The woman behind the world's most famous tarot deck was nearly lost in history. **CNN**, 12 maio 2022, Style. Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/pamela-colman-smith-tarot-art-whitney/index.html>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PASTORE, Karina. Mercado místico usa internet e foca em bem-estar para se renovar. **Folha de São Paulo**, 23 jul. 2022. Astrologia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2022/07/mercado-mistico-usa-internet-e-foca-em-bemestar-para-se-renovar.shtml>. Acesso em: 30 out. 2022.

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo. Religião e Necropolítica. *In*: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Orgs.). **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020. p. 11-34.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PLACE, Robert M. The Tarot's Oldest Ancestor, The Marziano Tarot. **Tarot & Divination Decks with Robert M Place**, 17 dez. 2014. Disponível em: <https://robertmplacetarot.com/the-tarots-oldest-ancestor-the-marziano-tarot/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

POLLACK, Rachel. Introdução. *In*: POLLACK, Rachel. **Bíblia clássica do tarot**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023. p. 15-30.

PRAMAD, Veet. Sobre. **Tarot Terapêutico**, [202-]. Disponível em: <https://tarotterapeutico.info/sobre/>. Acesso em: 3 set. 2024.

PRATESI, Franco. The earliest Tarot pack known. **The Playing-Card**, Londres, v. 18, n. 1-2, p. 28-38, 14 fev. 1989. Seção New Discoveries, n. 10, Italian Cards. Disponível em: <https://www.naibi.net/A/25-FIRSTARO-Z.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

QUEM ONLINE. Musa dos anos 90, Ingra Lyberato ataca de taróloga na quarentena. **Quem**, 2 abr. 2020, QUEM News. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/04/ingra-lyberato-le-taro-em-live-na-web.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RAMACHANDRA, Adilson Silva. Apresentação do Editor. *In*: PAPUS. **O tarô adivinhatório**: a chave para a interpretação das cartas e dos destinos. 15. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2022. p. 13-18.

REDAÇÃO GLAMOUR. Formada em história, ela passou em Oxford e Harvard e hoje é conhecida como “rainha do tarot”. **Glamour**, 9 dez. 2020, Trending. Disponível em: <https://glamour.globo.com/lifestyle/trending/noticia/2020/12/formada-em-historia-ela-passou-em-oxford-e-harvard-e-hoje-e-conhecida-como-rainha-do-tarot.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

REDAÇÃO UNIVERSAL.ORG. Cartas de tarô com vilões dos filmes da Disney. **Universal.org**: Portal Oficial da Igreja Universal do Reino de Deus, 29 nov. 2021, Comportamento. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/cartas-de-taro-com-viloes-dos-filmes-da-disney/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ABIJAUDI, André Yuri Gomes. Espiritualidade em tempos de pandemia. *In*: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Orgs.). **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020. p. 90-105.

RIBEIRO, Elizeu. Homem agride cartomante por não concordar com previsão de tarô. **Portal TOP Mídia News**, Campo Grande, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/geral/homem-agride-cartomante-por-nao-concordar-com-previsao-de-taro/159882/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RIBEIRO, Inaê. Cartas de tarot: o que é e porque estamos obcecadas pelo assunto. **Steal the Look**, 17 abr. 2021, Wellness. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/cartas-de-tarot-o-que-e-e-porque-estamos-obcecadas-pelo-assunto/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RIBEIRO, Listhiane Pereira Ribeiro. **Abrindo o jogo**: um olhar antropológico sobre o tarô *online*. 2015. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RIEMMA, Constantino K.; CHIODA, Leo. O Centenário do Tarô no Brasil e as Origens do Tarô Adivinhatório. *In*: PAPUS. **O tarô adivinhatório**: a chave para a interpretação das cartas e dos destinos. 15. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2022. p. 21-27.

RILEY, Jana. **Tarô**: dicionário & compêndio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

RODRIGUES, Antônio Olívio. Prefácio à Primeira Edição Brasileira. *In*: PAPUS. **O tarô adivinhatório**: a chave para a interpretação das cartas e dos destinos. 15. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2022. p. 19.

ROSZAK, Theodore. Os filhos da tecnocracia. *In*: ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. São Paulo: Vozes, 1972a. p. 15-53.

ROSZAK, Theodore. Uma invasão de centauros. *In*: ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. São Paulo: Vozes, 1972b. p. 54-93.

SANTOS, Amanda. A vez do tarô: perfis de tarólogos fazem sucesso nas redes sociais. **Seleções**, Rio de Janeiro, 7 set. 2020, Especial. Disponível em: <https://www.selecoes.com.br/especial/taro-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SANTOS, Isa. Ofélia: alta coquetelaria, tarô e um ambiente místico no Santa Efigênia. **Sou BH**, Belo Horizonte, 19 mar. 2022, Gastronomia. Disponível em: <https://soubh.uai.com.br/noticias/gastronomia/ofelia-alta-coquetelaria-taro-e-um-ambiente-mistico-no-santa-efigenia>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

SERAFIM, Rose. "Trago seu amor próprio de volta": tarot feminista ressignifica prática esotérica para empoderamento feminino. **Saiba Mais**: agência de reportagem, Natal, 31 mar. 2021, Cultura. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2021/03/trago-seu-amor-proprio-de-volta-tarot-feminista-ressignifica-pratica-esoterica-para-empoderamento-feminino/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SIGIS. Sociedade Teosófica. **Sociedade Teosófica no Brasil**, 13 maio 2023, Teosofia e Sociedade. Disponível em: <https://sociedadeteosofica.org.br/sociedade-teosofica/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Samuel Vieira da; MARQUES, Adílio Jorge. A influência maçônica no surgimento de sociedades secretas no século XIX no Brasil. **Revista Ciência & Maçonaria**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 35-50, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/view/106/59>. Acesso em: 3 set. 2024.

SOARES, Benigna. Tarô Amazônida traz releitura com foco nas mulheres. **REDEPARÁ**, Belém, 19 maio 2021. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/219931/taro-amazonida-traz-releitura-com-foco-nas-mulheres>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SÖGUR-HOUS, Débora. Saiba as questões mais comuns feitas ao tarô e aos astros na pandemia. **Metrópoles**, São Paulo, 16 abr. 2021, Brasil. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/saiba-as-questoes-mais-comuns-feitas-ao-taro-e-aos-astros-na-pandemia>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOSTERIC, Mike. A Sociology of Tarot. **Canadian Journal of Sociology**, [S.l.], v. 39, n. 3, p. 357-391, 2014. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/cjs/index.php/CJS/article/view/20000/17203>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SOUZA, Guilherme. Pixel 6: Google cria 78 cartas de Tarô e filtro no Instagram para promover o celular. **TudoCelular.com**, 21 dez. 2021, Notícias. Disponível em: <https://www.tudocelular.com/curiosidade/noticias/n183937/google-baralho-taro-pixel-6.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SOUZA, Kelma Amabile Mazziero de. Do tarô europeu medieval ao tarô no Brasil contemporâneo: simbologia e espiritualidade através da evolução imagética. *In*:

CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO ECLESIAL, 11., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2016, p. 1-14. Disponível em:

<https://portal.metodista.br/eclesiocom/edicoesanteriores/2016/arquivos/do-taro-europeu-medieval-ao-taro-no-brasil-contemporaneosimbologia-e-espiritualidade-atraves-da-evolucaoimagetica>. Acesso em: 8 set. 2022.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017. (Série Caderno de Leituras, 62). Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno62/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

TARÔ Kid/Ás de Espadas. **Mofolândia**, c2000-2012. Disponível em: https://www.mofolandia.com.br/mofolandia_nova/taro_kid.html. Acesso em: 3 set. 2024.

TAVARES, Fatima Regina Gomes. **Mosaicos de si**: uma abordagem sociológica da iniciação no tarô. 1993. 168 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

TAVARES, Fatima Regina Gomes. Tornando-se Tarólogo: Percepção “Racional” versus Percepção “Intuitiva” entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. **Numen**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 97-123, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21752>. Acesso em: 20 out. 2022.

TAVARES, Fátima. **Alquimistas da Cura**: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos. Salvador: Edufba, 2012.

TAVARES, Fátima; DUARTE, Joelma; COGNALATO, Rosana. Movimento nova era e a reconfiguração do social (da contracultura à heterodoxia terapêutica). **Antropolítica** - Revista Contemporânea de Antropologia, Niterói, v. 1, n. 28, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41610>. Acesso em: 2 set. 2024.

VASCONCELOS, Ligia Balestra. **O tarô Visconti-Sforza como espaço de relações e transferências no século XV italiano**. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019. Disponível em: https://ppg.unifesp.br/historiadaarte/images/dissertacoes/2019/LIGIA_BALESTRA_VASCONCELOS.pdf. Acesso em: 13 nov. 2023.

VENTURA, Deisy; REIS, Rossana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. **Boletim Direitos da Pandemia**: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil, São Paulo, n. 10, p. 6-31, 20 jan. 2021. Disponível em: https://cepedisa.fsp.usp.br/wp-content/uploads/2023/02/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

VERCOUTTER, Jean. **The Search For Ancient Egypt**. New York: Harry N. Abrams, 1992.

VERÍSSIMO, Juliana. Profissionais ensinam tarô e reiki após deixarem mercado tradicional. **Folha de São Paulo**, 23 jul. 2022. Astrologia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2022/07/profissionais-ensinam-taro-e-reiki-aposdeixarem-mercado-tradicional.shtml>. Acesso em: 30 out. 2022.

VILAS-BOAS OLIVEIRA, José Lucas. O tarô como objeto de pesquisa: uma análise dos últimos 10 anos de publicações nacionais listadas no Google Acadêmico. **Revista História em Reflexão**, v. 17, n. 34, p. 158-171, out./dez. 2023. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/16975>. Acesso em: 8 nov. 2023.

VILAS-BOAS, Lucas. Prática do tarô em tempos de pandemia – Resultados da pesquisa. **Portal Misticiência**, 25 jun. 2024. Disponível em: <https://misticiencia.wordpress.com/2024/06/25/pratica-do-taro-em-tempos-de-pandemia-resultados-da-pesquisa/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

WEN, Benebell. My Review of the Haindl Tarot. **Benebell Wen**, 24 maio 2015. Disponível em: <https://benebellwen.com/2015/05/24/my-review-of-the-haindl-tarot/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

WEN, Benebell. The Goddess Tarot by Kris Waldherr. **Benebell Wen**, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://benebellwen.com/2021/08/19/the-goddess-tarot-by-kris-waldherr/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

WHAT'S in your cards? Get your personalized Tarot Reading today! **YouTube Official Blog**, 7 jun. 2022. Disponível em: <https://blog.youtube/news-and-events/whats-in-your-cardsget-your-personalized-tarot-reading-today/>. Acesso em: 20 set. 2022.

WINTLE, Simon. Brazil. **The Word of Playing Cards**, 5 abr. 2010. Disponível em: <https://www.wopc.co.uk/brazil>. Acesso em: 28 maio 2024.

WINTLE, Simon. Early History of Playing Cards & Timeline. **The Word of Playing Cards**, 3 jul. 1996a. Disponível em: <https://www.wopc.co.uk/the-history-of-playing-cards/earlyhistory-of-playing-cards>. Acesso em: 30 dez. 2023.

WINTLE, Simon. Jean Noblet Tarot de Marseille. **The Word of Playing Cards**, 28 maio 2022. Disponível em: <https://www.wopc.co.uk/france/jean-noblet-tarot-de-marseille>. Acesso em: 30 dez. 2023.

WINTLE, Simon. Mamluk Playing Cards. **The Word of Playing Cards**, 26 mar. 2001. Disponível em: <https://www.wopc.co.uk/egypt/mamluk-playing-cards>. Acesso em: 30 dez. 2023.

WINTLE, Simon. Portuguese Playing Cards. **The Word of Playing Cards**, 3 jul. 1996b. Disponível em: <https://www.wopc.co.uk/portugal/portuguese-playing-cards>. Acesso em: 27 maio 2024.

WINTLE, Simon. The Visconti-Sforza Tarot, c.1460. **The Word of Playing Cards**, 3 jul. 1996c. Disponível em: <https://www.wopc.co.uk/italy/the-visconti-sforza-tarot,-c.1460>. Acesso em: 30 dez. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Statement on the fifteenth meeting of the IHR (2005) Emergency Committee on the COVID-19 pandemic. **World Health Organization**, 5 maio 2023. Disponível em: [https://www.who.int/news/item/05-05-2023-statement-on-the-fifteenthmeeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-\(covid-19\)-pandemic](https://www.who.int/news/item/05-05-2023-statement-on-the-fifteenthmeeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-(covid-19)-pandemic). Acesso em: 18 maio 2023.

XAVIER, Mirna Gonçalves. **A corte de espadas**: Abordagem iconológica do tarô de Pamela Colman Smith. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236421/001139116.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jan. 2024.

YORKE, Gerald. Foreword. *In*: HOWE, Ellic. **The Magicians of the Golden Dawn: A Documentary History of a Magical Order, 1887-1923**. 2. imp. York Beach, Maine: Samuel Weiser, inc., 1984. p. IX-XIX.